REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

Hoc facit ut longos durent bené gesta per annos;
Et possint serâ posteritate frui.

TERCEIRA EDIÇÃO

TOMO I

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1908

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

PRIMEIRA SERIE

TOMO I

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

Hoc fecit ut longus durent bene gesta per annos;
Et possint vera posteriate frui.

TERCEIRA EDIÇÃO

TOMO I

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1908

272-007

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

TOMO I — 1º TRIMESTRE DE 1839 — N. 1.

BREVE NOTICIA

SOBRE A CREAÇÃO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Em sessão do conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, de 18 de Agosto deste anno, leu o seu primeiro secretario, marechal Raymundo José da Cunha Mattos, uma proposta, por elle assignada e tambem pelo secretario adjunto o conego Januario da Cunha Barboza, para a creação de um Instituto Historico e Geographico Brazileiro, filial da Sociedade Auxiliadora, pedindo que se obtenha a necessaria approvação da assembléa geral da mesma sociedade. Depois de larga discussão, foi acceita a proposta, que é a seguinte:

PROPOSTA

« Ill.mos Srs. do Conselho da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional

« Sendo innegavel que as lettras, além de concorrerem para o adorno da sociedade, influem poderosamente na firmeza de seus alicerces, ou seja pelo esclarecimento de seus membros, ou pelo adoçamento dos costumes publicos, é evidente que em uma monarchia constitucional, onde o merito e os talentos devem abrir as portas aos empregos, e em que a maior somma de luzes deve formar o maior grão de felicidade publica, são as lettras de uma absoluta e indispensavel necessidade, principalmente aquellas que, versando sobre a historia e geographia do paiz, devem ministrar grandes auxilios á publica administração e ao esclarecimento de todos os Brazileiros.

« Por isso, os abaixo assignados, membros do conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, conhecendo a falta de um Instituto Historico e Geographico

nesta côrte, que principalmente se occupe em centralisar immensos documentos preciosos, ora espalhados pelas provincias, e que podem servir á historia e geographia do Imperio, tão difficil por falta de um tombo ou promptuario de que se possam aproveitar os nossos escriptores, desejam e pedem a sua prompta installação, debaixo dos auspicios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e offerecem as seguintes bases para esta utilissima associação, requerendo ao conselho administrativo que, se as achar convenientes, as adopte para se apresentar á proxima assembléa geral da sociedade, afim de serem definitivamente approvadas.

BASES

« 1.ª Fundar-se-ha, sob os auspicios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, um Instituto Historico, que especialmente se occupe da historia e geographia do Brazil.

« 2.ª Os seus membros trabalharão na mesma casa em que ora trabalham os da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

« 3.ª O fim deste Instituto será, além dos que forem marcados pelos seus regulamentos, colligir e methodisar os documentos historicos e geographicos interessantes á historia do Brazil.

« 4.ª Constará de 25 socios effectivos, residentes na côrte, e de numero illimitado de honorarios e correspondentes, que residam aqui ou nas provincias, e que a assembléa geral houver de nomear por proposta da mesa.

« 5.ª Logo que 16 membros effectivos se reunam, depois da approvação desta proposta, se procederá por escrutinio secreto á nomeação de um presidente, dous secretarios e um thesoureiro. Presidirá a este primeiro acto o presidente ou vice-presidente da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional; e feita esta primeira nomeação, cessará de influir nos demais actos sociaes.

« 6.ª Installada assim a mesa do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, proceder-se-ha logo á escolha de tres de seus membros, que organisem com a possivel brevidade o regulamento de seus trabalhos academicos: só depois de discutido elle e approvado pelos membros do Instituto é que este proseguirá nos demais actos regulares, devendo considerar-se como preparatorios outros quaesquer que antes disso se celebrem.

« 7.ª A Sociedade Auxiliadora, a cujo conhecimento se farão chegar estes trabalhos, marcará ao Instituto Historico e Geographico os dias em que se possam celebrar as suas sessões na mesma sala em que ora trabalha, afim de se não embaraçarem uma á outra.

« 8.ª A Sociedade Auxiliadora, como mãi do Instituto Historico e Geographico, facilitará todos os meios a seu alcance de que possa precisar esta filha, que tambem da sua parte concorrerá com todas as suas faculdades para sua maior gloria

e prosperidade ; ficando por isso em commum os archivos e bibliothecas, tanto de uma como de outra sociedade.

« 9.ª O Instituto abrirá correspondencia com o Instituto Historico de Pariz, ao qual remetterá todos os documentos da sua installação ; e assim tambem com outros da mesma natureza em nações estrangeiras : e procurará ramificar-se nas provincias do Imperio, para melhor colligir os documentos necessarios á historia e geographia do Brazil.

« São estas as principaes bases que os dous abaixo assignados, membros do conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e do Instituto Historico de Pariz, ambicionando patrioticamente a gloria de uma tão util quanto indispensavel instituição nesta côrte, offerecem á consideração deste illustrado conselho administrativo, pedindo que as aceite, e as faça chegar ao conhecimento da proxima assembléa geral, afim de serem approvadas e quanto antes installado o proposto Instituto Historico e Geographico do Brazil, do qual devem resultar honra e gloria tanto aos seus fundadores, como á Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, de cujo seio emana.

« Rio de Janeiro 16 de Agosto de 1838. — O marechal *Raymundo José da Cunha Mattos*.— O conego *Januario da Cunha Barboza*.»

Em sessão da assembléa geral da Sociedade Auxiliadora, de 19 de Agosto deste anno, o seu primeiro secretario declarou que o conselho administrativo havia acceito e approvado a proposta para a installação de um Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por elle assignada e pelo secretario adjunto. Fizeram-se algumas reflexões em favor, e foi unanimemente approvada a proposta em todas as suas bases, e louvados na acta desta sessão os seus proponentes — *pela idéa da creação de um Instituto, do qual grandes vantagens se devem esperar em prol da patria e para gloria de seus membros.*

Domingo, 21 de Outubro, pelas onze horas da manhã, reunidos no salão, em que a Sociedade Auxiliadora costuma fazer as suas sessões, 27 membros convidados para o Instituto, teve logar a sua installação. Presidiu a este acto o presidente da mesma sociedade, marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres, que abriu a sessão expondo o motivo della ; e depois de algumas observações procedeu-se á eleição de um presidente e dous secretarios, que servissem interinamente nas sessões preparatorias até que se organisassem e approvassem os estatutos. Foi eleito presidente o Ex.mo senador e conselheiro d'estado Visconde de S. Leopoldo ; primeiro secretario o conego Januario da Cunha Barboza ; e segundo secretario o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

Depois foram o presidente, o primeiro secretario interino e o marechal Cunha Mattos encarregados da organisação dos estatutos.

No domingo 25 de Novembro apresentaram-se os estatutos, que depois de lidos e de algumas reflexões foram approvados para regerem desde já, havendo sómente de ser modificados quando a experiencia mostrar alguns defeitos.

Procedeu-se logo á eleição dos socios que devem formar o conselho do Instituto, e foram eleitos os Srs.: Visconde de São Leopoldo, presidente; marechal Cunha Mattos, vice-presidente e director da secção de geographia; conselheiro e presidente da Camara dos Deputados Araujo Vianna, vice-presidente e director da secção de historia; conego Cunha Barboza, primeiro secretario perpetuo e director da commissão de estatutos, redacção da *Revista*, bibliotheca e archivo; Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, segundo secretario; major Pedro d'Alcantara Bellegarde, orador do Instituto; José Lino de Moura, thesoureiro e director da commissão de fundos.

Foram tambem eleitos para as respectivas commissões os seguintes membros:

COMMISSÃO DE HISTORIA

Os Srs.:

Dr. Antonio Alves da Silva Pinto.
Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Os Srs.:

José Silvestre Rebello.
Coronel Conrado Jacob de Niemeyer.

COMMISSÃO DE FUNDOS

Os Srs.:

Thomé Maria da Fonseca.
Alexandro Maria de Mariz Sarmento.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO DA REVISTA

Os Srs.:

Dr. José Marcellino da Rocha Cabral.
Antonio José de Paiva Guedes.

Estatuido assim o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o seu primeiro secretario perpetuo leu então o discurso inagural, que agora se publica; e determinou-se que fosse impresso, assim como tambem os estututos, á custa da nova sociedade; consignando-se na acta louvores e agradecimentos aos dous auctores da proposta do Instituto, os Srs. marechal Cunha Mattos e conego Cunha Barboza.

DISCURSO

> Procura... resuscitar tambem as memorias da patria da indigna obscuridade em que jaziam até agora.
> (*Alexandre de Gusmão, na falla á Academia Real da Historia Portugueza.*)

Não se compadecia já com o genio brazileiro, sempre zeloso da gloria da patria, deixar por mais tempo em esquecimento os factos notaveis da sua historia, acontecidos em diversos pontos do Imperio, sem duvida ainda não bem designados. Eis o motivo, Senhores, porque dous membros do conselho da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e tambem socios do Instituto Historico de Pariz, participando dos generosos sentimentos dos nossos litteratos, se animaram a propôr a fundação de um Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que sob os auspicios de tão util quanto respeitavel sociedade curasse de reunir e organisar os elementos para a historia e geographia do Brazil, espalhados por suas provincias, e por isso mesmo difficeis de se colher por qualquer patriota que tentasse escrever exactamente tão desejada historia. Esta proposta, vós o sabeis, Senhores, foi coroada do mais feliz successo e de uma geral approvação, como se esperava do patriotismo e amor das lettras que animam os benemeritos membros da Sociedade Auxiliadora.

Eis-nos hoje congregados para encetarmos os trabalhos do proposto Instituto Historico e Geographico do Brazil, e desta arte mostrarmos ás nações cultas que tambem prezamos a gloria da patria, propondo-nos a concentrar, em uma litteraria associação, os diversos factos da nossa historia e os esclarecimentos geographicos do nosso paiz, para que possam ser offerecidos ao conhecimento do mundo, purificados dos erros e inexactidões que os manchão em muitos impressos, tanto nacionaes como estrangeiros.

Basta attendermos ao que diz Cicero sobre a historia, para conhecermos logo as vantagens que se devem esperar de um Instituto que della particularmente se occupe, e composto de homens os mais conspicuos por suas lettras e por suas virtudes. — *A historia* (escreve aquelle philosopho romano) *é a testemunha dos tempos, a luz da verdade e a escola da vida.* — Por esta judiciosa doutrina bem facilmente se conhece quão profficua deve ser a nossa associação, encarregada, como em outras nações, de eternisar pela historia os factos memoraveis da patria, salvando-os da voragem dos tempos e desembaraçando-os das espessas nuvens que não poucas vezes lhes agglomeram a parcialidade, o espirito de partido, e até mesmo a ignorancia. Oxalá não tivessemos nós infinitas provas desta verdade em

tantas obras, mórmente estrangeiras, que correm o mundo! O nosso silencio, reprehensivel de certo em materia que tanto affecta a honra da patria, tem dado occasião a que os historiadores uns de outros se copiem, propagando-se por isso muitas inexactidões, que deveriam ser immediatamente corrigidas.

O coração do verdadeiro patriota brazileiro aperta-se dentro no peito quando vê relatados desfiguradamente até mesmo os modernos factos da nossa gloriosa independencia. Ainda estão elles ao alcance das nossa vistas, porque apenas dezeseis annos se tem passado dessa época memoravel da nossa moderna historia, que accrescentou no Novo Mundo um esperançoso imperio ao catalogo das nações contituidas, e já muitos se vão obliterando na memoria daquelles a quem mais interessam, só porque tem sido escriptos sem a imparcialidade e necessario criterio, que devem sempre formar o caracter de um veridico historiador.

Não é meu intento, senhores, apontar-vos agora os erros de que estão saturadas muitas obras sobre o Imperio do Brazil. Esta honrosa tarefa será de certo emprenhendida pelos membros do nosso Instituto: ella offerece um campo vastissimo á investigação daquelles socios que conhecem a necessidade de remediar os males dahi provindos. Talvez me fosse mais desculpavel deplorar a nossa fria indifferença sobre pontos de tanto interesse á gloria nacional; mas não cabe no abreviado quadro deste mal ordenado discurso a discussão de materia, que me levaria a longo desenvolvimento. Começamos hoje um trabalho que, sem duvida, remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas que se encontram na nossa historia. Nós vamos salvar da indigna obscuridade, em que jazíam até hoje, muitas memorias da patria, e os nomes de seus melhores filhos; nós vamos assignalar, com a possivel exactidão, o assento de suas cidades e villas mais notaveis, a corrente de seus caudalosos rios, a área de seus campos, a direcção de suas serras, e a capacidade de seus innumeraveis portos. Esta tarefa, em nossas circumstancias, bem superior ás forças de um só homem ainda o mais emprehendedor, tornar-se-ha facil pela coadjuvação de muitos Brazileiros esclarecidos das provincias do Imperio, que attrahidos ao nosso Instituto pela gloria nacional, que é o nosso timbre, trarão a deposito cummum os seus trabalhos e observações, para que sirvam de membros ao corpo de uma historia geral e philosophica do Brazil. As forças reunidas dão resultados prodigiosos; e quando os que se reunem em tão nobre associação apparecem possuidos do mais encendrado patriotismo, eu não duvido preconisar um honroso successo á fundação do nosso Instituto Historico e Geographico.

A nossa historia, dividindo-se em antiga e moderna, deve ser ainda subdividida em varios ramos e épocas, cujo conhecimento se torne de maior interesse aos sabios investigadores da marcha da nossa civilisação. Ou ella se considere pela conquista de intrepidos missionarios, que tantos povos attrahiram

á adoração da cruz erguida por Cabral neste continente, que lhe parecia surgir do sepulchro do sol; ou pelo lado das acções guerreiras, na penetração de seus emmaranhados bosques, e na defesa do tão feliz quanto prodigiosa descoberta, contra inimigos extrenos invejosos da nossa fortuna; ou finalmente pelas riquezas de suas minas e mattas, pelos productos de seus campos e serras, pela grandeza de seus rios e bahias, variedades e pompas de seus vegetaes, abundancia e preciosidade de seus fructos, pasmosa novidade de seus animaes, e finalmente pela constante benignidade de um clima, que faz tão fecundos os engenhos dos nossos patricios como o solo abençoado que habitam; acharemos sempre um thesouro inexgottavel de honrosa recordação e de interessantes idéas, que se deve manifestar ao mundo em sua verdadeira luz.

Não tem faltado escriptores que se dessem ao trabalho de recommendar á posteridade muitos desses factos, que são lidos em todos os tempos com justa admiração; mas, espalhados por um tão vasto territorio como este em que agora o Brazil assenta o seu throno imperial, elles mais escreveram historias particulares das provincias do que uma historia geral, encadeados os seus acontecimentos com esclarecido criterio, com deducção philosophica, e com luz pura da verdade. Ah! Se ainda assim mesmo tantos escriptos de illustres Brazileiros fossem dados á luz publica, ou conservados em archivos, para que a posteridade delles se aproveitasse, talvez que então se podesse realisar em parte a doutrina de Cicero, quando chama a historia *testemunha dos tempos*.

Mas, por desgraça nossa, em dosar do nosso patriotismo, temos visto, e continuamos a ver, sepultarem-se muitos escriptores de merito como abraçados com as suas producções litterarias. A ignorancia ou descuido de seus herdeiros as entrega logo á voragem dos annos: seus nomes vagueam por algum tempo sobre as suas campas, até que de todo se esvaecem, perdendo-se até mesmo a noticia dos logares em que estes escriptores nasceram ou honraram por suas gloriosas fadigas.

Nem pouco influiu para esta lamentavel falta de publicação das cousas da patria o triste fado que sobre nós pesára por mais de trezentos annos, sendo obrigado a mendigar o favor dos typos da metropole, não se nos consentindo assentar uma imprensa nesta então colonia. O intolerante monopolio, mola principal da administracção portugueza nos tempos do absolutismo, e com especialidade a respeito do Brazil, estendia-se tambem á publicação dos escriptos dos nossos litteratos, e por isso ou morriam em gabinetes particulares sem verem a luz da estampa, ou eram tão mutilados, para que se accomodassem ao systema de seu monopolio, com a agua tomando a fórma do vaso que enche, que pareciam como idéas destacadas, não podendo servir bem de elementos para a historia geral brazileira. O que digo, Senhores confirma-se bem claramente pelo acto do governo portuguez, em meio do seculo passado, mandando

destruir a unica imprensa brazileira levantada por Antonio da Fonseca nesta cidade, da qual havia sahida impressa, com data de 1747, a *Relação da entrada que fez o bispo D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro, escripta pelo juiz de fóra Luiz Antonio Rosado da Cunha;* e sabe-se que della tambem sahira, disfarçado com o titulo de impressão de Madrid, o livro *Exame de Bombeiros*. Taes eram as cautelas que esse industrioso, patrocinado pelos jesuitas, empregava em prol da sua officina, que todavia não escapou á violenta espada da destruição.

Nos tempos da passada monarchia os escriptos brazileiros, que assim então se publicavam, punham a gloria de seus auctores em communhão com a dos Portuguezes; e como por tantas difficuldades eram em muitos menor numero, ficavam absorvidos pelo credito litterario da metropole, que bem pouco reflectia sobre o Brazil. Quem examina a volumosa *Bibliotheca Lusitana* do abbade Barboza, encontra ahi os nomes de alguns Brazileiros preclaros, que provaram, por seus escriptos em diversos ramos, genio fecundo e amor das lettras. Pertence agora ao nosso Instituto, ou ao zelo de cada um de seus illustres membros, extremar essa herança preciosa, que pertence ao Brazil, e que nos póde servir na organisação da sua historia geral. De todos esses materiaes informes, incompletos, e mesclados dos prejuizos do tempo, poderemos formar um completo regular de factos, purificados no crisol da critica. O talento de historiador, diz o barão de Barante, assemelha-se á sagacidade do naturalista, que com pequenos fragmentos de ossos, colhidos de escavações, como que resuscita um animal, cuja raça desconhecida existia em plagas que soffreram cataclysmos. A vida moral tem suas condições e suas leis; compõe-se tambem de circumstancias ligadas por meio de relações quasi necessarias; a philosophia póde reconhecel-as e demonstral-as; e a imaginação, com mais celeridade e certeza, saberá então dellas assenhorear-se. A razão do homem, sempre vagarosa em sua marcha, necessita de um guia esclarecido e seguro, que accelere os seus passos. O talento dos historiadores e dos geographos é só quem póde offerecer-nos essa galeria de factos, que, sendo bem ordenados por suas relações de tempo e de logar, levam-nos a conhecer na antiguidade a fonte de grandes acontecimentos, que muitas vezes se desenvolverão em remoto futuro. A historia seria, portanto, incompleta, descoberta e arida, si occupando-se unicamente de resultados geraes, por uma mal entendida abstracção, não collocasse os factos no theatro em que se passaram, para que melhores se apreciem pela confrontação de muitas e poderosas circumstancias que desembaracem a intelligencia dos leitores. A sorte geral da humanidade muito nos interessa, e nossa sympathia mais vivamente se abala quando se nos conta o que fizeram, o que pensaram, o que soffreram aquelles que nos precederam na scena do mundo: é isso o que falla á nossa imaginação, é isso o que resuscita, por assim dizer, a vida do passado, e que nos faz ser presentes ao es-

pectaculo animado das gerações sepultadas. Só desta arte a historia nos póde offerecer importantissimas lições ; ella não deve representar os homens como instrumentos cegos do destino, empregados como peças de um machinismo, que concorrem ao desempenho dos fins do seu inventor. A historia os deve pintar taes quaes foram na sua vida, obrando em liberdade, e fazendo-se responsaveis por suas acções. A Providencia, é verdade, faz muitas vezes sahir o bem do seio do mal, a ordem das turbulencias da anarchia, e a liberdade dos terrores do despotismo ; mas, é força dizel-o, Srs., estes caminhos não estão ao nosso alcance ; os caminhos do homem são traçados pelos seus deveres, e aos olhos da Musa severa da historia o crime sempre deve ser crime.

Conduzido por estas reflexões do barão de Barante, não posso deixar de accrescentar-lhes a expressão dos nobres sentimentos de Plinio o moço, escrevendo a Tacito sobre a desastrosa morte de seu tio. « Quanto a mim (diz a este philosopho), considero igualmente benemeritos aquelles a quem os deoses tem concedido o dom ou de fazer cousas dignas de serem escriptas, ou de escrever cousas dignas de serem lidas ; e muito mais benemeritos ainda os que favorecem o exercicio destas duas preciosas faculdades. » E se mais podesse eu accrescentar a tão animador pensamento, dissera, com o nosso litterato patricio Alexandre de Gusmão, que a historia é um fecundo seminario de heróes.

A prosecução do meu discurso me faz chegar a um ponto que, designando bem claramente a grande utilidade que se póde colher dos estudos historicos e geographicos, marca por isso mesmo uma época gloriosa em nossa patria, da qual se descobre a honrosa estrada que podem melhor seguir aquelles dos nossos patricios em cujos peitos palpitam corações animados pelo amor da gloria litteraria. Elles, de certo, farão o melhor uso dos seus estudos sobre a historia da patria, expurgada de tantos erros, enriquecendo os seus espiritos de conhecimentos interessantissimos, que lhes sirvam nos empregos a que forem chamados pelos votos dos seus concidadãos. Da combinação dessas idéas, assim adquiridas, nascerão principios de que deduzam novos conhecimentos, que illustrem a carreira de sua vida, tornando mais profícuos os seus serviços em beneficio da patria. Não duvidamos, Srs., que as melhores lições que os homens podem receber lhes são dadas pela historia. Por isso que a virtude é sempre digna da veneração publica, a gloria abrilhanta os honrados cidadãos, ainda mesmo quando pareçam haver succumbido aos golpes da inveja e da intriga dos máos ; a justiça que a posteridade lhes faz, salvando seus nomes e seus feitos de um injusto esquecimento, é forte estimulo para uma patriotica emulação. Os crimes, posto que seguidos de um successo apparentemente feliz não deixam de ser detestaveis no tribunal da historia, se a imparcial penna do sabios os descreve em sua verdadeira luz. O circum-pecto genio do historiador, sentando-se sobre a tumba

do homem, que ahi termina as suas fadigas, despreza argumentos de partido e conselhos de lisonja, portando-se em seus juizos como austero sacerdote da verdade. A fama dos grandes homens, rompendo as trevas da antiguidade, tem chegado a nós com os documentos de seus meritos acrisolados pela historia: ella assim premia a virtude muitas vezes perseguida, restituindo á veneração dos homens a memoria daquelles que della se fizerem dignos.

Porém, senhores, si em geral são estas as vantagens da historia, quaes não serão ainda as do nosso paiz, se o amor da gloria nacional nos levar a depural-a de suas inexactidões, e a escrevel-a com essa atilada critica que deve formar o caracter de um verdadeiro historiador? E será pouco arrancar do esquecimento, em que jazem sepultados, os nomes e feitos de tantos illustres Brazileiros, que honraram a patria por suas lettras e por seus diversos e brilhantes serviços? O desejo de dar vida a benemeritos, que o nosso descuido tem deixado mortos para a gloria da patria e para a estima do mundo, já se tem apoderado de alguns dos illustres socios deste nosso Instituto. Uma biographia dos mais preclaros Brazileiros é tarefa, de certo, mui superior ás forças de um só homem, attentas as nossas circumstancias; mas a gloria que deve resultar de uma tal empreza accende o zelo dos que a teem encetado em communhão de trabalho, e reflectirá tambem sobre o nosso Instituto, porque são do seu gremio os emprehendedores da desejada biographia brazileira; e se a sua modestia me priva de lhes dar os devidos louvores por uma obra de honra nacional, a justiça não soffre que eu deixe de publicar os seus nomes em credito dos membros fundadores deste Instituto. Os illustres Srs. Visconde de S. Leopoldo, Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia e outros, já teem colligido muitos elementos para esse importante monumento litterario; nem já se lhes quebra o animo de o levarem ao fim, pois que de nossa efficaz cooperação e zelo social resultará maior facilidade ao desempenho de seu nobre projecto.

Na vida dos grandes homens aprende-se a conhecer as applicações da honra, a apreciar a gloria e a affrontar os perigos, que muitas vezes são causas de maior gloria. O livro de Plutarco (diz o barão de Morogues) é uma excellente escola do homem, porque offerece em todos os generos os mais nobres exemplos de magnanimidade; ahi se encontra descoberta toda a antiguidade; cada homem celebre ahi apparece com seu genio, com seus talentos, com suas virtudes e com a influencia que exercera sobre seu seculo; ahi se aprende como o genio dá movimento a povos inteiros por suas leis, por suas conquistas, por sua eloquencia; ahi se conhece a sabedoria dos designios, umas vezes profundamente concebidos e amadurados pelos annos, outras vezes como inspirados, admittidos e executados a um só tempo com a energia que domina os maiores obstaculos; ahi vidas brilhantes e mortes illustres ensinam a amar a gloria, a apreciar as suas

causas, a prever os seus resultados, e a acautelarmo-nos daquelles perigos que a seguem como sombras, porque (diz M. Thomaz) os homens que pesam sobre o universo tambem lutam com o seu proprio peso; logo após a gloria acham-se frequentemente occultos o desterro, o ferro e o veneno.

E não offerecerá uma historia veridica do nosso paiz essas lições, que tão proficuas podem ser aos cidadãos brazileiros no desempenho de seus mais importantes deveres? No periodo de pouco mais de tres seculos não terão apparecido, neste fertil continente, varões preclaros por diversas qualidades, que mereçam os cuidados do circumspecto historiador, e que se possam offerecer as nascentes gerações como typos de grandes virtudes? E deixaremos sempre ao genio especulador dos estrangeiros o escrever a nossa historia, sem aquelle acerto que melhor póde conseguir um escriptor nacional? Ah! o meu coração se dilata dentro no peito só á idéa de que este Instituto Historico e Geographico se occupará desveladamente em erguer á gloria do Brazil um monumento que lhe faltava, e do qual emanará não pequena honra aos que agora aqui reunidos se offerecem ás vistas da nação como opifices do magestoso edificio da nossa historia. O meu coração se dilata, sim, quando observo que só a noticia da fundação deste Instituto mereceu o mais honroso acolhimento do publico; acolhimento bem facil de ser previsto pela distincta Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que prompta nos franqueou a sua respeitavel protecção para levarmos a effeito a proposta que lhe haviamos submettido.

Os litteratos de todo o Brazil saberão, pela leitura de nossos estatutos, que os socios deste Instituto não só meditam organisar um monumento de gloria nacional, aproveitando muitos rasgos historicos que dispersos escapam á voragem dos tempos, mas ainda pretendem abrir um curso de historia e geographia do Brazil, além dos principios geraes, para que o conhecimento das cousas da patria mais facilmente chegue á intelligencia de todos os Brazileiros. Este ramo de estudo, tão necessario á civilisação dos povos, faltava aos nossos patricios. Mas consolamo-nos de um tal descuido, porque tambem o celebre Rollin, nos tempos em que a França já muito florescia por suas letiras, lastimava o sacrificar-se o estudo da historia nacional ao de outras historias antigas, como se só na Grecia e em Roma tivessem apparecido factos heroicos e varões prestantes, que merecessem ser imitados. «Eu estou bem longe de pensar (dizia o illustre philologo) que seja indifferente o estudo da historia nacional; vejo com dôr que elle tem sido desprezado por aquelles mesmos a quem fôra util, por não dizer indispensavel. Confesso que pouco me tenho dado a elle, e envergonho-me de ser como estrangeiro em minha patria, depois de haver corrido outros muitos paizes.»

A nossa historia abunda de modelos de virtudes; mas um grande numero de feitos gloriosos morrem ou dormem na obscuridade, sem proveito das gerações subsequentes. O

Brazil, senhores, posto que em circumstancias não semelhantes ás da França, póde comtudo apresentar pela historia, ao estudo e emulação de seus filhos, uma longa serie de varões distinctos por seu saber e brilhantes qualidades. Só tem faltado quem os apresentasse em bem ordenada galeria, collocando-os segundo os tempos e os logares, para que sejam melhor percebidos pelos que anhelam seguir os seus passos nos caminhos da honra e da gloria nacional.

A emprena de alguns nossos escriptores, que teem escripto sobre as cousas da patria, não será perdida para o nosso Instituto. Desse cabedal, difficilmente reunido nas provincias pelos incansaveis e distinctos litteratos *Berredo*, *Rocha Pitta*, *Bispo Azeredo*, *Monsenhor Pizarro*, *Frei Gaspar*, *Durão*, *Viscondes de Cayurú e de S. Leopoldo*, *Conselheiro Balthazar Lisboa*, *Rebello*, *Ayres do Casal*, *L. Gonçalves dos Santos*, *Accioli*, *Bellegarde* e outros muitos, se formará no nosso Instituto o corpo da historia geral brazileira, encendrado pela philosophia de seus membros, e ligado em todas as suas partes pelas relações de seus factos, afim de serem dignamente comprehendidos.

Eu quizera, senhores, aproveitar-me deste ensejo para lembrar-vos o incansavel zelo pela historia e geographia do Brazil de alguns dos litteratos que honram a matricula do nosso Instituto; mas, se me não é dado tributar-lhes agora os elogios de que são merecedores, eu devo, pelo menos, como orgão da voz publica e dos amigos da patria, declarar com especialidade o nome do nosso honrado collega e meu particular amigo o general Cunha Mattos. Injustiça fora, senhores, não fazer honrosa menção dos trabalhos historicos já por elle offerecidos ao publico e agora mesmo ao nosso Instituto. Ouvistes ler a riquissima memoria sobre a navegação dos antigos e dos modernos, da qual resultara a descoberta da America, e tambem do Brazil: bem pouca meditação se precisa para se conhecer logo que o seu excellente trabalho forma á introducção da nossa historia geral, em que ha muito se occupa o nosso distincto consocio. O seu zelo será de certo imitado por outros; e talvez que o ensaio de um diccionario geographico brazileiro, com tanto trabalho emprehendido pelo illustre socio o senador Costa Pereira, agora tome o seu necessario desenvolvimento, aproveitando-se o seu auctor dos esclarecimentos que nos é permittido esperar de muitos pontos do Imperio.

Desculpai-me, senhores, se na fraca exposição das vantagens que podem emanar da fundação do nosso Instituto, eu mais tive em vista a gloria nacional, que sempre me faz bater o coração em peito brazileiro, do que a difficuldade das emprezas a que nos endereçamos. Este magestoso edificio tem por fundamentos o amor da patria e o amor das lettras.

Nós não seremos menos inflammados deste amor de que aquelles que, em outras nações, lhe tem inaugurado tão glorioso quanto util monumento. O Brazil guarda nas entranhas de suas terras, e assim tambem nos peitos de seus filhos e

sinceros amigos, thesouros preciosos, que devem ser aproveitados por meio de constantes e honrosas fadigas. Sem trabalho, sem persistencia nas grandes emprezas, jámais se consiguirá a gloria que abrilhanta os nomes dos bons servidores da patria. A geographia é a luz da historia, e a historia, tirando da obscuridade as memorias da patria, honra por isso mesmo aos que lhe consagram contantes desvelos. Eia, senhores, não esmoreçamos á vista das grandes difficuldades que sahirão ao encontro dos nossos designios; fitemos os olhos no bem dos nossos patricios, na gloria da nossa nação, na nossa propria honra, e nós celebraremos todos os annos o dia anniversario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de que somos creadores, apresentando ao publico relatorios dignos da sua attenção pelos uteis trabalhos que fizermos.

Seja-me ainda permittido terminar este discurso com uma invocação ao Eterno, tomada das palavras do santo Isaias:

— E tu, Senhor, atêa, em luzeiro eterno, faiscas tuas já assomadas neste horizonte.

E sempre de face haja de encontrar-se nelle a verdade.

Mimosas esperanças caminham em triumpho de molestas difficuldades.

O' quanto, Senhor, tu mudas em assento andamoso montanhas empinadas!

Compraze-te em dar-lhe rego aberto, que engrosse o plantio por ti disposto.

(*Trad. do bispo D. Frei Manuel do Cenaculo.*)

Januario da Cunha Barboza, 1º Secretario Perpetuo do Instituto.

EXTRACTO DOS ESTATUTOS

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

CAPITULO I

Fim e objecto do Instituto

Art. 1.° O Instituto Historico e Geographico Brazileiro tem por fim colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a historia e geographia do Imperio do Brazil; e assim tambem promover os conhecimentos destes dous ramos philologicos por meio do ensino publico, logo que o seu cofre proporcione esta despeza.

Art. 2.° Procurará sustentar correspondencias com sociedades estrangeiras de igual natureza; e se ramificará nas provincias do Imperio para mais facil desempenho dos fins que se propõe.

Art. 3.° Publicará de tres em tres mezes um folheto, que tenha pelo menos oito folhas de impressão, com o titulo seguinte — *Revista trimensal de historia e geographia*; *ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fundado no Rio de Janeiro sob os auspicios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.*— Nesta revista se publicarão, além das actas e trabalhos do Instituto, as memorias de seus membros que forem interessantes á historia e geographia do Brazil; e assim tambem as noticias ou extractos de historia e geographia das obras publicadas pelas outras sociedades e pessoas litteratas, estrangeiras ou nacionaes, precedendo a respeito dellas o relatorio de uma commissão do seu seio, para esse effeito nomeada.

CAPITULO II

Organisação do Instituto; admissão e deveres de seus membros

Art. 4.° O Instituto consta de cincoenta socios effectivos, vinte e cinco pertencentes á secção de historia, e vinte e cinco á de geographia; de um numero illimitado de socios correspondentes tanto no Imperio, como em as nações estrangeiras; e de socios honorarios, cujo titulo será conferido as pessoas que, por sua avançada idade, consummado saber e distincta re-

presentação, estejam no caso de dar credito ao Instituto, ficando por conseguinte dispensados dos encargos ordinarios a que estão sujeitos os outros socios.

Art. 5.º Para que qualquer pessoa seja admittida a fazer parte desta associação litteraria, tanto como socio effectivo, vagando algum dos cincoenta, como para correspondente, será apresentada proposta assignada por um dos membros á commissão da classe de historia ou de geographia a que queira pertencer: esta proposta será enviada com o parecer da dita commissão á mesa administrativa, que, examinando e votando sobre ella por escrutinio secreto, deverá apresental-a em assembléa geral para ser definitivamente approvada.

Art. 6.º A proposta para socios póde ser feita de um ou de muitos, comtanto que do cada um dos propostos se ajuntem os sobrenomes, logar do nascimento, idade, qualidade, domicilio, e os motivos da admissão.

Art. 7.º Aos logares de socios podem ser admittidos tanto as pessoas naturaes como as estrangeiras; e cada uma dellas entrará com a quantia de 10$000 a titulo de joia quando receber o seu diploma, e pagará a somma de 3$000 em cada semestre para occorrer as despezas do Instituto.

CAPITULO IV

Das assembléas geraes administrativas, e da ordem dos seus trabalhos

Art. 31. O conselho administrativo fará as suas sessões economicas de 15 em 15 dias, de accordo com a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que lhe marcará o dia em que deve trabalhar na mesma sala.

Art. 32. Nestas sessões se tratarão todos os negocios economicos e litterarios do Instituto, ainda mesmo aquelles que devam subir preparados á assembléa geral. O presidente fará tambem extrahir de uma urna programmas de historia e de geographia, que ahi se tenham recolhido para serem tratados nas discussões, tanto por escripto como verbalmente, por aquelles socios que disso quizerem occupar-se, mediando todavia 15 dias da extracção do programma ao desta polemica.

Art. 33. Todos os socios são obrigados a assistir ás assembléas geraes; mas, incumbe mais restrictamente aos que compõem o conselho administrativo o frequentar as sessões economicas, nas quaes, podendo todos discutir, só votarão symbolicamente nos objectos administrativos os membros do conselho; e nos scientificos, quaesquer socios que presentes se acharem.

Art. 34. A assembléa geral julgar-se-ha habilitada para exercer as suas funcções quando se acharem reunidos o presidente ou um dos vice-presidentes, o secretario perpetuo ou adjunto, o thesoureiro, o orador e algans membros das commissões, uma vez, com a necessaria anticipação, se tenha annunciado a sua reunião por algumas folhas publicas desta capital.

Art. 35. O conselho administrativo considerar-se-ha legitimamente reunido quando á hora marcada houver quem o presida na forma do art. 14; e esteja presente o secretario adjunto, e tres ou mais membros das commissões.

Art. 36. Todas as sessões do Instituto serão avisadas por um dos jornaes da côrte. Os socios tem direito a um exemplar da *Revista trimensal*, e o mandarão receber quando annunciada a sua publicação no logar que então for designado.

Art. 37. Os socios terão faculdade de ler na bibliotheca do Instituto as obras que ahi forem depositadas, não só impressas, mas tambem em manuscripto, fazendo dellas os extractos que precisarem, mas nunca levando essas obras para fóra da casa em que estiverem arrecadadas.

HISTORIA

DOS

INDIOS CAVALLEIROS OU DA NAÇÃO GUAYCURU

Escripta no Real Presidio de Coimbra por Francisco Rodrigues do Prado

commandante do mesmo

Em que descreve os seus usos e costumes, leis, alianças, ritos e governo domestico, e as hostilidades feitas a differentes nações barbaras, aos Portuguezes e Hespanhoes, males que ainda são presentes na memoria de todos.— Anno de 1795.

(Trasladado de um manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio correspondente José Manoel do Rosario.)

E' a nação Guaycurú errante como todas as outras nações selvagens que não cultivam a terra, nem permutam com os outros povos os seus generos e fructos: ella sempre habitou nas margens do rio Paraguay, que tendo suas primeiras fontes pela latitude austral de 13 gráos, e fazendo contra-vertentes com as cabeceiras do rio Tapajoz (grande braço do Amazonas), corre ao sul na extensão do seu curso total de 600 leguas, até ir entrar no mar com o nome de Rio da Prata, onde tem quarenta leguas de bocca pela latitude de 35 gráos e minutos. Esta nação habita pelo lado oriental do Paraguay desde a latitude de 19 gráos e 35 minutos.

Todo este vasto terreno é cortado de pequenos rios navegaveis por algumas leguas, e que vão desaguar no Paraguay: são estes o Imbotatuí, hoje chamado Mondego, que está na latitude de 19 gráos e 28 minutos; o rio Queima, que podemos suppor foi chamado pelos antigos sertanistas Teriri; o rio Tipoti, o rio Branco, o da Lapa, e o Queilavan Ipané, que está na latitude de 23 gráos e 35 minutos.

Pela latitude de 21 gráos e 29 minutos está o lugar propriamente chamado Fecho dos Morros, porque pelo lado oriental desde a margem do rio principia uma cadêa de montanhas, que se estende para o centro do paiz, fazendo em partes algumas pequenas quebradas, que facilitam aos Guaycurús o irem fazer guerra aos gentios chamados por elles Cayavabi, e por nós Coroados, que habitam as cabeceiras do Mambaya, rio que vai misturar as suas pobres aguas com as do Rio Grande ou Paraná.

Algumas vezes os Cavalleiros investem aos gentios Caupezes, que moram em casas subterraneas, e conta-se que desde a primeira idade começam a puxar a pelle da barriga, até que chega a cahir pelo meio das côxas, e este é o unico vestido que usam para cobrir as partes que a natureza e o pudor mandam occultar. Tambem perseguem o gentio que appellidam o Paraleque, e os sertanistas Cambeva, que tem a cabeça á maneira de mitra, e moram nas cabeceiras do rio Imbatetuí. Perto delle e pouco apartado das serranias que formam o Fecho dos Morros está um alto monte, que pela sua figura conica chamaram, na demarcação passada, Pão d'Assucar. De outro lado do rio segue por alguma distancia uma serie de montes, que acabam de formar o Fecho do Paraguay.

Os campos são abundantes em pastagens: nelles se criam muitos cervos, veados e porcos, que lhes servem de alimento; lobos, onças e alguns animaes de raça pequena, dos quaes todos aproveitam os couros para camas e vestidos. Tem poucos mattos, e as serras são cobertas de uma penedia calcarea, na qual se veem pedras distinctas e de ramificações diversas. Cria-se alli sem cultura o carmin, de que os Indios se servem para tingir as pennas dos seus enfeites.

As aves aquaticas são de diversas classes, e tantas que escurecem os ares quando voam, e cobrem a terra se nella pousam; de qualquer fórma fazem uma agradavel vista com a diversidade de côres das suas pennas, e a carne de muitas é deliciosa ao paladar. Pelo lado occidental habitam os Cavalleiros a margem do Paraguay, por não ter rio que penetre o interior, desde a latitude de 20 gráos até abaixo da cidade de Corrientes. Estes Guaycurús ou Cavalleiros são reconhecidos por differentes nomes: aos que habitam na latitude de 21 gráos chamam os Hespanhoes *Cambás*. O seu principal capitão, que terá 60 annos de idade, tem seis pés e meio de altura. Os que vivem nos terrenos que fazem frente a Villa Real e á cidade da Assumpção denominam-se *Lingoas*, e quando vão infestar a cidade de Santa Cruz de la Sierra são alli conhecidos por *Xiriguanos*.

Antigamente os Cavalleiros senhoreavam mais vasto terreno, o qual pouco a pouco foram perdendo com as povoações que formavam os Portuguezes e Hespanhóes, estes forçando as correntes do Paraguay, e aquelles acompanhando as suas aguas.

Os primeiros que deram noticias destes barbaros foram os antigos Paulistas; e já os encontraram senhores de grandes manadas de gado vaccum, cavallar e lanigero.

Não se sabe o tempo em que houveram estes animaes; póde bem suppôr-se que os não houveram por permutação, por terem na sua lingua nomes proprios, tendo aquelles que os tem havido de nações civilisadas conservado o nome proprio que tem entre as nações de quem os houveram. Com os cavallos se fizeram temiveis aos outros selvagens, e os mesmos Paulistas, que não sahiam ao sertão senão com grande levada, receavam encontral-os em campo limpo, pelo modo com que eram acom-

mettidos. Tanto que os Guaycurús os viam, ajuntavam os cavallos e bois, e cobrindo os lados, os apertavam de sorte que, com a violencia com que iam, rompiam e atropellavam os inimigos, e elles com a lança matavam quantos encontravam diante. O unico remedio que tinham os Paulistas para escapar era o metterem-se no matto ; e amparados das arvores, a tiro os derrubavam a seu salvo. No que praticavam os Guaycurús seguiam o uso da antiguidade; pois já o gado foi causa de Amilcar ser vencido pelos Vetões, e da salvação de Annibal nos desfiladeiros junto a Caselino quando estava cercado pelo dictador Fabio. Nem era mais domestico o dos negros da aguada do Saldanha, que matou o primeiro vice-rei da India D. Francisco de Almeida ; pois estando os animaes dos Guaycurús soltos a pastar, com um certo assobio se ajuntam de tropel para a parte donde o ouvem.

A nação Guaycurú se divide em tres partes : a primeira é a dos nobres, a que chamam *capitães*, e as mulheres destes *donas*, titulo que tambem tem as filhas ; a outra parte chamam *soldados*, que obedecem de pais a filhos ; e a terceira, que é mais consideravel, é a dos *captivos*, que assim chamam a todos aquelles que apanham na guerra, e a seus descendentes, aos quaes tratam com muito amor, sem os obrigar a fazer trabalho algum. Ha porém a circumstancia de reputar-se vileza casar com escravo, a ponto de que o filho despreza a mãi que casou com escravo.

Apezar de ser esta nação numerosa, e de alguma familiaridade e correspondencia que com ella tenho, não pude ainda calcular o seu numero, e por isso só direi que não é tão numerosa como se suppunha.

São os Cavalleiros de uma côr mais escura que a de cobre, e de estatura alta, tanto que entre elles ha homens de seis pés e meio de altura, bem feitos, involtos em carnes, capazes de resistir á fome e á séde, e endurecidos ao trabalho de uma maneira ineffavel ; e são tambem notaveis pelo costume de arrancarem as sobrancelhas e as pestanas. Nos gestos de todos respira robustez e um estado perfeito de saude.

Talvez se deva attribuir a saude que gozam á summa dieta que guardam nas suas enfermidades, comendo sómente um pouco do amago de uma especie de palmeira chamada por elles *carandá*. A sua digestão é perfeita, para o que concorre muito o vagar com que mastigam o comer, levando por este modo muitas particulas de saliva ao estomago ; assim, muitos delles chegam a extrema velhice. No anno de 1793 vi no presidio de Coimbra um velho tão carregado pelo peso dos annos que mal se tinha de pé encostado em um bordão; porém com a memoria tão fresca de quanto tinha visto e passado na vida, que parecia outro *João dos Tempos*. Não se sabe entre elles o que seja escorbuto, nem tem lembrança de mortes repentinas ; o que póde provar que todas são causadas por constipação, vistos que estes povos nascem e vivem ao ar, sempre desarroupados.

São raros os defeitos do corpo : vê-se algum cego, porém

nenhum calvo. Em quanto aos cabellos, uns os teem crespos, outros lisos e corredios. Os dentes são mal postos e denegridos; porêm a maior parte os conservam até á morte. Pensando eu qual seria a causa da má postura dos dentes, vim a conhecer que é por não tirarem os dentes aos meninos ao mudar, o que não fazem pelo demasiado mimo com que os tratam.

Este povo conserva um ar de semelhança, e que já se observou entre os *Judeos*, os *Guebros* ou *Guebrs*, chamados nas outras éras os Parcis, e nos Vandalos &c. Todos conservam, estando quietos, um semblante melancolico, como bem observou o Illmo. Sr. Balsemão dos outros selvagens da America, como refere Robertson.

As mulheres envelhecem muito breve em carnes, e tanto ellas como os homens, na idade avançada, ficam com a pelle muito enrugada. Vivem os homens nús, e são os seus enfeites de plumas e de pennas que trazem na cabeça, nos pulsos e nas pernas. Usam cinta de algodão tinto da largura de um palmo, e depois que tiveram communicação com os Hespanhóes se cobrem de contas de diversas côres, com as quaes fazem differentes lavores. Tem o beiço de baixo furado, e nelle mettido um pão de grossura da metade de uma penna de escrever, e do comprimento de um terço de palmo; os mais ricos trazem-no de prata: e nas orelhas trazem meias luas de prata, isto ha perto de 208 annos, tempo em que mataram um filho do Portuguez Aleixo Garcia, com mais alguns, que deixou com bastante prata do baixo Paraguay, quando vinha o dito Garcia dos serros do Potosi, o que deu causa ao engano que os Hespanhóes tiveram de chamarem Rio da Prata, por toparem os Indios com algumas porções della.

Pintam todo o corpo com a tinta de duas fructas silvestres chamadas urucú e genipapo; e na pintura guardam bastante symetria. No cabello, os moços não teem uso certo; mas todos os velhos trazem a cabeça rapada em roda, á semelhança dos leigos franciscanos.

As mulheres nada teem daquella graça ingenua da Eva de Milton: a cara larga, e as grossas tintas com que se pintam, as fazem desagradaveis á nossa vista; mandam-se picar com espinho na testa, formando linhas que principiam na raiz do cabello e vêm acabar sobre as palpebras dos olhos, na face e na barba, onde formam um xadrez, e dão logo com tinta de genipapo, com o que se conservam toda a vida pintadas de côr cinzenta; e as donas tambem fazem nos braços uns quadrados, soffrendo em todas estas occasiões crueis dores. Andam envoltas dos pés até o pescoço em um grande panno de algodão, o peso do qual lhes faz cahir cedo os peitos, que são tintos de côr avermelhada com listas brancas, negras e roxas: as mais aceiadas trazem nelles muitas rodinhas de conchas, postas com a madreperola para fóra e seguras com linhas, formando differentes vistas. Trazem tambem debuxada a marca do seu cavallo; o que fazem ainda no proprio corpo. Antigamente usavam de peiles de veados. Debuixo do panno trazem uma especie de tanga, a

que na sua tosca lingua chamam *aijolate*, cousa que desde que nasce uma menina nunca se verá sem ella. Este uso devia servir de modelo a muitas mulheres, que tendo a felicidade de nascer debaixo de uma religião santa, como é a catholica (que professo), fazem garbo da desnudez.

Os adornos são canudos de prata enfiados em linhas, que trazem ao pescoço, contas nos pulsos e nas pernas, e uma chapa de prata no peito, para a feitura da qual lhe serve uma pedra de safra e outra de martello. Na sua primitiva usavam os canudos, contas e meias luas de páo, como ainda hoje algumas trazem. Usam a cabeça rapada até as entradas toda em roda, ficando coberta de cabello a parte a que chamam moleira (cabellos que cortam do menor a maior), que terá tres dedos de alto no cincipite. Com estes rusticos enfeites mostram que este sexo, ainda no centro da barbaridade brutal, parece se não póde escusar de ser tributario do luto e da vaidade. Por sempre andarem embarcados ou a cavallo, tem os pés mimosos; o animo é terno e compassivo, tanto que, estando de visita os Guayourús no presidio de Coimbra no anno de 1791, vendo subir á corda volantina, começaram no escessivo pranto, suppondo que aquelle homem, por violentado, se punha em tanto risco. Criam toda a especie de animaes e passaros bravios, com tanto cuidado e desvelo como póde ser que não tenham no hospital dos passaros de Cambaya. As mulheres são assistidas muito cedo; e a primeira vez que vem a evacuação mensal, fazem grandes festas, porque então só se julgam capazes para o matrimonio. Tem este povo uma grande propensão para tecer, e contra a antipathia dos mais selvagens mostra um summo prazer em ver cousas estranhas, e com muita attenção examina até a minima circumstancia.

O Guayourú faz escolha da mulher com quem quer casar, e depois a pede ao pai, que, si a concede, o faz dormir com a noiva a primeira noite junto a si, sem quem tenham ajuntamento carnal; e no outro dia entrega-lhe a filha, sem mais dote que seus poucos enfeites, tendo de ser herdeira em igual parte com os irmãos nos cavallos e captivos que o pai deixar por sua morte.

E' costume entre elles vir o marido para a casa da mulher, e o pai e mãi nunca mais faltarem ao genro. Seguem no matrimonio os antigos Romanos, isto é, casam-se com uma só mulher, e fica ao alvedrio de ambos os consortes poderem separar-se e contrahir nova alliança, quando não são contentes um do outro; mas estas separações bem raras vezes se vêem: parece que os domina o sentimento de que um vinculo, a que acompanha a inclinação, e que o gosto faz agradavel, deve ser indissoluvel.

O marido ama ternamente a mulher: é verdade que bem pago fica, pois ella tem um desvelo excessivo em o agradar, tanto que, em se sentindo pejada, mata a creatura no ventre para que durante a criação da prole o não incommode; isto emquanto ellas não passam a idade de 30 annos, porque depois se concebem, e felizmente parem, os criam. Dizem que este costume é entre elles antigo, mas eu penso pelo contrario; pois

conhecendo 22 capitães, que terá cada um perto de 40 annos de idade, e sendo todos casados, só um tem uma filha, razão que me faz suppôr que esta nação vai acabar-se, e que nella está esquecido um dos primeiros sentimentos da natureza, porque todas as cousas teem tanto amor á conservação do seu proprio ser, que quanto lhe é possivel trabalham ao seu modo por se fazerem perpetuas. Cada uma dellas tem em si mesmo uma virtude generativa, com que ficam conservadas em sua propria especie, e os animaes se deleitam, digamos assim, em verem-se reproduzidos nos filhos e netos. Póde ser tambem que a causa de matarem os filhos no ventre seja o costume, que entre este povo ha, de não ter communicação o marido com a mulher durante a prenhez e criação dos filhos.

A anecdota seguinte dará a conhecer o excesso com que as mulheres amam os seus maridos. Entre os Guaycurús, que habitam no lado oriental do Paraguay, vivem dous capitães que foram muito amigos; um delles tem um filho chamado Panenioxe, outro uma filha que se chama Nanine. Estas duas crianças desde a primeira mocidade tomaram inclinação um para com a outra: o tempo, em vez de enfraquecer, vigorou as paixões, e por fim tiveram o prazer de se verem unidos. Assim viveram alguns annos, e no de 1791 vieram ao presidio da Nova Coimbra, onde o moço Panenioxe se distinguia pelo seu talho e presença engraçada, e a rapariga Nanine por sua formosura e genio jovial. Mas, seguindo a ordem das cousas humanas em que nada é permanente, Panenioxe se desgosta da sua amada e se aparta; ella o procura, mostra-lhe a sua sem razão, sua pouca fé, e comtudo elle persiste na sua resolução, e se retira para a aldeia do capitão Negro, que mora do lado occidental do Paraguay. Desde aquella hora cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia; sendo seus olhos sempre chorosos, procurava encobril-os até ás suas mais intimas amigas. Assim se passaram tres mezes, quando um dia, estando deitada na sua rustica cama, lhe deram a noticia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esphera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno Indio, que era seu captivo, e diz-lhe na presença de varios *astecrices*: «E's meu captivo, dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás toda a vida Panenioxe.» Então seus olhos deixaram correr diluvios de lagrimas pelas suas tristes faces, que ella de envergonhada quiz occultar, mas o amor offendido não permittia. Parece que esta violenta contenda de duas poderosas paixões lhe motivou uma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeu a vida. Quando já o espirito fazia os ultimos esforços para desprender-se do ergastulo do corpo, as ultimas palavras que se lhe ouviram dizer foram — *Lacaquetielle Panenioxe* — que quer dizer — ingrato Panenioxe! Pouco tardou que o rumor desta immatura morte não chegasse aos ouvidos do desleal marido, que não deixou nessa occasião de dar mostras de que tinha um coração.

Entre os Guaycurús ha homens que affectam todos os modos

das mulheres ; vestem-se como ellas, occupam-se em fiar, tecer, fazer panellas etc. A estes chamam *cadnas*, nome que dão a todo o animal castrado ; e verdadeiramente elles são as meretrizes desta nação, que faz uso do peccado amaldiçoado por S. Paulo, e outros que impedem a propagação humana.

As familias vivem em casas portateis, cobertas de esteiras de uma especie de junco, abertas pelos lados. Quando chove a esteira começa a vasar ; esfregam-na por dentro com vassouras, e assim vedam de alguma sorte a agua. Dormem sobre peles de animaes e dous poquenos feixes de palhas. As mulheres fazem travesseiros, e cobrem-se com o panno e com esteiras feitas de entre-casca de certas arvores ou couros de veados. Comem todos os animaes silvestres, jacaré, sucurys, e todos os pescados e marandijas ; castanhas, palmitos e algumas batatas bravias, tudo assado ou cozinhado com bastante *sordicie*, sem outro tempero que o que lhes dá a fome.

Nesta miseravel vida vivem satisfeitos, sem appetecerem as delicias de Capua, nem os thesouros de Creso. As moças não comem muitos animaes que os homens, as velhas e as meninas comem. Os homens cuidam na caça e na pesca, em tirar carandás e palmitos, nos cavallos e na guerra: as mulheres fiam algodão, tecem pannos e cintas, fazem corda, louça e esteiras No mister da cozinha são occupados os dois sexos igualmente: comem quatro ou cinco vezes desde que nasce o sol até que é posto e passam toda a noite sem comer. Os intervallos de uma a outra comida levam-os no regaço das mulheres ; e ellas se occupam em arrancar-lhes os cabellos da barba, das sobrancelhas e pestanas, e em pintar-lhes o rosto e o corpo ; outras vezes os maridos fazem ás mulheres os mesmos serviços. São fieis e verdadeiros nos seus contractos.

Quando a noite é clara, ajuntam-se os rapizes e raparigas a brincarem na frente de seus pobres toldos. Brilha nos divertimentos uma candida alegria, tendo elles alguma cousa de forozes, como vou descrever.

Seis homens forçosos pegam em um panno daquelles em que se envolvem as mulheres, e estendido mandam assentar-se em cima um menino ; depois começam a sacudir o panno, e todos dão a um tempo sacudimentos, impellido dos quaes vai o rapaz aos ares com grande violencia, e com a mesma volta abaixo, cahindo sobre o panno na posição que succede ; e ao mesmo tempo torna a ir acima, movendo a um coração humano mais lastima que divertimento. As mulheres, pegando umas nas mãos das outras, fecham um circulo, e depois sae uma a correr em roda com muita ligeireza ; no meio da carreira uma das do circulo, estendendo um pé para traz, embaraça a outra e a faz ás vezes levar lastimosa quéda ; a que cae vem para o logar da que a derrubou, e esta vai levar um tombo talvez ainda maior.

Algumas vezes dividem-se as mulheres em dous bandos, e de cada um delles sae uma a descompor de razões ao outro bando, e aquella que diz mais nomes injuriosos fica vencedora e applaudida por grandes risadas. Depois passam ao pugilato,

com o qual os homens acabam as suas contendas, e jámais usam de armas nas brigas domesticas. Nenhum uso fazem do canto, mas ao ouvirem os Portuguezes cantar com melodia ficam quasi extaticos; e nos cantos saudosos muitas vezes as mulheres deixam correr lagrimas: tal o poder da musica, inda naquelles povos em que só obra pelo estimulo do ouvido! Nas festas correm cavalhadas: as mulheres que são acciadas botam sobre pequenos feixes de palha, que lhes servem de sella, um panno de cinco palmos em quadra, pintado de contas e conchas, o qual serve de charel e capelladas; a cabeçada é toda guarnecida de pedaços de aramo de bacia, que tem tres dedos de largura, com guizos e uma chapa de prata na testeira. Como não usam de estribos, na acção do montar a cavallo a mulher poga nas crinas e ergue o pé esquerdo para traz, e o marido segurando-lhe no pé a ajuda a cavalgar. Os homens andam em pello; e juntos os dous sexos, correm ora em uma fileira ora em duas, fazendo algumas escaramuças; e correndo parelhas acabam a funcção acompanhando um que apparece em figura grotesca. Os outros brinquedos são algumas vezes com azas de passaros nas mãos, parecendo querer imitar os perús; em outras, com as mãos no chão investem como touros, ou saltam como sapos em todos aturam pouco tempo, e nelles esmeram-se mutuamente os dous sexos por agradar um ao outro; pelo que devemos crêr que o galanteio nasce com todos os povos.

Cheios de gosto vêem os paes e as mães saltar á roda de si os tenros filhos, aos quaes quasi adoram, sendo ellas aliás, quando moças, os seus verdugos antes de nascerem. Os filhos nenhum respeito tributam aos paes, e até lhes dão provas de pouco amor.

Estando os Guaycurús juntos, quando querem separar-se o mais abalisado delles levanta-se e cada um de por si diz — vamos; e depois de todos lhe responderem que sim, é que se apartam. Todo este povo faz uso excessivo do tabaco: os homens cachimbam, e as mulheres trazem-no sempre entre o beiço de baixo e a gengiva. Não conhecem Deus, e por isso nas suas calamidades a nada sobrenatural recorrem: festejam o apparecimento das sete estrellas, não como divindade, mas por ser precursor do tempo de sazonarem uns cócos chamados *bocayuvas*, que lhes servem de precioso alimento.

A respeito da sua origem dizem mil desatinos; mas, longe de pretenderem descender dos Céos, como os Japonezes, nem affectarem como Romanos o seu Romulo e Remo criados por uma deosa na figura de loba, nem emfim como os Incas descenderem do sol, antes contam esta humilde historia. Dizem que, depois de serem creados os homens, e com elles repartidas as riquezas, uma ave de rapina que no Brazil chamam *carâcará* se lastimára de não haver no mundo Guaycurú; que os creára e lhes déra o porrete, a lança, o arco e as flechas, e dissera que com aquellas armas fariam a guerra ás outras nações das quaes tomariam os filhos para captivos, e roubariam o que pudessem: mas a este seu creador não tributam culto algum, antes o ma-

tam as vezes que podem. Sabem que ha um Deus bom, porém dizem que elle em nada se embaraça, e que ha demonios que tentam os mortaes ; mas ignoram os premios e castigos da vida futura. Sabem que a alma é immortal, crêm que depois da morte as dos seus capitães e dos cirurgiões se divertem em passear pelas estrellas, e que do povo ficam errando junto do cemiterio. Parece-me ver em uma das suas historias uma noção e noticia confusa de Adão : dizem alguns que sempre entre elles houvera lembrança de uma grande chuva que alagára o universo.

Ao sol, á lua, a Venus, a Mercurio, emfim a todas as estrellas que por sua grandeza ou figura se fazem recommendaveis á vista, dão nomes differentes do que dão geralmente a todas as estrellas juntas. Distinguem com nomes os quatro ventos geraes, e nas suas viagens se governam pelo sol ; contam os annos pelas vezes que dão fructo as arvores silvestres, e assignalam nos troncos com córtes os mezes por luas, e as horas pela altura do sol. Explicam os numeros mostrando os dedos das mãos e dos pés; e quando é muito o que querem explicar, esfregam as mãos uma na outra : sendo a cousa de genero masculino dizem na acção de esfregar a mão — *ouy* ; si é do feminino — *eleé*.

Este povo selvagem ama-se affectuosamente, e vive entre si em uma doce harmonia, sustentada desta amisade terna que faz a formusura da vida : nas suas enfermidades não usam mais que carregarem com a mão e chuparem com a bocca a parte dolorida, e nenhuma noticia ou conhecimento tem da virtude dos tres reinos, vegetal, animal e mineral. Os seus cirurgiões usam de varios enganos: pegam em uma cabaça com bastantes pedrinhas dentro, começam a sacudir e a cantar noites inteiras com voz desabrida, contrafazendo quasi ao mesmo tempo o canto de diversos passaros, fazem crer aos seus que naquella occasião lhes vem fallar a alma do enfermo, e dizer se ha de morrer ou não ; e quando querem vaticinar alguma cousa, cantam da mesma fórma e com mil movimentos de cabeça, que fazem, ficam tontos, e naquella especie de embriaguez predizem desatinos.

Quando morre alguma moça rica, pintam na como se estivera viva, botam-lhe contas nos pulsos e nas pernas, chapas e canudos de prata no pescoço. Involvem n'a toda em um panno pintado com conchas, e depois a cobrem com uma esteira fina, e assim a leva a cavallo um dos parentes até o cemitério geral, que é uma casa coberta com esteiras pelos lados, onde cada familia tem dividido com estacas a parte que serve de jazigo aos seus : alli a enterram, e sobre a sepultura deixam-lhe o fuso, a cuia e outras cousas de seu uso; e se é homem, deixam-lhe o arco e as flechas, a maça, a lança, em fim todas as armas e trastes de que usava, e matam junto ao cemiterio o cavallo em que o fallecido foi levado, que é o melhor que elle possuia ; e se em vida foi guerreiro, enfeitam-lhe as armas com flores e plumas de diversas côres, que todos os annos renovam.

Mudam o nome todas as vezes que lhe morre um parente ou escravo, e toda a parentela faz um excessivo pranto : as mu-

lheres, chorando e cantando com voz lugubre, repetem os passeios, os divertimentos e os trabalhos a que juntos assistiam; o que bem mostra ser o uso das carpideiras geral entre os povos incultos. Estes, á imitação dos Egypcios, se privam dos melhores alimentos, não lavam a cabeça, nem se pintam até que os parentes, vendo a excessiva maceração, lhes pedem repetidas vezes queiram deixar tanto sentimento: e com pouca differença fazem o mesmo pelos captivos.

O *jargão* dos Guaycurús é na maior parte collocado e abundante em phrases e nomes: as mulheres explicam-se quasi sempre differentemente dos homens. Por exemplo: os homens para dizerem morrer, dizem *aico*: e as mulheres *gemá*. Para dizerem *vou para minha terra*, dizem *saragigo zypilo*; e ellas *saragigo yoí*. — Ao beber dizem os homens *jaguipá*, e as mulheres *jaucá*: elles para dizerem *homem* dizem *hulegre*, e ellas *aguina*. Em muitas cousas respondem no figurado. A pronuncia é mais guttural que nasal; á proporção do que querem encarecer, carregam sobre a voz, e com as mãos e gestos acompanham o discurso.

Emquanto ao seu governo, mostra ter principio, como as outras nações. Na infancia do mundo, nos primeiros tempos, cada pai era o natural legislador da sua familia e arbitro da pequena sociedade, que lhe era sujeita, e cujos interesses considerava como proprios do amor paternal. Fez o tempo que os filhos destes Guaycurús os condecorassem com o titulo de capitães; e por independente que seja a sua autoridade, usam della com moderação. A necessidade em que se vêem de associarem os outros aos seus trabalhos domesticos, os obriga a não serem altivos com os seus; porém são guerreiros. Todos os annos sahem a matar outros selvagens, e prender para captivos as mulheres e crianças. Em quanto a estas, quando tem necessidade de leite e não tem mãi, a mulher daquelle que apanhou a cria em seus peitos, ainda que seja de idade de mais de 50 annos e nunca tenha criado.

Os Guaycurús são tão soberbos que a todos os gentios confinantes tratam com despreso, e estes do alguma sorte os respeitam: assim succede á nação *Guaxi*, habitante nas margens do rio Imbotatiá; e com a nação *Guaná*, que é muitas vezes maior do que a dos seus oppressores. Presentemente vão conhecendo a superioridade do seu numero, e sacudindo o jugo tyrannico a que estavam submettidos, tanto que no anno de 1793, no mez de junho, vieram ao presidio da Nova Coimbra pedir a protecção dos Portuguezes mais de trezentos, conduzidos por um sobrinho do chefe de sua nação, ao qual chamam capitão *Guasá*, que em lingua geral quer dizer *grande*. Este sobrinho do capitão *Guasá* foi mandado com mais cinco á capital de Matto Grosso, onde o general o mandou fardar á sua custa com farda encarnada e agaloada de ouro, e dar-lhe sapatos, fivelas de prata, botas, camisas de punhos, bastão, e outras cousas de valor, sustentando-o em seu palacio todo o tempo que se demorou em Villa-Bella. Depois disto continuou a vir a Coimbra independente dos

Guaycurús, os quaes teem nas suas aldéas Indios de diversas nações, como são Guaxis, Guanazes, Guatós, Cayvabas, Bororós, Coroas, Cayapós, Xiquitos, e Xámococos. Esta nação, pela summa necessidade que tem vende os filhos aos Guaycurús por machados e facas; e estes lhes fazem guerra cruel, sendo de todos temidos pela vantagem que tem nos cavallos e armas de que usam, a saber: as maças, que é um pio de quatro até cinco palmos de comprido e uma pollegada de diametro; a lança, que tem pouco maior grossura, e dezoito palmos de comprimento, incluida a choupa; e o terçado ou facão. Estas duas ultimas armas tem sido tomadas aos Portuguezes e Hespanhóes, e algumas compradas a estes, que inadvertidamente lhas tem vendido; e o arco e flechas. De todas estas armas se servem quando andam a cavallo pela fórma seguinte: ata o Indio em volta do corpo uma corda, e com ella se cinge cada vez mais a proporção que lhe falta o alimento, e entre ella e o corpo prende a maça no lado direito, o terçado e a faca no esquerdo; com a mão esquerda governa, por uma delgada corda que traz atada a bocca, o cavallo em que anda em pello (á maneira dos Numidas ou Tartaros, dos quaes, segundo um auctor moderno, descendem os selvagens da America); em a mão direita menéa a lança, mas não usa della o que traz arco e flecha. Andando embarcado, o remo lhes serve de arma, por ser apontado em ambas as extremidades. Todas as armas de páo dizem elles que antes de conhecerem o uso do ferro, cortavam com pedras, e lavravam com dentes de animaes; por cepilho lhes serve até hoje um caracol, que quebram nas costas, e com o qual carregando na madeira alisam admiravelmente.

Quando estão para sahir para a guerra, elegem para chefe o capitão mais moço, que está em idade de tomar armas, e os capitães antigos o acompanham como conselheiros. O seu maior ardil é a traição, para o que são destrissimos. No dia da partida, sentado na sua pobre cama, sem as cerimonias que a vaidade inventa em semelhantes actos, espera o adolescente por todos os que o hão de acompanhar; e cada um de per si, segundo a sua graduação, vem render obediencia á mãe e á *nutriz* daquelle que pela primeira vez sahe a semelhantes emprezas. Estas, com voz alta e entoada, e os olhos nadando em lagrimas, começam a repetir as acções famosas de seus antepassados, exhortando-o a imital-os, e antes morrer do que fugir. Vejam agora se as matronas Romanas, se a Grega Arxilonide ou Argelona, como lhe chamavam Plutarco, se D. Catharina de Vilhena armando os filhos para a restauração da patria, mostraram mais valor que estas barbaras. Ellas fazem, a meu ver, maior sacrificio á honra em desejarem antes a morte a seus filhos do que sobrevivam á infamia, do que a mãe de Nero em querer que o filho reinasse, ainda que disso se lhe originasse a morte.

Quando os Indios Cavalleiros vão á guerra, e teem de passar por algum terreno occupado por povo parente ou amigo e alliado, mandam sete soldados adiante a dar parte da causa por que elles por ahi passam. Os soldados, chegando á presença do

capitão amigo, formam-se em uma fileira, e o do centro, que é o mais abalisado, dá um passo á frente, e voltando-se para os seus diz a cada um: Quero dar o recado dos nossos capitães: e depois de todos lhe dizerem que o dê, é que, voltando-se para o chefe, encruzando os braços e com o rosto grave, dá a sua embaixada, ouve a sua resposta e voltando-se de novo para os companheiros, lhes diz: Já dei o recado: e então se retiram.

Na occasião do combate, todos que a teem vestem uma camisa de couro de onça, que lhes dá pelos joelhos, a qual julgam impenetravel a todas as obras offensivas, mesmo as balas. Em quanto dura o ataque tocam algumas vezes uma grande busina, e fazem grandes algazarras. Em voltando da guerra, sahem as mulheres e as captivas a encontral-os na estrada da aldéa, tomam-lhes as armas e as presas; e se foram bem succedidos, fazem muitas festas. A mãe do rapaz que aprisionou ou matou pela primeira vez é obrigada a fazer maiores festas, e dá regalos ás outras: e por esta vez todos se embriagam com uma especie de aguardente, que fazem do mel de abelha e agua. Usavam os Sammites mandarem ler todos os annos, em praça publica, as boas acções que os seus tinham feito em favor da patria. Não sei julgar qual destes dous costumes anima mais a mocidade.

Corria a era de 1719, pouco mais ou menos, quando os Guaycurús se ligaram com os outros selvagens denominados Payagoás, os quaes podemos ter quasi por amphibios, pelo grande uso que fazem das aguas, e pelo muito que nella são destros.

Depois desta alliança é que os Cavalleiros aprenderam o uso das canôas, que são de um só tronco. Juntos fizeram aos commerciantes que vinha de S. Paulo para as minas de Cuyabá, embarcados em canôas, os estragos que entro agora a referir. Não contarei o modo por que foram os Portuguezes sempre atacados, nem os particulares acontecimentos, porque as unicas lembranças que encontrei destes foram tiradas dos annaes da camara da villa de Cuyabá, onde se acham bastantemente informes, e me foram communicadas pelo Dr. Juiz de fóra Luiz Manoel de Moura Cabral.

Somos entrados nos successos de uma época que nos desafia a attenção, para vermos de um golpe de vista a figura tragica que se nos principia a representar: entraremos a ver os Portuguezes, que nas quatro partes do mundo tem sido a admiração e o terror dos seus habitantes, feitos agora o alvo da inconstancia e da fortuna, a irrisão destes selvagens: entramos no ponto mais trabalhoso desta historia, onde tenho de caminhar contra o sentir antigo, que só fazia nos Payagoás auctores dos males que soffremos sobre as aguas do Paraguay e seus confluentes; erro que nascia de suppôr-se as duas nações sem alliança alguma, e os Guaycurús totalmente ignorantes do uso de canôas, como muito tempo foram. Porém, sabido que não foramos insultados nos rios antes da alliança que fizeram estes

dous povos, devemos dar o primeiro logar aos Guaycurús, principalmente sendo os Payagoás tão poucos como são; pois no anno de 1792, indo eu em diligencia á provincia do Paraguay, onde elles presentemente se acham aldeados, disse-me o Exm.º general daquella provincia, que então era D. Joaquim Alves, que não excediam a mil pessoas, contando homens, mulheres e crianças.

Emfim estas duas nações, no anno de 1725, destruiram uma frota de canôas que vinha do povoado, e mataram perto de 600 pessoas, desprezando todo o negocio que vinha nas mesmas canôas, como muito tempo fizeram, menos os facões, e facas e machados; e esta grande perda não foi mais que o preludio do muito que depois soffremos destes barbaros. No anno de 1726 fizeram grande mortandade nos mercadores que vinham para Cuyabá. No anno de 1728 mataram no rio Paraguay muitos Portuguezes e Indios Parecis, que vinham do sertão. Porém maior foi o estrago que fizeram no anno de 1730, quando no mez de Julho sahiram da villa do Cuyabá para S. Paulo algumas canôas, em uma das quaes, entre outros muitos, ia o Dr. Antonio Alves Linba Peixoto, que acabava de ser ouvidor: no rio Paraguay, que pela sua natural mansidão lhe promettia uma feliz viagem, foram investidos repentinamente pelo gentio, que dando uma horrivel grita atemorisou a todos de tal sorte, que quasi extaticos morreram em numero de 400, só escapando oito, que tiveram o accôrdo de saltar em um pequeno reducto de terra, donde viram a cruel carnagem que desapiedadamente faziam nos seus companheiros estes barbaros, que traziam 80 canôas, e nellas mais de 500 homens, dos quaes dizem perderam 50. Tanto que se viram senhores das canôas de seus inimigos, começaram a lançar á agua os corpos semi-vivos, com o sangue dos quaes se mudou a côr das claras aguas do rio, tendo os mortos e vivos sepultura no ventre dos animaes aquaticos. A vista deste horroroso espectaculo, que se fazia grato á vingança e doloroso á humanidade, só almas inhumanas não derramariam lagrimas.

Depois desta lastimosa tragedia fizeram os barbaros mão baixa em todo o ferro de uso que toparam, e o mais lançaram-no ao rio; tendo o mesmo destino mais de 60 arrobas de ouro, que iam para o commercio. A sua barbaridade desprezou este custoso metal, que a tantos traz expatriados, e que poderia despertar a cobiça do mesmo Diogenes. Algum que por casualidade levaram, deram-no aos Payagoás, na cidade de Assumpção, por tão baixo preço que com uma mulher chamada D. Quiteria e Barhy trocaram seis libras de ouro por um prato de estanho.

Depois disto, logo no anno seguinte, chegaram os Guaycurús e Payagoás ao Arraial-Velho, poucas leguas distante da villa do Cuyabá, que está na latitude de 16º e 36', onde, achando muita gente que estava fazendo pescaria, mataram a maior parte, e levaram o resto captivo.

No anno de 1733 investiram, no districto de Carandá, a 50 canôas de negocio, e foram tantos os barbaros, tão repentino o

assalto e com tantos alaridos, que atemorisados os Portuguezes se deixaram matar sem resistencia, escapando unicamente quatro pessoas.

Estes continuados insultos fizeram repercutir os seus echos nos ouvidos de S. M., que movido de compaixão dos seus vassallos mandou ordem ao general de S. Paulo para mandar fazer guerra aos gentios á custa da real fazenda. Por esta razão, no primeiro de Agosto de 1734 sahiu uma armada do porto geral da villa do Cuyabá, a qual se compunha de 28 canôas de guerra; 80 de bagagem, e tres balsas, que eram casas portateis armadas sobre canôas, onde celebravam os capellães da tropa, que se compunha de 842 homens, entre brancos, pretos e pardos. Governava em chefe esta expedição o tenente general Manoel Rodrigues de Carvalho, e com elle vieram da capitania de S. Paulo 400 homens, aos quaes deram por ajuda de custo patentes, que obrigaram a pagar conforme a sua graduação. Rodando esta numerosa esquadra, consta que em uma das ilhas do Paraguay encontraram os gentios, nos quaes fizeram grande estrago; mas não foi bastante para que estes, no dia 19 de Março da era de 1735, no mesmo logar do Carandá, não acommettessem aos commerciantes que vinham para Cuyabá, dos quaes mataram bastante e levaram duas canôas carregadas de fazenda.

Este foi o primeiro raio de esperança que houve do gentio cedo procurar alliança, por começarem a gostar das mesmas cousas que antes desprezavam; porém ainda assim continuaram os seus insultos.

Passados quatro annos, vindo a monção, foi acommettida no mez de Janeiro pelos indios, que mataram a muitos, e tiveram quatro canôas carregadas de fazenda e escravos.

No anno de 1743 chegaram ao reducto do Sapé, nas vizinhanças da villa de Cuyabá; e topando alli pescadores, mataram varios, e levaram vinte. Neste mesmo anno, indo gente da villa, de Cuyabá tratar amizade com os Guaycurús, estes, na occasião do negocio, mataram atraiçoadamente cincoenta.

No anno de 1744 acommetteram os Guaycurús as canôas de negocio, e sómente mataram um negro com flechada; e no mesmo anno deu o gentio, alta noite, no sitio de um João de Oliveira, na passagem do Paraguay, onde matou parte da gente.

Na era de 1752, vindo os commerciantes de S. Paulo, e adiantando-se a canôa de um padre por nome Vitto Antonio de Madureira, no logar chamado Xané deu-lhe o gentio, e levou-lhe a canôa e os escravos, deixando-o semivivo em uma canoinha, na qual ia á vontade das aguas. Sendo achado pelos companheiros, teve tão grande alegria que, tomado de um accidente, ficou privado dos sentidos: os companheiros, timoratos e pouco advertidos, o enterraram, provavelmente vivo. Em 1753 deram os Guaycurús no logar da Figueira, onde mataram bastantes pescadores que ahi se achavam, e captivaram o resto. Logo depois deste assalto, fugiram ao capitão-mor, que então

era da villa de Cuyabá, Lopes de Araujo, alguns escravos embarcados ; e mandando sobre elles alguns brancos e pretos, foram estes acommettidos dos gentios, que mataram a uns e levaram outros.

No anno de 1768, pelos inscrutaveis decretos da Providencia, se separaram os Guaycurús e Payagoás, sem que para isso tivessem causa alguma, segundo elles dizem, porém tão inimigos uns dos outros que se fazem mutuamente os damnos que podem; e por esta causa, e por temor dos Portuguezes, foram os Payagoás viver abaixo da cidade da Assumpção, capital da provincia do Paraguay, e com os habitantes della tem conservado paz.

Já depois de separadas estas duas aguerridas nações, em 19 de Março de 1771 deram os Guaycurús no logar do Croará, onde aprisionaram alguns escravos e Indios que acharam ; e no anno de 1774 foram duas vezes a cavallo á praça dos Prazeres, que está na latitude de 23° e 42' sobre o rio Igatemy, que faz barra no Paraná, e nas suas vizinhanças queimaram algumas casas e mataram os seus moradores.

No mez de Maio de 1775 tiveram 20 canôas destes Indios a ousadia de subirem pelo rio Paraguay até junto de Villa-Maria, que está na latitude de 16° 3', e ahi aprisionaram algumas pessoas, e mataram dezeseis na fazenda de um Domingos da Silva, a quem tambem deixaram morto e a um seu filho, sem embargo de distar esta paragem mais de cem leguas das suas terras,

Estes repentinos e amiudados assaltos que soffriam os Cuyabanos, sobre os quaes cahiam todos os damnos que os gentios causavam, umas vezes nos seus lavradores, outras nos commerciantes que do S. Paulo e Rio de Janeiro lhes traziam os generos (que uma sociedade que tem corrompida a simplicidade natural não póde viver sem elles), obrigavam-nos a derramarem continuas lagrimas : ora choravam os pais, os filhos e os esposos ; ora os irmãos, parentes e amigos, e sempre os bens, com tão grandes suspiros e ais que chegaram aos ouvidos do Ex.mo Sr. Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que então governava as capitanias de Matto-Grosso e Cuyabá ; e começando o seu ardente zelo e natural compassivo a pensar no grande damno que causavam aquelles selvagens (pois avaliam-se os Portuguezes mortos por elles em mais de 4,000, e a perda que causaram para mais de tres milhões) ; pensando, torno a dizer, nos meios de garantir seus afflictos subditos de semelhantes males, mandou sahir de Villa-Bella, a 9 de Maio de 1775, ao capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa, para na villa de Cuyabá receber poderosa escolta, e com ella descer pelos rios Cuyabá e Porrudos, até se metter no Paraguay ; e passando os pantanaes e variaveis boccas que de ordinario offerecem os rios Taquary e Imbotetiú, ir fundar um presidio no logar chamado pelos antigos sertanistas Fecho dos Morros, onde se estreita o rio por causa de uma poquena ilha que o divide : logar já por mim descripto no principio desta obra.

Deu o sobredito capitão as instrucções mais sabias que então se poderia dar. Este homem, mais obrigado dos seus fracos companheiros que timido e inexperto, parou dezeseis leguas abaixo da foz do Taquary, em um logar em que dous montes lateraes ao rio seguem parallelos um pequeno espaço, formando na encosta do monte, do lado occidental, uma fraca estacada, á qual denominaram o Real Presidio de Nova Coimbra, na latitude de 19° e 55', ultimo e mais austral estabelecimento portuguez sobre o Paraguay.

Este logar é insufficiente para a agricultura, incapaz para criação dos animaes, por ser alagado em quasi todos os annos sete mezes, e passarem-se algumas vezes dous annos sem os campos sahirem debaixo das aguas, como aconteceu nos annos de 1791 e 92 : assim pouco póde o presidio servir para embaraçar a passagem dos Hespanhões, e nada para evitar a fuga dos Portuguezes ou dos seus escravos. Comtudo, depois da sua fundação, os Guayeurús e Payagoás não tornaram a insultar os Portuguezes : só os primeiros fizeram uma grande moriandade na guarnição deste presidio de Nova Coimbra. Para narração deste successo aparo de novo a penna.

Antes de me apartar deste logar, contarei que no monte, cujas faldas occupa o presidio, está uma grande gruta, na qual depois de descer-se trinta e oito varas por uma descida trabalhosa, chega-se a um salão de 50 varas de comprido e 35 de largo, sendo destas onze occupadas por aguas as mais frescas e crystallinas, mas no sabor um pouco desagradaveis. Este lago termina a gruta pelo lado direito por toda a extensão, e na parte mais funda tem 24 palmos de alto.

Neste presente anno de 1795, indo-se á gruta no mez de Fevereiro, topou-se no lago um jacaré que tinha uma mão cortada, cousa que me faz suppor que o dito lago tem communicação com o rio, e tambem por encher e vasar á proporção que enche e vasa o rio, que estará distante 1,000 passos. Nesta sala estão sete columnas, tres em frente e quatro no fundo, todas de pedras congeladas das aguas que de continuo estão pingando da abobada : a mais grossa tem 30 palmos de circumferencia e 26 de altura ; a menor 12 de grossura: é o logar mais maravilhoso de todo este subterraneo edificio. Em uma parte divisa-se, com o auxilio de luzes, o seu pavimento coberto de uma area luzente ; em outra a crystallina agua, na qual vai fenecer a abobada onde estão crescendo bellas figuras e innumeraveis pedras, que a natureza com mão habil vai formando ; as columnas parecem feitas com arte, umas são de meias canas, outras abertas em tarjas ; estas se prendem no tecto, sobre aquellas estão differentes folhagens pendentes ; a altura da abobada no mais alto tem 60 palmos. Em se observando este soberbo edificio, não é possivel defender-se de um transporte de prazer, misturado comtudo do sentimento de ver uma producção tão elegante e admiravel da natureza posta em um logar onde tão raramente póde obter o tributo da admiração que merece.

Outras particularidades tem ainda esta celebre gruta, que

não descrevo por já o Dr. naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira o ter feito por ordem de S. M., depois de a mandar desenhar.

Em outro monte que fica algumas leguas apartado do presidio, estão seis gratas, porém todas menores do que a que fica descripta.

Depois desta fundação, mandou o Ex.mo Sr. general ao sargento mór de auxiliares da villa de Cuyabá, que então era Marcellino Rodrigues Campões, a commandar o dito presidio de Coimbra; e nas prudentes instrucções que lhe mandou, determinava, respeito aos Guaycurús, o seguinte (formaes palavras tiradas das proprias ordens, que se conservam neste real presidio, onde actualmente me acho na occasião em que escrevo):

« Pelo que toca a estes Indios, confirmo a Vm. de novo as minhas positivas ordens e instrucções dirigidas ao capitão Mathias Ribeiro da Costa, com data de 9 de Maio do presente anno, para os não offender em nada, e antes tratal-os com a possivel boa intelligencia e amizade, e tentar se elles não aborrecem tanto, como até agora faziam, o commercio, trato e communicação dos Portuguezes, que a barbaridade e tyrannia dos antigos sertanistas lhes fizeram detestar; e estabeleço como uma das obrigações principaes, em que Vm. deve empregar-se, o procurar por todos os caminhos fazer abraçar aos sobreditos Indios o nosso commercio, que sempre póde haver modo de representar util e vantajoso, principalmente distribuindo-lhes de quando em quando alguns pequenos mimos de resgates, de que, pela relação que remetto inclusa, conhecerá Vm. que faço conduzir á sua disposição uma certa quantidade. Mas, sem embargo de toda a efficacia destas mesmas ordens, que são uma consequencia precisa, util e providentissima das que S. M. me tem dado, verá Vm. sempre que eu não pretendo que se deixe offender impunemente; nem tal poderia caber nunca no mesmo direito que a natureza estabeleceu de repulsar com força a quem nos intenta fazer mal. »

Depois da chegada do novo commandante, a 29 de Novembro de 1777, chegaram a cavallo ao presidio de Nova Coimbra varios Indios Guaycurús, dizendo, em lingua castelhana, que queriam paz: o commandante os foi receber fóra da estacada, levando duas pistolas no cinto, e uma esquadra de soldados armados; alli mesmo os brindou com varias cousas, algumas suas e a maior parte dos reaes armazens, e despediu-os. Os gentios, contentes, prometteram voltar dahi a um mez com bastantes cousas para negocio. Vendo alguns officiaes militares, que em Coimbra estavam insubordinados, passar o tempo em que disseram os Cavalleiros que haviam de voltar, começaram a dizer que o commandante tinha culpa dos Indios não voltarem pelos ter amedrontado com a guarda e armas que levou quando lhes foi fallar; e tanto murmuraram que chegaram a fazer assignados contra elle. No tempo que isto se urdiu, chegaram os Guaycurús, a 6 de Janeiro de 1778, trazendo em sua companhia algumas mulheres, e para resgates carneiros, perús,

polles de veados e outras bagatellas mais. Sendo o commandante avisado disto, mandou que parassem em um logar quo d ista mais de 300 passos do presidio, onde fariam as permutações; e para guarda dos que iam fazel-as, ordenou ao ajudante de auxiliares Francisco Rodrigues Tavares fosse assistir com doze soldados armados, e que tivesse toda a cautela: com effeito foi o dito ajudante, e mandou formar corpo de armas, onde poz uma sentinella. Então veio o capitão dos Indios e um Indio lingua, para dentro da estacada fallar com o commandante, emquanto estes se detiveram dentro. Succederam entre os Indios e Portuguezes algumas cousas notaveis. Disseram os Guaycurús ao ajudante que as mulheres se temiam de verem a sentinella e as armas de fogo; que as mandasse retirar e cobril-as com uma tolda que alli estava, visto elles tambem não terem armas; e na verdade elles só tinham cacetes e facas, de que os nossos não temiam. O ajudante, por agradal-os, fez quanto lhe pediram, e bem pago ficou da demasiada condescendencia que teve. Começaram os Indios então a chegarem-se mais para os Portuguezes, e a convidarem algans a descansar no regaço das mulheres, o que acceitaram: depois principiou-se o negocio, e muitos brindaram algumas Indias, das quaes varias lhe pagaram com lagrimas que derramavam por suas faces, por verem o desastrado fim que os aguardava: os nossos entendiam que ellas choravam por serem violentadas pelos maridos a fazer-lhes mimos; mas aquelle pranto era por aquelles que liberal e desinteressados as obsequiavam, e ao mesmo tempo temiam descobrir a maldade dos maridos pelos não sacrificar: a formosa Osmia se não viu em maior aperto entre o marido e o Romano a quem amava.

Deu um pedestre a uma India um grande facão por um carneiro, depois de á sua vista o não ter querido dar a outras, do que agradecida a India lhe pediu se recolhesse; e vendo que o não fazia, com lagrimas e por acções lh'o tornou a pedir, pelo que o pedestre se despediu, entendendo que o carneiro era furtado, e que por isso a selvagem tanto instava; e assim escapou á morte. Os Guaycurús chegavam-se aos nossos, e pondo-lhes as mãos nos hombros como por amizade os sacudiam, e conforme a sustancia que encontravam, assim ficavam junto a elles aquelles que julgavam necessarios para matar. Tantas demonstrações não despertavam nos Portuguezes a lembrança das grandes perdas que os barbaros lhes tinham feito. O interesse de compraram as bagatellas que os gentios traziam lhes entorpeceu o entendimento: se não foi a Santa Providencia, que nellos quiz castigar os peccados que foram a causa de subverter-se Sodoma e Gomorra.

Entretanto estava o capitão e o lingua dentro com o sargento mór, o qual os tratou brandamente, e cuidando ter livre a sua gente, que estava entre os Indios, os despediu dando-lhes mimos. Tanto que elles se viram em meio caminho, deram um assobio, com o qual todos se entendem tão claramente como nós fallando: com este signal, cada gentio com o porrete foi

matando aquelle que lhe cahiu em sorte ; alguns Portuguezes morreram mesmo no regaço das Indias, e estas e os maridos os degolavam. Emquanto uns se occupavam em matar, outros despiam o facto áquelles que, involtos no seu proprio sangue, inda não tinham acabado de exhalar os derradeiros alentos vitaes. O ajudante, que era um homem agigantado e forçoso, defendeu-se com uma espada, que tinha na mão, mais de quarenta passos, e não o matariam se um dos Indios por detraz lhe não désse uma pancada pelas pernas, com a qual o derrubou, e outros logo o degolaram. Isto foi quasi ao mesmo tempo que os do presidio chegavam a soccorrer os da revolta pela terem sentido ; inda perceberam o ajudante dizer — Jesus — pelo ar que lançava envolto em sangue pela ferida da garganta. Com tanta pressa e tanto a seu salvo mataram e roubaram, que quando os Portuguezes chegaram já se tinham ausentado os Guaycurús, levando as armas e a roupa, parte della gotejando sangue de seus donos, que parecia ir pedindo vingança de tanta aleivosia.

Neste fatal dia morreram dos nossos 54, sem os Cavalleiros soffrerem o menor damno. Foi indizivel o sentimento que tiveram os Portuguezes com este desastrado successo, pelo qual levantaram uma tempestade de suspiros, e deixaram correr um diluvio de lagrimas, principalmente por não poderem soccorrer os miseros companheiros, aos quaes enterraram em duas grandes sepulturas. Recolhidos ao presidio, logo os officiaes rasgaram os assignados que tinham feito contra o commandante, como já fica dito, e fizeram outro no qual o culpavam de laxo e frouxo, e de outros defeitos que na verdade não tinha, sendo só as suas paixões particulares o movel de tudo isto : mas elles tambem receberam da ambição os premios que ella costuma repartir.

Neste mesmo anno pediram licença dous soldados dragões, que serviam no presidio, para irem caçar ao outro lado do rio em uma canôa, com mais oito pessoas. O commandante concedeu-a, e passando elles o rio, encontraram alguns Guaycurús, que os investiram. Os soldados dispararam as armas, e derrubaram morto a um capitão e aleijaram outro de um braço ; porém a um dos soldados deram uma lançada pelos peitos, com a qual perdeu a vida, e o mesmo succedeu ao ordenança de duas flechadas. O outro soldado, sentindo-se ferido em um braço por uma flecha, fugiu procurando a canôa ; mas os que nella estavam, vendo que vinham os gentios juntamente com elle, afastaram-se para meio do rio, e vendo-se o pobre soldado desamparado dos fracos companheiros, e perseguido dos inimigos, lançou-se á agua, onde começando a nadar espalhou-se o sangue que lançava a ferida ; e acudindo a elle uns peixes a que chamam *tezouras* ou *piranhas*, pelo muito que cortam os seus dentes, e investindo contra o miseravel e afflicto nadador, em um instante o desfizeram todo, vindo a acabar com este genero de morte.

Passaram-se depois onze annos sem que estes barbaros fizessem aos Portuguezes damno, nem ousassem chegar á falla,

até que no mez de Março de 1789, em que commandava o presidio um cadete de dragões, appareceram do outro lado do rio em frente da estacada e bradaram varias vezes, o que visto pelo commandante mandou lá algumas pessoas, com as quaes não quizeram chegar a falla; e depois no mez de Julho do mesmo anno tornaram a bradar. Indo os nossos fallaram; e recebendo algumas dadivas, prometteram voltar dalli a cinco dias, como com effeito vieram; e indo um soldado e varios pedestres, fallaram com o capitão Queima, debaixo de toda a cautela, e assim mesmo continuaram a fallar até o mez de Dezembro do dito anno, tempo em que venderam os Guaycurús alguns cavallos, carneiros, perús, e outras cousas insignificantes, por baetas, machados, facas, bacias, fumo, pratos de estanho e fuções (este genero ultimo foi prohibido pelo Sr. general o vender-se); e o cadete commandante lhes mandou dar varias cousas do armazem.

Por este mesmo tempo veio commandar o presidio da Nova Coimbra o sargento mór engenheiro Joaquim José Ferreira, o qual, pelas positivas ordens que trazia do Illm. e Exm. Sr. João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, actual governador e capitão general das capitanias de Matto Grosso e Cuyabá, mandou um cabo de esquadra de dragões com quatro canôas bem armadas a ver se encontrava os gentios Cavalleiros, que por causa da inundação já não appareciam, e se os persuadia a virem ao presidio.

Partiu o cabo de esquadra, e com effeito na segunda viagem fallou amiravelmente com os Indios, e lhes rogou que o acompanhassem e viessem ver o commandante; o que elles não quizeram fazer, porém mandaram como espias tres captivos seus, os quaes vinham, com tanta repugnancia como os que caminham para o patibulo. O sargento mór tratou-o com grandeza, vestiu-os de panno de algodão e baeta, deu-lhes facas e anzóes, e os mandou fartos e contentes; o que visto pelos seus senhores, e sabendo delles o bom agasalho que tiveram, resolveram-se a vir dous capitães, um velho e outro moço, trazendo quatro dos seus soldados em sua companhia, os quaes todos entraram tremendo no presidio. O commandante os recebeu fardado, bem como todos os officiaes e guarnição; hospedou-os, deu-lhes dadivas, com o que se foram satisfeitos, e começaram dahi por diante a vir com menos receio, sendo todos sustentados, em quanto se demoraram, á custa da fazenda real; e os capitães e suas mulheres na mesa do commandante, como ainda hoje succede. A todos se mandou dar facas, anzóes, fitas, contas, veronicas, figas, machados e outras cousas, de que para semelhante fim estava o real armazem provido, e se proveu ainda mais depois desta alliança, para segurança da qual foram a Matto Grosso o capitão *Emavidi Xaud*, que agora se chama *Paulo Joaquim José Ferreira*, e o capitão *Queima*, que agora é conhecido pelo nome de *João Queima de Albuquerque*, que é dos principaes dos Guaycurús por sua mãi, e dos Payagoás por seu pai, e respeitado pelos muitos soldados

e captivos que tem. Levaram estes á capital, em sua companhia, dezesete dos seus subditos, e foram todos alli tratados com muita grandeza pelo Exm. general, o qual mandou vestir a todos, e aos capitães fardar com farda, vestia, calção e chapéo fino agaloado de prata ; e tambem lhes mandou dar fivelas e bastão, e muitas outras cousas de valor. No palacio de S. Ex. assignaram o termo seguinte, que ponho por extenso para que os curiosos o possam ver, e não privar aos meus leitores de terem essa complacencia ; e o mesmo faço á carta patente que lhes passou, e que elles conservam com o maior cuidado possivel.

TERMO

« Desejando a nação do gentio Guaycurú ou Cavalleiro, que habita os terrenos que formam a margem oriental do Paraguay, desde o rio Mondego, antes denominado *Imbotatiú*, e mais rios intermedios até a margem boreal do rio Ipané, dar não só uma evidente prova do seu reconhecimento, gratidão e sensibilidade, pelo bom tratamento e repetidos beneficios que ultimamente tem recebido dos Portuguezes, em consequencia das ordens do Illm. Exm. Sr. general de Matto Grosso e Cuyabá, dadas e muito recommendadas para o dito fim ao sargento mór engenheiro Joaquim José Ferreira, commandante do presidio da Nova Coimbra, as quaes ordens elle tem desempenhado com todo o zelo e actividade, distribuindo pela dita nação, além dos donativos que lhe tem sido determinados por conta da real fazenda de S. M., tambem outros seus proporcionados á sua possibilidade ; desejando a mesma nação dar iguaes provas do grande respeito e fidelidade que tributam a S. M. Fidelissima, e de quanto são os mesmos gentios affeiçoados aos Portuguezes, espontanea e anciosamente vieram a esta capital de Villa-Bella os capitães João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, dous dos principaes chefes da dita numerosa nação, com dezesete subditos e a preta Victoria, crioula portugueza sua captiva, que serve de lingua : e depois de terem sido recebidos e hospedados com as maiores e mais sinceras demonstrações de amizade e agasalho, e de serem brindados com alguns donativos de S. M., e outros do Exm. Sr. governador e capitão general, e das outras principaes pessoas desta villa, celebraram o seguinte convenio. No 1º dia do mez de agosto de 1791, no palacio da residencia do Exm. governador e capitão general, estando presentes, por uma parte o mesmo Exm. Sr. com os officiaes militares e mais principaes pessoas desta Villa-Bella, e pela outra os sobreditos capitães e chefes da sua nação, João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, com os mencionados seus soldados e a crioula Victoria, sua captiva e interprete, disseram que, em seus nomes e no de todos os outros chefes da sua nação, seus compatriotas, e mais descendentes, protestavam e promettiam de hoje para todo sempre, nas mãos do Exm. Sr. governador e capitão general João de

Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, manter com os Portuguezes a mais intima paz e amizade, e inviolavelmente guardarem e tributarem a S. M. Fidelissima a mais respeitosa fidelidade e obediencia ; assim e da mesma forma que lhe tributam todos os seus vassallos. E sendo-lhes perguntado, de ordem do mesmo Sr. pelo sargento mór engenheiro Ricardo France de Almeida Serro, se era nascida de sua livre vontade e moto proprio a obediencia que prestavam a S. M. Fidelissima, como tambem se queriam ficar sujeitos da mesma augusta soberana e senhora, ficando amigos, para desta fórma gozarem livre e seguramente de todos os bens, commodidades e privilegios, que pelas leis de S. M. Fidelissima são concedidos a todos os Indios, a tudo responderam ambos os referidos capitães uniformemente que sim : protesto que o mesmo Exm. Sr. general acceitou em nome de S. M. Fidelissima, promettendo elle tambem, em nome da mesma soberana e senhora, de sempre proteger a dita nação, afim de perpetuar entre elles e os Portuguezes a mais intima paz e reciproca amizade, concorrendo sempre para tudo se dirigir á felicidade espiritual e temporal dos mesmos gentios. E para firmeza de todo o referido e estipulado, eu Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque e Lins, secretario do governo, lavrei, por ordem do mesmo Exm. Sr. governador e capitão general, o presente termo. Assignaram S. Ex., e a rogo dos ditos capitães e chefes, o tenente coronel de infantaria com exercicio de ajudante de ordens deste governo, Antonio Felippe da Cunha Ponte, e o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista, encarregado da expedição philosophica por S. M. nesta capitania ; e a rogo dos mais Guaycurús o Dr. provedor da fazenda real e intendente do ouro, Antonio Soares Calheiros Gomes de Abreu ; e de sua interprete o sargento mór engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra. E tambem assignaram os officiaes da camara, sendo testemunhas presentes deste acto as principaes pessoas desta villa capital, que todas igualmente assignaram : e eu o secretario do governo, Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque Lins, o escrevi. Com o signal de S. Ex. e de todos os mais circumstantes.»

A carta patente é a que se segue :

« João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, do conselho de S. M., cavalleiro da ordem de S. João de Malta, governador e capitão general das capitanias de Matto Grosso e Cuyabá, &c. Faço saber aos que esta minha carta patente virem, que tendo a nação dos Indios Guaycurús ou Cavalleiros solemnemente contractado perpetua paz e amizade com os Portuguezes, por um termo judicialmente feito, no qual os chefes João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, em nome de sua nação, se sujeitaram e protestaram uma cega obediencia ás leis de S. M., para serem de hoje em diante reconhecidos como vassallos da mesma senhora : mando e ordeno a todos os magistrados, officiaes de justiça e guerra, commandantes e mais pessoas de todos os dominios de S. M., os reconheçam, tratem e auxiliem com todas as demonstrações de

amizade. E para firmeza do referido lhe mandei passar a presente carta patente, por mim assignada e sellada com o sinete das minhas armas. Nesta capital de Villa-Bella, aos 30 do julho de 1791.—*João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.*»

Acabado este solemne acto, deu o Illm. e Exm. Sr. governador e capitão general um esplendido banquete a todas as pessoas que assistiram á ceremonia, e depois despediu os capitães, tendo gasto muito da sua propria fazenda, e continúa a gastar até hoje, do que sou boa testemunha, visto estar ha mais de tres annos servindo de commandante do presidio de Nova Coimbra, e correrem portanto por minha mão os mimos que faz a toda aquella nação e á dos Guyanás.

Por este modo foi pelo Ex.^{mo} Sr. governador e capitão general concluido o importantissimo serviço, ao qual lançou os primeiros fundamentos o seu Ex.^{mo} irmão e antecessor Luiz de Albuquerque.

Chegados emfim ao presidio de Coimbra os novos vassallos de Portugal, o sargento-mór commandante recebeu-os com festas, e os mandou levar á sua aldêa, onde ao chegarem se levantou uma grita de alegria entre os gentios, ao qual responderam os estrondos dos nossos arcabuzes, que rompiam os ares de tal sorte que se não ouviam as vozes. As mulheres, que não estavam acostumadas a semelhantes estrondos, julgavam ver o fim do mundo; e tomadas de terror, contra os peitos apertavam os tenros filhos, dos quaes uns cobriam os olhos com o fraco braço, e outros com a bocca aberta e os olhos espantados acompanhavam a mãe no susto. Os velhos inertes, encostados ao bordão, procuravam endireitar-se para melhor verem caso tão novo, como era o de virem os seus capitães calçados e fardados, a cuja vista tres vezes moveram a tremula cabeça e puzeram a mão na bocca; porém, passado o primeiro susto, os receberam nos braços e nos corações, e com os joelhos em terra lhes fizeram o primeiro acatamento, não se saciando de os ver, por muitas vezes, os terem chorado mortos: não podiam acabar de crer que fossemos capazes de os deixar com vida depois das offensas que nos tinham feito. E' de admirar que homens sem religião se fiassem tanto da virtude alheia.

Depois disto continuam elles a vir em magotes no presidio da Nova Coimbra nas canôas, em tempo de aguas, e a cavallo na secca. Sempre são bem recebidos e tratados, em virtude das ordens que para isso ha. Arranchando-se fóra da estrada, em suas casas de esteiras, entram dentro do forte de dia e desarmados, e depois do toque de Trindades sahem para fóra e só entram os capitães. Em todo este tempo tem dado provas de sincera amisade, tanto que no anno de 1793 restituiram dous escravos, que tinham fugido do presidio para suas terras. Com accelerados passos tenho discorrido pelo largo transumpto de quasi um seculo, que a nação Guaycurú tem sido fatal aos Portuguezes; e me acho no ultimo ponto, que prometti tratar no principio desta historia, o qual pertence aos hespanhóes: por elle passarei abreviadamente, como por cousa estranha.

Pelo meio do seculo passado, acabaram os Guaycurús de arruinar a pequena cidade do Gera, a qual os Paulistas tinham principiado a destruir. Os Hespanhóes que escaparam foram fundar a villa de Toguogo, nas margens do Paraguay, donde tambem fugiram perseguidos dos mesmos inimigos. Os Guayacurús os perseguem na villa de Curambati, que fundaram em Villa Rica sua colonia, em Belém, e mesmo nos suburbios da cidade de Assumpção, capital daquella grande provincia, umas vezes abrazando as casas e matando seus habitantes, outras roubando-lhes os cavallos e gados e destruindo-lhes as sementeiras.

Na provincia de Xiqitos fizeram maiores males, depois que o cura do povo do Santo Coração, haverá 35 annos, em tempo de paz prendeu a muitos e usou com elles de bastante rigor. Deste captiveiro fugiram alguns, e dahi veiu o obrigar, no anno de 1785, a mudar o dito povo do Santo Coração 35 leguas mais para um lado, e roubarem-lhe os gados, cavallos e gente, que conservam por captivos, passando desta sorte os miseraveis habitantes daquella provincia ao barbarismo de que seus paes tinham sahido.

Desde então foi que os povos de Santo Coração, S. Thiago e S. João ficaram no estado de abatimento em que hoje se veem; as aldéas ermas, as casas reduzidas a pardieiros, os campos sem cultura; tudo, emfim, em tal estado, que faz suppôr a um viajante que aquella provincia acaba de soffrer uma devorante peste, uma guerra de religião, ou algum monstro, que com o seu corrupto halito tem infeccionado tudo o que é criado sensivel.

Os Guaycurús, que assistem do Fecho dos Morros para baixo, tem paz com os Hespanhóes da provincia do Paraguay desde a era de 1774 : esta alliança foi feita por via de um padre, que levado das suas inclinações soube introduzir-se entre os selvagens, dos quaes seguiu todos os costumes, deixou arrancar as sobrancelhas e pestanas, casou-se entre elles, teve filhos, e por esta fórma livrou a sua patria das continuas hostilidades que soffria destes barbaros, e adquiriu nome de justo entre a plebe hespanhola.

A este padre, de quem já tratei por duas vezes, devo a noticia das eras em que se alliaram e se separaram os Guaycurús e Payagoás, e igualmente a maior parte das noticias dos seus extravagantes costumes. Os Guaycurús que habitam do dito Fecho dos Morros para cima fazem aos Hespanhóes todos os damnos que podem, e são os que conservam hoje fiel amizade aos Portuguezes. Si me é permittido patentear os meus sentimentos, direi que desejo que esta alliança seja permanente, para gloria de Deus, serviço de S. M., e socego dos moradores de S. Paulo e moradores da villa de Cuyabá.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

1ª SESSÃO EM 1 DE DEZEMBRO DE 1838

PRESIDENCIA DO EXM.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Foram propostas e approvadas diversas pessoas para membros effectivos, correspondentes e honorarios.

O Ill.mo Sr. conego Januario da Cunha Barboza aprosentou as tres seguintes propostas, que foram unanimemente approvadas:

1.ª Proponho que o Instituto peça á S. M. I. que acceite o titulo de seu protector.

2.ª Proponho que se organise uma instrucção sobre o modo de haver noticias historicas e geographicas acerca do Brazil, para remetter aos nossos correspondentes, e poder melhor delles haver os manuscriptos e outros objectos que nos possam ser uteis.

3.ª Proponho que na proxima sessão entre já em discussão o ponto seguinte:— Determinar-se as verdadeiras épocas da historia do Brazil, e se esta se deve dividir em antiga e moderna, ou quaes devem ser suas divisões.

O Sr. marechal Cunha Mattos leu parte de um seu trabalho sobre os mappas geographicos.

2ª SESSÃO EM 15 DE DEZEMBRO DE 1838

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Ordem do dia — Quaes são as verdadeiras épocas da historia do Brazil?

Os Ill.mos Srs. Cunha Mattos, Lino de Moura, José Silvestre Rebello, leram trabalhos sobre este objecto; e fallaram por diversas vezes sobre elle os Srs. Pedro Bellegardo, Cunha Barboza, Cunha Mattos, Dr. Maia, Visconde de S. Leopoldo e Rocha Cabral: este ultimo terminou seu discurso pedindo ao Instituto que empregasse todos os seus esforços para mandar vir de Portugal importantes manuscriptos, que lá devem existir, sobre o Brazil; o que foi unanimemente approvado. Esta discussão, sendo encerrada pela hora, ficou adiada para a sessão seguinte, e os trabalhos escriptos remettidos á commissão de historia.

O Dr. Maia pediu ao Instituto que, visto os seus muitos trabalhos, o quizesse dispensar da commissão de historia, de

que fazia parte; o que sendo approvado, foi em seu logar nomeado por acclamação o Ill.mo Sr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes.

3ª SESSÃO EM 19 DE JANEIRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Foram lidas as cartas de diversas pessoas acceitando a nomeação de socios, a saber: dos Ex.mos Srs. marquez de Paranaguá, marquez de Maricá, marquez de S. João da Palma e Balthasar da Silva Lisboa acceitando a nomeação de membros honorarios; dos Srs. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, Dr. Joaquim Caetano da Silva e Diogo Duarte e Silva a de membros effectivos; e do Ex.mo Sr. Antonio Augusto Monteiro de Barros de membro correspondente.

Foram propostas e approvadas para membros correspondentes diversas pessoas residentes na côrte e nas provincias.

O Sr. marechal Cunha Mattos apresentou uma proposta para que se convidasse o Sr. Pedro Clausen Dinamarquez, ora existente em Minas, para ir examinar, na caverna ha pouco descoberta naquella provincia com o nome de — Lapa das pinturas, as figuras que se dizem achar abertas em relevo sobre rochedos, bem como a informar o Instituto a respeito de quaesquer outros objectos archeologicos existentes naquella provincia: esta proposta foi remettida á commissão de historia.

O Ill.mo Sr. Paiva Gueles leu os dous seguintes requerimentos, os quaes foram approvados: 1.º Que se dirija uma representação respeitosa ao governo imperial, pedindo-lhe a graça de prestar ao Instituto em donativo gratuito um exemplar de quaesquer obras, que por conta do mesmo governo tenham sido impressas na typographia nacional, e possam interessar á historia e geographia do Brazil; 2.º Que se dirija ao governo outra representação, pedindo-lhe que se digne de communicar ao Instituto quaesquer memorias ou outros papeis, que porventura existam nas secretarias d'estado, ou na bibliotheca publica, que digam respeito á historia e geographia do Brazil, afim de serem copiadas e aproveitadas: responsabilisando-se o Instituto, debaixo de sua palavra, pela prompta restituição desses papeis e memorias.

Ordem do dia — O Sr. marechal Cunha Mattos leu parte de uma memoria tendo por titulo — Dissertação acerca da maneira de escrever a historia antiga e moderna do Imperio do Brazil. — O Sr. Silvestre Rebello leu outro trabalho sobre as épocas brazileiras; fallando tambem sobre este objecto os Srs. Pedro Bellegarde e Lino de Moura. Esta questão ficou ainda adiada pela hora.

Antes de fechar-se a sessão, o Ill.mo Sr. Athaide Moncorvo propoz para socios correspondentes todos os agentes diplomaticos brazileiros; o que foi approvado.

4ª SESSÃO EM 4 DE FEVEREIRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Foram lidas as seguintes cartas: do Sr. padre mestre Luiz Gonçalves dos Santos acceitando o titulo de membro honorario; e do Sr. conselheiro José de Rezende Costa o de membro correspondente.

Foram propostas e approvadas diversas pessoas para membros correspondentes.

O Sr. desembargador Pontes fez as seguintes propostas, que foram todas approvadas: 1.ª Que se nomeie uma commissão especial para dar o seu juizo sobre a *Historia do Brazil* por Constancio; e foi encarregada pelo Sr. presidente a commissão de historia para dar o seu parecer sobre este objecto. 2.ª Que se envie o titulo de membro correspondente a todos os presidentes das provincias. 3.ª Que se trate de saber com que condições os religiosos do S. Francisco da Bahia quererão ceder a parte da Chronica do Jaboatão, ainda não impressa; e sobre esta ultima proposta assentou-se que se devia escrever ao socio correspondente o Sr. Accioli.

O Sr. Bento da Silva Lisboa offereceu para a bibliotheca do Instituto a *Historia do Brazil* por Constancio.

O Sr. conego Januario offereceu igualmente 15 obras diversas de historia.

O Dr. Maia offertou tambem a interessante memoria manuscripta do Sr. Couto sobre a provincia de Minas Geraes, escripta em 1797.

O Sr. conego Januario leu as seguintes questões, que todas foram approvadas para servirem nas discussões da casa, a saber:

1.ª Quaes sejam as causas da espantosa extincção das familias indigenas que habitavam as provincias littoraes do Brazil: si entre essas causas se deve numerar a expulsão dos Jesuitas, que pareciam melhor saber o systema de civilisar os indigenas.

2.ª O que se deve concluir sobre a historia dos indigenas, ao momento da descoberta do Brazil; e d'ahi por diante, á vista das continuadas guerras entre as suas diversas tribus; da differença de suas linguas e de seus costumes: se os devemos suppôr familias nomadas, e no primeiro grão da associação, ou si segregadas das grandes nações occidentaes da America por quaesquer calamidades que as fizessem emigrar, e nesse caso se algum vestigio de civilisação das grandes nações do resto da America appareceo nos indios do Brazil.

3.ª Qual seria hoje o melhor systema de colonisar os Indios do Brazil entranhados em nossos sertões; se conviria seguir o systema dos Jesuitas, fundado principalmente na propagação do christianismo, ou se outro do qual se esperem melhores resultados do que os actuaes.

4.ª Se a introducção dos Africanos no Brazil serve de embaraço á civilisação dos Indios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo dos escravos. Neste caso qual é o prejuizo da lavoura brazileira, entregue exclusivamente aos captivos.

5.ª Quaes foram os primeiros introductores da canna, café, tabaco, e outros vegetaes da nossa riqueza; em que provincias foram primeiramente introduzidos, e em que eras.

6.ª Marcar as diversas épocas da creação das capitanias geraes do Brazil; da fundação dos seus bispados, das suas relações. Quaes os seus capitães generaes, os seus bispos, e o estabelecimento dos seus missionarios, tanto jesuitas como carmelitas, ou de outras ordens religiosas nas diversas provincias.

Por sorte sahiu a quarta questão para entrar na ordem do dia depois da existente.

O Ex.mo Sr. presidente leu uma memoria sobre algumas sociedades scientificas, que existiram no Brazil em tempos assás remotos, servindo-lhe de programma historico o seguinte: — O Instituto Historico Brazileiro é o representante das idéas de illustração, que em differentes épocas se manifestaram neste continente.

5ª SESSÃO EM 16 DE FEVEREIRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Foram lidas cartas de diversas pessoas, nas quaes participavam ter acceito a nomeação de membros do Instituto, a saber: do Ex.mo Sr. Marquez de Baependy a de membro honorario; dos Srs. Dr. Francisco Freire Allemão, José Pedro de Carvalho, José Tiburcio Carneiro de Campos, Josino do Nascimento Silva, Firmino Rodrigues Silva e José Manoel do Rosario, a de membros correspondentes.

Fez-se tambem leitura de uma carta do Sr. Dr. Meirelles, datada de Sabará, na qual participava não poder acceitar o titulo de membro correspondente por habitar nesta côrte, e não fóra della: o Instituto, attendendo a que havia ainda duas vagas na classe dos membros titulares, foi de parecer que se conferisse ao Sr. Dr. Meirelles o titulo de membro titular.

Fez-se tambem leitura de uma carta do Sr. Dr. Sigaud, acompanhada de cinco grandes mappas geographicos, na qual elle os offertava para a bibliotheca do Instituto; o que foi recebido com especial agrado, bem como outras obras offerecidas por outros membros, a saber: o Dr. Maia offereceu um manuscripto tendo por objecto — As minas de ouro e prata que se acham nos dominios de Portugal, escripta no seculo passado. — O Sr. José Manoel do Rosario outro manuscripto com o titulo — Historia dos Indios Cavalleiros ou da nação Guayeurú, por Francisco Rodrigues do Prado, escripta em 1795 no pre-

sidio de Coimbra. — O Sr. José Lino de Moura, além de diversas obras impressas, offereceu tambem alguns manuscriptos.

Leu-se depois a proposta de um membro correspondente para o Instituto.

O Ex.mo Sr. presidente leu um importante trabalho geographico, tendo por titulo o seguinte programma : — Quaes são os limites naturaes, pactuados, e necessarios do Imperio do Brazil? — Sendo julgada do summo interesse esta memoria, e sua impressão quanto antes de absoluta necessidade na época actual, o Instituto foi de parecer que ella se imprimisse á sua custa, e que o 2º secretario, encarregando-se de sua impressão, a fizesse apparecer á luz o mais breve possivel.

O Ill.mo Sr. Conego Cunha Barboza fez leitura de um trabalho, no qual trata da seguinte questão, um dos pontos escolhidos, para entrar em discussão, a saber: — Se a introducção dos Africanos no Brazil serve de embaraço á civilisação dos Indios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuizo da lavoura brazileira, entregue exclusivamente a captivos.

O Ill. mo Sr. desembargador Pontes leu tambem um parecer da commissão de historia acerca da memoria do Ex.mo Sr. vis conde de S. Leopoldo, na qual trata de algumas sociedades litterarias do Brazil, existentes em tempos remotos. A commissão conclue pela utilidade da publicação desta memoria; o parecer ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte : e por estar a hora muito adiantada, ficou adiada a ordem do dia para a sessão proxima.

Antes de se encerrar a sessão, o 2º secretario propoz a urgencia de se nomear uma commissão *ad hoc*, afim de examinar e dar o seu parecer sobre a obra de Ferdinand Denis, publicada em 1837, tendo por titulo —Le Brésil—. Esta proposta foi acceita e foram nomeados pelo Sr. presidente os Srs. Drs. Justiniano José da Rocha e Firmino Rodrigues da Silva para fazerem parte desta commissão.

6ª SESSÃO EM 2 DE MARÇO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Fez-se leitura de cartas de diversas pessoas participando ter acceitado a nomeação de membros do Instituto, a saber : os Srs. Joaquim Floriano de Toledo, Patricio Antonio de Sepulveda Everard, Manoel da Cunha Azeredo Coutinho, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Bernardo Jacintho da Veiga e Dr. Belleza, a de membros correspondentes; e os Srs. Fr. José de Santa Eufrasia Peres e Domingos Magalhães, a de membros effectivos.

Obtendo depois a palavra o Ill.mo Sr. conego Cunha Barboza, fez a leitura da seguinte carta : « Srs. do Instituto Historico e Geographico do Brazil. — Cumpro um doloroso dever

communicando-vos que o vosso illustre consocio, e vice-presidente desta associação, o marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos, poucos dias antes de seu fallecimento e já desenganado de que não melhoraria da enfermidade que o levou á sepultura, me fez chamar, a seu leito, e me pediu que fosse o depositario dos seus sentimentos para os communicar na primeira occasião, tanto á Sociedade Auxiliadora, como ao Instituto Historico. Disse-me, pois, que agradecia a estimação e respeito que merecêra sempre de todos os seus socios, e que morria com o pezar de não haver contribuido bastante, como esperava, para a prosperidade e gloria de tão uteis associações; que deixava separadas, para serem entregues, as memorias que aqui recitára; e que terminava a sua vida formando os mais sinceros votos de um zeloso consocio pelo augmento e honra das duas associações a que pertencêra, e de cujos membros para sempre se despedia.»

Esta carta foi recitada e ouvida com profunda dôr.

Pedindo depois a palavra o Sr. Athaide Moncorvo, offereceu para a bibliotheca do Instituto a obra de Lery sobre o Brazil.

Foram propostas diversas pessoas para membros effectivos e correspondentes.

Foi depois approvado o parecer da commissão de historia sobre a memoria do Ex.mo Sr. presidente, que trata de algumas sociedades litterarias antigas do Brazil.

Entrou depois em discussão o parecer da mesma commissão sobre as épocas brazileiras; e depois de terem fallado os Srs. José Silvestre, Cunha Barboza, desembargador Pontes, Firmino e Dr. Maia, foi approvado o dito parecer com o additamento do Dr. Maia, para que elle voltasse de novo á commissão, para esta marcar tambem quaes sejam os outros factos importantes da historia do Brazil, intermediarios ás tres grandes épocas estabelecidas pela commissão.

7ª SESSÃO EM 16 DE MARÇO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Foi-se leitura de diversas cartas, a saber: do Ex.mo Sr. Gustavo Adolpho de Aguiar Pantoja e Candido Baptista de Oliveira acceitando a nomeação de membros effectivos; dos Ex.mos Srs. Paulino José Soares de Souza, Antonio Peregrino Maciel Monteiro e Joaquim José Rodrigues Torres, a de membros correspondentes.

O 2º secretario passou a informar ao instituto que a memoria do Ex.mo Sr. presidente sobre os limites do Brazil, cuja publicação lhe tinha sido encarregada, já se achava impressa, e se tinham distribuido 100 exemplares pelos socios e 200 se achavam na bibliotheca do Instituto, tendo-se posto á venda o resto.

Depois o Dr Maia offereceu diversos folhetos para a bibliotheca do Instituto, e o Sr. Athaide Moncorvo offereceu uma Memoria sobre os acontecimentos dos dias 21 e 22 de Abril de 1821 na praça do commercio desta cidade; e um catalogo das memorias que se acham na Secretaria dos negocios estrangeiros: estes trabalhos foram remettidos á commissão de historia.

Fizeram-se depois varias propostas para membros correspondentes.

O Ex.mo Sr. presidente communicou que tinha recebido uma carta do Ex.mo Sr. marquez de Itanhaem, na qual participava que S. M. I. tinha marcado o dia 19 pelas 10 horas da manhã afim de receber a deputação do Instituto, que tinha de ir apresentar-se a S. M. I. para pedir lhe, em nome da mesma associação, que acceitasse o titulo de seu protector.

Leu-se depois uma proposta de alguns Srs., afim de se encarregar uma commissão de apresentar uma memoria sobre os factos que deram logar á proclamação da independencia do Brazil: o que ficou sobre a mesa para entrar em discussão na sessão seguinte.

Tomando ainda a palavra o Ex.mo Sr. presidente, leu um trabalho seu, onde expunha as razões em que baseava a sua opinião sobre as epocas da historia brazileira; o que foi remettido á commissão de historia.

Por proposta do Ill.mo Sr. Cunha Barboza foi eleito por acclamação o Ex.mo Sr. Aureliano vice-presidente effectivo, na vaga deixada pelo sempre chorado socio o Sr. Cunha Mattos.

Ordem do dia — Entrando em discussão o ponto sobre a introducção dos Africanos no Brazil, o Sr. José Silvestre Rebello leu um pequeno trabalho, o qual foi remettido á commissão de historia.

Antes de se encerrar a sessão, foi nomeada uma commissão composta dos Srs. desembargador Gustavo e Dr. Pereira da Silva para darem seu parecer sobre a *Historia do Brazil* de John Armitage. Foi tambem tirada á sorte pelo socio mais moço a seguinte questão, para entrar na ordem do dia: «Quaes foram os primeiros introductores da canna, café, tabaco e outros vegetaes da nossa riqueza? Em que provincias foram primeiramente introduzidos, e em que eras.»

8ª SESSÃO (EXTRAORDINARIA) EM 23 DE MARÇO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Fez-se leitura das cartas do Ex.mo Sr. visconde de Bacpendy e do Sr. José Procopio de Castro, nas quaes participavam ao Instituto que acceitavam a nomeação de membros correspondentes.

O Ill.mo Sr. Cunha Barboza leu a seguinte carta: «Em uma das montanhas do littoral do Rio de Janeiro, ao sul da barra,

ha uma inscripção em caracteres phenicios, já muito destruidos pelo tempo, e que revelam grande antiguidade. Esta inscripção foi vista e observada por um conhecedor das linguas orientaes, e que ao vel-a concluiu que o Brazil tinha sido visitado por nações conhecedoras de navegação, e que aqui vieram antes dos Portuguezes. Elle me certificou que tinha dado conta desta descoberta ao governo de D. João VI, e que tinha copiado a inscripção do mesmo modo por que se acha feita.» Requereu, pois, o Sr. Cunha Barboza que o Instituto Historico, attenta a importancia desta noticia, peça com empenho aos nossos consocios officiaes de secretarias que se esforcem por descobrir nellas o relatorio desta descoberta, feito no reinado de D. João VI, e offerecido pelo mestre Fr. Custodio, professor de grego e versado nas linguas orientaes. — Esta carta foi remettida ao Sr. Paiva Guedes para fazer as indagações precisas para o descobrimento da memoria de que ella falla.

Fizeram-se varias propostas para socios correspondentes.

Os Ex.mos Srs. Ignacio Alves, Moncorvo e José Silvestre, offereceram algumas obras para a bibliotheca do Instituto.

Tomando depois a palavra o Ex.mo Sr. presidente deu conta ao Instituto da commissão que tinha ido ao paço imperial, lendo o seguinte: «No dia 19 de Março, á hora aprazada das 10 da manhã, apresentou-se a deputação no paço da quinta da Boa-Vista; e admittida á presença de S. M. I., recitou o presidente do Instituto, que tambem era da deputação, o seguinte discurso: — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro nos envia em deputação para render mui respeitosamente a V. M. I. os fóros do seu amor e da sua lealdade; apresentar-lhe os estatutos que o regem nas suas tarefas, e esto o primeiro, ainda que mal sazonado fructo. Tambem nos incumbiu de rogar humildemente a V. M. I. a graça vivificante do titulo de protector do seu Instituto. A protecção ás lettras é o mais valioso attributo e a joia mais preciosa da corôa dos principes; por ella se fizeram grandes Luiz XIV em França, e os Medicis na Italia, quando acolhiam as sciencias e artes, que escapavam das ruinas do imperio grego: mas, sem necessidade de mendigar modelos estranhos, bastará o do augusto pai de V. M. I., que dignando-se aceitar a presidencia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para que nem esse benefico predicado lhe faltasse, ia a este santuario da sabedoria repousar dos penosos cuidados da regencia, e das fadigas da guerra; de sorte que, si outro Ferreira alli vivesse, dissera delle o que cantou de um dos mais famosos avós de V. M. I., o Senhor D. Diniz, paz de reis, amor das gentes:

Edificou, venceu, poetou, leu.

S. M. I. se dignou responder — que agradecia e acceitava o titulo de protector do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — Depois, a deputação á sala em que se achavam SS. AA. as Princezas Imperiaes, e offerecendo-lhes o presidente do Instituto iguaes impressos, responderam SS. AA. II. que

certificasse ao Instituto que agradeciam a offerta. » O que tudo o Instituto ouviu com muita attenção, e recebeu com especial agrado.

Por estar a hora muito avançada, não se entrou na ordem do dia

---

MEMORIA

Sobre o eclipse do sol de 15 de Março do anno 1839, feita por Maximiano Antonio da Silva Leite, capitão de fragata da armada N. e I., lente de mathematica na Academia dos guardas marinhas em a côrte do Rio de Janeiro, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brazil: offerecida ao mesmo Instituto no 1º de Janeiro deste anno.

Coli enarrant gloriam Dei.

Até hoje não tem a geographia methodo mais seguro para determinar a differença de longitude de lugares distantes do que a observação completa, isto é, principio e fim de um eclipse qualquer do sol ou estrella; mas a dos *totaes*, acontecidos em grandes alturas sobre o horizonte, e dos *annulares* perto delle, tem interesse especial, porque unem tambem a vantagem de se poderem eliminar algumas duvidas que ainda existem sobre certos pontos d'astronomia physica, a *inflexão* e *irradiação*, que parecem fazer variar, ainda que pouco, os diametros apparentes do sol e da lua, e por conseguinte alterar os instantes do principios e fim, dados pelo calculo.

Além disto, o espectaculo dos *totaes* tem alguma cousa de singular. O celebre Clavius, que presenciou um em Coimbra, em Portugal no anno de 1560, diz: « O escuro era, por assim dizer, maior e mais sensivel que o da noite; não se via aondo pôr os pés, e as aves cahiam em terra, attonitas com tão subita obscuridade.» Em um mesmo logar da terra passam-se muitos seculos sem se ver um eclipse total do sol, de sorte que o astronomo inglez Halley, no principio do seculo passado, tomou o penivel trabalho de calcular os que tinham sido visiveis em Londres nos precedentes, e resultou que não se tinha visto algum naquella cidade desde o anno 1140 até 1715, isto é, no espaço de 575 annos.

Neste anno de 1839, em 15 de Março, teremos em todo o Brazil o espectaculo do eclipse do sol, de quasi todas as grandezas. *Total e central* em varias partes do interior, particularmente nas provincias de S. Paulo, Minas, Espirito Santo, Bahia e Pernambuco. Em todo o seu littoral será parcial, posto que d e notavel grandeza. Apresento aqui o principio e fim, em *tempo médio* de cada logar, e a grandeza em *digitos* (o diametro

do sol divide-se em doze partes, que se chamam digitos) para os principaes portos. Observados, servirão a rectificar as suas longitudes.

	Principio	Fim	Grandeza em digitos
	h. m. s.	h. m. s.	
Rio Grande. . . .	8 49 28 manhãa	10 41 32 manhãa	9.5263 Sul
Porto de Santos .	8 49 25	11 24 40	11.3138
Rio de Janeiro . .	9 8 44	11 45 57	10.9384
Porto Seguro. . .	9 37 7	0 21 17 tarde	11.9333
Bahia.	9 45 5	0 31 13	11.7913
Pernambuco . . .	10 13 54	1 2 26	11.4582
Maranhão.	9 37 41	0 12 1	7.2493
Pará	9 20 1	11 42 55 manhãa	5.8059

A entrada em todos se deve esperar pela parte superior do disco do sol, á direita do ponto mais alto; e em as lunetas, pela parte inferior, á esquerda do ponto mais baixo. Para o Rio de Janeiro o angulo central é de seis gráos; assim nas lunetas a entrada será mui perto do ponto mais baixo á esquerda.

Pelo mappa se vê que Porto Seguro é o que tem maior eclipse, e lhe falta para ser *total* $\frac{1}{181}$ do diametro do sol, que neste dia é de 32' 11" 2. Ora, nestas circumstancias foi o de 23 de Setembro do anno 1699, visto em Gripswald, na Pomerania, ao qual faltou $\frac{1}{180}$ para ser total; e o diametro apparente do sol era de 31' 56" 6, conforme as taboas modernas; e segundo refere a *Historia d'Academia das Sciencias de Paris* (anno 1700), o escuro foi tão grande que não se podia ler, nem escrever; viam-se Venus e Mercurio, e as estrellas Regulus e Virgo. Assim em Porto Seguro, no instante de menor claridade (que ha de ser ás 10 h. 57 m. 47 s. da manhãa) se devem ver Venus e Mercurio, e as estrellas de primeira grandeza Piscis australis, Eridanus, todas ao oriente do meridiano; e Lyra, Aquila, Cygnus, e o planeta Saturno ao occidente: e ainda algumas de segunda grandeza das constellações Andromeda, Pégasus, Aries, Cetus, e Pavo.

O do Rio de Janeiro está quasi nas circumstancias daquelle que aconteceu no anno 1703, visto em Paris, que foi de 10.9667 digitos, isto é, faltou-lhe quasi a duodecima parte do diametro do sol para ser coberta pela lua. Deste se refere na mesma historia (anno 1706) que a luz restante do sol era de uma pallidez espantosa e lugubre; sem embargo, todos os objectos se distinguiam com a mesma facilidade que nos dias claros.

Emquanto aos *totaes*, procurei alguns logares do interior, proximos do littoral, e achei quatro ao noroeste de Porto Seguro, nos quaes se verá o eclipse *total* e *central*. Eis aqui as suas posições geographicas, como tambem os rumos a seguir,

e as distancias em leguas que deve caminhar aquelle que se propuzer á jornada por terra de Porto Seguro para cada um delles.

Latitudes. Sul.			Longitudes. Oeste.			Rumos. Noroeste.		Dist. em leguas
16º	19'	16"	40º	15'	4"	83	25'	22 2/5
16	2	27	39	57	15	65	2	19 1/3
15	46	27	39	38	50	40	8	19 3/5
15	39	10	39	20	39	16	17	19 2/3

No ultimo destes logares a duração das trevas será de 3 m. 55 s., isto é, de quasi quatro minutos. Este eclipse póde servir a determinar as longitudes dos logares principaes do interior do Brazil, de que não ha idéa alguma.

Advirto que todos estes annuncios são o resultado de calculos rigorosos, tendo empregado as parallaxes em asc. recta, a distancias apparentes ao pólo do equador, e confirmando depois pelo methodo do nonagesimo. O *achatamento* da terra $= \frac{1}{300}$; o movimento horario da lua sempre variavel; e todos os elementos pertencem ás taboas pelas quaes se fez o *Almanak Inglez* deste anno; e emfim não tive conta com a *inflexão* e *irradiação*.

As posições geographicas de todos os portos acima mencionados, excepto a do Rio, foram extrahidas das *Tables Requisites* (inglezas) do anno 1836. Eis aqui taes quaes se acham:

Rio Grande (porto de S. Pedro) Lat.	32º	9'	00" S.	Long.	52º	3'	00" O.	
Porto de Santos	24	1	11		46	30	15	
Porto Seguro	16	26	50		39	1	18	
Bahia	13	0	11		38	31	30	
Pernambuco	8	4	7		34	52	44	
Maranhão (S. Luiz)	2	30	44		44	16	9	
Pará	1	28	0		48	35	0	

Para o Rio sirvo-me da lat. 22º 54' 2", e da long. 2 h. 52 m. 14 s., tendo sido este determinado por uma observação completa do eclipse do sol de 16 de junho de 1825, que observei no Castello desta cidade, e o resultado foi publicado em o *Diario Fluminense* de 25 do mesmo mez e anno, tendo annunciado o acontecimento do phenomeno em o dia 21 de Maio precedente.

Finalmente, no eclipse actual nota-se que não obstante o Maranhão e Pará estarem mais a oeste do que todos os portos situados desde o Rio de Janeiro até Pernambuco, comtudo vêem começal-o mais tarde, como facilmente se entende. Mas não seria tão facil para aquelles mesmos logares (que estão ambos ao sul do equador, e igualmente a lua fica ao sul de seus zeniths no principio do eclipse) discernir si é diverso o effeito da parallaxe sobre a distancia da lua ao equador. No Maranhão o angulo paralactico oriental é obtuso no principio, e no Pará agudo; donde resulta que no primeiro cahe a parte inferior do vertical fóra do parallelo da lua, e no segundo cahe dentro;

um dirige-se ao norte, e outro ao sul, e deste modo diminue a distancia no Maranhão, e augmenta-a no Pará. Demais, si no Maranhão o fim do eclipse, em logar de acontecer nas vizinhanças do zenith ao norte, houvesse de acontecer ao sul, a parallaxe produziria então o effeito contrario, augmentava a distancia. Ora, nenhuma guia para distinguir estes casos nos dá a analyse da fórmula da parallaxe em declinação, e o mesmo digo sobre a de latitude, quando referi o astro á ecliptica; consequentemente, em o *calculo* dos eclipses para a zona torrida, afim de evitar equivocos, parece mais prudente usar das formulas que dão as distancias apparentes aos pólos do equador ou ecliptica, ou empregar outros methodos, e jamais os das parallaxes em declinação e latitude. Rio de Janeiro, 1º de Janeiro de 1839.

Maximiano Antonio da Silva Leite.

NECROLOGIA

O Instituto Historico e Geographico do Brazil soffreu uma grande perda pela morte do seu digno vice-presidente, na secção de geographia, o Ill.mo marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos, vogal do conselho supremo militar, official da ordem imperial do Cruzeiro, commendador na de São Bento de Aviz, ex-deputado de duas legislaturas do Imperio, socio correspondente do Instituto Historico de França, da Sociedade Real Bourbonica e da Academia Real das Sciencias de Napoles, secretario perpetuo da Auxiliadora da Industria Nacional, e um dos fundadores do Instituto Historico do Brazil. A morte, que tão prematuramente o arrebatou dos braços de sua familia, dos seus amigos, e dos seus consocios litterarios, não poderá offuscar os titulos de gloria por elle adquiridos com immensos trabalhos, que levárão o seu nome á lista dos nossos mais distinctos e activos litteratos.

Lançados os fundamentos do Instituto, que enriquecêra nos tres primeiros mezes de sua existencia, e ultimos de sua vida, com diversas memorias, em que se manifesta a sua vastissima erudição, elle preparava um thesouro, em que seriam depositados, para conhecimento do mundo, os meritos dos cidadãos esclarecidos por suas lettras e serviços, que com elle tem direito á veneração do Brazil. Mal pensavamos nós que na mesma *Revista*, em que damos a noticia abreviada da installação deste Instituto, teriamos de dar a noticia da infausta morte de um de seus fundadores; cumprindo assim um rigoroso dever da nossa associação, e pagando ao mesmo tempo a divida de gratidão contrahida para com sua memoria. Seu nome fica portanto consignado em nossas actas, recommendando á veneração dos

Brazileiros, como o de um distincto militar, escriptor erudito e honrado cidadão.

Nascido na cidade de Faro (reino do Algarve em Portugal) em 2 de Novembro de 1776, de Alexandre Manoel da Cunha Mattos e de D. Isabel Theodora Cecilia de Oliveira, e feitos ahi os seus primeiros estudos, sentou praça voluntariamente, aos 14 annos de sua idade, na companhia de artifices do regimento de artilharia desse reino; e pouco depois, tambem voluntariamente, se offereceu para a campanha do Roussillon, marchando como cabo d'esquadra. O joven Cunha Mattos teve então um feliz ensejo de se distinguir heroicamente, defendendo elle só com a sua espada uma peça abandonada por seus camaradas, e por seu valor deu tempo a não ser tomada pelo inimigo. Seu nome foi por isto honrosamente consignado na ordem do dia; e a patria deu a devida consideração a este joven militar, que lhe havia consagrado brilhantemente as primicias do seu sangue.

Apenas recolhido desta campanha, o joven Cunha Mattos, sofrego de trabalhos, e incommodado no remanso da paz, procurou embarcar como furriel de artilharia de marinha para as ilhas de S. Thomé e Principe, onde o seu governador, conhecendo e apreciando o seu prestimo, o aproveitou logo, dando-lhe o commando da fortaleza de S. Sebastião da Barra de São Thomé, com a graduação de capitão. Exercida esta commissão por quasi nove annos, entrou o Sr. Cunha Mattos na effectividade do posto de 1° tenente de artilharia, a que o governo geral o promovera. Em 1806 teve o encargo de ajudante de ordens do governo daquellas ilhas; e em 1811, sendo já major, foi nomeado provedor da fazenda e feitor da alfandega de São Thomé.

Regressou com licença a esta côrte em 1814, e d'aqui voltou no posto de tenente-coronel graduado, conferindo-se-lhe interinamente o governo daquella ilha. Passou de novo a tomar posse do commando da fortaleza de S. Sebastião, durante o qual foi promovido até coronel effectivo, e por fim teve a nomeação de inspector do trem de Pernambuco.

Cumpre lembrar, em honra deste instruido e activissimo official, que em todas as suas diversas e laboriosas commissões se portou sempre com a maior inteireza e rigor da disciplina, prestando grandes serviços, e honrando os postos, que só por estes adquirira. Superior aos maiores trabalhos, e dotado de uma robustez incomparavel, o Sr. Cunha Mattos parecia dever levar seus dias muito além do termo que a Providencia lhe marcára. Em mais de vinte annos que viveu nas plagas occidentaes da Africa, tão perigosas para os nascidos em outros paizes, elle não soffreu o mais pequeno incommodo em sua saude, ao mesmo tempo que se não poupava no desempenho de seus deveres. Repartindo o seu tempo entre as commissões de que era encarregado e a investigação da historia e geographia das terras que pisava, enriqueceu o seu espirito de muitas observações e interessantes noticias, examinando por si mesmo

os archivos e cartorios, escrevendo o que encontrava digno de memoria, e accumulando infinitos documentos preciosos, tanto sobre as cousas da Africa, como sobre as de Portugal e Brazil. Quando os possuidores de seus grandes trabalhos litterarios consentirem que appareçam á luz publica escriptos tão importantes, conhecerá o mundo que o Sr. Cunha Mattos sempre curára de illustrar a sua profissão pela gloria das lettras, que a tornam muito mais respeitavel.

Achando-se nesta côrte no anno de 1817 fez parte da expedição que marchou a Pernambuco, commandada por Luiz do Rego Barreto ; e em 1818 foi alli incumbido de organisar a primeira brigada de milicias, composta de todas as armas ; e logo depois do recrutamento, instrucção dos recrutas, e distribuição, delles pelos corpos. Foi tambem nomeado inspector de artilharia, incumbido de organisar as baterias, de formar o corpo de artilharia de posição, passando immediatamente a ser commandante geral desta arma em toda a provincia.

Por decreto de 25 de Julho de 1819 foi elevado o Sr. Cunha Mattos ao cargo de vice-inspector do arsenal do exercito na côrte, sendo tambem deputado da junta da fazenda do mesmo arsenal ; e no anno de 1822 serviu de deputado da commissão do arsenal creada por decreto de 12 de Março do mesmo anno. D'aqui passou, em Fevereiro de 1823, a commandar as armas na provincia de Goyaz, donde regressou em 1826 para representar essa provincia na camara dos deputados, e foi elevado a brigadeiro. Marchou logo depois para a provincia do Rio Grande, á requisição do tenente general commandante em chefe do exercito do Sul, marquez de Barbacena ; e em 1831 foi nomeado inspector do arsenal de guerra na côrte, do qual emprego passou á Europa, com licença, onde se demorou dous annos.

Voltando d'ahi, teve a nomeação de commandante da academia militar, cujos estatutos ficando sem effeito, retirou-se o Sr. Cunha Mattos, mas foi logo despachado vogal do supremo conselho militar e de justiça, sendo promovido em Setembro de 1835 ao posto de marechal de campo graduado.

O Sr. Cunha Mattos havia já publicado varias obras, em que se manifestam a vastidão de seus conhecimentos e o seu afinco aos mais incommodos trabalhos litterarios. Servem de prova a este asserto o seu *Repertorio das Leis militares*, que tem servido de grande auxilio ás consultas do supremo conselho militar de justiça ; e assim tambem o seu *Projecto de Ordenanças militares*, no qual se mostra que elle estava em dia com tudo o que se tem decretado sobre essa materia em as nações mais cultas. Além destas duas obras, elle publicou tambem um diario do sitio da cidade do Porto defendida pelo ex-imperador D. Pedro I, como testemunha ocular dos gloriosos feitos dos liberaes Portuguezes, achando-se alli em virtude da licença de que já fallámos. Publicou tambem a sua viagem desta côrte á provincia de Goyaz, na qual se encontram interessantes noticias, de que muito se podem aproveitar os que

trilharem essa difficultosa estrada. Acham-se no *Auxiliador da Industria Nacional* os seus relatorios e memorias recitadas por elle nas sessões annuaes, como seu secretario ; e o Instituto Historico do Brazil conta recolher a seus archivos e abrilhantar a sua *Revista* com as memorias que elle lhe consagrára sobre a navegação dos antigos e modernos, sobre os mais antigos mappas geographicos que se tem publicado, sobre as épocas mais gloriosas do Brazil, e sobre as suas primeiras divisões em donatarias. A estas obras e lucubrações do incansavel e erudito Cunha Mattos devem os Brazileiros juntar o desejo de ver tambem publicadas outras obras da sua penna, de que temos noticia, como sejam — Illustrações sobre a historia das descobertas portuguezas na costa d'Africa ; Corographia da provincia de Minas Geraes, etc.

O Sr. Cunha Mattos teve a fortuna de possuir uma esposa amante das lettras, e que por isso não consentirá que a gloria de seu nome se diminua pelo esquecimento de muito de seus preciosos trabalhos. Consentindo em sua publicação a Ill.ma Sra. D. Maria Venancia de Fontes Pereira de Mello, dará memoria da finada sua filha, a joven D. Gracia Ermelinda da Cunha Mattos, que em tão verdes annos acompanhára a seu pai no amor das lettras, servindo-lhe de secretaria nos trabalhos de seu gabinete, e cuja morte prematura amargurou de tal sorte o seu coração, que lhe não sobreviveu um anno. Si é dever de uma esposa ornada de tão bellas qualidades, como é a do Sr. marechal Cunha Mattos, o honrar a memoria de seu primo e marido pela publicação de seus interessantes escriptos, é tambem dever de seus amigos e consocios no Instituto Historico do Brazil, para cuja fundação elle tão efficazmente concorrêra, lembrar-lhe o cumprimento dessa divida sagrada, repetindo-lhe as palavras de M. Rémusat, a respeito de um sábio e activo cidadão de França: *Notre histoire si courte a déjà ses enseignemens. Dans les hommes qui nous ont précédés, cherchons des exemples pour notre avenir ; puisons notre sagesse à la leur, et dérobons leur experience. C'est récompenser leur dévouement, que de les imiter. Ils nous tout confié, leur ouvrage et leur gloire ; n'en laissons rien périr. Les nations s'instruisent par leurs souvenirs et s'honorent par leur fidélité.*

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

TOMO I — 2º TRIMESTRE DE 1839 — N. 2

PROGRAMMA HISTORICO

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro é o representante das idéas de illustração, que em differentes épocas se manifestaram em o nosso continente.

Verser l'instruction sur la tête du peuple,
Vous lui devez ce baptême.

CHATEAUBRIANO

Um philosopho dos mais celebres entre os modernos, M. Cousin, dictava em uma das lições aos seus numerosos discipulos: «Dai-me a carta de um paiz, sua configuração, seu clima, suas aguas, seus ventos, e toda sua geographia physica; informai-me de suas producções naturaes, de sua flora, de sua zoologia, etc.; e eu me comprometto a dizer-vos *á priori* qual será o homem deste paiz, e que logar gozará na historia, não accidentalmente, mas necessariamente; não em tal época, mas em todas; emfim, a idéa que este paiz é chamado a representar. (*)»

O Brazil debaixo de um céo benigno e ameno; empolada a terra de cordilheiras, de montes de conformação variada, ora coroados de picos escalvados, que rompem as nuvens, ora acapellados de mattas cerradas, jorrando de seu seio estrondosas cascatas; constrasta este terrivel magestoso com a macia verdura dos valles cultivados; mesmo em nossas provincias de planicies, os campos dobrados representam as ondas do oceano de repente paradas: aqui tudo ri ou assusta; tanta variedade de vistas e sensações desperta e interrompe tediosa monotonia. Collocado o Brazil no ponto geographico o mais vantajoso para o commercio do Universo, com portos bonissimos sobre o oceano grandes lagos, ou mais antes, mediterraneos; rios navegaveis ou com proporções de o serem, por centenas de leguas; a agricultura e a industria em emulação, attrahirão o concurso as

(*) *Cours de Philosophie* — Paris, 1828.

nações cultas e polidas, que a par dos lucros do commercio nos trarão civilisação; o estrangeiro, avido de sciencias, virá neste sólo virgem estudar a natureza, e embeber-se de inspirações, com preferencia a essas romagens, que se nos referem, á Suissa, só com o fito de alimentar a vida intima e intellectual ao aspecto dos despenhadeiros dos Alpes: vulgares invejosos não viram os nossos jovens mais que uma ephemera imaginação ardente, influxo do clima, quando nada menos era que os vislumbres rapidos e frizantes do talento; tudo, emfim, presagia que o Brazil é distinado a ser, não accidentalmente, mas, de necessidade, um centro de luzes e civilisação, e o arbitro da politica do Novo Mundo. Havia a metropole receiado as consequencias; traçou portanto, plano de repressão ou desenvolvimento dessas geniaes faculdades: principios, idéas, instituições antisociaes, suffocadoras de qualquer progresso, predominavam; *mandar despotico, e obedecer cegamente*: eis o eixo do nosso governo colonial; apenas a superioridade em illustração ou em cabedaes era presentida, que logo chamada para fundir-se no turbilhão da côrte. Embalde: o espirito humano está em marcha, sua perfectibilidade é indefinida, não tem outro termo mais que a duração do globo; e si alguma vez, segundo o pensamento sublime de Goethe, parece recuar, é para mais avançar em espiritual.

No meio da caliginosa e abafada atmosphera lampejada a intervallos o genio brazileiro; distinguem-se individuos, associações scientificas se formam, que acreditariam a nações mais adiantadas em civilisação: alli, em Alexandre de Gusmão, que por incuria dos tempos escassamente é conhecido por algumas cartas expedidas do gabinete de D. João V de Portugal, porém, que para ser hoje admirado a par do márquez do Pombal (não se me trate de exagerado, em tempo o demonstrarei) só lhe faltou haver nascido além do Atlantico, ser elevado a dignidade social competente para gyrar em orbita propria, e ser sustentado por mão firme em meio de uma côrte eivada de preconceitos: Gusmão foi dotado de vistas mais vastas, de mais variados conhecimentos nas sciencias; com vôo d'aguia remontou-se a esphera em que brilhava Newton, bebeu-lhe as luzes, e analysou-lhe o systema em tres livros que deixou (*); juiz-perito consummado, destro diplomata, conseguiu por sete annos de negociações com Roma, o assento da mais requintada politica, difficeis referencias; e incumbido foi de missões arduas e espinhosas a diversas côrtes da Europa; o Brazil lhe deve em especial o plano e direcção do mais vantajosa tratado de limites, e de 1750; e o methodo menos vexatorio da precepção do quinto do ouro em Minas Geraes; realçava ainda tão grave e extraordinario saber com os dons e graças encantadoras da musica e da poesia: aqui o padre Prudencio do

---

(*) Deste precioso espirito faz menção Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* — titulo Alexandre de Gusmão.

Amaral cantou as Georgicas Brazileiras em versos dignos de Virgilio. (*)

Relevai, Senhores; a impulsos do patriotismo soltou-se meu pensamento; eu vou trazel-o ao rumo; e reservando para outro ensejo a noticia das nossas notabilidades, cingir-me-hei ao sujeito proposto — as associações litterarias no Brazil.

Auspicou, logo que instituida, copiosissimos fructos a *Sociedade Brazileira dos Academicos Renascidos*, destinada a escrever a historia universal da America Portugueza, installada na cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos, com os estatutos publicados na sua primeira sessão, em 6 de junho de 1759, os quaes trasladei fielmente de uma cópia authentica, que se conserva na Bibliotheca publica desta capital, e cuja cópia acompanha a presente dissertação, para ser guardada no archivo do nosso Instituto, como monumento historico. (**)

Deu-se por motivo ou pretexto para ella o erigir um perpetuo padrão da alegria, que sentiram os habitantes daquella cidade, pela noticia do perfeito restabelecimento de Sua Magestade Fidelissima, depois da perigosa enfermidade, e do seu affecto á real pessoa. (***) Compunha-se de quarenta academicos do numero, e de setenta e seis supranumerarios, e seus nomes constam de dous catalogos alphabeticos, juntos aos estatutos. Tomou por empreza a ave Phenix fitando os olhos no sol, com esta letra — *multiplicabo dies*, representando-se varias aves da America e da Europa em seguimento da Phenix, com as seguintes palavras de Claudiano:

«Conveniant aquilæ, cunctoque ex orbe volucres,
Ut solis comitentur avem.»

O sello de que usava em seus despachos, cartas e diplomas, representava a mesmo Phenix abrazando-se em chammas, com esta letra — Ut vivam —, e na circumferencia este titulo — «Acad. Braz. dos Renascidos.»

Annexei em n. 2, para tambem depositar-se em nosso archivo, a compilação dos progammas ou assumptos para as dissertações; e os quaes foram distribuidos por diversas secções dos seus membros, eleitos em assembléa geral.

Bem receiavam os cultores da mimosa planta academica os rijos furacões do aquilão; em vão a puzeram ao abrigo da pro-

---

(*) O padre Prudencio do Amaral, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em o anno de 1675; em 20 d. julho 1690 entrou para a companhia de Jesus. Leu humanidades no Seminario de Belém nas quaes se mostrou insigne. Compoz, entr'outras obras *De Opificio sacharo*, na qual descreve o fabrico do assucar em versos heroico, elegante, e alguns delles imitativos.

(**) Na Bibliotheca publica, gabinete de MS., N. 225, caixa 9.

(***) Expendem-se esses motivos na introducção aos estatutos supramencionados.

tecção do rei, e invocaram os beneficos influxos do secretario de Estado, proclamado seu Mecenas; dado que em terreno fertil e proprio, definhando ao sopro abrazador do systema colonial, murchou, morreu.

Outra Academia a havia precedido, da qual nos guardou memoria escriptor coevo (*); erigiu-se nessa mesma capital pelos annos de 1724, favoneada pelo vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, doutissima sociedade como titulo de *Academia Brasilica dos Esquecidos*; e dos seus exercicios, que tinham logar no proprio palacio do governo, surdiram interessantes producções: por fatalidade foram perdidas irreparavelmente, por não se haverem deixado cópias, no incendio da náo *Santa Rosa*, em a qual a collecção era remettida para Lisboa afim de imprimir-se. (**)

Em perfeita harmonia faziam echo engenhos não menos distinctos, na Academia que se ostentava na cidade do Rio de Janeiro com o titulo de — Felizes — : dos seus certames e assumptos litterarios apenas nos chegaram incompletos fragmentos, e escassa noção da sua organisação. Sabemos todavia, de boa origem (***) que fôra instituida a 6 de Maio de 1736 no palacio dos governadores, e que se compunha de trinta academicos. Tinha por empreza Hercules com a clava afugentando o ocio, com esta letra: *Ignavia fuganda et fugienda* — Soffreu por fim fado igual ao daquella de que acima tratamos.

Rastejando vestigios de suas funcções, daparei com algumas memorias no gosto e estylo daquelles tempos, recitadas em suas reuniões por um seu mais abalisado e laborioso membro, o Dr. Matheus Saraiva, physico-mór do presidio do Rio de Janeiro, medico da camara, e cirurgião-mór da mesma capitania.

E' a 1.ª — *America Portugueza mais illustrada que outro algum Dominio deste Continente Americano.* (****) Dividiu-a em duas partes: na primeira pretendeu mostrar que a pregação do Evangelho neste paiz data do seculo primeiro da edade de Christo, produzindo nesse intento textos e passagens da Escriptura e da historia ecclesiastica, decifrando engenhosamente varias inscripções, que se tem descoberto pelos sertões; o mais memoravel a de tres cruzes, com outras mais figuras, que parecem mysteriosas, symbolicas e hyeroglyphicas, as quaes refere haverem-se encontrado no districto de Minas Geraes, esculpidas em uma pedra na eminencia da Serra *Itaquatidra*, assim

---

(*) *Historia da America Portugueza* por Sebastião da Rocha Pitta. Lisboa, 1730. No Liv. 10 in fine.

(**) Deste funesto desastre faz menção o art. 31 § 6º dos Estatutos da Academia dos Renascidos.

(***) Barbosa, *Biblioth. Lusit.* Tom. 3.º pag. 451 — Art. Matheus Saraiva.

(****) Biblioth. Publ. do Rio de Janeiro — Gabinete de MS. Ns. 46 e 47, caixa 4.

chamada da mesma pedra, porque *Ita-quatiára* na lingua geral dos Indios, val o mesmo que *pedra lavrada* ou *riscada*. Serão estes os mesmos monumentos, que recentemente um dos nossos socios naquella provincia denunciou a este Instituto Historico, o qual, com o zelo que o caracterisa tem providenciado efficazes investigações, neste e n'outros lugares, igualmente indicados, à custa dos maiores sacrificios? verificando-se, que vasto campo para conjecturas! Até este momento ainda não se colheram resultados.

Na segunda parte versa a dissertação sobre *a historia natural, clima, e temperamento, por empenho de todos os quatro elementos salutifero, etc., etc.*

2.ª *Polianthea Brazilica, medico-historica, dirigida ao conhecimento das doenças endemicas e epidemicas do pais, clima Americano, com remedios proprios do mesmo, descobertos e adquiridos á força de experiencia e observação judiciosa, e de particular estudo e reflexão.*

3.ª Discurso ascetico-medico-critico — *Qual das virtudes moraes politicas seja mais preciosa a Prudencia ou a Temperança?* — O auctor decidiu-se pela Temperança.

4.ª *Oração Academica Panegyrica á chegada do governador e capitão general Gomes Freire de Andrada em cinco dias desde a provincia de Minas Geraes ao Rio de Janeiro; na occasião em que os Academicos Felizes dissertaram no seu palacio sobre as virtudes de um heróe portuguez.*

Já o competidor dos elogios *Jubilos da America* no prologo amenta que o Dr. Saraiva não tivesse tempo e paciencia para polir e dar a ultima mão ás suas obras, de muitas das quaes faz menção Barbosa na *Bibliot. Lusit* no já citado tom. 3.º: eu as examinei (algumas do seu proprio punho) na Blibliot. Publ. desta cidade, gabinete de MS.; pena é que o A. não desenvolvesse os assumptos de certas, tão uteis á causa da humanidade; a mór parte destes escriptos pareceram-me antes primeiros traços e simples bosquejos para um trabalho, que tinha ainda de coordenar-se.

Sobre todas as que illustraram esse remotos tempos, nenhuma comprehendeu e exprimiu tão bem as necessidades do Brazil como a Academia, que debaixo dos auspicios do vice-rei Marquez de Lavradio, e a sollicitações do seu medico o Dr. José Henriques Ferreira, se instituiu no Rio de Janeiro.(*) Tinha por objecto tratar nas suas conferencias assumptos de historia natural, de physica, chimica, agricultura, de medicina, de cirurgia, e de pharmacia; em summa, de tudo quanto fosse de interesse geral do Brasil. Os primeiros socios, que formaram logo o nodo ou

(*) Vid. O *Patriota*, jornal litterario, politico, mercantil, do Rio de Janeiro—Liv. 3.º Rio de Janeiro, 1814. No summario da historia do descobrimento da cochonilha no Brazil, e das observações, que sobre ella fez no Rio de Janeiro o Dr. José Henriques Ferreira, medico do vice-rei o Marquez de Lavradio.

fundamento, foram o já mencionado José Henriques Ferreira e os medicos, Gonçalves José Muzi, Antoni Freire Ribeiro; os cirurgiões Mauricio da Costa, Hilelfonso José da Costa Abreu, Antonio Mestre, Luiz Borges Salgado; os boticarios Antonio Ribeiro de Paiva e Manoel Joaquim Henriques de Paiva; e o agricultor pratico Antonio José Castrioto: posteriormente foram associando-se outros tantos nacionaes, como estrangeiros. Abriu correspondencia com a Academia Real das sciencias da Suecia pelo seu secretario Pedro Wargentin, e pelo Dr. Pedro Jonas Bergius.

Celebrou sua primeira sessão publica no dia 18 de Fevereiro de 1772, no palacio do governo desta capital, com assistencia do vice-rei e de numeroso concurso de pessoas distinctas. O presidente della o Dr. José Henriques Ferreira recitou um eloquente e erudito discurso sobre o objecto da Academia e sua utilidade; o director da classe de cirurgia Mauricio da Costa recitou outro sobre a academia e a cirurgia; e o director da historia natural Antonio Ribeiro de Paiva outro sobre todos os ramos desta vastissima sciencia, e em particular sobre o da botanica, e do proveito que no Brasil se poderia tirar de cultivar o estudo della; o director da classe de physica, de chimica, de pharmacia e de agricultura, Manoel Joaquim Henriques de Paiva, recitou uma dissertação acerca destas sciencias, mórmente da pharmacia; por fim o secretario Luiz Borges Salgado leu os estatutos, em que todos os socios haviam concordado para regimen da sociedade.

Tinha esta Academia um horto denominado *Botanico*, na cerca do collegio dos extinctos jesuitas, o qual servia de hospital militar, de cujo horto era inspector o socio Antonio José Castrioto. Reuniam-se os socios todas as semanas, e nas suas sessões tratavam-se de diversos assumptos scientificos: colheram-se dellas fructos utilissimos, e foi em uma das suas sessões que o director da classe de cirurgia denunciou e expoz que viajando pela campanha do S. Pedro do Rio Grande do Sul, um Hespanhol, que o acompanhava, o qual residira no Mexico, lhe fizera observar os bichinhos da cochonilha sobre as grossas folhas da Urumbeba (Cactus opuntia): foi escutado com admiração e enthusiasmo, expediram-se ordens para aquella provincia para preparar-se porção desses insectos, e remettidos pelo vice-rei para Lisboa, houve em resposta que pelas experiencias se achava ser tão boa como a fina da America Hespanhola. Com identico empenho se promoveu a propagação do bicho da seda, alimentado com as folhas da *Tataiba* (Morus tinctoria), e de que resultou seda de boa qualidade; remetteram-se para aquelle continente doze caixotes com plantas de amoreiras para se repartirem pelas pessoas mais curiosas, recommendando-se que logo que houvesse folha sufficiente, se lhes remettiria a semente do bicho da seda.(*) Por alheio deste

---

(*) Consultem-se na provincia de S. Pedro, no archivo da extincta provedoria da fazenda, no liv. 5.º do Reg. ger. a fl. 31, o officio

logar deixo de explorar o feliz desenvolvimento d'estas duas ricas producções, e animação pelo prompto pagamento de quanto se apresentava, quando sordida ambição e a fraude de alguns particulares, que falsificavam a cochonilha, a fez cahir em discredito e depreciação.

Esta associação veio a extinguir-se passados annos: felizmente é da indole de taes corporações scientificas sobreviverem pelo gosto que souberam formar e diffundir, e pelo impulso de illustração dados ás idéas e propensões, que dura ainda quando ella já não existem; similhantes a esses astros luminosos, que deixam longo clarão, mesmo depois de desapparecerem do horizonte sensivel ou visual.

Como um dos effeitos d'essa influencia transcendental considero a *Flora Fluminense* de Fr. José Mariano da Conceição Velloso, religioso Franciscano, natural da provincia de Minas Geraes: não faltou quem navalhasse com acres censuras o merito desta collecção; defeitos são inherentes ás obras humanas; todavia não eclipsaram o grande quinhão de gloria que cabe áquelle, que independente de preparatorios escolares, levado só pelas inspirações do genio, levantou á patria monumento de plantas e flores, nem por isso menos perduravel que os de bronze (*), na collecção de 1.640 plantas, em doze volumes, classificadas segundo o systema de Linneo, então o mais em voga; dedicando a tão ardua e laboriosa empreza vinte cinco annos, embrenhado por desertos, que em razão da sua situação tropical e da variedade dos lugares offereciam abundante colheita de vegetaes, tão notaveis pela belleza, coma pela diversidade de suas fórmas. Honra ao talento do varão Brazileiro, a quem toca louvor distincto nos fastos da patria, e que de certo é ornamento da ordem religiosa da qual foi perfeito observante!

Apezar dos erros inevitaveis nos primeiros ensaios em uma sciencia, que vai em progresso, vê-se consultada esta collecção por sabios botanicos de todas as nações, como ainda hoje o são Rheede, Rumph, e outras antigas publicações, Mr. Knecht acaba de prestar um serviço importantissimo, fazendo coordenar pelas suas diligencias um *Index Methodicus Iconorum Florae Fluminensis* dando á luz uma lista alphabetica das 1,640 plantas, que ella contém, afim de poder-se mais facilmente achar, e ajuntar á enumeração das plantas dispostas por familias naturaes, com indicações que ão cla-

---

do vice-rei do Estado do Brazil, datado de 9 de Outubro de 1781: e sobre a plantação das amoreiras e creação dos bichos da seda, o mesmo liv. a f. 6, provisão da Junta da fazenda do Rio de Janeiro, datada de 3 Outubro de 1750.

(*) Da perpetuidade dos monumentos d'esta natureza já disse Horacio:

«Exegi monumentum ere perennius
Non omnis moriar, etc.»

Liv. 3.º Ode 30.

reza sobre sua determinação botanica, e as relacionam com os trabalhos e descobertas as mais recentes.

Longe estou de enumerar na ordem das nossas Academias aquellas sociedades, embora se arrogassem esse titulo sublime, que só tiveram em alvo particulares congratulações e louvores a certo e determinado objecto ou individuo; tal foi, pelos annos de 1752, a reunião dos mais eruditos desta cidade, os quaes o seu secretario symbolisou com o epitheto pomposo de Academia dos Selectos para applaudir em prosa e em verso as virtudes e acções do capitão general Gomes Freire de Andrada, excitados os affectos dos subditos com a proxima promoção delle ao posto de mestre de campo general, e ao emprego de 1.º commissario da demarcação dos limites meridionaes da America Portugueza. E' conhecida a historia della com este titulo — «Jubilos da America na gloriosa exaltação e promoção do Ill.mo e Ex.mo Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general das capitanias do Rio de Janeiro, Minas Geraes, e Paulo. Collecção das obras da Academia dos Selectos que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obsequio e applauso do dito Excellentissimo heróe. — Pelo Dr. Manoel Tavares de Siqueira e Sá, secretario da mesma academia.—Lisboa, anno de 1754. »

Sem duvida, Senhores, estou abusando da attenção, que benignamente me prestais; por agora aqui ficarei. Explorando nas minas dos archivos importantes e authenticos MS., e cooperando dest'arte para resurgirem á nova vida escriptores, que com direitos á immortalidade jaziam, ou por modestia ou maliciosamente, sepultados no esquecimento, julguei render-vos um serviço grato, e cumprir ao mesmo passo um preceito dos nossos estatutos.

Lida no Instituto Historico no Rio de Janeiro a 3 de Fevereiro de 1839.

Visconde de S. Leopoldo.

N. B. O primeiro traslado que se cita, e com que se documentou esta Memoria, conserva-se no archivo do Instituto Brazileiro, onde poderá ser consultado.

(N.º 63, CAIXA 4.ª)

Sem data de anno e dia, acha-se na Bibliotheca publica do Rio de Janeiro, no gabinete dos MS., o seguinte :

Distribuição dos empregos para os quaes a Academia dos Renascidos elegeu por votos conformes, depois de repetidas conferencias, a alguns de seus socios.

Memorias para a Historia universal da nossa America, que se hão de escrever na lingua portugueza.»

1. Para compor as do Pará e Maranhão, nas quaes capitanias generaes se incluem as capitanias do Caheté, Cametá, Cuenã ou Tapiutaperã, Ilha Grande de Joannes, etc. Destinaram 5, só nominalmente dous, e os tres commetteram-se á escolha do Sr. bispo do Grão Pará, ao Sr. capitão general, e ao Sr. governador.

2. Do governo do Piauhi. F.....

3. Da capitania geral de Pernambuco, no qual se comprehendem as capitanias do Ceará, Rio Grande do Norte, itamaracá, Parahyba, Pernambuco, Sirinhaem, Porto Calvo, Alagôas. Nominalmente cinco foram designados.

4. Da cidade de S. Christovão e de toda a capitania e comarca de Sergipe d'El-Rei. Nominalmente dous.

5. Da cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos, capital de toda a America-Portugueza, e de todo o districto desta capitania geral. Nominalmente dous, o Sr. secretario Antonio Gomes Ferrão Castelbranco, e o Sr. censor José Pires de Carvalho e Albuquerque.

6. Da Jácobina e de todo o districto da sua ouvidoria, comprehendendo o Rio das Contas. Nominalmente dous.

7. Das tres capitanias dos Ilheos, Porto Seguro e Espirito Santo. Nominalmente dous.

8. Da capitania general do Rio de Janeiro, comprehendendo as capitanias de Cabo Frio, Itacazes, S. Vicente, Santos, S. Paulo, Santa Catharina, etc. Nominalmente tres socios.

9. Do bispado de Marianna, comprehendo o districto do Rio das Mortes, S. José de Villa Rica do Ouro Preto, cidade de Marianna, Sabará ou Rio das Velhas. Nomeadamente quatro socios, entre elles Claudio Manoel da Costa e João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho.

10. Da villa do Principe e comarca do Serro-Frio, comprehendendo o Tejuco e as Minas Novas do Arassuhe, etc., com as noticias dos diamantes e mais pedras preciosas. Destinados tres, e nomeadamente dous.

11. Dos Goyazes, Parnaguá, etc. Distribuidas a tres sem os nomes.

12. Da Colonia do Sacramento, Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Cuyabá. Uruguay. Distribuida a tres, mas só um nomeadamente, e nota á margem. (Elegerá academicos supprannumerarios para este emprego o Ex. Sr. conde de Bobadella.)

Sem embargo de que cada um dos academicos deve tratar da historia universal respectiva ao districto de que está encarregado, pareceu á Academia eleger outros, que escrevessem compendios de algumas noticias, communicando mutuamente os estudos uns com outros, o que ordenou pela maneira seguinte :

13. Para compor na lingua portugueza as Memorias para a historia de todos os Indios da nossa America. Nomeadamente tres socios.

14. Da agricultura propria do paiz, especialmente do assucar, tabaco, e suas fabricas, etc. Tres dos socios nomeadamente.

15. Para a historia natural: comprehende os tres reinos animal, vegetal e mineral. Quatro dos socios nomeadamente.

16. As memorias genealogicas de toda a America Portugueza. Quatro dos socios nomeadamente.

17. Das fortificações com planos, que for possivel. Um mappa geral da America Portugueza; outro das provincias que pertencem a Portugal, divididos depois em mappas particulares, um dos bispados, e outros de todas as capitanias, etc., de sorte que no dito mappa se conheça tambem a divisão das comarcas. Nomeadamente tres socios.

18. As memorias do estabelecimento, augmento e estado presente de todos os corpos militares que ha e tem havido na America Portugueza, com os mappas geraes e particulares do estado presente das tropas, dos soldos que vencem (porque tambem comprehendem os auxiliares e ordenanças), da graduação dos postos, e dos privilegios especiaes que tenham sido concedidos aos militares. Destinados cinco socios, mas quatro nomeadamente.

19. As Memorias para a historia de todos os tribunaes, e mais ministros da justiça e fazenda, que ha e tem havido no Brazil, com a noticia do seu estabelecimento, e da divisão das suas respectivas jurisdicções. Designados nomeadamente cinco socios.

20. As Memorias para a historia do commercio assim activo como passivo etc., com uma noticia individual de todas as rendas reaes, declarando as que andam por contracto, quem as cobra, os diversos modos por que tem sido administradas, o augmento ou diminuição que tiveram desde sua origem, e o numero de escravos que tem entrado e entram em cada anno na nossa America. Nomeadamente cinco membros.

21. As Memorias para a historia do nosso Augusto Soberano e protector da Academia dos Renascidos, o muito alto muito poderoso rei D. José 1°, pai da patria. Nomeadamente dous membros.

22. As Noticias chronologicas, com as memorias do estado presente ecclesiastico, assim secular como regular em toda a America Portugueza, incluindo a noticia de todas as igrejas e ermidas, dos conventos de religiosos e religiosas, com o numero actual destes e dos clerigos seculares em cada um dos conventos ou parochias, e a noticia que fôr possivel das suas congruas, rendimentos ou ordinarias. As aldeas de indios que houver em cada um dos bispados, ou que administrar cada uma das religiões, o numero de vizinhos de cada uma das parochias, declarando tambem o numero dos habitantes, individuando quantos são de um e outro sexo, catalogo dos bispos provinciaes e mais prelados superiores que tem havido em cada diocese, e em cada provincia das religiões. Os varões notaveis em virtudes

ou lettras, os quaes escreveram algumas obras, que andem impressas, ou se conservem manuscriptas, etc.

N. B. Não se designam nomes e numero para collaboradores.

23. Da religião benedictina. Nomeadamente quatro socios.

24. Da religião carmelitana. Nomeadamente tres socios.

25. Da reforma de Santa Theresa. Nomeadamente dous socios.

26. Da reforma da observancia dos Torões. Nomeadamente dous socios.

27. Da religião seraphica. Nomeadamente tres socios.

28. Da reforma dos Barbadinhos Francezes e Italianos. Nomeadamente dous socios.

29. De todos os hospicios de vice-commissarios da Terra Santa. Nomeadamente dous socios.

30. Da companhia de Jesus. Nomeadamente tres socios.

31. Da congregação do oratorio de S. Felippe Nery. Nomeadamente quatro socios.

32. Dos religiosos mercenarios. Nomeadamente um, e outros dous á escolha do bispo do Grão-Pará.

33. Da religião de S. João de Deus. Nomeadamente um socio.

34. Do bispado do Grão-Pará. Nomeadamente um, e dous outros á escolha do bispo do Pará.

35. Do bispado do Maranhão. Nomeadamente um, e os outros dous á escolha do bispo do Pará.

36. Do bispado de Pernambuco. Nomeadamente tres socios.

37. Do arcebispado da Bahia. Nomeadamente dous membros.

38. Do bispado do Rio de Janeiro. Nomeadamente dous socios.

39. Do bispado de S. Paulo. Nomeadamente um socio.

40. Do bispado de Marianna. Nomeadamente dous, e outro *ad libitum*.

41. Do bispado de Angola, suffraganeo da Bahia. Nomeadamente dous membros, e o 3º á eleição do capitão general daquelle reino.

42. Do bispado de S. Thomé, suffraganeo da Bahia. Nomeadamente um, e outro commettida a eleição do capitão general daquellas ilhas.

43. De todos os conventos de religiosas e recolhidas d'America Portugueza. Nomeadamente dous membros.

44. Noticias de todas as guerras, que tenham havido na nossa America. Nomeadamente dous membros.

45. Uma collecção de todas as leis, ordens regias, expedidas para America, e os tratados de paz e de commercio respectivos a este continente, desde o seu descobrimento até o presente, com as noticias que parecerem convenientes para sua melhor intelligencia. Nomeadamente dous membros.

46. Para examinar os livros da camara desta cidade (da Bahia) e tirar do seu archivo as noticias chronologicas, que se

puderem descobrir, concernentes ás nossas memorias historicas. Nomeadamente tres membros.

47. Para compor na lingua portugueza as Memorias historicas para a Bibliotheca Brazilica, incluindo todos os auctores naturaes do Brazil, e todos que escrevessem na America, ainda que não fossem naturaes da mesma, e os que ex-professo escrevessem da America em qualquer parte do mundo, ou as suas obras se achem impressas ou manuscriptas. Foram escolhidos nomeadamente quatro membros.

48. Para compor a Bibliotheca Brazilica na lingua latina. Elegeu-se um membro.

49. Para declarar na primeira conferencia publica, em um breve discurso, os motivos porque o nosso congresso elegeu o nome de *Academia dos Renascidos* e a empreza o sello de que usa. Elegeu-se um membro.

50. Para compor os estatutos da Academia, e apresental-os em congresso para se approvarem ou emendarem. Escolheu um de seus membros para isso.

51. Para repartir entre os academicos o trabalho das nossas composições, e eleger os assumptos sobre que cada um deve discorrer. O Sr. director José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Para o que fará uma junta particular com os Srs. censores e secretarios, propondo depois tudo a Academia, para que approve o que lhe parecer.

52. Para compor as Memorias historicas da Academia, juntando as noticias das conferencias respectivas ás obras que nella se recitarem. O Sr. secretario Antonio Gomes Serrão Castelbranco, o Sr. Antonio de Oliveira, e o Sr. Antonio Rodrigues Nogueira, que ambos são visitadores actuaes deste arcebispado, escreverão as noticias mais exactas que lhes fôr possivel, de todas as terras por onde fizerem jornada no tempo das suas visitas, e irão remettendo á Academia.

DISSERTAÇÕES

DISTRIBUIDAS PELOS SOCIOS DA ACADEMIA DOS RENASCIDOS

53. Para recitar o discurso panegyrico na primeira conferencia publica da Academia em observancia dos §§ 12, 15 e 18 dos estatutos. O Sr. director José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Os assumptos para esta conferencia, em que se hão de celebrar os annos de El-Rei Nosso Senhor, se darão em papel á parte.

54. Em 23 de Junho do corrente anno de 1759 se ha de dissertar na Academia: « Quaes foram os motivos do se ausentar desta cidade da Bahia o seu primeiro bispo? E como acabou a vida? »

Dissertarão este ponto: são designados tres socios.

55. No mesmo dia se dissertará: « Se a esta capital se deu o nome de — Cidade de S. Salvador — ou sómente de — Cidade

do Salvador? E de qual destes se deve usar na historia da nossa America? »

Dissertarão este ponto. Nomeados para isso tres socios.

56. Em 7 de Julho se ha de dissertar na Academia: « Quantas vezes, e em que partes da America Portugueza se tem descoberto minas de salitre? e em quem tempo, e que as descobriu? Si eram abundantes? quanto distavam de algum porto de mar? E quaes foram os motivos por que se não continuou a tirar delle este precioso mineral. »

Para dissertarem este ponto: tres socios nomeados.

57. Em 21 de Julho se ha de dissertar na Academia: « Se ha na America a planta sensitiva? E si é certo produzir-se nella herva que abrande o ferro? como affirma certo auctor que se experimentára nos annos passados em a villa Nova Soure. »

Para dissertarem sobre este ponto foram nomeados quatro socios.

58. No mesmo dia se dissertará: « Si é certo que ha nestes mares uma especie de peixe-agulha, que fura os costados do navio, como affirmam alguns auctores. Para o que examinará tambem um successo com a maior exacção respectivo a esta duvida, que se diz aconteceu a um dos navios da frota que se acha surto nesta bahia.

Para dissertarem este ponto foram nomeados tres socios.

59. Em 4 de Agosto se ha de dissertar na Academia: « Si a cochonilha pertence ao reino vegetal ou animal? e si se encontra este precioso genero na America Portugueza? »— Si o coral pertence ao reino mineral ou ao vegetal? e si o ha no nosso continente? »— « Se tambem nestes estados ha bicho de seda? Se nascem sem diligencia da arte, e de que se sustentam? » Nomeados quatro membros para dissertarem sobre estes pontos.

60. Em 18 de Agosto se hade de dissertar na Academia: « Quantos governadores interinos tem havido na Bahia? Quem eram, e o modo por que foram nomeados? E quanto tempo governaram? » Nomeados tres membros para dissertarem.

61. No mesmo dia se dissertará: « Quando se estabeleceu a primeira vez a Relação neste estado da Bahia? Quem foi o chanceller que a veio crear? Quanto tempo durou o seu despacho? E porque se extinguiu? O motivo da segunda vez se erigir este tribunal? Como? por quem? E em que tempo? » Nomeados quatro membros para dissertarem.

62. Em 1º de Setembro se ha de dissertar na Academia: « Se o primeiro Europeu, que descobriu este novo mundo, era Portuguez, Castelhano, Italiano ou Allemão? Quem foi o primeiro que aportou ao Brazil? Em que dia e anno se fizeram estes prodigiosos descobrimentos? » Nomeados cinco membros para dissertarem.

63. No mesmo dia se dissertará: « Em que se differença a significação destes nomes, Maranhão, Grão Pará, Orelhana e Amazonas? A sua etymologia, e a do nome do Rio da Prata, e qual é a origem destes rios? » Nomeados tres membros para dissertarem.

64. Em 15 de Setembro se hade dissertar na Academia: «Quem era a illustre heroina Catharina Alves, seus paes, e seu marido? E porque se lhe póz aquelle nome?» Nomeados quatro dos seus socios para este ponto.

65. No mesmo dia se dissertará: «Qual é a variedade das correntezas das aguas na costa do Brazil, desde o Rio da Prata até o das Amazonas, e tambem as dos ventos geraes, que reinam em diversos tempos? Dando de tudo as noticias verdadeiras, bem examinadas, e as causas physicas» Nomeados seis dos seus membros para dissertarem. Neste dia se ha de resolver como se ha de celebrar a conferencia de 10 de Novembro.

66. Em 29 de Setembro se hade dissertar na Academia: «Quem foi o primeiro, que pregou o evangelho no novo mundo? Quem foi o segundo? E quem o primeiro que prégou no Brazil?» Nomeados cinco dos seus socios para este ponto.

67. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: «Se o descobrimento desta America, e a conversão dos seus habitantes, foram prophetisados por alguns santos padres, e prophecias do testamento velho e novo?» Nomeados tres d'entre os seus membros para discorrerem.

68. Em 13 de Outubro se ha de dissertar na Academia: «Si é util ou prejudicial ás monarchias o diminuir-se os juros de dinheiro; por exemplo de oito a quatro por cento, ou pelo contrario augmentar se de quatro a oito por cento? E si é mais util fazer-se o commercio com inteira liberdade, ou por companhias bem estabelecidas?» Nomeados para estes pontos seis dos seus socios.

69. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: «Si nos monos (a) do Brazil se dá instincto, ou especie de racionalidade, com alguma differença dos outros animaes? Para o que se dissertará em que consiste a alma dos brutos, ou serão machinas automatas?» Nomeados para dissertar cinco dos seus membros. Nesta conferencia se hão de distribuir os assumptos para a sessão publica de 17 de Dezembro.

70. Em 22 de Outubro se ha de dissertar na Academia: «Qual é a origem do Rio S. Francisco, e do Paraguay? Si este é o mesmo que o da Prata? E si aquelle forma naturalmente uma ponte de algumas leguas, mettendo-se por baixo da terra, á imitação do Guadiana?» Nomeados tres dentre os socios para dissertar.

71. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: «Si as linguas innumeraveis, que fallam os Indios da America parecem dialetos de alguma que se supponha a primeira? Ou si cada uma d'ellas se julga original?» Nomeados para dissertar quatro d'entre os seus socios.

72. Na conferencia de 10 de Novembro. Hade orar na Academia, em execução dos §§ 13 e 17 dos estatutos, o Sr. censor João Borges de Barros.

E tendo se composto alguns versos se lerão primeiro que as dissertações.

73. No mesmo dia se hade dissertar: «Até onde se esten-

derão os limites da dignidade primacial, que compete a esta metropole? Nomeados para este ponto cinco dos seus socios.

74. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: «Se este mundo novo é maior que as outras partes, Europa, Asia, e Africa?» Nomeados para dissertar quatro dos socios.

75. Em 24 de Novembro se ha de dissertar na Academia: «Qual é mais antiga no Brazil, se a agricultura dos tabacos, ou das cannas? E qual foi o inventor dos engenhos de assucar e de reduzir a tabaco de pó aquella herva? E si poderá a machina dos ditos engenhos fazer-se por modo mais facil? Para estes pontos foram nomeados quatro dos socios.

76. Na conferencia do mesmo dia se dissertará: «Por que causa no Brazil não são tão grandes e frequentes os terremotos, como nas mais partes do mundo?» Nomeados para dissertar quatro socios.

77. Em 8 de dezembro se hade dissertar na Academia: «Se o diluvio universal comprehendeu esta parte do Mundo Novo chamada America? Ou si nella escaparam os seus habitadores.» Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

78. Na conferencia do mesmo dia dissertarão: «Si os engenhos e percepções dos habitadores da America Portugueza são mais perspicazes que os da Europa e outras partes do mundo? E por que causa?» Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

79. Em 17 de Dezembro, que hade ser a ultima conferencia antes das ferias, hade recitar um discurso panegyrico em execução dos §§ 12 e 13 dos estatutos o Sr. censor João Pires de Carvalho e Albuquerque.

Os assumptos da poesia, etc. para esta conferencia se darão em papel á parte.

80. No mesmo dia se hade dissertar: «Quaes são as causas por que os antigos e alguns dos santos padres julgaram que este clima era inhabitavel, e impossivel por elle á navegação?» Nomeados para isso tres dos seus socios.

81. No mesmo dia se dissertará: «Se os Indios do Brazil são mais ferozes e rudes que os das Indias Occidentaes de Hespanha? E se os do Maranhão se differençam dos outros Americanos?» Nomeados para dissertar cinco dos seus socios. Nesta conferencia se hão de repartir os assumptos para a conferencia publica de 31 de Março.

82. Na conferencia de 31 de Março de 1760, que deve ser a primeira depois das ferias. Em execução dos §§ 12 e 12 dos estatutos recitará um discurso panegyrico o Sr. Fr. Ignacio de Sá Nazareth. Os assumptos de poesia para esta conferencia se darão em papel á parte.

83. Na conferencia de 12 de Abril se dissertará: «Se a America é ilha ou terra firme? E de que parte do mundo, e como vieram para este novo mundo os seus primeiros povoadores?» Nomeados para dissertar cinco dos socios.

84. No mesmo dia se dissertará: «De que causas procede a côr vermelha que tem os Indios do Brazil? e a preta da Ethiopia?» Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

85. Na mesma conferencia se dissertará : « Se os Indios do Brazil todos são imberbes, e a razão physica desta raridade ? » Nomeados para este ponto tres dos socios.

Nesta sessão se hão de repartir os assumptos para a conferencia publica de 6 de Junho, em que se celebra o anniversario de S. M. F., e para a conferencia particular de 13 de Maio, em que se ha de ler o panegyrico do nosso Mecenas.

86. Em 26 de Abril se hade dissertar na Academia : « Se as terras da America Portugueza são mais ferteis e abundantes que as da Europa e mais partes do mundo ? E que variedades de climas ha neste Novo Mundo ? » Nomeados para este ponto quatro dos seus socios.

87. No mesmo dia se dissertará : « Se tem alguma probabilidade a opinião de alguns auctores, que discorreram estava o Paraiso terreal nesto Novo Mundo ? » Nomeados para dissertar cinco dos seus socios.

88. Em 13 de Maio, dia em que finda o anno academico, hade recitar um discurso panegyrico, em execução dos §§ 3, 13 e 19 dos estatutos, o Sr. consor João Ferreira Bittencourt e Sá.

Havendo alguns versos se lerão primeiro que as dissertações. Neste dia se hade fazer eleição de censores.

89. No mesmo dia se hade dissertar na Academia : « Se na America existe o animal, de que dizem se tira a pedra carbunculo, ou si é fabula essa existencia ? Se a ema ou avestrús, digere no ventriculo o ferro ? Se se acha no Brazil ambar ? E que cousa é ? E tambem o é o espermacete ? E se ha esmeralda em alguma parte do Brazil ? » Nomeados para estes pontos cinco dos socios.

90. Todos os academicos, ou do numero ou supranumerarios podem compor dissertação a cada um dos assumptos que se derem na Academia, ainda que lhes não seja distribuida, e se admittirá qualquer dissertação, ou outra obra, que offereça alguma pessoa estranha á Academia, e julgando esta que é digna, se imprimirá por appendice no fim das suas obras.

91. Ainda que os academicos ausentes não possam mandar suas obras para o dia destinado, as remetterão á Academia o mais breve que lhes fôr possivel, e na imprensa se collocarão nos seus proprios lugares.

92. Cada um dos academicos mandará ao secretario da Academia as noticias que se poderem descobrir, e parecerem uteis ao nosso Instituto, para se distribuirem pelos socios a que estiverem encarregados os assumptos respectivos.

93. Depois de concluidas as Memorias Historicas se hade compor a Historia Latina, que se dividirá entre os academicos seguintes, e os mais que então parecer conveniente. Seguia-se a relação nominal de vinte e tres socios.

N. B. Extractei de um manuscripto, que já principia a ser tocado do bicho (tinea) na Biblioteca Publica do Rio de Janeiro, Gabinete de MS. N.° 66, Caixa 4.ª

INSCRIPÇÃO DA GAVIA

RELATORIO

SOBRE

A INSCRIPÇÃO DA GAVIA

MANDADA EXAMINAR PELO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Senhores.— A commissão encarregada pelo Instituto Historico e Geographico para analysar e copiar a inscripção, que se acha gravada no morro da Gavia, transportou-se ao lugar, e não se poupou aos meios e fadigas, que uma primeira excursão demanda, para obter-se um resultado digno de sua missão; e vem hoje perante o Instituto Historico e Geographico dar conta do que viu e observou, assim como trazer uma copia fiel da pretendida inscripção, d'esse monumento que pertence á classe d'aquelles, que Mr. Court de Gibelin colloca no seu «Mundo Primitivo», e que tem chegado á recentes gerações envolvidos no mysterio dos tempos com os jeroglificos, os caracteres cuneiformes, e as construcções cyclopeanas.

A descoberta de uma inscripção é um facto, que póde fazer uma revolução na historia; que póde reconquistar idéas perdidas, e anniquillar outras em pleno dominio: um nome, uma phrase em uma lapida, podem preencher lacunas immensas, restaurando conjecturas, e abrir uma estrada luminosa do passado ao futuro.

Os povos que tem uma civilisação nascente, são naturalmente credulos, e sua imaginação os arrasta a ver thesouros encantados por todas as partes; e os homens amigos do mysterios o algumas vezes tambem crêm encontrar vestigios dos outros homens n'aquillo, que é um acaso da natureza.

A commissão cumpre, que aqui manifeste perante o Instituto Historico e Geographico a sua gratidão para com os Sr. Rev. ex-vigario da Lagôa, Manoel Gomes Souto, Manoel Joaquim Pereira, e João Luiz da Silva, pela bizarra e cordial hospitalidade que d'elles recebeu; assim como ao Rev. Sr. José Rodrigues Monteiro, capellão de S. M. I., que teve a bondade de acompanhar e servir de testemunha na averiguação da cópia que se fez da pretendida inscripção, participando dos incommodos soffridos nesta exploração archeologica.

Senhores. Que no cume da Gavia do lado direito aos que vão pelo Serrote da Boa-vista, n'uma pedra de fórma cubica

existem caracteres, ou sulcos que a elles se assemelham, é indubitavel; mas, a commissão não affirma que elles sejam gravados pela mão do homem, ou pela lima do tempo.

Assim como a natureza esculpiu sobre a rocha de «Bastia» a fórma de um leão em repouso; na gruta das Sereias, em «Tivoli» um dragão em ar ameaçador; e na mesma Gavia a fórma de um mascarrão tragico; assim como ella eleva pontes naturaes, construe fortificações e baluartes, que ao primeiro lampejo da vista fazem crer ao viajor monumentos de mão do homem, assim ella podia gravar na rocha viva aquelles caracteres que podem mais ou menos por suas fórmas approximarem-se a algumas das lettras dos alphabetos das nações antigas e orientaes.

A commissão não deseja representar perante o Instituto Historico o papel dos antiquarios de Walter Scott e Goldoni, para não encontrar a illusão de suas conjecturas na ingenuidade de um mendigo, ou nas trapaças de um Brighella; tanto mais que com os seus proprios olhos ella encontrou em diversas pedras isoladas em roda da mesma Gavia, sulcos profundos entre dous veios do granito, que mais ou menos representavam e caracteres hebraicos, e alguns até romanos, e de uma maneira assaz evidente e caprichosa.

Pythagoras, senhores, olhava para o sol como um Deus, e Anaxagoras como uma pedra inflammada. A commissão nesta sua primeira analyse voltou, como os dous philosophos, vendo uma inscripção, e vendo uns sulcos gravados pela natureza.

Argumentos notaveis se apresentam de uma e de outra parte para que ambas as conjecturas tenham seu fundamento, e suas principaes proporções vos vão ser apresentadas.

1.ª Que os diversos viajantes têm descoberto inscripções em differentes rochedos do Brazil, e que a da serra da «Anabastabia», aonde se crê ver a descripção de uma batalha, assim como a das margens do «Yapura» e outras mais, que se veem na famosa collecção das palmeiras de «Spik et Martiles», dão uma prova da existencia desta sorte de monumentos no nosso solo: accrescentando mais a tradição das «Letras do diabo» n'um rochedo em Cabo-frio, que depois de dados mais exactos, algum de nós, se transportará ao logar para copial-a, e descortinar mais esta ponta do véo que encobre a historia primitiva desta terra bemaventurada.

2.ª Que assim como Pedralves Cabral, e Affonso Sanches, empurrados pelos ventos descobriram o continente da America, tambem alguns desses povos antigos, que a ambição do commercio forçava a sulcar os mares, podia por iguaes motivos apportar ás nossas praias, e escrever sobre uma pedra um nome, ou aquelle acontecimento, para que a todo o tempo as gerações vindouras lhe restituissem a gloria de tão grande descoberta.

3.ª Que a inscripção da Gavia se acha collocada de uma maneira vantajosa a estas conjecturas: voltada para o mar em uma face da rocha cubica, pouco escabrosa, com caracteres collossaes de 7 a 8 palmos, ao rumo de L. S. E., pode

ser vista a olho nú de todas as pessoas que por alli passarem; e notavel é que os habitantes daquelles logares todos conhecem as lettras da pedra. A inscripção assim collocada está exposta á furia das tempestades e dos ventos do incio-dia, e por consequencia deve estar mui safada, tanto mais que o granito da pedra, em que está gravada, é de uma consistencia menos forte, por conter muito talco e mica, e na sua base existem tres concavidades esboroadas que formam o aspecto do mascarrão.

Um dos dados archeologicos, para fortificar qualquer conjectura na averiguação de taes monumentos, é o da possibilidade de poder-se ou não gravar naquella altura immensa uma inscripção tão colossal, e o caracter geologico do mesmo logar.

O terreno que circunda as raizes do morro da Gavia, é todo primitivo, á excepção de uma pequena enseada que está na base da collina da fazenda da Gavia, que é de terreno de alluvião, pouco acima do nivel do mar, e que nada influe sobre os pontos principaes que se denotam dos «Dous Irmãos» á Tijuca, e desta á Gavia, que são massas enormes de granito, cobertas de uma crosta de terra vegetal, assaz delgada, e tendo aqui e alli glebas de carbonato de ferro, ou saibre micoso; o mar está mui proximo, nenhuma revolução grande, se exceptuarmos alguns calhaos destacados dos morros, se denota naquelle recinto.

O homem, que levado a aquelles lugares quizesse deixar uma memoria da sua passagem, facilmente seria seduzido pela magestade e grandeza do morro da Gavia, e pela disposição d'aquella pedra com uma face quasi plana, e fronteira ao mar: emquanto ao accesso do cume da Gavia elle é incontestavel, porque dias antes da nossa exploração alguns officiaes da marinha ingleza lá subiram, e collocaram umas bandeirinhas, ainda que com muito custo.

O lugar aonde está a inscripção póde ser que em tempos remotos fosse mais atterrado, e que com os seculos tenha sido excalvado pelas continuas humidades, chuvas e ventos do sul.

Porèm, senhores, além d'estas considerações, e outras mais diminutas, que conduzem o nosso espirito á crença, outras se levantam para encontral-as, e nos obrigam a oscillar entre a affirmativa e a negativa.

1.ª Que os pretendidos caractores, que apresenta o rochedo da Gavia, não se assemelham aos dos povos do velho continente, que emprehendêram as primeiras navegações e muito menos aos dos modernos.

2.ª Que estes caracteres, comparados com os alphabetos e inscripções, que Mr. Court de Gibelin dá na sua obra do — Mundo Primitivo —, não apresentam semelhança alguma de uma inscripção Phenicia, Cannanéa, Carthagineza, ou Grega; e que mais parecem sulcos gravados pelo tempo, entre dous veios do granito, pois com iguaes apparencias se encontram, não só no lado opposto do da inscripção da mesma Gavia, como em outras pedras destacadas, e principalmente uma grande,

que se encontra á esquerda, na base do morro, quando se sobe para a casa do Sr. João Luiz da Silva.

3.ª Que a parte da rocha, aonde começa a pretendida inscripção, além de perpendicular e de um accesso quasi impossivel, é a menos conservada, ou a mais apagada; sendo aquella que está menos exposta á furia das estações; alguns traços perpendiculares, outros mais ou menos obliquos, mais ou menos curvos, ligados por hastes interrompidas, que muito e muito se assemelham a veios, fazem o todo da inscripção, e uma grande irregularidade de profundidade se observa na gravura, assim como no largo veio da base, que se poderia conjecturar como um traço, para melhor se descobrirem as lettras o qual é interrompido visivelmente, e dá fórmas não equivocas de um veio mais profundo. Este argumento é fortificado pela profundidade dos caracteres da parte esquerda, que estão mais expostos, do que os da direita, por entrarem na curva, que se dirige para o norte.

Os Phenicios escreviam da direita para a esquerda, e trabalhando d'est'arte, deviam dar a mesma profundidade ás lettras para que ellas fossem igualmente visiveis.

Mas, a commissão, senhores, vindo perante o Instituto Historico e Geographico dar conta de sua missão, está longe de protestar solemnemente contra a idéa de ser, ou não, uma inscripção aquelles sulcos ou traços, que se encontram no cume da Gavia, porque ella ainda não empregou os ultimos recursos, que lhe restam para a verificação de semelhantes monumentos; ella vem, em familia, expôr as suas impressões e conjecturas, e protestar que uma segunda exploração será feita com melhores instrumentos e com um dia mais favoravel, para ver se obtem um resultado de maior evidencia, e mais positivo; lastimando comtudo o não poder estudar a memoria que o illustre Fr. Custodio escrevêra, n'outros tempos, sobre esta mesma inscripção.

A commissão tem presente na lembrança as navegações d'esses povos da antiguidade, e se triumphar a idéa do illustre Padre Mestre, ella a fortificará por uma memoria mais ampla e circumstanciada, e nas fórmas demandadas pela sciencia da Archeologia, em que não sómente passará em resenha todas as tradições que temos das navegações dos antigos, como tambem procurará nas linguas, e tradições de diversos povos, a esteira luminosa traçada pela civilisação dos Phenicios, entre os povos das ilhas, aonde elles tiveram suas feitorias, e aonde elles deixaram monumentos materiaes de sua existencia e passagem, tanto na Asia e Africa, como na America, que segundo Stevam Sewall, e Court de Gibelin ahi aportaram, e deixaram inscripções na parte septentrional.

A commissão não desespera da gloria, que aguarda o Instituto Historico e Geographico na descoberta de iguaes monumentos; nem da esperança de ver apparecer em seu seio um Champoleon brazileiro, esse Newton da antiguidade Egypcia ou Cuvier do Nilo, para com o facho de seu genio indagador illu-

minar esta parte tão obscura da historia primeira do nosso Brazil; e porque ella póde n'um dia contemplar aquelle monumento como Anaxagoras o sol, e no outro como Pythagoras, ver n'aquella rocha uma inscripção gravada pelo acaso e o tempo, ou um padrão, pelo cinzel do homem, deixado ás gerações vindouras.

Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1839.— *Manoel de Araujo Porto Alegre.— J. da C. Barbosa.* Como testemunha, *José Rodrigues Monteiro.*

Juizo sobre a Historia do Brazil

PUBLICADA EM PARIS PELO DR. F. S. CONSTANCIO

A commissão de Historia encarregada de dar o seu juizo ácerca da Historia do Brazil, publicada pelo Sr. Dr. Francisco Solano Constancio, offerece á consideração do Instituto o seguinte

PARECER

Dá-se principio á obra do Sr. Dr. Constancio por uma Introducção Geographica: e posto que tal assumpto seja certamente da alçada da commissão de Geographia, a commissão d'Historia, por obediencia ao preceito especial do Instituto, que sujeitou toda a obra ao seu juizo, não póde deixar de fazer patente o vivo desgosto, e dissabor, que sentiu ao ler tantos, e tão notaveis erros de geographia espalhados por cada pagina assim d'aquella Introducção, como da mesma Historia. Mas porque seria longo, e summamente penoso o fazer inventario de todos esses erros, a commissão apontará a esmo, para exemplo, alguns dos que lhe occorrerem. Seja o primeiro a inexacta descripção da Lagôa dos Patos a pag. 30 da Introducção. Ali diz o autor, que essa Lagôa recebe a maior porção das suas agoas da parte septentrional, e oriental da provincia pelo Jacuhy ao norte, e o rio de S. Gonçalo ao sul, accrescentando que desagua no oceano pelo Rio Grande do Sul, que tem tres legoas de longo, e uma de largo. O autor labora em erros graves. O rio Jacuhy é um dos rios caudalosos, que vem desembocar defronte da famosa cidade de Porto Alegre, formando ahi o lago de Viamão, cujas aguas, passado o estreito de Itapoan, fazem a Lagôa dos Patos. O rio S. Gonçalo é mal impropriamente assim chamado, pois que é na verdade um estreito, que communica a Lagoa dos Patos com a Lagoa Merim. O que relata o autor ácerca do espaço d'aguas a que dá propriamente a denominação de Rio Grande de S. Pedro

do Sul, poderia faser acreditar, que elle se acha ainda no erro, em que cahiram os antigos descobridores, quando pensaram, que a Lagôa dos Patos era um rio, erro bem semelhante ao que houve a respeito do Rio de Janeiro, e em que ainda parece tambem laborar o Sr. Dr. Constancio, quando colloca a ilha de Villegaignon fóra da barra, como se lê a pags. 132 e 143 do Tomo Primeiro. E' igualmente inexacto o que elle affirma sobre a extensão e largura das duas lagôas, como se póde verificar mui facilmente, confrontado o seu dizer com o que escreveu o Sr. visconde de S. Leopoldo nos Annaes da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, excellente escripto, de que para maior honra da litteratura do Brazil se nos prepara uma nova edição preciosamente enriquecida. A Lagôa dos Patos portanto desde a de Viamão exclusivamente até á sua junecção com a Lagôa Mirim tem 41 leguas de comprido, e 8 na maior largura, e não 45 de comprido, e 10 de largura: e a Lagoa Mirim tem de comprido 33 1/2 legoas, e de largo 7 no seu maior bojo, e não 26 de comprido. O estreitamento da Lagôa dos Patos, impropriamente denominado rio, é de 2 milhas de largo, e não de 1 legoa. A estes outros muitos erros graves poderia juntar a commissão taes, como a divisão do Brazil em 20 Provincias (erro, a que parece ter sido o nosso autor induzido por um escriptor de nota, mas que nem por isso deixa de ser erro), a elevação das Villas de Santos, e Itanhaem á categoria de cidades nos annos de 1546 e 1562, a fundação da cidade da Parahyba na provincia de S. Paulo em 1625; a Fonte da Carioca transplantada por um rasgo de penna do Sr. Dr. Constancio, do logar, onde se acha, para o Campo da Acclamação, ou de Sant'Anna; a bandeira Nacional Brazileira perdendo, a seus olhos, a côr verde para ser vista azul, segundo a lente do Sr. Constancio. A commissão entende, porém, que bastará apontar o que se acha escripto a pag. 126 do Primeiro Tomo, onde se refere que a cidade da Bahia está situada na foz do Parahyba a 600 pés acima do nivel do mar. Como deveria recrear-se a imaginação do autor ao figurar um rio terminando por uma bella catadupa de 600 pés de altura, e tendo a seu lado a segunda cidade do Brazil sobre uma das mais bellas enseadas do mundo, posto que o imaginado rio carecesse de barra!

Do que a commissão leva exposto facil é deduzir, que as noticias geographicas do Brazil, offerecidas a seus leitores pelo Sr. Dr. Constancio, difficilmente poderão predispor a alguem para encetar a leitura da historia confiado na veracidade, e na imparcialidade do historiador: e com effeito a commissão está igualmente persuadida de que a proporção que n'esse enredado, e confuso dédalo se for entranhando o leitor sensato, e versado nas cousas da sua patria, as sensações desagradaveis, e affectivas hão de succeder-se-lhe umas após de outras. Alteração da verdade historica, injustiça para com os homens, e politica absolutamente errada, são as qualidades mais proeminentes do historiador, a que ora se applica o escalpello da critica.

Assevera-nos elle que a primeira parte da sua historia é deduzida de Southey: longo seria comparar as duas historias sómente para o resultado de sabermos, se o Sr. Dr. Constanci copiou, ou não copiou fielmente os escriptos do historiador inglez: e quando n estes escriptos a commissão deparasse com alguma cousa de menos exacto, não teria de fazer censura aos escriptos do Sr. Dr. Constancio, mas aos de Southey, o que é fóra do proposito do Instituto. Na segunda parte se acham os factos, e as circumstancias, cuja verdade nos afiançou na sua — Advertencia Preliminar — o escriptor que analysamos: e sobre esta parte da obra deve recahir principalmente o nosso exame.

A primeira reflexão, que occorre ao leitor Brazileiro é a do manifesto doloroso sentimento de despeito, que acompanha sempre o autor pela emancipação das antigas colonias de Portugal na America. Elle tem na verdade sempre á mão um insulto, uma calumnia, um convicio, para lançar em rosto á maior parte dos homens, que prestaram serviços á Independencia do Imperio, que mostraram sympathia por essa justissima causa, ou que não fizeram correr ondas de sangue d'aquelles, que desejavam sacudir o jugo da mãe-patria. A um lançará a pecha de fanfarrão, e inhabil, a outro a de astuto, e perfido; este será, na polida phrase do nosso historiador, inimigo declarado dos Portuguezes, e um dos mais astutos, e perfidos facciosos, aquelle um general desleal, est'outro um almirante traidor. As personagens de jerarchia, a mais elevada, não se acham fóra do alcance das settas do Sr. Dr. Constancio. O Sr. D. Pedro I é por longo tempo o alvo de seus tiros. O primeiro Imperador do Brazil tinha abraçado cordialmente a causa da Independencia; e por isso conforme as expressões do autor tinha indignamente trahido, e vilipendiado a nação Portugueza.

Disse a commissão, que além dos insultos, o Sr. Dr. Constancio não desdenhava a calumnia; e para prova apontará como exemplo o que a respeito do Conde dos Arcos se acha escripto a pag. 207 do Tomo 2º: «Ao Conde dos Arcos (escreve o historiador) deveram os habitantes compromettidos da Bahia o não serem processados; e parece certo, que para o conseguirem lhe deram sommas consideraveis de dinheiro.» Foi o Sr. Dr. Constancio o primeiro homem, que segundo a lembrança da commissão tenha arguido de tal nodoa a memoria do illustre governador da Bahia. As offertas, que annos depois da revolução de Pernambuco lhe forem feitas pelos commerciantes d'aquella praça da Bahia, posto que tivessem a principal origem nas sympathias nascidas do systema de moderação, que a politica, e os sentimentos pessoaes do Conde (e não as relações, e intelligencias com os conjurados) lhe fizeram adoptar, estavam bem longe de ser o preço d'essa moderação. O facto de haverem tido logar essas offertas muito depois de terminada a administração do Conde na Bahia assaz o prova. A calumnia sómente poderá dizer o contrario.

A' vista do que se acaba de notar, não será para estranhar, que o espirito de paixão dirigindo a penna do Sr. Dr.

Constancio o levasse a cahir em manifestas contradicções. Assim, depois de affirmar que a tendencia democratica era conforme aos sentimentos de todas as cidades do Brazil, e que a republica é a fórma de governo mais conveniente a este paiz, assevera que o Sr. D. Pedro I, foi elevado ao throno pelo voto unanimo dos Brazileiros, e falla até do enthusiasmo com que as camaras da provincia do Rio de Janeiro aventaram a proposição da camara da capital para se erigir uma estatua ao Fundador do Imperio.

A' commissão, comtudo, não passará d'aqui sem observar, que os unicos elementos necessarios ás fórmas democraticas, segundo a opinião do escriptor, consistem na extensão do territorio, e na falta de nexo nas provincias; o que seria bastante para ajuizar sobre a exactidão, e profundidade de suas idéas politicas. A commissão entende, porém, que deve chamar igualmente as attenções do Instituto para o que se acha exarado a pag. 266 do Tomo 2.°, onde o Sr. Dr. Constancio, tendo anteriormente invectivado contra a emancipação do Brazil, se exprime da maneira seguinte:— « O unico arbitrio sensato era desde logo proclamar que o Brazil seria governado por uma constituição feita por seus proprios deputados, e uma assembléa residente no paiz, sendo o poder executivo confiado a um Principe da Familia Real. D'esta maneira regulando-se os direitos de entrada e sahida, sobre os navios e generos de ambos os Estados, como convinha aos mutuos interesses do commercio nacional, e mantido o nexo politico entre o Brazil e Portugal, gozaria o primeiro de todas as vantagens da Independencia, sem que todavia ficasse desligado do Reino-Unido »,

Mas este arbitrio, de que falla o Sr. Dr. Constancio, não é por ventura aquillo mesmo que se fez? O que é, pois, a independencia? Não consiste em ser o paiz governado por uma constituição propria, em ter uma assembléa legislativa propria, em possuir um governo proprio? Que nexo politico é esse com que o autor pretendia fazer que o Brazil gozasse da independencia permanecendo ligado á mãi-patria? Seria uma federação entre povos, que a natureza collocou em tamanha distancia? Mas o autor nenhum desenvolvimento deu á sua idéa: e a commissão hesita em acreditar, que ella entenda por esse famoso nexo politico, de que falla, o regulamento dos direitos de entrada, e de sahida, de que tambem falla, pois que um tal pensamento na verdade, teria muito de extravagante.

Comquanto, finalmente, o que vai expendido seja mais que sufficiente para julgar do merito intrinseco da Historia do Brazil, escripta pelo Sr. Dr. Constancio, não é, todavia, fóra de proposito o dizer-se, pelo que respeita a estylo, que este é muitas vezes por negligente improprio da gravidade da historia, e mais vezes ainda, improprio de um philologo portuguez por inçado de torpes gallicismos. A commissão para não abusar da attenção do Instituto acabará indicando exemplo de ambos esses defeitos. A pag. 344 do 1° Tomo, lê-se a seguinte expressão:— « Assestou tres peças com cincoenta barris de polvora, balas, o

outras munições, e duzentas fangas de farinha. » — Para conhecer o exemplo de negligencia de estylo, que offerece esta phrase, é bastante lembrar que o vocabulo *assestar* significa pôr a artilheria a ponto de poder jogar e ferir no alvo. A pag. 172 do mesmo Tomo, encontram-se as seguintes palavras: — «para bem da humanidade *teria sido mui feliz* se todos os jesuitas da Europa tivessem sido obrigados a vir viver na America. » — O torneio da phrase é um puro arremêdo da linguagem Franceza.

Resta sómente advertir, que se a commissão intentasse notar, e censurar todos os defeitos, erros, e inexactidões de qualquer natureza, com que ella deparou na obra, que faz o assumpto do seu exame, teria emprehendido, como já vai ponderado, um trabalho longo, e summamente penoso, e o presente parecer excederia muito dos limites que o uso tem prescripto a este genero de escriptos.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico, 1° de Junho de 1839.— *R. de S. da S. Pontes.*— *C. J. de Araujo Vianna.*

(Extracto da viagem, que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro, fez o ouvidor e intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no anno de 1774 e 1775; a qual viagem existe manuscripta no Archivo de S. M. o Imperador.)

Será bom para maior clareza deduzir a historia do seu principio. Depois que os Filippes occuparam Portugal, foi um dos cuidados da côrte de Madrid descobrir inteiramente o rio Amazonas, com o fim de communicar o Perú com as nossas colonias do Brazil e Pará, e poderem transportar os generos daquelle continente pelos nossos portos, e pelo meio do Amazonas lhes fica mais facil e commodo, a respeito das grandes difficuldades, que encontram na conducção para os seus. Fizeram-se varias expedições, tanto pelo Pará, como pela parte do Perú, mas todas infructuosas, até que emfim, o capitão-mór Pedro Teixeira, da guarnição do Pará, mandado pelo governador Jacome Raymundo de Noronha, navegou o rio Amazonas, e entrou na cidade de Quito. N'aquelle tempo foi reputada esta descoberta de não menor valor, que as que se chamam famosas. Em Quito foi recebido Pedro Teixeira com grandes applausos. Olhava-se para elle como para um homem extraordinario, superior aos perigos e difficuldades, que achou naquella expedição, que se podem ver na relação, que della ha escripta. Emfim, Pedro Teixeira adquiriu immortal fama, e se pôz ao lado dos heróes da nossa historia; brilhando o seu nome nos annaes portuguezes com tão distincta gloria como a dos Gamas e Cabraes. Na volta, pois, daquella viagem, no rio Nápo, defronte das bocainas do rio do Ouro, ou Aguarico, plantou

um marco, conforme as suas instrucções, para servir de limite entre as colonias portuguezas e hespanholas, e logo tomou posse pela Corôa de Portugal daquelle logar, e dos mais que se incluiam dentro dos mesmos limites e demarcação. Fez-se de tudo um auto solemne, que se registou nos livros da camara do Pará, cuja cópia se acha nos annaes historicos de Berredo. (*)

Quer Mr. de la Condamine (**) « que o referido marco não fosse plantado no rio Nápo, mas sim defronte da barra do rio Jupurá, no logar que deu causa a esta digressão. Funda a sua opinião em argumentos metaphysicos, inuteis para a averiguação dos factos historicos. Diz que, no dito auto de posse se põe a data « Dos Guyaris defronte das bocainas do rio do Ouro.» Entra a confundir o Yquiari com o rio do Ouro: a fallar na passagem nos Manáos para o Amazonas: no ouro que elles traziam de Yquiari: assenta que a aldêa do Ouro é em Paraguari. E emfim da palavra Paraguari discorre, que vale o mesmo que o rio dos Guyaris no idioma brazilienso, e por esta etymologia decide, que aqui é a aldêa do Ouro, e que ficando defronte da foz do Jupurá, este é o rio do Ouro, fronteiro ao qual se plantou o marco, de que tratamos.

Diz mais, que os Portuguezes esquecidos do referido auto adiantavam a sua pretenção acima da provincia dos Umauás.

A estabelecida reputação de Mr. de la Condamine poderá illudir aos que sem maiores noticias lerem os seus escriptos. Mas, Mr. de la Condamine podia passar sem tocar esta questão no seu diario, em cuja decisão alcançou a nota de menos verdadeiro, e muito preoccupado. E' pena, que um homem tão celebre quizesse assim deslustrar-se.

A resposta ás suas reflexões mostrará a debilidade dellas. Primeiramente é falso, que no auto de posse se ponha a data « Dos Guaris defronte das bocainas do rio do Ouro. » Eu appello para a cópia autentica do mesmo auto impresso nos annaes historicos do governador e capitão-general do Estado do Pará Bernardo Pereira de Berredo, aonde se póde ver, e se conhecerá que não ha lá taes palavras « Dos Guaris »: antes principia o auto na fórma seguinte:—«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil seiscentos e trinta e novo, aos dezeseis do mez de Agosto, defronte das bocainas do rio do Ouro, estando ahi Pedro Teixeira, etc. » E se finalisava o auto com o nome das testemunhas, sem repetição de data. Como póde logo vir ao pensamento de Mr. de la Condamine a palavra « Guaris. » Eu, para não imputar tanta falsidade a este famoso academico, direi que elle se equivocou, trocando a palavra « Aguarico », nome do rio, que no auto se chama do Ouro, na de « Guaris »; posto que tal equivocação se lhe não deva perdoar, pois que o aponta no seu mappa.

(*) Liv. 10 § 702.

(**) Extrac. do diario da viagem pelo rio das Amazonas, pag. 51 da Ediç. Hesp. de Amsterd. 1745.

O Aguarico desagua na margem septentrional do Nápo, na altura de quasi dois gráos do sul. O Aguarico, pois, é o rio do Ouro, de que no auto se falla. Assim o testemunha a relação da viagem no mesmo Pedro Teixeira, escripta por Cunha, aonde se diz no cap. 45: « Encontra-se o rio Aguarico, que tambem se chama rio do Ouro. » E no cap. 49 « Este rio (Aguarico) está em fama, não só pelo seu ar pouco sadio, mas pela quantidade de ouro, que se tira das suas arêas, que ha mais de cem annos lhe fez dar o nome de rio do Ouro. » Agora devo observar, que na mesma relação se faz menção do rio Jupurá, que ahi se não equivoca com o Aguarico, ou rio do Ouro.

N'este logar é que o capitão-mór Pedro Teixeira deixou uma parte da sua armada, e na volta de Quito escolheu o mesmo para a plantação do marco, e formar a povoação.

Vamos aclarando o confuso chãos de Mr. de la Condamine. O Yquiarí, de que falla e aponta no seu mappa, é o rio Ucayary, chamado communmente Uaupés, nome de uma nação que o habita. Sim, é certo, que deste rio ha communicação mediata com o Jupurá, e que os Indios do mesmo Ucayarí, das nações Panenuá, e Tariána tem sido vistos com folhetas de ouro; mas, ainda se ignora presentemente donde é extrahido aquelle ouro, Porém, a este Ucayari não se podem applicar as confrontações do rio do Ouro, ou Aguarico, de que falla o auto de posse, e a relação da viagem. Bastando para desvanecer qualquer conjectura advertir, que a barra do Ucayarí é no Río Negro, ao qual tributa as suas aguas, por onde não navegou Pedro Teixeira, e ainda que se communique com o Jupurá, nem este teve nunca o nome de Rio do Ouro, nem uma tão remota communicação podia fazer lembrar, e datar o referido auto de posse do logar. « Defronte das bocainas do Rio do Ouro » se se entendesse por tal o Ucayarí.

Continuemos a desembrulhar as confusões de Condamine. Assentado, que a aldéa, que Pedro Teixeira denominou do Ouro, ficava fronteira á barra do Jupurá, conclue: Que este rio é o do Ouro, para dar por certo, que defronte da sua bocca se plantára o marco. Miseravel discurso! E porque razão Mr. de la Condamine se não instruiu melhor para estabelecer as suas conjecturas? Se elle lesse mais attentamente a relação do Cunha, talvez que evitasse tão indesculpaveis erros. Que connexão tem a Aldéa do Ouro, com o Rio do Ouro, e com o logar em que se plantou o marco? Eu lhe concedo de boa graça, que fosse em Parauari aquella decantada aldéa; pois, se ahi não foi, não é muito distante, por ter sido imposto aquelle nome á primeira aldéa da nação dos Curusicariz, que se estendia pelo lado do sul do Amazonas, principiando do Parauari para cima. Mas, impór-se o dito nome áquella aldéa, por ficar defronte da bocca do Rio do Ouro, não. E isto é o que fez equivocar a Condamine.

Na viagem para cima chegando a nossa armada á referida primeira aldéa, encontraram-se varios indios della com pendentes

de orelha e nariz, de ouro, os quaes compraram os nossos, e era tão fino, que pesou a vinte e tres quilates em Quito. Por este motivo impozeram á mesma o nome de Aldêa do Ouro, como se póde ver da relação de Cunha no cap. 56. Fica logo indubitavel a causa da imposição daquelle nome, e que ella não foi derivada do rio, mas sim daquelle coherente motivo.

Para assim se persuadir bastava, que Condamine reflectisse, que este nome foi posto quando se subia o rio, e que o marco foi plantado na torna-viagem, e nesta occasião é que se falla no Rio do Ouro, que é o Aguarico, como fica a meu parecer demonstrado, e no auto de plantação, e posse se não trata da Aldéa do Ouro, como erradamente o suppõe Condamine, nem Cunha o confunde, antes confrontada a sua relação com o auto se conhece evidentemente a differença de um a outro logar.

Não nos esqueçamos da celebre etymologia da palavra Paraguarí. Quem lêr a Mr. de la Condamine, e o vir decidir com tom indubio, e seguro, da natureza e genio da lingua geral dos Indios, julgará, que elle tinha grande conhecimento da mesma. Nada menos. Condamine confessa, que a ignorava, e assim o mostra a sua decisão.

Affirma emfim, que Paraguari quer dizer Rio dos Guariz: em razão da palavra « Pará » significar rio. Um homem que sustenta um absurdo, precisamente se ha de servir de provas absurdas. Condamine enganado da palavra « Guariz », que não sei aonde foi achar, viu na de « Paraguarí » feliz conformidade com as suas idéas, e foi quanto lhe bastou para a sua asseveração. Porém que imperdoaveis erros não commetteu Condamine? Primeiro erro: não se escreve (conforme a genuina orthographia e pronuncia da lingua geral dos indios do Brasil) Paraguarí, mas sim Parauarí sem a letra — g —, o que bastaria para desfazer pelo fundamento todo o custoso edificio de Condamine. Segundo erro: a palavra que significa rio é « Paraná » e não « Pará. » Terceiro erro: conforme o genio proprio da lingua sobredita, e seu inalteravel uso, para dizer Rio dos Guariz, formariam assim a phrase « Guariparaná »; pois juntando-se dous substantivos, um dos quaes haja de ser regido como o genitivo da lingua latina, se antepõe sempre o genitivo ao nominativo, e por isso se havia de dizer « Guariparaná », e não « Paraguarí ». N o que tem esta lingua igual genio ao da ingleza, na qual se diz « Snuff Box » para significar caixa de tabaco, antepondo-se a palavra tabaco á de caixa, como dizendo, de tabaco-caixa. Quarto erro: da nação Guariz não ha noticia alguma, nem n'aquelle logar, nem em todo o Amazonas.

Mas para que me canso em procurar razões para refutar a Mr. de la Condamine, se tenho um argumento invencivel, e intergiversavel, que só basta para definir a questão.

Governando o Estado do Pará Alexandre de Souza Freire, mandou a Belchior Mendes de Moraes com uma escolta a examinar o mesmo marco; e com effeito entrando aquelle

cabo pelo rio Napo no logar confrontado no auto de posse, o achou, posto que arruinado com o tempo por ser de páo. Ahi mesmo erigiu outro, como em renovação do primeiro na presença do jesuita João Baptista Julião, superior das missões hespanholas, que andava em visita

Este facto desvaneco todos os argumentos, e conjecturas de Mr. de la Condamine. Elle bastaria para lhe servir de resposta: porém eu não quiz propô-lo logo, para mostrar, que ainda independentemente da sua existencia, era de nenhum fundamento quanto discorre Condamine a favor da sua opinião.

Falta-nos responder, ao que diz sobre a pretenção dos Portuguezes acima da provincia dos Umauás: sobre a supposta fugida d'esta nação das nossas povoações, e finalmente sobre o principio da nossa posse, que quer fosse no anno de 1710.

A pretenção bem se tem mostrado como é justa. A respeito da fugida, e principio da posse, basta em resposta referir a verdadeira historia.

Tinha-se accendido a guerra, chamada da grande alliança, sobre a successão de Hespanha, em que Portugal seguiu os direitos de Carlos III, e aproveitando-se os jesuitas hespanhoes da conjunctura, descêram em 1709 pelo Amazonas abaixo com as forças, que lhes foi possivel juntar, e chegando n'essa occasião á nossa povoação, chamada n'esse tempo Parauari, que ficava junto ao canal de que fiz menção no dia 23; prisionaram o missionario d'ella, e os brancos, que ali se achavam. Assaltaram a povoação de Táiaçutyba, composta dos indios da nação Jurimáua, os quaes transportaram para com elles formar outra povoação, a que deram o mesmo nome na nação, e que hoje existe. Das nossas povoações de Cambebas, que eram as ultimas missões dos religiosos do Carmo, levaram bastantes indios, de sorte que d'elles formaram a povoação de S. Joaquim.

Governava o Estado do Pará o Sr. de Pancas Christovam da Costa Freire, que logo expediu uma escolta, commandada por José Antunes da Fonseca, que depois que prendeu o jesuita João Baptista Julião e outras pessoas, subiu até a povoação de Santa Maria, e recobrou o nosso missionario, e os Portuguezes. (*)

D'onde se infere claramente, que tudo quanto Mr. de la Condamine diz a este respeito, são meras preoccupações, suggeridas pelos jesuitas hespanhoes com os quaes confessa teve grande amizade em Quito, e na viagem recebêra muitos favores. (**) E' notorio, que os jesuitas foram sempre a causa, e o motivo d'essas dissensões dos limites e como conhe-

---

(*) Vide Berred. Annaes t. 20 § 1454 até 1464 inclusive.

(**) Veja-se a viagem grande e o extracto de M. de la Condamine em varios lugares *passim*.

ciam, que os escriptos de Mr. de la Condamine haviam alcançar grande autoridade, aproveitaram-se da occasião de fazer espalhar pelo meio d'elle as suas opiniões e pretenções.

Bem se manifesta comtudo d'esta verdadeira historia, como a nossa posse passava muitas leguas superiormente a Parauarí; pois tinhamos não menos que quatro povoações de Cambebas: como esta nação não fugiu, mas foi levada violentamente pelos hespanhóes: e como finalmente a nossa expedição foi um meio licito pelo direito da guerra para nos desforçarmos, e recuperarmos a nossa posse, perturbada injustamente pela invasão hespanhóla.

Para prova de parte, do que tenho dito neste artigo, copiarei aqui a eloquente, erudita, e solida resposta, que o governador e capitão general do estado do Grão Pará João de Abreu de Castellobranco deu ao provincial dos jesuitas hespanhóes da provincia do Quito no anno de 1737. Tempo em que Mr. de la Condamine se achava na mesma cidade de Quito, e anterior ao em que publicou os seus diarios. Resposta que Mr. de la Condamine não podia ignorar, não só em razão das suas connexões com os jesuitas de Quito, aonde se hospedou (*); mas tambem porque a mesma resposta fez n'aquella cidade o merecido estrondo, sendo por ella caracterisado o seu habil escriptor na Real audiencia da mesma cidade, como homem de espada e pluma. E porque finalmente em todo o tempo que Mr. de la Condamine assistiu no Pará, communicou muito frequentemente aquelle general, que ainda n'esse tempo governava o mesmo estado. O que tudo é vehementissimo indicio das apaixonadas preoccupações do citado autor.

RESPOSTA.

Na cidade de Belem capital d'esta provincia do Grão Pará me foram presentes as cartas de V. Reverendissima, e do R. P. Carlos Brentano, escriptas em Janeiro d'este anno, ás quaes faço resposta por attenção devida a V. Reverendissima, e á materia de que tratam.

Queixa-se V. Reverendissima com bastante clamor de uma preparação militar, que diz se dispunha contra essas missões; e como estou bem informado, que não houve a tal disposição, devo entender, que esta alarma, que inquietou a V. Reverendissima, nasceria d'aquelle preciso desassocego, que nos espiritos bem regulados causa a consciencia de uma injustiça, supposto haverem VV. Reverendissimas excedido os seus limites com offensa dos d'este estado.

(*) Journal du voyage fait par ordre du Roi à l'Equateur. Ediç. de 4º. Paris 1751. pag. 16.

N'este discurso me confirma a insufficiencia dos fundamentos com que V. Reverendissima procura justificar um tão notorio excesso: pretendendo V. Reverendissima em primeiro logar, sustentar com a força das Bullas Apostolicas, que prohibem com graves censuras a guerra n'estas Indias, ainda quando a houvesse por outras partes. No que me parece suppõe V. Reverendissima duas proposições bem extraordinarias. A primeira é, que seja licito occupar o alheio, e prohibido o recupera-lo, como no caso presente. A segunda, que as Bullas Apostolicas tenham mais virtude no rio das Amazonas, do que no Rio da Prata; onde vimos ha pouco tempo, estando em paz as duas corôas por todas as partes, se não duvidou fazer a guerra, e passarem as tropas castelhanas a attacar uma praça de Portugal, concorrendo para esta empresa um corpo consideravel de indios commandados por padres da Companhia de Jesus, a quem não fizeram obstaculos as graves penas do mandato Apostolico.

Mal satisfeito d'este fundamento, parece, que recorre V. Reverendissima a outro, que considera mais forte, exhortando a que se exercitem nos movimentos militares tantos indios, perdendo-lhe com os exercicios de que não são capazes, o tempo, que puderam aproveitar, instruindo-se na vida christãa, e quando V. Reverendissima com os seus RR. PP. queiram conter-se nos seus justos limites, posso prometter a V. Reverendissima, e estarão tanto mais seguros, quanto mais desarmadas as terras de S. Magestade Catholica; pois conforme as ordens, que tenho da côrte de Lisboa, não seria eu menos criminoso, se intentasse offender as suas fronteiras, do que consentir, que se insultem as d'este estado. N'estes termos conseguirá o estar tão livre de perturbação por esta parte, como está pela parte dos francezes de Caiana, e dos hollandezes de Sorinàme, aonde não confina com PP. da Companhia de Jesus: os quaes por não serem reputados por mais que humanos nas suas esclarecidas virtudes, foi necessario, que tivessem o defeito de serem perigos visinhos.

Não é da minha profissão disputar o direito da bulla pontificia, em que VV. RR. se fundam, para ampliar os dominios de Castella até as muralhas do Grão Pará; mas, devendo-me regular pela pratica, que é a consequencia do direito, me causa grande admiração, que VV. RR. não façam escrupulo recorrer a um fundamento, de que nunca se quizeram valer os mesmos Reis catholicos, a quem a bulla foi concedida, em todos quantos tratados se tem concluido ha duzentos e tantos annos, entre a corôa de Hespanha, e outros Soberanos, que tem occupado dominios, e commercios dentro da parte concedida pela tal bulla, tanto nas indias orientaes, como nestas. Nem me consta que a corôa de Hespanha pretendesse restituição alguma em virtude da bulla do papa Alexandre VI, sendo certo, que os seus ministros e embaixadores estariam cabalmente instruidos em os direitos, e interesses da mesma corôa.

Nem eu sei, como o mesmo pontifice, que não pôde segurar á sua propria familia uma porção da Italia, podesse dar tão liberalmente a metade do orbe da terra á corôa de Hespanha, condemnando uma tão grande parte do mundo a eternisar-se nas trevas da gentilidade, e do atheismo, sem poder receber outra luz mais que a que lhe mandasse pelos horizontes de Cadix, ou da Corunha.

Consta-me que algumas bullas pontificias as aceitam, ou recusam os Principes, segundo o que se accommoda aos seus interesses; e para eu entender, que a Alexandre VI se não admittiu em Portugal, basta ver o que escreveu um autor castelhano contemporaneo, qual é Garibay, na vida de El-Rei D. João II de Portugal, no cap. 25, e na de El-Rei D. João III, no cap. 31, aonde conclue, que depois de se offerecer da parte dos castelhanos trezentas e sessenta leguas mais a Portugal, além das cem, que declara a bulla, não quizeram os ministros portuguezes admittir esta offerta, e se dissolvêram sem conclusão as conferencias, que se faziam sobre esta materia entre Elvas, e Badajoz. De sorte que considerem VV. RR. em virtude de tal bulla. E' certo que as convenções, commercios, e conquistas, que tem alterado a sua observancia, são tantas, que se não póde duvidar estar derrogada a pratica della no uso das nações. E como os Reis de Castella não julgaram ser necessario fazer memoria d'esta bulla nos seus tratados com outros Principes, parece, que bem deviam VV. RR. fazer o mesmo nas suas cartas.

Para eu mostrar a VV. RR. o logar, onde confinam os dominios de Portugal, e Castella no rio das Amazonas, não hei de recorrer a linhas mentaes, que só existem na imaginação, nem me quero valer do que dizem os escriptores portuguezes. Os mesmos tratados, que VV. RR. allegam, e um autor castelhano apaixonado contra os portuguezes, e padre da Companhia de Jesus, me parece que serão bastantes para persuadir a VV. RR.

Mas, nenhum destes documentos é necessario, para que conste a VV. RR., que a corôa de Portugal esteve sessenta annos sujeita, mas nunca incorporada á corôa de Castella. Obedecia ao Rei de Hespanha; mas, pela côrte de Lisboa se expediam as ordens para todas as provincias, e governos. Com a mesma notoriedade constaram a VV. RR. as innumeraveis perdas, que n'esta sujeição padeceu a corôa de Portugal, não só nas Indias orientaes, aonde perdeu um imperio que hoje faz a opulencia da republica de Hollanda, mas tambem nestas Indias, aonde os mesmos Hollandezes occuparam as praças principaes do Brazil, e Maranhão, fabricando tres fortalezas no rio das Amazonas, com que chegaram a senhorear-se da melhor parte d'este grande rio. Pedia a razão, e tambem a politica, que o pouco, que restauravam, ou adquiriam os portuguezes, ficasse pertencendo á mesma corôa, sendo uma tenue compensação das suas calamidades. E assim o entenderam, e approvaram os Reis catholicos, tanto na recuperação, e descobrimento do Brasil, como no rio das Amazonas, aonde, depois de haverem as armas por

tuguezas expugnado as fortalezas acima referidas, e expulsado outras nações de herejes, que navegavam o mesmo rio, vieram differentes ordens dos governadores do Maranhão e Pará, para que executassem este descobrimento, o que não occulta o padre Manoel Rodrigues, procurador geral dos indios, na sua historia do Maranhão, liv. 6, cap. 11. Até que ultimamente o governador Jacomo Raymundo de Noronha, mandou, em virtude das mesmas ordens (não da real audiencia de Quito, que nunca as podia passar a terras da corôa de Portugal) ao capitão-mór Pedro Teixeira, que com um corpo de infanteria paga, e indios, que occuparam setenta canôas, pozesse em execução este descobrimento.

Não refiro a VV. RR. o successo da navegação de Pedro Teixeira, porque da mesma historia, e relação do padre Cunha, constará a V. Reverendissima o immenso trabalho, e constancia, com que proseguia esta empreza, e as grandes despezas, perigos, sangue e vidas de officiaes, e soldados portuguezes que custou o feliz complemento della; e só quizera, que ponderasse V. Reverendissima o fundamento, que póde ter a audiencia geral de Quito, para arrogar á sua jurisdicção os descobrimentos feitos pelo estado do Maranhão, e Grão Pará, á custa das vidas dos portuguezes, e em serviço da corôa de Portugal, e por ordem de El-Rei de Castella, a quem então estava sujeito.

Bem creio da candidez de V. Reverendissima, que ha de convir, em que este descobrimento devia ceder em augmento do governo, que o conseguiu, e que a posse, que na volta de Quito tomou o capitão-mór Pedro Teixeira, em nome de El-Rei Philippe IV, pela corôa de Portugal, na presença de dous padres da Companhia, castelhanos, e do maior numero de homens brancos, que se tem visto nessas partes, foi um acto não sómente justo, mas approvado naquelle tempo, tanto por castelhanos, como por portuguezes; e por isso remetto a V. Reverendissima o traslado delle.

Bem vejo que dirá V. Reverendissima, que o capitão-mór Pedro Teixeira, era naquelle tempo vassallo de El-Rei de Castella, e que havendo tomado posse em nome do mesmo Rei, para este é que adquiriu aquelles dominios. Ao que respondo, que assim adquiriu o dominio para Sua Magestade Catholica, mas unido, e incorporado na corôa de Portugal, e como pelo artigo 2º do tratado da paz, concluida em 13 de Fevereiro de 1668, cedeu el-rei Catholico a el-rei de Portugal tudo o que tinha e de que estava de posse essa corôa antes da guerra, que principiou no anno de 1640, é certo que se comprehendem nesta cessão os dominios de que tomou posse pela corôa de Portugal o capitão-mór Pedro Teixeira no anno de 1639, e especialmente sendo tão justa, e tão natural a acquisição, se conservou sempre a mesma posse emquanto a não perturbaram os padres da Companhia.

Por esta razão é que o reverendo padre Carlos Brentano, quando se vale do tratado de Utrecht, allega um documento contra si mesmo; porque naquelle tratado se nomeam especifi-

cadamente todos os logares, que restitue uma coróa á outra ; e quanto ao mais se convelo em que as raias, e limites de ambas as corôas, ficassem no mesmo estado, em que se achavam antes da guerra, como tudo se vê do 5º artigo do mesmo tratado. E não é isto sómente o que tem contra si o mesmo reverendo padre na paz de Utrecht, que allega ; porque com mais clareza achará no tratado da paz entre El-rei de Portugal, e El-rei de França, que sem embargo de estarem deste monarcha mais unidos, que nunca aos de Castella, reconhece que as duas margens do rio das Amazonas, tanto meridional como septentrional, pertencem em toda a propriedade, dominio, e soberania a Sua Magestade Portugueza, que estes são os proprios termos, em que falla o artigo 10 do dito tratado.

Mais razão teve o dito reverendo padre para censurar o alferes José de Mello, quando este sem mais desculpa, que a de soldado em que a ignorancia é por direito um privilegio erradamente addido a de Vesfalia, em que na verdade não houve ajuste entre Portugal e Castella. Mas, si o reverendo padre examinasse bem os artigos 5º e 6º do tratado da paz concluida entre o rei de Castella, e a republica de Hollanda em Munster, não affirmaria que nos congressos de Vesfalia se debateu sómente o exercicio livre das seitas dos lutheranos, e calvinistas ; diria antes com toda a certeza, que aos calvinistas, e lutheranos sacrificou El-rei de Castella na paz de Vesfalia todos os dominios catholicos da coróa de Portugal nas indias orientaes, e occidentaes ; e que o mesmo logar em que o reverendo padre, e V. Reverendissima escreveram as cartas, a que agora respondo, foi cedido solemnemente aos hollandezes, sem embargo da bulla do papa Alexandre VI, a qual quando estivesse em observancia, bastavam os dous artigos de que remetto a V. Reverendissima a cópia, para ficar para sempre derrogada.

Si as armas dos portuguezes não expulsassem do rio das Amazonas as nações de hereges que o occupavam, como o confessa um delles João Laet, citado pelo padre Manoel Rodrigues, no liv. 6º cap. 11 da sua historia do Maranhão, aonde diz : «Tam Angli, et Hyberni, quam nostri Belgi a Portugalis é Pará venientibus inopinato oppresi &c.» Não estariam talvez VV. RR. em paragem de mover aos hollandezes as mesmas duvidas, que movem aos portuguezes ; porque este era o intento daquelle tratado, tão impio, e tão indigno de um rei catholico, que sem temeridade se póde discorrer, que deu motivo a que a justiça Divina transferisse a coróa de Hespanha da familia real em que estava para outro rei, que desempenhou o titulo de christianissimo com o exterminio de muitas mil familias hereges, que não quiz por vassallos seus.

Em consequencia de tudo conhecerão VV. RR. quanto estimo a sua opinião a respeito das nullidades de confissões, e sacramentos, por falta de jurisdicção especial; pois que os limites do estado do Pará estão clara, e distinctamente estabelecidos por essa parte ; e si os do bispado de Quito estão duvidosos, na mesma historia do padre Manoel Rodrigues acharão VV. RR.,

diz elle no liv. 6º cap. 12 : «Los Portuguezes del Pará se contentan con subir por las Amazonas hasta las islas de los Manuás &c.» D'onde a expressão — se contentam — parece que inculca modestia, e que com justiça podiam passar adiante. E si isto não basta, creio que bastará para VV. RR., o que diz o seu padre visitador geral no liv. 1º cap. 7º da mesma historia do Maranhão, em que fazendo a descripção da jurisdicção de Quito, affirma que o seu bispado comprehende duzentas legoas, differença grande das mil e trezentas, que assigna a mesma historia de Quito até o Grão-Pará. E assim devem VV. RR. fazer um grande reparo nesta importante parte das cartas, que escreveram, e reconhecendo que não ha para onde recorrer da sentença, que deram contra si mesmos, será grande infelicidade não a executarem.

A offerta do capitão general meu antecessor, ao Sr. presidente da real audiencia de Quito, attribuo eu a um lance, ainda que excessivo, de cortezia militar, em que esperava ser correspondido pela generosidade hespanhóla, e ao qual mais prudente não quiz corresponder o dito Sr. presidente, mas eu com grande desejo de que me aceitem a palavra, me atrevo a fazer a VV. RR., uma mais ampla offerta, e é que não pretendendo VV. RR. augmentar dominios temporaes, como verdadeiros seguidores de Christo, cujo reino não era deste mundo, e devendo o mesmo mundo estar patente para a prégação do Evangelho a todas as creaturas delle, não sómente consentirei, que VV. RR. estendam as suas doutrinas até as muralhas do Pará, mas lhes franquearei as portas, assegurando-lhes nesta cidade toda a veneração, e respeito devido a VV. RR. Deos guarde a V. Reverendissima muitos annos. Pará, a 18 de Novembro de 1737.

MEMORIA

DO

Descobrimento e Fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro

Escripta por Antonio Duarte Nunes, tenente de bombeiros do regimento de artilharia desta praça, no anno de 1779

(Manuscripto offerecido ao Instituto)

As confusas noticias, e diminutos conhecimentos com que ainda estava a nossa côrte, no anno de 1530, a respeito dos mares, e continente que seguem da Bahia de Todos os Santos para o Sul, até o Rio da Prata, deu bastante motivo, para que o Senhor Rei D. João III, desejoso de conhecer este resto ainda não explorado, fizesse apromptar uma Armada, e mandasse examinar a costa do Sul de todo este continente, até o famoso Rio da Prata; nomeando para commandante daquella expedição a Martim Affonso de Souza, seu conselheiro, a quem ordenou, que se estabelecesse uma colonia no logar, que lhe parecesse mais commodo para isso.

Com prospera viagem chegou a esta altura de 23 gràos, avistando logo terra; e mandando approximar as embarcações á costa, divisou no dia 1 de Janeiro de 1531 um boqueirão defendido de altos penhascos por uma e outra parte, e com uma grande lage no centro, que, dividindo as aguas, offerecia duas barras, para o interior de uma dilatada bahia, com muitas ilhas de differentes grandezas.

(*) Os naturaes do paiz chamavam a este sitio Nitheroy, e Martim Affonso de Souza o denominou Rio de Janeiro, pelo ter descoberto neste mez.

(**) Por ordems na fundearam todas as embarcações fóra da barra; e procurando a terra, em uma pequena lancha, que o conduzia, desembarcou junto ao Pão de Assucar na praia, que por isso chamaram até certo tempo, Porto de Martim Affonso de Souza, e depois Praia Vermelha.

Tendo explorado o terreno se retirou a seu bordo, desprezando todas as commodidades deste bellissimo paiz, por não expôr como se supõe, a sua tropa e colonos ás contingencias de uma guerra perigosa com os Indios de todo este continente, do qual se ausentou, continuando a diligencia de explorar a costa, em consequencia das ordens de que viera encarregado.

(*) Vasconcellos, vida do padre Anchieta, liv. 2, cap. 1.

(**) Santa Maria, Ann. histor. 1. de Janeir. § 4. Tom. 1.

Todo este continente estava possuido, e habitado de inculta gentilidade, dividida em muitas nações, algumas menos féras, mas todas barbaras: não tinham culto de religião, idolatravam a gula, e serviam ao appetite, sem regimen de lei, ou de razão; repugnantes á doutrina Evangelica, que lhes pregou o Apostolo S. Thomé (*), a quem não quizeram ouvir, e afugentaram de todos os seus paizes, dos quaes ausentando se o Sagrado Apostolo, deixou em muitos logares, para prova dos seus prodigios, impressos e retratados em laminas de pedra, os signaes do seu cajado, e dos seus pés.

Neste infeliz estado os acharam os primeiros povoadores do Brazil, quando por zêlo da religião, e serviço de Sua Magestade, procuraram domestical-os, e instruil-os nos dogmas do christianismo; porém não sendo possivel conseguir a verdadeira amizade e segura alliança, que pretendiam destes homens, a quem com liberalidade satisfaziam em tudo quanto appeteciam, foi-lhes preciso usar das armas, e de todo o rigor, para castigar os barbaros insultos, e aleivosias com que por muitas vezes, tentaram invadir as nossas povoações.

A este tempo já toda a Europa estava certificada de que o estado do Brazil não era menos dilatado em dominio, que opulento no commercio e riqueza, e porque promettia isso incitou a cubiça de muitas nações estranhas, para que buscassem nos seus portos, os interesses mais importantes á sua negociação. Entre todas se distinguiu com mais desvelo a nação Franceza, expedindo contra as principaes capitanias deste Estado diversas náos dispersas, para colherem as conveniencias, que lhes segurava o seu valor, e lhes promettia a sua ambição; introduzindo-se com os gentios Pitaguarés, nas provincias da Parahyba, e de Itamaracá; com os Cahetés, na de Pernambuco, e Rio de S. Francisco; na de Sergipe, com os Tupinambás; e em Cabo Frio, e nesta enseada do Rio de Janeiro com os Tamoyos; e ainda que recebêram nestas expedições, não pequeno estrago dos nossos capitães Pedro Lopes de Souza, Luiz de Mello da Silva, e Christovam Jacques: mettendo-lhes muitas embarcações a pique, e prisionando outras; nunca desistiram de continuar em uma empreza, a que os estimulava a gloria da fama, e o augmento do commercio.

Incitado com estes dous vehementes estimulos, se animou no anno de 1556, Nicoláo Durand de Villogaignon, natural de Provins na provincia de Brie, a armar á sua custa alguns navios, com os quaes vagando pelos mares do Brazil surgiu em Cabo Frio, onde desembarcando com alguns companheiros, foi benevolamente recebido pelos Indios Tamoyos habitadores daquelle porto, os quaes, como tivessem violado a fé promettida ao Portuguezes, que habitavam a villa de Santos e a capitania de S. Vicente, que nesse tempo tinha o dominio de todas as nossas povoações do Sul, com o falso pretexto de terem rece-

(*) Americ. Port. pag. 48, liv. 2. N. 18.

bido delles alguns aggraves ; estimaram o soccorro, que liberal a fortuna lhes offerecia, para sua conservação, e ruina dos seus contrarios.

Em signal da firme alliança, que em odio dos Portuguezes estabeleciam com os novos hospedes, lhes carregaram as embarcações dos diversos generos, que produzia a terra, principalmente de páo-brazil tão appetecido em toda a Europa. Villegaignon, como era muito astuto, valendo-se da opportunidade do tempo lhes prometteu, para mais lhes conciliar os animos, concorrer com maiores forças, que igualmente vingassem as suas offensas, e opprimissem aos seus inimigos.

Recolhido Villegaignon á sua patria, preparou com summa brevidade maior apparato militar, na confiança de conseguir aquelles interesses, a que o incitava a cubiça, e lisongeava a esperança. Tornou segunda vez, e entrou nesta enseada com igual fortuna, promettendo aos Indios mais util, e segura amizade, que a dos Portuguezes, de cujas armas os defenderia com todo o poder da nação Franceza.

Foram ouvidas pelo gentio, em odio nosso, as suas promessas, e sendo por elles recebido em firme alliança, e companhia, começaram a fortificar a ilha, a quem ficou o appellido de Villegaignon, e todos os logares em torno desta enseada com singular conceito, e expectação do valor, e bondade do seu novo alliado ; de cuja disciplina e amizade fiavam a expulsão dos Portuguezes de toda a repartição do Sul.

Quatro annos haviam, que os Francezes dominavam esta porção de terra, confederados com os Indios Tamoyos, que sendo naturalmente indomitos, os tinha domesticado o politico trato daquella nação. De tal fórma infestavam uns e outros estes mares, e toda a costa, que foi preciso applicar maiores forças, para embaraçar-lhes os progressos com que procuravam dilatar o seu dominio nesta provincia ; até que, finalmente, pelos avisos do governador de S. Vicente ao governador geral do Estado, foi sciente a nossa côrte, que os Francezes desde o anno de 1556 occupavam a enseada do Rio de Janeiro, apossando-se cavilosamente deste sitio, drogas do paiz, e commercio dos Indios, e que estes auxiliados dos mesmos Francezes, discorriam por toda a costa, augmentando as suas hostilidades contra os Portuguezes. Estas noticias deram grande cuidado ao nosso ministerio, e sendo logo participadas a S. Alteza a Serenissima Senhora D. Catharina de Austria, que pela menoridade de seu neto o Sr. Rei D. Sebastião, regia o Reino, fez expedir uma armada, dirigindo-a ao governador geral Mendo de Sá, para que com todas as forças procurasse lançar fóra aquella ignominia do nome portuguez.

Em consequencia desta ordem (1560), marchou o governador geral Mendo de Sá com a sua armada, que se compunha de duas náos, e cito ou nove navios, e avistando prosperamente esta barra, expediu um aviso para a capitania de S. Vicente, d'onde em breve tempo lhe veio um borgantim guarnecido de artilharia e tropa, e unindo estas forças ás que trazia na sua

armada, procurau a barra, onde felizmente entrou no dia 21 de Fevereiro de 1560.

Tendo este governador distribuido as ordens competentes para attacar os inimigos, se dirigiu á Ilha de Villegaignon, a qual estava fortificada a preceito pelo chefe dos Francezes Nicolão Durand de Villegaignon, de quem ainda conserva o appellido, mais para gloria nossa, do que applauso do fundador; e sem embargo do excessivo fogo, que faziam da Ilha sobre as nossas embarcações, conseguiu o governador Mendo de Sá, com a sua constancia, ganhar terra, e collocar nella grossa artilharia, com a qual bateu a fortaleza por espaço de dois dias, e duas noites, porém vendo o pouco effeito da sua bateria, por causa dos rochedos, que servindo de muralha amparavam a fortaleza, animou a sua tropa, e marchando com ella a peito descoberto ganhou o monte chamado das Palmeiras: animados os soldados com tam feliz successo proseguiram o combate, no qual de ambas as partes se obravam valentissimas acções filhas do esforço, da arte, e da porfia, empenhados uns em conquistar as terras, outros em defender as vidas, até que desenganados os inimigos de prevalecerem contra o valor dos Portuguezes, fugiram precipitadamente protegidos das sombras da noite; salvando-se em canôas aquelles, que tinham escapado da violencia do ferro, e tambem do fogo, em que, ou por descuido seu, ou diligencia dos nossos, perecêram trinta abrasados no incendio, que se ateou na casa da polvora. Os que restaram desta derrota se occultaram no interior do sertão; deixando aos Portuguezes lograr as palmas de uma gloriosa victoria, em cujo seguimento passaram á terra firme, destruindo-lhes quantas fabricas tinham, e todas as lavouras, com que pretendiam conservar-se isentos do dominio Portuguez.

Ganhada a Ilha de Villegaignon, e desalojado o inimigo de toda esta grande enseada, se fizeram acções de graças com solemne Missa, a primeira que naquelle sitio se celebrou ao verdadeiro Autor das Victorias, e Deos das batalhas. Tratava o governador geral de povoar e guarnecer de Portuguezes todos aquelles logares; mas foi dissuadido deste intento com a maxima politica e militar, de não enfraquecer o Estado, dividindo-lhe as forças; conselho que sahiu prejudicial, como logo veremos. Emfim, demolindo a fortaleza, e fazendo recolher ás embarcações todas as armas, e artilharia dos inimigos, como despojos ganhados com tanta gloria, sahiu a armada para a capitania de S. Vicente, de cujo logar, depois de visitadas as povoações do Sul, voltou para a Bahia (1561), sendo recebido nella o governador geral Mendo de Sá em triumpho, e os soldados e mais pessoas daquella expedição com geraes acclamações do povo.

De S. Vicente expediu um aviso para Lisboa participando á Serenissima Senhora D. Catharina a feliz victoria, que alcançára do orgulho dos Francezes, e Tamoyos do Rio de Janeiro; narrando-lhe todo o successo nesta carta, fielmente extrahida do original, que está na Torre do Tombo (gaveta 2, masso 10).

Senhor.— A armada que V. A. mandou para o Rio de Janeiro chegou á Bahia o derradeiro dia de Novembro; tanto que o capitão-mór Bartholomeu de Vasconcellos me deu as cartas de V. A., praticuei com elle, com os mais capitães e gente da terra, o que se faria, que fosse mais serviço de V. A.; a todos pareceu que o melhor era hir commetter a fortaleza, porque o andar pola costa era gastar o tempo e monção em cousa muito incerta.

Eu me fiz logo prestes o melhor que pude, que foi o peor que um Governador podia ir, e parti a 16 de Janeiro da Bahia e cheguei ao Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro, e em chegando soube que estava uma não pelo Rio dentro do proprio Monsieur De Villegaignon, que lhe mandei tomar pela Galé *Exaura* que V. A. cá tem. Quando o capitão-mór e os mais da armada viram a Fortaleza, a sua fortaleza, a aspereza do sitio, a muita artilharia e gente que tinha, a todos pareceu que todo o trabalho era debalde, e como prudentes arreceavam de commetter cousa tão forte com tão pouca gente; requereram-me que lhes escrevesse primeiro uma carta, e os amoestasse que deixassem a terra pois hera de V. A.; eu lhes escrevi, e me responderam soberbamente.

Prouve a Nosso Senhor, que nos determinamos de a combater, e a combatemos por mar, e por todas as partes em uma sexta-feira, 15 Março, e naquelle dia entramos a Ilha honde a Fortaleza estava posta, e todo aquelle dia e o outro, pelejámos sem descansar de dia e de noite, até que N. S. foi servido de a entrarmos com muita victoria e morte dos contrarios, e dos nossos poucos; e se esta victoria me não tocára tanto, podéra affirmar a V. A., que ha muitos annos se não fez outra tal entre christãos.

Porque, posto que vi muito e li menos, a mim me parece, que se não viu outra fortaleza tam forte no mundo. Havia nella setenta e quatro Francezes ao tempo que cheguei, e alguns escravos; depois entraram mais de quarenta dos da não e outros que andavam em terra, e havia muito mais de mil homens dos do gentio da terra, tudo gente escolhida, e tam bons espingardeiros como os Francezes; e nós seriamos cento e vinte homens Portuguezes, e cento e quarenta do gentio, os mais desarmados e com pouca vontade de pelejar; a armada trazia dezoito soldados moços, que nunca viram pelejar.

A obra foi de N. S., que não quiz que se nesta terra prantasse gente de tãos maos zêlos e pensamentos, heram Luteros e Calvinos; o seu exercicio era fazer guerra aos christãos, e dalos a comer ao gentio, como tinham feito poucos tempos havia em S. Vicente. O Monseur de Vilganhão havia oito ou nove mezes se partira para a França com determinação de trazer gente e náos para ir esperar as de V. A., que vem da India, e destruir ou tomar todas estas Capitanias e fazer-se um grande Senhor.

Pelo que parece muito serviço de V. A. mandar povoar este Rio de Janeiro para segurança de todo o Brazil, e dest'ou-

tros máos pensamentos, porque se os Francezes o tornam a povoar, hei medo que seja verdade o que o Vilaganhão dizia que todo o poder d'Hespanha nem do Gram Turco o poderá tomar.

Elle leva muito differente ordem com o gentio, do que nós levamos, é liberal em extremo com elles e faz-lhes muita justiça, e força os Francezes por culpas sem processo; com isto é muito temido dos seus e amado do gentio, manda-os ensinar a todo o genero de officios e d'armas, ajuda-os nas suas guerras, o gentio é muito e dos mais valentes da costa, em pouco tempo se póde fazer muito forte.

Por outra via escrevi a V. A. do estado da terra e do que foi no Peroaçú; o que peço agora a V. A. é que me mande ir, porque são já velho e sey que não são para esta terra. Devo muito, porque guerras não se querem com miseria, e perder-me-hey se mais ca estiver. N. S. avida o estado real de V. A. accrescente. De S. Vicente a 16 do mez de Junho de 1560.— *Mendo de Sá*.

Passados quatro annos, tornaram os Francezes a apossar-se da mesma enseada, continuando com repetidas hostilidades a infestar os nossos portos; e adiantar quanto era possivel o seu estabelecimento, pela boa união, e amizade que tinham com os Indios. Para evitar este damno, que cada dia se augmentava com maiores excessos, ordenou a Serenissima Senhora D. Catharina a Estacio de Sá, sobrinho do Governador Mendo de Sá, que sem demora partisse para a Bahia com dois galeões guarnecidos de tropa, e todos os aprestos militares, e que da sua parte significasse a Mendo de Sá, que com o maior poder, que fosse possivel ajuntar-se na Bahia, o enviasse a expulsar de novo aos Francezes da enseada do Rio de Janeiro, povoando a terra com gente Portugueza.

Chegou Estacio de Sá á Bahia (1564), e apresentando ao Governador seu tio as ordens, que trazia, para o enviar áquella empreza. Logo lhe fez apromptar as embarcações que se achavam no porto, guarnecendo-as de artilharia e tropa; e fornecida a armada de todos os petrechos, e mantimentos que com a maior diligencia se poderam conduzir para esta expedição, nomeou para commandante geral da acção a seu sobrinho Estacio de Sá; ordenando-lhe, que demandasse a barra do Rio de Janeiro, e que da sua enseada fizesse desalojar os Francezes, que alli existiam, povoando a terra com a gente Portugueza que era acompanhava; e prevenindo-o dos solidos conselhos, e sabias instrucções, de que se devia aproveitar para o bom exito desta importante commissão, o fez partir para o Rio de Janeiro.

Tendo chegado Estacio de Sá a esta barra, expediu um aviso para a capitania de S. Vicente, e entretanto foi examinando a costa, na qual, tendo mandado uma lancha a tomar agua, encontraram um Francez, que sendo conduzido á presença do commandante, disse o estado, e forças com que se achavam os Francezes, e os Indios em toda a enseada da barra para dentro. Concluida a deligencia de explorar a costa, se dirigiu

a este porto, onde entrou com toda a sua armada em o mez de Abril (1565), no dia sabbado de alleluia, ancorando junto á Ilha de Villegaignon, na qual celebraram Missa solemne, em acção de graças, no dia seguinte domingo de paschoa.

Informado Estacio de Sá, de que o poder do inimigo era superior ás nossas forças, e considerando, que para o desalojar dos sitios em que estava fortificado, lhe era necessario maior numero de combatentes, e maiores preparações, resolveu, como prudente general, não empenhar com tão desigual partido o credito do Estado, e a gloria do seu nome, sem ir primeiramente á capitania de S. Vicente prover-se de embarcações de remo, e outros preparativos de tanta necessidade para aquella expedição.

Fazendo-se á véla tomou, e em poucos dias, o porto de S. Vicente, onde se armaram contra a sua resolução graves difficuldades, movidas pelo zelo de uns, e pelo temor de outros, com o que o persuadiam desistisse da empreza, que intentava, dilatando a sua execução para tempo mais opportuno. Fundavam o seu discurso na grande desproporção, que havia entre o nosso poder, e o do inimigo; além disto, as fortificações com que se achavam defendidos nos logares, onde precisamente deviam ser attacados, e desalojados; a abundancia que tinham de canôas, e a destreza com que as moviam; sendo impossivel aos nossas praticarem o mesmo nos barcos, e lanchas das embarcações; e finalmente tudo eram duvidas, difficuldades, e obstaculos; porém estes inconvenientes, que podiam dissuadir a outro capitão, que não fosse Estacio de Sá, o estimularam a proseguir a empreza intentada, pois julgava por acção indecorosa, tanto para o Estado, como para a sua opinião, ficar sem abater o orgulho daquelles barbaros; e assim, desprezando os obstaculos propostos, se resolveu acommettê-los; guarnecendo a armada com maior numero de Portuguezes, e Indios, que da capitania do Espirito Santo tinham chegado, além dos que pôde ajuntar nas villas de Santos e S. Vicente, aonde os moradores dellas, por zêlo do real serviço, e empenho do commandante, concorreram com os mantimentos necessarios para a armada.

1565. Com estes soccorros sahiu Estacio de Sá em procura do inimigo; entrou a barra e desembarcou, e tomando terra na enseada (que chamaram depois Villa Velha) entre o Pão de Assucar, e o morro de S. João, ordenou, que logo desembarcasse a tropa, e levantasse trincheiras. Não contavam muitos dias de estada neste sitio, quando nelle foram attacados pelos inimigos; mas achando valor, e resistencia, qual não esperavam, se retiraram rechaçados das nossas armas; perdendo a maior parte das canôas em que tinham vindo, pela desconcertada fuga, que fizeram. A 12 do mez tiveram os nossos outra victoria, dando-lhes repentinamente nos postos, onde em cilada esperavam a passagem das nossas canôas e lanchas. Deste modo se ia passando o resto do anno, quando Estacio de Sá, cheio de valor, e arrojo, foi attacar os Francezes a seu bordo, e com tal felicidade, que tudo ficou destroçado da parte do inimigo, pela

muita gente que lhe matou, sendo muito diminuto o numero de mortos, e feridos dos nossos.

Depois desta acção expediu o capitão commandante muitos piquetes de soldados aventureiros, que divididos por diversas aldeias, foram severamente castigando a insolencia de seus moradores, e reduzindo á nossa obediencia todos aquelles, que esquecidos da fé promettida, repugnavam sujeitar-se ao dominio Portuguez.

Os successos desta guerra foram varios no decurso desto anno (1566); porém de ordinario venturosos da nossa parte, pelo acerto com que o capitão commandante se propunha a todas as acções que o tempo, e a occasião lhe offereciam.

Os grandes cuidados, de que actualmente se via combatido, e o desvelo com que descorria no acerto da honrosa satisfação, que devia dar daquella importante diligencia, de que estava encarregado, talvez fosse o motivo de demorar a parte ao governador geral Mendo de Sá, do estado e circumstancias em que se achava a sua commissão; porque empenhado nesta empreza, cuidava mais em a concluir, do que em dar noticias della. Esta demora produziu no governador geral a maior afflicção, e o maior cuidado que podia ter; e nesta confusão igualmente valoroso, como impaciente, se resolveu a esforçar o empenho com a sua pessoa; e ajuntando sufficiente numero de embarcações, soldados, e pessoas, que espontaneamente o quizeram acompanhar, partiu para esta cidade, em cuja barra entrou no dia 18 de Janeiro de 1567 ante-vespera do Martyr S. Sebastião, a quem tomou logo por Padroeiro da cidade, que pretendia edificar, e todos por tutelar, e capitão naquella empreza.

1567. Com todos os signaes da maior alegria foi recebido o governador geral Mendo de Sá, por seu sobrinho Estacio de Sá, e igualmente por todos os seus subordinados; e passando logo a informar-se do estado da guerra, e dos progressos que tinham feito, resolveu accommetter aos inimigos no proprio dia do Santo, dispondo com o capitão Estacio de Sá a fórma de os investir.

Distribuidas as ordens, e animados os soldados com a pratica do general, e a benção do prelado D. Pedro Leitão, que em companhia do governador geral tinha vindo a visitar as igrejas do Sul, subiram a bater o inimigo na principal fortificação, que era a de Urussumery, e mais difficultosa pela situação, e numero de Francezes e Indios com que estava guarnecida.

Accommettido o inimigo, era a sua resistencia proporcionada ao nosso furor, e a sua disciplina aprendida com os Francezes, e muitas vezes praticada, fazia nesta occasião tão difficil o seu rendimento, como constante a porfia dos nossos soldados, os quaes, avançando por differentes partes, montaram a trincheira, matando innumeraveis gentios e muitos Francezes, excepto cinco, que assim mesmo vivos foram pendurados em altos postes, para exemplo, e terror dos mais.

Logo senhorearam os nossos toda a ensenada; e em per-

secução da victoria penetraram o continente, matando no alcance a muitos gentios, que formando varios corpos da sua gente intentavam impedir-nos o passo.

As terras conquistadas se repartiram por moradores ricos, capazes de as cultivar, e defender; de cuja vizinhança se davam os inimigos por tão mal seguros, que não ousaram mais apparecer, retirando-se para os sitios mais distantes, e remotos do paiz. Poucas vidas custou aos nossos esta victoria, porém sahindo ferido de uma setta no rosto, o capitão Estacio de Sá, passou á melhor vida, um mez depois do conflicto; deixando a todos no mais profundo desgosto, quando o appeteciam vivo, para gozar o fructo dos grandes trabalhos com que se interessou nesta conquista, por cujo augmento deu a vida, começando desde então a viver com gloria na Posteridade.

Concluidas estas emprezas, e posto em socego todo o continente, determinou o governador geral Mendo de Sá lançar os primeiros fundamentos para a nova cidade, que pretendia edificar; e fazendo abandonar o sitio da primeira povoação (chamada depois Villa Velha) veio estabelecer-se em distancia de uma legoa, no lugar em que hoje vemos os quarteis do regimento de artilharia e santa casa da misericordia, e outras mais, onde existem ainda monumentos, que fazem verdadeira esta noticia. Intitulou-a «Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro», pela victoria que conseguiu no dia do Santo, e por obsequio ao soberano que n'aquella época occupava o throno de Portugal.

1568. Tendo dado principio a fundação, e fabrica da nova cidade, dispôz a sua retirada para a Bahia, nomeando para este governo a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, no qual delegou todos os poderes que S. M. lhe havia conferido, por concorrerem na sua pessoa todas as circumstancias necessarias, para exercer aquelle emprego, e pelos creditos com que se distinguiu em toda a guerra desta conquista; sendo um dos officiaes, que tiveram maior parte na victoria. D'elle descende a nobilissima familia dos Corrêas e Sás desta cidade, que por muitos annos tiveram o governo della, assim como occuparam grandes lugares em Africa, Asia e Portugal, em cuja côrte existe a sua baronia e primogenitura, com o titulo de viscondes de Asseca.

Em Maio de 1568 sahiu desta cidade o governador geral Mendo de Sá, dirigindo a sua viagem ás villas e povoações do Sul, por agradecer áquelles moradores o muito que tinham concorrido com as suas fazendas e pessoas para esta guerra. Foi recebido de todos, como fundador da liberdade, que ficava logrando a região do Sul na extincção dos inimigos.

Dispondo nas villas e povoações d'aquella repartição tudo o que era mais conducente ao serviço d'el-rei, e ao bem commum, voltou para a Bahia a continuar o seu governo, cujas redeas moveu quatorze annos; fechando ali, no de 1572, o circulo da sua preciosa vida cheio de virtudes, e triumphos, pelo zelo da religião e do serviço de S. M. Em perpetuo silencio, e eterna saudade se conservam as suas respeitaveis cinzas junto ao

cruzeiro da igreja dos padres ex-jesuitas, existindo viva a sua memoria nos fastos do Brazil, onde deixou descendencia, a qual, pelas inconstancias da fortuna, apenas conserva do tam illustre progenitor a memoria, e o appellido.

Na edificação e augmento da nova cidade se empregava com muito desvelo o governador Salvador Corrêa de Sá, quando a fortuna lhe offereceu o melhor motivo, para mostrar de novo o seu valor e disposição; porque tendo chegado ao porto de Cabo Frio quatorze embarcações Francezas a carregar pão-brazil, fôram os seus commandantes persuadidos dos Indios Goitacazes, de cuja amizade perdiam as utilidades das suas navegações a esta costa, para que os ajudassem contra Martim Affonso de Souza, chamado antes do baptismo Arariguoya, Indio notavel por esforço, e amizade com os Portuguezes, a quem tinha dado, na capitania do Espirito Santo, e na conquista desta provincia as mais evidentes provas da sua fidelidade, por cujo motivo lhe deram terras, onde com os seus Indios formou a aldêa de São Lourenço, que ainda hoje existe; e S. M. em remuneração dos serviços que lhe tinha feito, o premiou com a mercê de cavalleiro da ordem de Christo, e o posto de capitão-mór da sua Aldêa; recebendo da fazenda real as gratificações, que lhe fôram conferidas, como consta dos livros antigos da provedoria da Fazenda.

Chegaram (1568) as ditas embarcações a esta barra aonde não haviam ainda fortalezas, para lhes fazer opposição; e entrando livremente com oito lanchas e grande numero de canôas, publicaram, que vinham prender a Martim Affonso, para o entregarem ao gentio de Cabo Frio, a quem assistiam com o seu poder, como seus confederados.

Com esta certeza, mandou logo o governador Salvador Corrêa de Sá, soccorrer a Martim Affonso, com armas e gente, participando-lhe os fins a que vinham os Francezes, e os Indios Goitacazes: e receando alguma invasão sobre a cidade, ainda impossibilitada para resestir a tam inopinado successo, mandou pedir soccorro de gente, e canôas ás villas de S. Vicente, para virem ajudar a defender a cidade, á qual applicou as defensas, que permittiram o tempo, e a necessidade.

Era quasi noite, quando desembarcaram muitos Francezes, e grande quantidade de Indios, á vista ou defronte da aldêa de Martim Affonso, tendo disposto o ataque para o dia seguinte, e passar aquella noite com socego, antepondo o descanso ao empenho; porém, no maior silencio e escuridade d'ella, sendo accommettidos pelo famoso Indio Martim Affonso com a sua gente, e com os nossos soldados, que poucas horas antes lhe tinham chegado, foram destroçados os inimigos, e postos na maior desordem, e confusão; ficando um grande numero de mortos, e varios despojos.

Os Francezes e os Indios, que escaparam d'este conflicto, ganhando as lanchas e canôas que estavam na praia, retiraram-se para as embarcações, sobre as quaes fizeram os nossos soldados excessivo fogo com uma pequena peça que tinham levado.

No dia seguinte sahiram os inimigos pela barra fóra, e vagando pelos nossos mares, foram ter ao recife de Pernambuco; deixando-nos o continente em socego, e a Martim Affonso cheio de gloria e triumpho (*).

Poucos dias depois do conflicto, chegou o soccorro de Santos e S. Vicente, e achando já retirados os inimigos, com generoso sentimento de não terem parte na victoria, se resolveram a ir hostilisar aos gentios de Cabo Frio, e louvando-lhes o governador aquelle impulso, sahiram mais animados com a sua approvação. Chegando a Cabo Frio acharam uma embarcação, que tinha vindo de França carregada de varias mercadorias; e vendo que as suas forças eram inferiores aos dos Francezes, voltaram logo para esta cidade participando aquella noticia ao governador, que se alegrou bastante pelo desejo, que tinha de dar exercicio ao seu valor; e apromptando com muita brevidade um sufficiente numero de soldados bem armados, Indios e canôas, partiu com elles para Cabo Frio, onde chegou com toda a cautela e segredo, e tendo cogitado na formalidade, e acerto com que devia dar o repentino assalto ao inimigo, deu as ordens, e dispôz á sua gente, para a madrugada do dia seguinte, no qual, á hora determinada, pondo em execução o seu projecto, acommetteu a embarcação por um e outro bordo: acudiram os Francezes, oppondo-se valerosamente á subida dos nossos soldados, que tres vezes a emprehenderam, sendo em todas rebatidos; até que finalmente, morrendo o capitão francez de uma frechada, conseguiram os nossos a subida, e por consequencia a embarcação. Neste laborioso conflicto, tres vezes foi ao mar o governador Salvador Corrêa de Sá, e em todas o salvaram os Indios, que levava na sua canôa.

Tendo concluido uma acção de tanto empenho, se retirou na mesma embarcação para esta cidade, onde liberalmente deu o saque aos que o acompanharam; reservando para si a gloria d'aquelle triumpho.

Applicou para a defesa da nova cidade todas as munições de guerra e artilharia, da qual, não ha muitos annos, existiam algumas peças na fortaleza de Santa Cruz; e com uma circumstanciada relação d'este successo, mandou a embarcação para a Bahia a seu tio o governador geral Mendo de Sá, em signal dos creditos com que procurava desempenhar a eleição e escolha, que da sua pessoa fizera, para governador d'esta nova cidade.

Cheio de fadigas e trabalhos, continuava este governador no augmento da povoação; acudindo com as diminutas forças que haviam ás obras de maior necessidade, nas quaes empregou todo o seu desvelo; tendo a satisfação de ver em seguro recato, tudo aquillo que pertencia á fazenda real, quando a Christovão de Barros entregou, por ordem de S. M., o governo d'esta cidade (1572).

(*) Acabou desgraçadamente, morrendo afogado junto á ilha do Mocangué.

Com o mesmo empenho proseguiu o novo governador (e assim os mais que foram succedendo) o adiantamento da cidade, a qual, com o decurso dos annos se foi estendendo, e o commercio engrossando, não só com as mercadorias, que conduziam os navios de Lisboa, Porto e mais partes, como tambem com os effeitos do proprio paiz, onde os moradores levantaram muitas fabricas para a factura do assucar, aguardente, etc., colhendo com agradavel socego o suspirado fructo das fadigas passadas, pela tranquillidade em que se achava todo o Brazil.

(Continuará.)

NECROLOGIA

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro perdeu, no dia 21 de Janeiro d'este anno, um de seus esclarecidos membros, o Sr. Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, major do imperial corpo de engenheiros, cavalleiro da Ordem de Christo, bacharel em lettras pela universidade de Paris, etc.

Nascêra em Lisboa o Sr. Bellegarde em 12 de Outubro de 1802; foi seu pai o capitão de artilharia de marinha Candido Norberto Jorge Bellegarde, e sua mãi a Sra. D. Maria de Niemeyer Bellegarde. Contava apenas cinco annos de idade quando se passou no Brazil com seus pais na náo que transportou o Sr. D. João VI (então principe regente); aos sete annos perdeu seu pai, e ficando entregue aos cuidados de sua carinhosa mãi, foi sua educação promovida com tal prudencia e desvelo, que em breves tempos honrou as fadigas do joven Bellegarde, e os trabalhos que sua mãi empregara para o conduzir a um fim glorioso com exemplos de virtude, e lições de sabedoria. Ainda em idade tenra, sentou praça voluntario no corpo de artilharia, seguindo os estudos mathemathicos sempre com approvação de seus mestres, e estima, tanto de seus superiores como de seus collegas. Aos quinze annos foi promovino a official, em 1820 a 1º tenente; e em 1821 a capitão ajudante do governador e capitão general de Moçambique tenente general João Manoel da Silva.

Voltando d'esse paiz no anno seguinte, adheriu a independencia do imperio, e concluiu seus estudos na academia militar. Sendo já engenheiro, foi empregado nas fortificações, que n'essa época se construiram para cobrirem a capital da invasão portugueza, que se recesava. Em 1825 foi viajar e estudar á Europa por ordem do governo; e no espaço de tres annos que se demorou em França, foi graduado bacharel em lettras, tirou carta de engenheiro geographico, e mereceu attestados muito honrosos pelo curso de pontes e calçadas, que tambem frequentara.

Chamado á côrte em 1828, foi logo empregado em varias commissões, e promovido ao posto de major. Em 1831 começou

verdadeiramente o periodo brilhante da vida d'este nosso consocio e illustre engenheiro, pelos importantes serviços que prestara, mostrando n'elles grandes talentos, e pasmosa actividade. Publicou então o seu *Resumo da Historia do Brazil*, corrigindo e augmentando a que publicára em França Mr. Ferdinand Diniz. A estimação que mereceu do publico esta obra pela elegancia do seu estylo, concisão de pensamentos, e veracidade historica, fez-se bem sentir na prompta extracção que tivera, vendo-se por isso obrigado o Sr. Bellegarde a fazer d'ella uma segunda edição em 1834, ainda mais castigada e enriquecida.

A construcção do pharol de Cabo Frio, que se avista a 15 leguas de distancia, e que lhe custára incalculavel trabalho; o melhoramento da barra d'esse mesmo Cabo; os argolões de espia collocados no focinho da rocha, e na barra mencionada, merecem ao Sr. Bellegarde uma honrosa e eterna memoria dos navegantes, que demandam estas nossas plagas.

As pontes das cidades de Campos e de Ytajurú, os canaes de Cacimbas do Ururahy e de Maricá, além de innumeraveis outras construcções começadas ou projectadas, e que hoje só esperam engenheiros habeis para o seu complemento, marcam na memoria dos agradecidos Brazileiros uma recordação gloriosa d'este nosso, por tantos titulos, illustre consocio.

Gasto de trabalhos e estudos, elle não póde por mais tempo superar, por sua actividade, e genio emprehendedor, a compleição delicada, que lhe doára a natureza.

Uma febre perniciosa lhe cortou a vida em poucos dias, na cidade de Cabo Frio, onde desempenhava interessantes commissões, de que estava encarregado pelo governo. Falleceu como bom e fiel catholico, cercado de amigos, e chorado de toda aquella população, que em massa assistiu ao seu funeral, tomando luto as pessoas mais gradas da terra, e manifestando sincero dó a classe dos pobres de quem fôra sempre generoso e esclarecido protector. O Sr. Bellegarde em meio de seus grandes trabalhos não se esqueceu de actos de philantropia, que lhe ganharam honrosa nomeada; a elle se deve o estabelecimento de uma casa de caridade em Cabo Frio, e de uma confraria, que tem a seu cargo a cura dos enfermos, e a consolação da humanidade afflicta. O Sr. Bellegarde é chorado por uma mãi e por um irmão, que além dos vinculos do sangue, tem ainda prisões de eterna saudade pelo conhecimento de seu grande respeito, amor filial e preciosas virtudes. O Instituto Historico, sentindo a falta de tão benemerito socio, recommenda sua memoria a veneração dos honrados Brazileiros.

LEMBRANÇA

Do que devem procurar nas provincias os socios do Instituto Historico Brazileiro, para remetterem á sociedade central do Rio de Janeiro.

PARTE HISTORICA

1° Noticias biographicas impressas, ou manuscriptas dos Brazileiros distinctos por suas lettras, virtudes, armas, serviços relevantes, ou por qualquer outra qualidade notavel, desde o descobrimento do Brazil até hoje, com explicação de seus nomes, naturalidade, tempo em que viveram, e motivos de sua celebridade.

2° Cópias authenticas de documentos interessantissimos á nossa historia, assim antiga como moderna; e extractos de noticias extrahidas das secretarias, archivos e cartorios, tanto civis, como ecclesiasticos.

3° Noticias sobre os costumes dos Indios, sua catechese, civilisação, augmento ou diminuição; seu numero presumivel, sua industria, e vantagens que d'elles se possam tirar.

4° Descripções do commercio interno e externo da provincia, de sua industria e litteratura; de seus principaes productos e variedades; de seus rios, montanhas, campos e portos; de sua navegação e caminhos principaes; da fundação, prosperidade ou decadencia das suas cidades, villas e arraiaes; da sua população e divisão por classes.

5° Noticias de factos extraordinarios, que ahi tenham acontecido; de phenomenos, meteoros e outros effeitos naturaes, que mereçam menção historica, com explicação do tempo em que aconteceram, das épocas em que se renovam, e de suas causas presumiveis.

6° Noticias sobre seus mineraes, animaes, aves, peixes, etc., acompanhadas, se possivel fôr, da nomenclatura scientifica: assim tambem de suas madeiras de construcção, plantas particulares da provincia, fructos mais preciosos, balsamos e oleos, e do seu emprego na medicina.

PARTE GEOGRAPHICA

7° Noticia circumstanciada da extensão da provincia, de sua confrontação com outras, de sua divisão em comarcas, da direcção dos seus rios, e montanhas, da qualidade dos seus terrenos, e de seus arvoredos, da sua mineração, agricultura, e pescarias, de tudo emfim que possa servir á historia geographica do paiz, e com a possivel exactidão e clareza.

PARA A SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA.

8° Noticias sobre a agricultura mais particular do paiz; sobre seu progresso ou decadencia; sobre novas descobertas, e melhoramentos de processos; sobre productos preciosos e raros; sobre o tempo das plantações e colheitas; sobre os fructos de commercio ou de consumo; sobre a criação e cruzamento de gados, sobre colmêas e cera vegetal, etc.

9° As sementes de arvores e plantas preciosas, que devam ser remettidas á sociedade Auxiliadora da Industria, sejam mettidas em area secca, e não salgada, ou em assucar e em caixas de páo, ou de lata, que as prive do contacto do ar; e esta operação se deve fazer logo que se colham e se limpem da polpa que as póde deteriorar.

Si forem grãos tenros, basta que se guardem hermeticamente, depois de seccos e limpos, em caixas ou latas sem area ou assucar.

10° A sociedade Auxiliadora da Industria deseja que se lhe remettam das provincias carroços, raizes, sementes e pevides de fructos, arvores magestosas, palmeiras, plantas medicinaes e de hortas; promettendo de sua parte enviar em troco as sementes, que lhe pedirem, e que possua, e assim tambem as instrucções necessarias para a sua cultura.

Ella recommenda aos fazendeiros das provincias a leitura do seu periodico mensal intitulado *Auxiliador da Industria Nacional*, onde acharão idéas muito interessantes á lavoura, e á industria em geral; e terá muito prazer em accrescentar á lista dos seus socios, aquelles dos lavradores Brazileiros, que lhe derem provas de seu zelo para com esta verdadeira fonte de riqueza nacional, communicando a dita sociedade suas idéas e observações a tal respeito.

O mesmo promette o Instituto Historico e Geographico do Brazil, filho da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, na parte que se lhe refere.

Rio, 17 de Dezembro de 1838.

Conego *Januario da Cunha Barbosa*,

Secretario perpetuo do Instituto, e secretario adjunto da sociedade Auxiliadora.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

9ª SESSÃO EM 6 DE ABRIL DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — O 2º secretario fez leitura de cartas de diversos individuos, nas quaes participavam acceitarem a nomeação de membros correspondentes, a saber: dos Ill.mos Srs. João Lopes da Silva Couto, João Antonio de Miranda, Thomaz Xavier Garcia, José Florindo de Figueiredo Rocha, Claudio Luiz da Costa, José Ricardo da Costa Aguiar, Maximiano Antonio da Silva Leite, José Christino da Costa Cabral, e Ignacio Manoel Alvares de Azevedo.

Fez-se a leitura da seguinte carta dirigida ao Ex.mo Sr. presidente pelo Ex.mo ministro do imperio. «Sendo presente ao regente em nome do imperador o officio de V. Ex. datado de 23 de Fevereiro proximo passado, que acompanhou os estatutos organisados pela sociedade do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, afim de servirem de regimen aos trabalhos a que a dita sociedade se destina: O mesmo regente, tendo ponderado sobre o objecto dos ditos estatutos: ha por bem approval-os para que tenham a devida execução: assignado o Ex.mo Sr. Bernardo Pereira de Vasconcellos.» Este officio foi recebido com especial agrado, e o Instituto foi de parecer, que elle viesse impresso no fim dos estatutos.

Fez a leitura de varias propostas para membros correspondentes.

Foi depois approvada a seguinte proposta: — « Que se declare pelos jornaes, que só se devem ter por authenticas as noticias e declarações, que forem publicadas por ordem do Instituto, e assignadas pelos Srs. secretarios.»

Foram depois approvadas como pontos que devem servir para discussão, as seguintes questões propostas pelo Sr. desembargador Pontes:

1.ª Qual é a origem da raça dos ciganos que se encontra pelo Brazil?

2.ª Quaes são os vestigios existentes no Brazil, que possam provar uma civilisação anterior á conquista dos Portuguezes?

10ª SESSÃO EM 20 DE ABRIL DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Foram lidas cartas de diversas pessoas nas quaes participavam ter acceito a nomeação de membros do Instituto, a saber: dos Srs. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, João Antonio Sampaio Vianna, Venancio José Lisboa, José da Silva Mafra, Manoel Joaquim da Silveira, Antonio José Falcão da Frota, e Jacintho Pinto Teixeira, a de membros correspondentes; bem como participaram verbalmente acceitar a mesma nomeação os Srs. Fernando Sebastião Dias da Motta e Reque Schuch; a de effectivo o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, e a de honorario o Ex.mo Sr. José da Costa Carvalho.

O 2º secretario fez leitura de uma carta escripta da Bahia, pelo socio o Sr. João Antonio de Sampaio Vianna, na qual partilhava com o Instituto a dôr que sentira pela perda do sempre chorado consocio Cunha Mattos; o Instituto foi de parecer que se respondesse a esta carta.

O Ex.mo Sr. Balthasar da Silva Lisboa offereceu ao Instituto um manuscripto seu — sobre a vida de alguns Brazileiros illustres — : o que foi remettido á commissão de historia. O Sr. Athayde Moncorvo offerece para a Bibliotheca do Instituto a seguinte obra: « O Congresso Historico reunido em Paris em 1837 »; o Dr. Maia a « Relação Historica dos tres dias da Revolução de Julho em Paris » e a « Cultura e opulencia do Brazil »; e o Sr. Eusebio de Queirós Coitinho Mattoso Camara, uma « Memoria Historica dos Campos de Goytacazes » e a « Breve Historia da Revolução dos dias 6 e 7 de Abril de 1831 no Rio de Janeiro », escripta pelo Sr. Pedro Bellegarde.

Foram lidas algumas propostas para socios correspondentes.

Foi approvada a seguinte proposta do Sr. Eusebio de Queirós Coitinho Mattoso Camara: — « Que se convidem os Srs. Joaquim Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira e Januario da Cunha Barbosa, afim de formarem uma commissão encarregada de colligir e escrever tudo aquillo, que possa esclarecer ao historiador sobre a gloriosa época da nossa independencia.

Ordem do dia — Quem foram os primeiros introductores da canna, café, tabaco, e outros vegetaes que constituem a riqueza do Brazil. — O Sr. José Silvestre Rebello leu a este respeito um importante trabalho, o qual foi remettido á commissão de historia.

11ª SESSÃO EM 4 DE MAIO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente — Fez-se a leitura das cartas dos Srs. padre Miguel do Sacramento Lopes Gama e Dr. Joaquim José Pa-

checo, nas quaes participavam ao instituto accitarem a nomeação de membros correspondentes : e do Ex.mo Sr. marquez de Paranaguá accusando e agradecendo a recepção do seu diploma.

Fez-se tambem leitura de uma carta escripta da Bahia pelo socio o Sr. João Antonio de Sampaio Vianna, na qual solicitava licença ao instituto para poder publicar no *Correio Mercantil* a memoria do Exmo Sr. Visconde de S. Leopoldo, sobre os limites do Brazil. O instituto foi de parecer que se concedesse a permissão pedida, declarando-se ao Sr. Vianna, que quando imprimir a memoria, faça sciente ao publico, que obteve para isso licença preliminar do instituto.

Fez-se leitura de uma proposta para socio correspondente.

O Sr. conego Januario da Cunha Barbosa fez a seguinte proposta : — « Proponho que se peça ao corpo legislativo um subsidio qualquer, dado em loteria, ou por outro qualquer meio, para ajuda das grandes despesas, que o instituto tem a fazer, afim de poder melhor preencher os importantes deveres que tem a cumprir.» — Esta proposta foi approvada, e remettida a uma commissão especial composta dos Exmos Srs. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho e Candido José de Araujo Vianna, para darem o seu porecer sobre os meios por que se poderia melhor pedir este subsidio.

Foi tambem approvada a proposta do Sr. 1º secretario para que a mesma commissão ficasse encarregada de apresentar ao instituto a petição, que deve-se dirigir ao governo, para se dar cumprimento ás duas propostas do Sr. Paiva Guedes, approvadas na sessão de 19 de Janeiro, como consta das actas já impressas.

Ordem do dia. — O Sr. desembargador Pontes leu uma interessante memoria sobre a origem da raça dos ciganos que se encontram pelo Brazil. Foi remettido á commissão de historia.

12ª SESSÃO EM 18 DE MAIO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXmo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — Fez-se a leitura das seguintes cartas dos Exmos Srs. Miguel Calmon du Pin e Almeida, D. Romualdo arcebispo da Bahia, Antonio Eliziario de Miranda e Brito, Manoel José Pires da Silva Pontes e Antonio Pereira Rebouças, participando ao instituo aceitarem a nomeação de socios correspondentes, bem como participou verbalmente aceitar a nomeação de socio effectivo o Sr. Dr. Francisco de Salles Torres Homem.

O 2º secretario offereceu da parte do Sr. Dr. João de Sampaio Vianna um folheto — sobre os acontecimentos memoraveis occorridos na cidade da Bahia nos dias 14, 15 e 16 de Março de 1838.— O Dr. Maia offereceu para bibliotheca do instituto os

quatro primeiros annos da *Revista Medica Fluminense*, encadernados em quatro volumes.

O Sr. conego Januario communicou ao instituto que já se achava impresso o 1º numero da *Revista Trimensal*, e que assim o instituto quizesse providenciar sobre o modo da distribuição da mesma, e por que preço se poria á venda. Foi approvado o seguinte: — Que aos membros ausentes se remettesse pelo correio, e que os existentes na côrte os fossem procurar á sala das sessões do mesmo instituto: e igualmente, que se vendesse cada numero avulso por 640 rs. e para os assignantes annuaes se desse a 500 rs. cada numero.

Fizeram-se varias propostas para socios correspondentes.

O Sr. conego Cunha Barbosa fez a seguinte proposta : «Que se nomeie dous socios afim de fazerem uma especie de Ephemerides, notando por dia os factos, que mais interessem a historia do Brazil.» Foi approvada, ficando o Sr. Athaide Moncorvo encarregado dos factos occorridos, e que forem succedendo do 1º de Maio em diante, e o Sr. Mariz Sarmento dos que se tem passado do 1º de Janeiro p. p. até o fim de Abril do corrente anno.

13ª SESSÃO EM 1º DE JUNHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — Fez-se leitura das cartas dos Srs. Silvestre Pinheiro Ferreira, D. Manoel d'Assis Mascarenhas, Miguel de Souza Mello Alvim e João José de Moura Magalhães, nas quaes participavam aceitar a nomeação de socios correspondentes do instituto; e igualmente participou verbalmente ter aceitado a de effectivo o Sr. Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.

O 2º secretario offereceu da parte do Sr. Claudio Luiz da Costa, residente em Santos, uma memoria manuscripta, tendo por titulo « Descripção da provincia de Santa Catharina, escripta em 1824 por um anonymo ». Foi remettida á commissão de historia.

Foram tambem offerecidas para a bibliotheca do Instituto as obras seguintes : 1º Pelo Sr. Thomé Maria da Fonseca um folheto sobre a origem, progresso e decadencia do quinto do ouro em Minas Geraes, por Jose Antonio da Silva Maia. 2º Pelo Sr. Mariz Sarmento a historia dos Estados da America Septentrional e Meridional, escripta em hespanhol, e vertida em portuguez por Muniz Barreto ; e igualmente uma memoria sobre o Brazil, escripta em Francez por Mr. de Langsdorf.

O Sr. Cunha Barbosa offertou da parte do socio o Ex^mo Sr. Francisco do Rego Barros, dous exemplares de uma obra ultimamente impressa em Pernambuco, com o titulo « Inventario das armas e petrechos bellicos que os Hollandezes deixaram em Pernambuco, quando forão obrigados a evacual-o em 1654».

Igualmente fez leitura de uma parte da carta escripta do Ceará pelo Exmo Sr. João Antonio de Miranda, na qual participava a impossibilidade de actualmente ali poder medrar algum ramo do Instituto, porém que todavia tratava de colligir alguns papeis historicos sobre a dita provincia, e que esperava podel-os remetter brevemente. Tambem fez leitura de uma carta da Exma Sra. D. Maria Venancia de Fontes Pereira de Mello, em que ella, participando a recepção de uma carta escripta pelo Sr. 1º secretario, dando-lhe os pezames em nome do Instituto, pela sentida morte do socio Cunha Mattos, e accusando tambem ter recebido tres exemplares do 1º numero da *Revista Trimensal*, agradecia tantas attenções da parte do Instituto. Foi recebida com especial agrado.

O mesmo Sr. Cunha Barbosa, como relator da commissão, que foi examinar a inscripção, que se suppunha existir no pico da Gavia, leu o parecer da mesma, acompanhado de uma estampa feita pelo socio o Sr. Porto Alegre, na qual faz sciente ao Instituto, que a dita commissão por ora está longe de dizer que ella observou é ou não uma verdadeira inscripção, esperando ter occasião d'ali ir uma segunda ou terceira vez para poder melhor decidir-se a esse respeito. Pedindo-se urgencia, este parecer foi approvado, e decidiu-se que elle fosse publicado no jornal do Instituto. A este respeito o Exmo Sr. presidente participou que, apezar de todas as diligencias, não tem sido possivel até hoje encontrar-se a memoria de fr. Custodio, que trata d'essa inscripção.

O Sr. desembargador Pontes, como relator da commissão de historia, leu o parecer da mesma ácerca da historia do Brazil do Dr. Constancio. Pedindo-se urgencia elle foi approvado, e decidiu-se, que quanto antes viesse publicado na *Revista Trimensal* do Instituto.

Outrosim fez leitura do parecer ácerca das noticias biographicas de diversos varões brazileiros, offerecidas ao Instituto pelo socio o Sr. Balthazar da Silva Lisboa. A commissão foi de parecer que as referidas noticias biographicas sejão enviadas á commissão encarregada da publicação do periodico, pois que poderá encontrar ali preciosas informações para tornar conhecidos muitos nomes distinctos, quasi absorvidos pelo esquecimento, e para dar novo lustre a outros muitos que já vivem nas paginas da nossa historia. Pedindo-se urgencia, este parecer foi approvado.

Ordem do dia. — O Sr. José Silvestre Rebello leu um importante trabalho sobre a ordem do dia, a qual versava sobre o seguinte programma :—Quaes são as causas da espantosa extincção das familias indigenas, que habitavão as provincias litoraes do Brazil? Se entre estas causas se deve enumerar a expulsão dos Jesuitas, que parecião melhor saber o systema de civilisar os indigenas.»

14ª SESSÃO (EXTRAORDINARIA) EM 7 DE JUNHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente.—Fez-se leitura de duas cartas, a saber: dos Ex^mos Srs. Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto e bispo do Maranhão, nas quaes participavam ao Instituto, que aceitavam a nomeação de membros correspondentes.

Fez-se igualmente leitura de uma carta do socio honorario o Ill^mo Sr. Padre Luiz Gonçalves dos Santos, offertando ao Instituto as seguintes obras: «Memorias para servir á historia do reino do Brazil,» pelo padre Luiz Gonçalves dos Santos, 2 vols. «O Imperio do Brazil, considerado nas suas relações politicas e commerciaes,» por Labeaumelle, traduzido em portuguez; «Justa retribuição dada ao compadre de Lisboa em desaggravo dos Brazileiros offendidos,» «O Campeão Portuguez em Lisboa»; «Roteiro da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará,» por Manoel José de Oliveira Bastos; «Roteiro e mappa da viagem da cidade de S. Luiz do Maranhão até á côrte do Rio de Janeiro,» pelo coronel Sebastião Gomes da Silva Berford; «L'Indépendance de l'Empire du Brésil,» par Beauchamp; «Réfutation de l'écrit intitulé Coup-d'œil sur l'état politique du Brésil,» par Beauchamp.

Leram-se varias propostas para socios correspondentes do Instituto.

Ordem do dia. — O Ex^mo Sr. presidente participou ao Instituto que tinha convocado sessão extraordinaria, em razão de ter recebido parte dos Ex^mos Srs. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho e Candido José de Araujo Vianna (nomeados em commissão afim de apresentar os meios de se pedir ao governo um subsidio para o Instituto) de estar prompto o parecer que lhes fora incumbido. Então o Ex^mo Sr. Coutinho leu um requerimento a este respeito, dirigido ao corpo legislativo, solicitando-lhe um subsidio para o Instituto, sem marcar comtudo a quantia que se devia pedir. O requerimento foi approvado, e o Instituto foi de parecer que se pedisse dous contos de réis, ou o que outr'ora se concedeu á commissão d'estatistica.

O Sr. José Silvestre Rebello fez a seguinte proposta: «Que se peça ao corpo legislativo, que autorise o ministro dos negocios estrangeiros para mandar um addido á Hespanha e outros paizes, afim de copiar os manuscriptos importantes que ali existam, relativos ao Brazil.» Foi apoiada a proposta, e remettida á supramencionada commissão, afim de dar o seu parecer sobre ella; bem como remetteu-se igualmente o seguinte additamento do Sr. Pantoja: — «Que se peça ao governo, que expeça ordem aos presidentes das provincias para ministrar os documentos que n'ellas existem.»

BIOGRAPHIA

DOS

BRAZILEIROS ILLUSTRES PELAS SCIENCIAS, LETRAS, ARMAS E VIRTUDES

JOSÉ BASILIO DA GAMA

Nascêra José Basilio da Gama no anno de 1740, na comarca do Rio das Mortes da provincia de Minas Geraes; e porque desde menino se tivesse mostrado muito amante das letras, fôra em tenra idade enviado por seus pais ao Rio de Janeiro, apezar de não serem abastados. Foi tal o desenvolvimento de seus naturaes talentos pelos estudos feitos no collegio dos Jesuitas, que estes padres o angariaram para o seu gremio, e José Basilio não foi difficil a esta proposta, porque sendo pobre, e desejoso de se acreditar como litterato, o ingresso na Companhia de Jesus lhe abria vantajosa e brilhante carreira. Quando em 1759 o marquez de Pombal extinguira em Portugal e no Brazil a Ordem dos Jesuitas, fazendo assim executar a bulla do sabio Pontifice Clemente XIV, José Basilio viu interromper-se a esperançosa marcha de sua vida litteraria, e posto que não participante do desterro dos padres seus bemfeitores, todavia elle voluntariamente os acompanhou do Rio de Janeiro a Roma, onde soffreu grandes privações mórmente depois que lhe faltára o pequeno auxilio de subsistencia, que com elle repartiam os Jesuitas, que ahi foram ter. Sem recursos, e em paiz estranho, José Basilio soube ainda assim ganhar alguns bemfeitores por seus talentos, e adoçar as amarguras da sua vida cultivando as Musas, e adornando o seu espirito de bellezas poeticas, pelo estudo aprofundado dos classicos Romanos e pela conversação com os mais abalisados poetas daquelle tempo, e daquella capital, que as Bellas Artes tem sempre illustrado. Nem foi de pequena consolação a este desvalido Brasileiro a entrada e assento, que o seu merito lhe conquistára na Arcadia de Roma, hombreando, com o titulo de — Termindo Sipilio, — com os grandes Poetas, de que fôra sempre composta essa antiga e respeitavel corporação de Litteratos. José Basilio esforçou-se por se mostrar cada vez mais digno de tam honrosa escolha, e tendo feito conhecidos os seus talentos em Roma por algumas admiraveis producções poeticas, animou-se a voltar a Lisboa, confiando em achar favoravel acolhimento junto ao Marquez de Pombal declarado protector das letras.

Mas ainda se não havia acabado a indignação contra os Jesuitas ; e José Basilio não só teve de soffrer repulsas de personagens, que podiam protegê-lo, mas ainda esteve a ponto de ser mandado para as praias Africanas. Então elle com os accordes sons da sua lyra conseguiu ir attemperando a indisposição que contrariava os seus designios ; e consolado de seus males pela communicação de patricios instruidos, tambem cultores das Musas, como eram entre outros Silva Alvarenga, o Alvarenga Peixoto, primeiros gloriosos fructos da Reforma da Universidade, elle não desanimou, e proseguiu em suas pretenções.

Chegou emfim o tempo do seu triumpho ; elle lhe foi tanto mais glorioso quanto mais indicativo de seu grande merito litterario. Celebrava-se a inauguração da Estatua Equestre do Rei D. José no anno de 1775, e as Musas não podiam ser indifferentes a este acto, em que tanto se esmerava o Marquez de Pombal, o restaurador das letras em Portugal. José Basilio foi admittido a pedido dos dous Alvarengas seus patricios e amigos, ao numero dos Poetas Brazileiros, que nessa occasião concorreram com os de Portugal, em brilhante Academia, a celebrar a inauguração. Apenas o nosso poeta desferiu a sua melodiosa voz acompanhada da sua lyra já respeitada na Arcadia de Roma, logo sobre elle cahiu a attenção do Ministro Pombal, que sem ser visto assistia a este acto litterario. Nem foi só o seu coração que se deixou conquistar dos encantos da poesia de José Basilio, porque todos os que adornavam tam magnifico festejo, ou, para melhor dizer, os melhores litteratos de Lisboa, admiraram o novo poeta, e á porfia lhe deram publicos signaes de honrosa estimação.

José Basilio viu então levantar-se-lhe o interdicto politico, contrahido pelo seu ingresso na Companhia de Jesus. O Marquez de Pombal conversou em seu gabinete, por largo tempo, com este desgraçado Brazileiro, e a sua perspicacia descobriu nelle, além dos talentos poeticos, outros não menos preciosos, que soube aproveitar com gloria do seu ministerio ; José Basilio foi logo despachado official extranumerario da sua Secretaria d'Estado, e não muito depois foi admittido a trabalhar no seu mesmo gabinete, onde soube ganhar muito credito, e uma plena confiança do seu illustre protector.

Assim começou o nosso poeta uma carreira brilhante, augmentando seu credito litterario tanto pelas excellentes composições poeticas, que ainda hoje são estimadas, como por seus trabalhos politicos no gabinete, que elle regia. José Basilio tem sido taxado de ingratidão para com os Jesuitas, porque compuzera e publicára o seu poema — Uruguay — que os não honra, e que desatára contra elle a sanha dos apaixonados da Companhia de Jesus, bem manifestada por infinitas satyras, que se lhe dirigiram. Mas cumpre lembrar, que este seu procedimento parece-nos mais filho da sua intima convicção sobre os erros desses paires, do que do empenho de lisongear o seu novo bemfeitor, purificando-se de suspeitas, que por tantos annos lhe

embaraçaram a vida. Pelo menos nós somos levados a este pensar pelo seu procedimento subsequente. A quéda do Marquez de Pombal não o fez alterar a linguagem sempre respeitosa, com que se lhe mostrava grato, ainda mesmo com perigo de ser arremessado a novas e mais terriveis desgraças ; e se elle, ou por interesseiro, ou por natural volubilidade de caracter, quizesse aproveitar o ensejo, não teriamos nós os excellentes sonetos, com que honrára a memoria do marquez em um tempo, que era crime fallar-se bem do ministro tam estrondosamente deposto. Procedendo assim com firmeza de caracter, probidade, e justiça, José Basilio nada perdeu no conceito daquelles mesmos, a quem exprobava tam mal fundada perseguição ao marquez ; a rainha D. Maria I estimou-o tanto como o rei D. José ; nem é novo no mundo argumentar-se contra alguem com um só facto mal entendido, quando outros bem publicos e do mesmo genero apoiam a sua honra.

Depois de tantos annos de ausencia, o nosso poeta veiu ao Rio de Janeiro ou por negocios, que o interessavam, ou só para abraçar os seus amigos, e dar uma vista d'olhos ao logar de seus primeiros estudos. Aqui fundou elle uma Arcadia modelada pela de Roma, aproveitando os genios Brazileiros, que se davam honrosamente á poesia ; mas este litterario estabelecimento só medrou com a presença do seu fundador ; e apezar de apparecer depois refundida nessa Academia, que bafejára por alguns annos o genio creador do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, e da qual sahiram interessantes Memorias, e bellas Poesias, que correm impressas, todavia, ella veiu a morrer esmagada pelo genio suspeitoso do Conde de Rezende, para isto concitado por uma intriga monacal.

Retirou-se José Basilio a Lisboa, e por sua morte fomos privados de muitas composições poeticas, de maior polpa, em que elle ha muitos annos trabalhava. Tambem seriamos privados das que ora possuimos, se fosse possivel ao Frade, que o assistiu nos ultimos instantes da sua vida, e que lhe queimára as suas Tragedias, e outros Poemas, encontra-las reunidas no mesmo armario, d'onde tirára essas victimas do seu estupido fanatismo.

José Basilio da Gama morreu em Lisboa com mais de 60 annos de idade.

LISTA

DOS MEMBROS DO INSTITUTO HISTORICO E. G. BRAZILEIRO

DO QUAL É PROTECTOR

S. M. I. O SENHOR D. PEDRO II.

SOCIOS EFFECTIVOS

1 Januario da Cunha Barbosa — Conego e prégador da cathedral e capella imperial, professor publico de philosophia racional, e chronista do imperio.
2 Visconde de S. Leopoldo — Conselheiro d'Estado e Senador do imperio.
3 Candido José de Araujo Vianna — Conselheiro e desembargador, mestre de S. M. o Imperador, e presidente da camara dos deputados.
4 Emilio Joaquim da Silva Maia — Dr. em medicina e em sciencias naturaes e lente no collegio de Pedro II.
5 José Lino de Moura — Contador da caixa da amortisação da divida publica.
6 Pedro de Alcantara Bellegarde — Major do Imperial corpo de Engenheiros, e lente da academia militar.
7 Antonio Alves da Silva Pinto — Dr. em leis.
8 Rodrigo de Souza da Silva Pontes — Desembargador e deputado.
9 Conrado Jacob de Niemeyer — Brigadeiro do Imperial corpo de Engenheiros.
10 José Silvestre Rebello — Negociante.
11 Alexandre Maria de Mariz Sarmento — Official-maior da contadoria geral da revisão no thesouro publico nacional.
12 Thomé Maria da Fonseca — Administrador da recebedoria do municipio da côrte.
13 Antonio José de Paiva Guedes — Official-maior da secretaria d'Estado dos negocios do imperio.
14 José Marcellino da Rocha Cabral — Dr. em direito.
15 Bento da Silva Lisboa — Conselheiro e official-maior da secretaria d'Estado dos negocios estrangeiros.
16 Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho — Conselheiro, desembargador e deputado. (Foi eleito vice-presidente em logar do marechal Cunha Mattos, que fallecêra.)
17 Caetano Maria Lopes Gama — Desembargador e Senador do imperio.
18 Joaquim Francisco Vianna — Conselheiro, contador geral do thesouro publico nacional, e deputado,

19 José Clemente Pereira — Conselheiro, desembargador e deputado.
20 Ignacio Alvares Pinto d'Almeida — Conselheiro e secretario da junta do commercio, fabricas e navegação.
21 João Fernandes Tavares — Conselheiro e physico mór do reino de Portugal.
22 Joaquim Caetano da Silva — Dr. em medicina, e lente no collegio de Pedro II.
23 José Antonio Lisboa — Conselheiro e deputado da junta do commercio.
24 José Antonio da Silva Maia — Conselheiro, desembargador e procurador da Corôa e soberania nacional.
25 Francisco Gé Acayaba de Montezuma — Advogado e deputado.
26 Euzebio de Queirós Coitinho Mattoso Camara — Juiz de direito e chefe de policia.
27 Diogo Soares da Silva de Bivar — Advogado.
28 Fr. Custodio Alves Serrão — Bacharel formado em philosophia natural, e lente de chimica na academia militar.
29 Marcellino José da Ribeira Silva Bueno — Dr. conego da cathedral e imperial capella, chronista do imperio.
30 João Manoel Pereira da Silva — Dr. em direito.
31 Thomaz Gomes dos Santos — Dr. em medicina e lente da faculdade de medicina no Rio de Janeiro.
32 Diogo Duarte e Silva — Conselheiro.
33 Justiniano José da Rocha — Bacharel formado em leis, e lente no collegio de Pedro II.
34 Manoel Odorico Mendes — Inspector da thesouraria da provincia do Rio de Janeiro.
35 Nicoláo da Silva Lisboa — Desembargador.
36 Felix Emilio Taunay — Director da academia imperial das Bellas Artes.
37 Conde de Lages — Tenente general, senador do imperio e actual ministro da guerra.
38 Lino Antonio Rebello — Dr. em mathematicas, lente no collegio de Pedro II, e na escola de architectos medidores.
39 Fr. José de Santa Eufrazia Peres — Lente de theologia no Seminario Episcopal.
40 Domingos Gonçalves de Magalhães — Lente no collegio de Pedro II.
41 Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja — Desembargador.
42 Candido Baptista de Oliveira — Conselheiro, e actual ministro da fazenda e estrangeiros.
43 Manoel de Araujo Porto-Alegre — Lente na academia imperial das Bellas Artes.
44 Francisco de Salles Torres Homem — Dr. em direito.
45 Jacintho Roque de Senna Pereira — Chefe de divisão, e actual ministro da marinha.
46 Joaquim Candido Soares Meirelles — Dr. em medicina e lente na academia imperial das Bellas Artes.

SOCIOS HONORARIOS

Marquez de Maricá — Conselheiro d'Estado, e senador do imperio.
Marquez de Paranaguá — Conselheiro d'Estado, e senador do imperio.
Marquez de Baependy — Conselheiro d'Estado e senador do imperio.
Marquez de S. João da Palma — Mordomo-mór da casa imperial e senador do imperio.
Pedro de Araujo Lima — Senador e regente do imperio.
José da Costa Carvalho — Ex-regente, e senador do imperio.
Francisco Cordeiro da Silva Torres — Conselheiro e marechal de campo.
Balthasar da Silva Lisboa — Conselheiro.
Pe Luiz Gonçalves dos Santos — Professor publico jubilado.
M. Eugene de Monglave — Secretario perpetuo do Instituto Historico de França.
M. Martius — Dr. na cidade de Munich.
Pedro Muller — Lente no collegio de Pedro II.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

TOMO I — 3° TRIMESTRE DE 1839 — N. 3

PROGRAMMA

Sorteado na sessão de 4 de Fevereiro deste anno

«Se a introducção dos escravos africanos no Brazil embaraça a civilisação dos nossos indigenas, dispensando-se-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuizo que soffre a lavoura Brazileira ?»

Desenvolvido na sessão de 16, pelo consego J. da Cunha Barbosa, secretario perpetuo do Instituto

Antes de expender a minha opinião sobre este Programma, devo declarar, que não sou patrono da escravidão, nem dos indios, nem dos negros; e por isso considero a liberdade como um dos melhores instrumentos da civilisação dos povos.

A Escriptura nos ensina que logo que no Egypto se abrira um mercado de homens, os irmãos de José se apoderaram delle, e o venderam a mercadores egypcios. A Historia tambem nos conta que, logo que na Asia e na Grecia se abriram mercados deste genero, a terra e o mar se cobriram de salteadores e de piratas, que preavam innocentes victimas, e traficavam sobre sua liberdade. Em qualquer parte em que o homem fôr reduzido a uma mercadoria, não haverá crime, que a cobiça não commetta, para augmentar sua fortuna. A humanidade resente-se d'esses crimes; e o unico sentimento nobre, que resta a um desgraçado captivo, é o da sua perdida liberdade, que muitas vezes o atira de seus ferros a terriveis emprezas. Roma e outras nações nos offerecem infinitas provas d'esta verdade.

Lançando uma vista rapida sobre a escravidão, em que gemeram os indios do Brasil, desde a descoberta deste continente, até que leis mais humanas lhes quebrassem os ferros, acharemos a causa principal do retardamento da sua civilisação na barbara cobiça, com que os portuguezes os caçavam como féras em suas mattas, para os empregar em duros trabalhos á sombra das missões, em que se lhes prégava a religião d'um Deos de paz, de liberdade e de doçura. Os termos, em que foi

concebida a celebre Bulla do Papa Paulo III aos 9 de Julho de 1537, declarando os *indios da America homens racionaes e libertos*, manifestam, não tanto a crassa ignorancia dos hespanhóes conquistadores do Mexico e Perú, como a barbaridade, com que tratavam esses indios, formando de suas carnes açougues publicos para sustentação de seus cães. Os maiores excessos de crueldades a que os indios se entregavam, eram represalias pela crueldades que soffriam, servindo mais á conquista da America de extinguir, em poucos annos, milhões de seus habitantes, do que de civilisa-los pelas santas maximas do christianismo. O grande padre Vieira na informação que deu a El-Rei, em 31 de Julho de 1678, diz com bastante experiencia, adquirida na missão do Brazil, o seguinte, que bem aclara o que tenho avançado:— «Sendo o Maranhão conquistado no anno de 1615, havendo achado os portuguezes d'esta cidade de S. Luiz até o Gurupá mais de quinhentas povoações de indios, todas muito numerosas, e algumas d'ellas tanto, que deitavam quatro e cinco mil arcos, quando eu cheguei ao Maranhão, que foi no anno de 1652, tudo isto estava despovoado, consumido e reduzido a mui poucas aldeotas, de todas as quaes não póde André Vidal ajuntar oitocentos indios de armas; e toda aquella immensidade de gente se acabou, ou nós a acabamos em pouco mais de trinta annos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até aquelle tempo *eram mortos dos ditos indios mais de dois milhões de almas*, d'onde se deve notar muito duas cousas: A primeira, que todos estes indios eram naturaes d'aquellas mesmas terras, onde os achamos; com que se não póde attribuir tanta mortandade á mudança e differença do clima, senão ao excessivo, desacostumado trabalho e á oppressão com que eram tratados: A segunda, que n'este mesmo tempo estando os sertões abertos e fazendo-se continuas entradas nelles, foram tambem infinitos os captivos, com que se enchem as casas e as fazendas dos portuguezes; e tudo se consumiu em tão poucos annos.

A causa unica e original de toda esta destruição e miseria, não foi, nem é outra que a insaciavel cobiça e impiedade d'aquelles moradores, e dos que lá os vão governar; e ainda de muitos ecclesiasticos, que sem sciencia, nem consciencia, julgavam licitas estas tyrannias, ou as executavam, como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes indios o serem já christãos, ou vassallos do mesmo Rei, para não lhes assaltarem em suas aldéas, e os trazerem inteiramente captivos, sem mais direito (como eu ouvi aos mesmos capitães d'aquellas tropas), que o de poderem mais que elles.»

O padre Vieira usou, nesta informação a El-Rei, de toda a eloquencia e força de raciocinio, que lhe era mui propria, para defender a liberdade dos indios, ou reviver a execução de leis anteriores a este respeito. Mas foi tal o seu zêlo nesta parte, que esquecido de que a escravidão obstava a civilisação dos indigenas, foi de parecer, que o governo introduzisse, nos Estados do Grão-Pará e Maranhão, escravos negros, que se occupassem

dos trabalhos da lavoura e outras fabricas, para os quaes já faltavam indios.

Assim o eloquente e apostolico missionario, offereceu novo embaraço á civilisação dos seus convertidos, querendo que se transpórtassem os barbaros africanos, que vieram tambem lavrar as terras do Brazil como bestas de carga, passando-se a elles a cubiça dos desalamados portuguezes (*).

No voto, que o padre Vieira tambem deu (datado da Bahia a 12 de Julho de 1694), sobre as duvidas dos moradores de S. Paulo, ácerca da administração dos indios, expressa-se o dito padre com bastante calor em prol da liberdade dos indios. Nem vos seja pesado que eu vos faça alguns extractos deste excellente documento para nossa Historia, escripto por um homem tão circumspecto, e tão versado nas cousas do Brazil,—«São pois os indios (diz elle no principio de seu voto), aquelles que, vivendo livres e senhores naturaes das suas terras, foram arrancados d'ellas por summa violencia e tyrannia, e trazidos em ferros com a crueldade que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas legoas, até chegarem ás terras de S. Paulo, onde os moradores dellas (que d'aqui por diante chamaremos Paulistas), ou os vendiam, ou se serviam e se servem d'elles como escravos. Esta é a injustiça, esta a miseria, este o estado presente, e isto o que são os indios em S. Paulo.»

Depois continúa elle d'este modo, fallando da obrigação, em que pretendiam ficar os administradores, de dar ao indio o sustento, o vestido, a cura nas enfermidades e a doutrina, *e qualquer outra cousa, ou mimo dado de tempo em tempo no decurso do anno* — «O que aqui se chama *alguma cousa*, significa cousa pouca e incerta, sendo que a paga deve ser certa e deter-

---

(*) Não nos será preciso procurar na Historia as épocas, em que foram introduzidos, nas diversas capitanias do novo continente, os escravos africanos; mas sabe-se, pelo que escreve Berredo, nos «Annaes do Grão-Pará e Maranhão», que no anno de 1683 o povo ahi se amotinára contra os administradores da companhia autorisada pelo governo, porque de 500 negros da Costa d'Africa, pela taxa ajustada de 100$ rs, cada cabeça, que se obrigaram a metter todos os annos em uma e outra capitania, caminhando-se já para o segundo de seu estabelecimento, nenhum até então se tinha visto nellas. D'isto se collige, que já era grande a falta de indios, que costumavam empregar em seus trabalhos, até porque se os podessem haver a 4$ rs., como sempre os compravam, de certo se não sujeitariam a paga-los por 100$ rs, cada um dos 500, que a companhia se obrigára a introduzir; e muito menos se revoltariam contra os seus monopolistas, porque nem um só haviam introduzido, sendo aliás obrigados a isso pelo contracto approvado pelo governo (*).

(*) Em 1583 lavrou-se nesta cidade do Rio de Janeiro um auto de avença, que Salvador Corrêa de Sá, como governador e provedor da fazenda real, fez com João Gutterres Valleria, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que de Africa conduzisse no seu navio.

minada, ou taxada pela lei, ou pela convenção do trabalhador com quem o aluga.

A razão, a escusa, que se dá de ser esta chamada paga tão rara, e tão tenue, é ser os indios naturalmente preguiçosos, e de pouco trabalho ; mas as pessoas muito praticas d'aquella terra, e muito fidedignas, affirmam que os Paulistas geralmente se servem dos ditos indios de pela manhãa até noite, como o fazem os negros do Brazil, e que nas cafilas de S. Paulo a Santos não só vão carregados como homens, mas sobrecarregados como azemolas, quasi todos nús ou cingidos com um trapo, e com uma espiga de milho para ração de cada dia.»

Accresce o deshumano procedimento, que por esses tempos tinham os Paulistas para com os miseraveis indios ; e em prova disso citarei ainda o mesmo padre Vieira, quando diz: — «E quando menos se não devem esquecer (os administradores) das muitas mil almas, que trouxeram de suas reducções do Paraguay, onde todos eram christãos, e os vieram seguindo, como seus pastores, o padre Simão Maceta, e o padre Justo Manzilla, e procuravam no governo da Bahia a sua restituição e liberdade, mas sem effeito. E do mesmo lote eram aquelles que cercados em uma grande igreja, em dia de festa, os metteram em correntes, matando á espingarda o seu parocho, porque os quiz defender, e outros muitos deste genero.» — Desprezavam-se, ou illudiam-se d'est'arte as beneficas leis, promulgadas pelos monarchas D. Manoel, D. João III, D. Filippe II, D. Filippe IV e pelo principe regente D. Pedro, nos annos de 1570, 1587, 1595, 1609, 1611, 1647 e 1655, declarando todos que se devia conservar a liberdade dos indios; e porque algumas permittiam o captiveiro em guerras, que fossem bem fundadas, decidiu afinal a lei promulgada por D. Filippe II, que, sem interpretação alguma ficassem libertos todos os indios, assim baptisados como por baptisar, ainda que tivessem sido comprados, cujas vendas annullava, até mesmo as que fossem julgadas por sentença, por ser contra o direito natural. Mas estava reservado ao Sr. Rei D. José e ao seu grande ministro Pombal, o descarregar o decidido golpe sobre tantos abusos pela lei de 8 de Maio de 1758; e já nessa época immensas tribus estavam inteiramente destruidas, cessaram, sim, os Portuguezes de penetrar os sertões em busca dos indios para os escravisar; e voltaram-se ao trafico dos miseros africanos, que empregaram em seus trabalhos com igual barbaridade.

Resulta de tudo isto, que a escravidão foi um forte embaraço á civilisação dos indios ; pois que elles, segundo o testemunho do mesmo padre Vieira, só fugiam da catechese por medo da escravidão, e desconfiados da falta do cumprimento de promessas, que se lhes faziam. Ainda assim mesmo algum progresso teria a sua civilisação, se continuassem as missões ; porém, estas affrouxaram com a expulsão dos Jesuitas e acabaram de todo, com a maior introducção no Brazil dos escravos africanos. Parece que a catechese era sustentada pela cobiça de homens, que á sua sombra captivavam os indios; e esta

mesma cobiça, empregando-se em transportar africanos, esqueceu-se de todo da civilisação dos indios. Como somos de opinião que só pela catechese se podem desentranhar os indigenas de suas mattas, e trazê-los aos primeiros caminhos da civilisação, cremos, por isso mesmo, que a introducção dos negros é um grande obstaculo a essa empreza.

O padre Jesuita Manoel da Nobrega, que viera com Thomé de Souza, para fundar o Collegio de Jesus na nova cidade da Bahia, e que ahi chegára a 29 de Março de 1549, pouco tempo depois da fundação d'essa primeira metropole do Brazil, escrevia ao padre Preposito do collegio de S. Antão em Lisboa muitas queixas sobre a mistura de negros e negras na nova povoação; dizendo que assim se innoculava no Brazil o fatal cancro da escravatura, fonte de immoralidade e de ruina. Sabe-se além d'isto que os negros eram para ali enviados da Africa, afim de se darem aos soldados, descontando-se o seu valor pelos seus soldos.

A experiencia nos mostra, que os indios são aptos para todos os trabalhos, a que se appliquem, ou em terra, ou nos rios e mares. O que hoje fazem os negros, elles o faziam, posto que violentados, e por isso mesmo sem proveito de seu adiantamento. Parece que o primeiro cuidado, que deveriamos ter, para os fazer passar do estado nomade, em que vivem quasi todos, para o de pastor e agricultor, deveria ser convertê-los á religião christã, e crear-lhes certas necessidades, que os obrigassem a pequenos trabalhos, com que houvessem os objectos então necessarios. Este commercio seria de certo um de seus mais fortes vinculos sociaes; e ainda que seja mui difficil crear novos habitos em homens totalmente filhos da Natureza, todavia esses habitos iriam nascendo em seus filhos, aperfeiçoando-se pela nossa communicação, e avigorando-se pelo correr dos tempos. Se este systema não fosse interrompido pelas causas, que temos apontado, veriamos ainda existentes muitas povoações indigenas, que de todo se exinguiram. As gerações d'esses, que os Jesuitas principiaram a civilisar, pugnando tanto pela sua liberdade, e contra o máo tratamento, que se lhes dava, hoje estariam crescidas e civilisadas, a ponto de servirem por estipendio em nossos campos. Em alguns logares do Brazil, os indios, em tempo opportuno, descem de suas brenhas para fazerem as nossas derrubadas, a troco de alguns generos, que precisam. Não ha muitos annos, que no districto de Cantagallo appareciam no tempo das derrubadas os Indios dos sertões da Pomba, offerecendo os seus serviços aos fazendeiros, que d'elles se aproveitavam, precedendo ajustes. De uma vez se lhes communicou a bexiga, em um rancho publico de uns negros novos, que por ahi se mandavam a Minas. Foi tal o seu horror, feridos d'esse mal, que arripiaram carreira, deixando alguns mortos pela estrada, e nunca mais voltaram. Lembramos este facto para provarmos que elles não são tão avessos ao trabalho, como os pretendem pintar os patronos da escravidão africana, e para que se veja que se forem removidas certas causas do seu

horror e desconfiança; se fôrem bem tratados cumprindo-se fielmente as convenções, que com elles se fizerem; se fôrem docemente chamados a um commercio vantajoso e a uma communicação civilisadora, teremos, senão nos que hoje existem habituados á sua vida nomade, ao menos em seus filhos e em seus netos, uma classe trabalhadora, que nos dispense a dos Africanos.

Talvez não seja mui longe da verdade o dizer-se, que os nossos lavradores, acostumados a servirem-se de escravos como de machinas, voltaram-se para os negros, quando não tiveram mais indios, que empregassem como força bruta. Os pobres negros, fóra de seu paiz natal, são menos aptos aos nossos trabalhos, do que os indios; e o beneficio da liberdade, que elles receberam, depois de tantas leis que ficam citadas, tornou-se de pouco ou de nenhum fructo pela falta de catechese, e de um systema bem concertado de civilisação. A necessidade de trabalhadores obrigaria os fazendeiros a ser mais humanos com os indios livres, se lhes não tivesse sido facil comprar negros para os substituir em suas lavouras. Os negros, portanto, servem de embaraço á civilisação dos indios; e o que mais é, servem não pouco de retardar a nossa propria civilisação, o que deixo de tratar, por não ser d'este programma.

Qual seja, porém, o prejuizo, que soffre a lavoura brazileira, entregue a braços de escravos, é facil de conjecturar-se pela pouca perfeição e adiantamento, que sempre se encontra em trabalhos forçados. Um celebre economista inglez demonstrou quanto atrazada foi sempre a industria na Europa, emquanto parecia exclusiva de trabalhadores escravos. Cessaram estes, e a intelligencia humana voou a uma esphera mais clara, e as riquezas se desembaraçaram em muitos canaes, até então ignorados. Confessamos que os grilhões de uma miseravel rotina nos embarga na carreira dos progressos industriaes, que a tantos povos tem felicitado; e não queremos ver na escravatura africana um grande instrumento d'essa detestavel rotina. Mas quando quizessemos, ainda por outro lado, provar o grande prejuizo, que soffre a nossa lavoura, trabalhada por negros, lembrariamos os immensos capitaes que se perdem na sua compra; capitaes, que poderiam ser melhor empregados, usando-se de braços livres, e sem o menor risco pela morte dos trabalhadores.

Do que temos expendido colhe-se com bastante clareza, que a escravidão dos indios embaraçou muito a sua civilisação; que a dos negros torna infructifera a liberdade, a que foram restituidos pelas leis; pois que, desconfiados dos máos tratamentos, que sempre recebêram, embrenharam-se nos sertões, recusando trabalhar. A escravidão dos negros nem aproveita á civilisação dos indios, nem á sua propria, nem aos progressos da nossa industria; os damnos que d'ahi resultam são desgraçadamente conhecidos, e só a cobiça poderá negar resultados que a intelligencia, ainda a menos perspicaz, percebe e calcula. Só a cobiça poderá combater com seus costumados sophismas os argumentos, que sobre tal objecto por tantas vezes se tem pu-

blicado. Deixaremos a tarefa de os refutar, a quem se occupe especialmente d'esse assumpto; esperando tambem que pennas mais bem aparadas nos tracem algum plano, que mais aproveite á civilisação dos indigenas, e que nos forre ao perigo de introduzir no Brazil livre a raça africana, que temos escravisado com offensa da humanidade e retardamento da nossa agricultura; porque, como diz o economista hespanhol Bernardo Ward:— ella não medra onde o que trabalha não colhe, e o que colhe não goza do fructo de seu trabalho.

NOVO TRABALHO DO SOCIO SR. JOSE' SILVESTRE REBELLO

Em uma das nossas sessões anteriores foi tirado por sorte, e lido o programma seguinte:

«Se a introducção de africanos no Brazil serve de embaraçar a civilisação dos indios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuizo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos?»

Sobre este interessante assumpto já leu o nosso illustre socio, o Sr. J. da C. Barbosa, uma memoria, na qual o programma está optimamente elucidado e demonstrado; comtudo resolvi-me a dizer sobre o mesmo alguma cousa, ainda que pouco, não para patentear muitas novas idéas, mas sim e unicamente como um *post scriptum* á mesma optima Memoria.

A primeira idéa de fazer commercio de escravos na America foi suscitada por Christovam Colombo, que a descobriu, e a quem o mundo deve este grande serviço. Foi elle que no regresso da segunda Frota de S. Domingos para a Hespanha, em 1494, commandada por um tal Torres, propoz aos commerciantes de Sevilha, que, como objecto de commercio, achariam elles na cidade, então nascendo, de Izabella, caraibbes barbaros tomados prisioneiros em legitima guerra, e que seriam trocados por animaes e ferramentas importados da Europa, tendo em vista o mesmo Colombo, que os selvagens chegados á Europa seriam convertidos, baptizados, e postos em caminho da salvação; e foi pela mesma Frota, que elle mandou quinhentos indios prisioneiros, para serem vendidos como escravos, e o seu valor servir para indemnisar o thesouro dos soberanos, das despezas até alli feitas com a nova descoberta, e para pagar as quaes, ainda as já conhecidas minas de Cibão não tinham podido ser trabalhadas; e deve servir de desculpa ao mesmo grande homem as seguintes palavras do tambem celebrado Las-Casas: — Se os homens piedosos e sabios, cujos conselhos e instrucções serviam de guia aos soberanos Elizabeth e Fernando, ignoravam a injustiça de um tal acto, ninguem se deve admirar de que o illiterato almirante não sentisse o choque consciencioso da sua impropriedade.

Na chegada da Frota a Sevilha vieram ordens da côrte para se venderem os indios como escravos; comtudo o piedoso coração de Elizabeth fez com que esta ordem fosse depois con-

tramandada, e que os indios não vendidos, fossem reenviados a S. Domingos, para onde se mandou tambem outra ordem, para que os mesmos indios fossem alliciados com afagos e carinhos, e não perseguidos militarmente e reduzidos á escravidão; esta ultima ordem de nada serviu: o mal estava começado, e continuou.

O mesmo havia antes praticado o infante D. Henrique em Portugal, em 1433, com algumas creaturas de Canarias, que um tal Gillianes roubára com o fim de as vender como escravas. Logo que o infante soube d'isto mandou tratar carinhosamente as mesmas, vestiu-as, e obrigou ao mesmo Gillianes a restitui-las á sua patria.

Já não succedeu assim com os mouros, que, em 1442, agarrou no Rio do Ouro na Costa d'Africa Antonio Gonçalves; estes foram tratados como escravos, e alguns só restituidos á sua terra, promettendo resgatar-se por ouro, escravos pretos de varias nações, e outras cousas; o que com effeito se verificou no mesmoanno, apparecendo, talvez pela primeira vez então na Europa, dez homens pretos, oriundos da costa occidental da Africa.

Assim começou o mal que veio infeionar a America; depois o commercio para a Europa continuou, e activamente: sendo muitos homens, notaveis em saber, e mesmo em virtudes, de parecer, que a escravidão era e devia ser a pena dos barbaros, que não cuidassem em civilisar-se, para no novo estado serem obrigados a abraçar a verdadeira crença; serem baptizados, instruidos, e ensinados a ser virtuosos, e por esto meio obterem a necessaria salvação.

Em 1591 publicaram os monarchas hespanhóes varios regulamentos para servirem de governo nas terras de novo descobertas, e por descobrir; entre os artigos ha um permittindo conduzir, de Sevilha para as mesmas, escravos de origem africana, comtanto que fossem nascidos em Hespanha, e portanto doutrinados na religião christã; para servirem não só para os trabalhos, mas tambem para concorrerem na familiaridade da vida para a conversão dos indios. Nicoláo Ovando partiu então com o caracter de governador geral das terras novamente descobertas; foi elle o primeiro que trouxe o sangue africano para a America, e o desembarcou em S. Domingos. Altos são sem duvida os juizos de Deos, e os destinos dos homens; hoje esta ilha pertence politicamente a homens livres, descendentes d'aquelles e outros escravos da mesma raça.

Eu ignoro a época precisa da importação dos primeiros escravos no Brazil; é comtudo provavel que sendo elles em 1500 propriedade mui commum em Portugal, que a esquadra de Pedro Alvares Cabral trouxesse algum; é certo que ao partir nenhum ficou em terra. E' tambem provavel que as duas esquadras mandadas seguidamente explorar o Brazil por El-Rei D. Manoel, e os especuladores, que seguidamente vieram a esta parte do mundo fazer o commercio do páo-brazil, trouxessem a bordo alguns africanos, ou descendentes d'elles; mas não me consta que algum fosse deixado em terra.

E' certo que Martim Affonso de Souza, em S. Vicente, permittiu a Pedro de Góes, em 1531, o mandar para a Europa nos navios de El-Rei dezesete escravos indios. E' preciso comtudo dizer, que estas creaturas não foram escravisadas pelos descobridores e primeiros povoadores do mesmo S. Vicente, mas sim compradas áquelles dos indios, que os haviam feito prisioneiros em combates, a seu modo, regulares; concorrendo por este acto os estrangeiros para salvar a vida a esses infelizes, que eram comidos, em dias de grandes festas, pelos mais valentes vencedores, e as suas familias. Todo o mundo sabe que a anthropofagia era coisa regular na America quasi toda, quando se descobriu; e, onde havia mais humanidade, só se praticava com os prisioneiros de guerra: ora, como o primeiro bem do homem é ser, e o segundo ser livre, é claro que foi então um acto meritorio, comprando os prisioneiros, dar-lhes a vida a troco da liberdade.

Poucos annos depois já haviam alguns escravos africanos em S. Vicente, e, portanto, á fundação da Colonia seguiu-se logo o commercio de escravos tanto da Europa como da Africa.

Como o numero d'estes, no principio, era pequeno, e o seu custo maior do que o dos escravos indios, que por lei estiveram a menos, mas não a mais de 4$000 réis, continuou a escravidão dos indios; mas como o trabalho d'estes luzia menos do que o dos africanos, foram aquelles a pouco e pouco substituidos por estes, e por consequencia foi-se abandonando o resgate dos indios, e foram-se deixando mais á disposição dos meritorios Jesuitas e mais religiosos de outras Ordens, que caritativamente se empregavam com toda a piedade na conversão e civilisação dos mesmos indios.

Não foi comtudo esta transição feita sem querellas e disputas de grande soada. Houveram queixas reciprocas para a côrte. Foram expulsos os Jesuitas de S. Paulo; e a toima dos povoadores da mesma provincia, em proseguir o resgate, deu pé a uma enorme collecção de mentiras e falsidades, que se acham impressas em varios livros contra os activos e valentes Paulistas; foram até chamados republicanos, creando-se-lhes um governo imaginario, que entre elles nunca existiu.

O que aconteceu em S. Paulo foi repetido nas provincias do Norte, muito principalmente na do Maranhão. Tudo se acha optimamente descripto na preciosa Memoria, de que esta será um additamento. Repetirei comtudo aqui de mais, pelo que tem de exquisitas, as seguintes palavras, que se acham escriptas em uma Memoria, que, segundo creio, ainda não foi impressa. — « Se (escreveu Manoel Guedes Aranha, seu autor) os nobres, nos paizes civilizados, são tidos em grande estima, com maior razão devem ser estimados os homens brancos em paiz de hereges, porque aquelles foram criados com o leite da igreja e da fé christã.

Além d'isso, differentes homens são proprios para differentes coisas; nós somos proprios para introduzir a religião

entre elles, e elles são adequados para nos servir, para caçar para nós, para pescar para nós, e para trabalhar para nós.»

E' pois claro que a importação de escravos africanos diminuiu os trabalhos braçaes dos indios, e que ficaram, por esta razão, mais aptos a serem, como o foram muitos, catechisados e civilisados, e tornados homens uteis ao seu paiz, e a si mesmos.

Assim iam as coisas, quando a lei de 1759 aboliu a Sociedade Religiosa dos Jesuitas em Portugal e seus dominios; lei que foi a precursora do Breve, que, em 1773, os extinguiu. No Brazil as suas missões e aldéas passaram a administradores seculares; hoje já são rarissimos os indios civilizados no imperio: a aldéa de S. Lourenço, no lado opposto d'esta bahia, que tinha então mais de 500 casaes, tem hoje 3 ou 4.

Oneira o céo, que as missões altimamente creadas em Matto Grosso, continuem a prosperar, o que os numerosos indios, que ainda hoje habitam as margens do Amazonas, sejam reduzidos ao mesmo estado, para o que de boa vontade concorrerão outra vez os Jesuitas, sempre que para isso francamente os convidem.

A diminuta quantidade dos nossos productos ruraes, e a sua inferior qualidade, o que prova a vergonhosa differença de preços que alcançam na Europa, comparados com os que vem das Antilhas, e outros paizes d'entre os Tropicos, não é só devida á brutalidade dos trabalhadores, mas sim tambem á craciss'ma ignorancia de quem os administra. Rara é a fazenda entre nós, cujo feitor sabe mais do que ler, e isso mesmo mascando as palavras.

Nos outros paizes entre-tropicaes é hoje raro o administrador, que não tem algumas idéas das sciencias naturaes, principalmente de Botanica e Chimica; não são professores, mas sabem quanto basta para auxiliar a natureza. O resultado é publico nas listas dos preços correntes, que nos vem amiudadas vezes da Europa. O assucar da Havana vale oito a dez tostões mais em arroba, do que o do Brazil. Os algodões, conhecidos no commercio com o nome de — Ilhas do Sul, — valem quatro vintens mais em libra, do que o de Pernambuco, havendo as sementes d'aquella variedade sahido da mesma provincia; e ninguem attribua isto ao clima, porque o algodão é indigena d'entre os Tropicos, e as costas da Georgia aonde se cria essa preciosidade no seu genero, estão fóra delles. O café de Java obtem pelo menos um vintem mais em arratel do que o mais superior do nosso. Isto, meus Srs., não é devido a localidades, é obra do saber, estudo, meditação e ao desejo de melhorar, que deve animar e aviventar todo o homem de brio.

E não é só a qualidade que ganha todos os dias por toda a parte, é tambem a quantidade. A Ilha de Cuba exportava em 1809 trezentos mil fechos de assucar, hoje exporta quinhentos mil; e o seu trabalho braçal é obra de escravos da mesma raça, de que são os nossos. Os Americanos começaram a cultivar o algodão, depois da sua independencia, e mesmo

bastantes annos depois ; e agora já exportam mais de um milhão de fardos muito maiores do que as nossas saccas ; o seu valor no anno passado, segundo o relatorio do ministro do thesouro em Washington, andou por mais de sessenta e dois milhões de pesos. Ignoro qual seja o augmento da producção do café em varios lugares do mundo, mas creio que, a não ser neste ramo, estamos estacionarios.

Muitos annos ha que exportavamos oitenta mil caixas de assucar, actualmente exportamos igual quantidade. De 1800 a 1815 exportavamos duzentas e cincoenta mil saccas de algodão e presentemente não exportamos mais. E' a exportação do café, que tem crescido assombrosamente, o que nimiamente consola aos verdadeiros Brazileiros ; é verdade que infelizmente exportamos cinco qualidades, quando dos outros paizes só sahem duas— bom e escolha — ; e já se vê que isto influe nos preços, pelo não separar só em duas qualidades, primeira e segunda sorte, como deve ser, perdemos, segundo eu o entendo, mais de cem contos de réis annuaes. Se o café do Rio apparecesse nos mercados da Europa bem escolhido, e separado em duas classes, valeria provavelmente tanto como o de Moca ; é tão aromatico, saboroso e conveniente á vida animal, como o d'aquella parte do mundo, e pela mesma razão.

E' verdade que os bons instrumentos concorrem para o bem feito da obra; mas é tambem certo, que o bom mestre mesmo com os indifferentes faz obras menos más. Não se deve pois attribuir só aos semibrutos escravos o atraso da nossa agricultura ; é devido muito principalmente á ignorancia dos feitores, pois que a mesma raça de escravos em outras partes dá melhores resultados ; é portanto este bem devido ao saber e industria de quem os administra.

Tenho dito sobre o programma em questão o que sei ; se não cumpri bem a minha tarefa, a culpa, meus Srs., não provém da falta de vontade, mas sim da pequeneza da minha intelligencia.

INFORMAÇÃO

DE

MANOEL VIEIRA DE ALBUQUERQUE TOVAR

SOBRE A NAVEGAÇÃO IMPORTANTISSIMA DO RIO DOCE

Copiada de um manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. José Domingues de Athaide Moncorvo

---

Sendo o Rio Doce um dos primeiros que se conheceu e navegou, logo depois do descobrimento do Brazil, subindo por elle Sebastião Fernandes Tourinho e Antonio Dias Adorno, no principio do reinado do Sr. Rei D. Sebastião, até hoje se não tem franqueado a sua navegação; nem tão pouco se tem conhecido os muitos rios auxiliares, que o enriquecem; e tanto um como outros teriam decisivamente felicitado as ricas capitanias de Minas Geraes e do Espirito Santo. Mas o céo guardava para augmento da gloria do nosso augusto soberano, depois que veio felicitar com a sua real presença este grande continente, o franquear-se a navegação de rios tão interessantes, por meio dos quaes as cidades e villas do centro do Brazil se communicarão com os portos de todos os imperios e reinos do mundo.

Muitos e mui differentes tem sido os pareceres d'aquellas pessoas, que sem conhecimento ocular da navegação do Rio Doce, e dos obstaculos que a embaraçam, formavam planos, já para se removerem e destruirem as cachoeiras e obstaculos, fazendo-se diques e canaes, já para se impedirem os ataques dos gentios; outros ainda que tinham navegado aquelle rio, e visto as suas cachoeiras, comtudo não podiam conhecer os meios de remover obstaculo algum, pois lhe faltavam os conhecimentos precisos. Estas e algumas outras razões fizeram, que desde o anno de 1800, tempo em que se formaram os quarteis de Souza e Lorena, e se fez a divisão das duas capitanias, estabelecendo-se destacamentos para servirem de registo, etc., o commercio das duas capitanias não tivesse até hoje augmento algum; nem tão pouco os estabelecimentos d'agricultura, e mineração, os quaes devem sempre marchar a par da navegação e commercio do mesmo rio.

O governo da capitania de Minas, sempre duvidoso de quaes seriam os meios que adoptaria para conseguir tão importante obra, ora estabelecia destacamentos, ora os levantava, faltando-lhe sempre o conhecimento ocular, ou de pessoa de confiança e intelligencia, que cabalmente lhe fizesse ver os meios que se deviam adoptar; e assim tem decorrido quasi 10

annos, sem que os povos de uma e outra capitania tenham recebido interesse algum de tão interessante navegação, despendendo comtudo a real fazenda grossas sommas em formar quarteis, fazer canôas, e já entretendo destacamentos, fieis, canoeiros, etc., existindo do mesmo modo, como talvez existiram ha muitos seculos, os obstaculos que hoje existem e difficultam aquella navegação.

A navegação do Rio Doce, de sua barra até o Porto de Souza, é franca e boa, e pouco abaixo do dito Porto de Souza, admitte barcaças, que podem velejar e mesmo bordejar. O tempo que se gastará nesta navegação não se póde calcular exactamente; pois a maior ou menor porção d'agua ou vento influe na maior ou menor velocidade das embarcações; e por consequencia no espaço corrido em certo tempo dado. Mas regularmente uma canôa varejada gasta 5 a 6 dias, do Porto da Regencia ao de Souza; e, desde aquelle, 2. A sua carga é de 90 a 100 arrobas, e de uma barcaça de 800 a 1000. Pouco acima do Quartel de Souza, até a Natividade, é que existem as 5 cachoeiras, denominadas — As Escadinhas,— as quaes occupam o espaço de duas, a duas leguas e meia. Estas de modo algum podem ser totalmente destruidas, e tão pouco se podem abrir canaes; pois as rochas e montões de pedra que existem nas margens do rio, e de que é formado o seu leito, impedem a factura de qualquer obra, que o mais habil hydraulico alli quizesse dirigir; pois o augmento do volume d'agua de 30 palmos nas grandes cheias, o seu peso e velocidade adquirido no plano inclinado por onde corre, destruiriam e arruinariam os canaes e diques, que se formassem nas ditas cachoeiras; sendo preciso enormes sommas pecuniarias para se formarem, e iguaes despezas para se conservarem.

Mas attentas as razões que vou a expôr, a existencia das ditas cachoeiras pouco ou nada podem influir no commercio das duas capitanias, o qual ganhará muito em se permutarem alli os generos; a navegação será mais facil, e todos os mais estabelecimentos ganharão bem rapido progresso.

Se a navegação de todo o Rio Doce admittisse barcaças, as cachoeiras das Escadinhas lhe serviriam de um grande obstaculo; mas como muitos lugares do rio, que pertencem á capitania de Minas Geraes, só admittem navegação de canôas, sempre no ultimo d'estes se deveriam baldear os generos para barcaças. Pois bem: se a Natureza estabeleceu a navegação d'este rio, bem como de cabotagem (por assim me exprimir) fazendo o commercio, de porto a porto em embarcações costeiras, porque se não fará o commercio de tão rica capitania em canôas na parte do rio, em que estas podem navegar, e em barcaças naquella, em que o rio as admitte? O lugar mais conveniente para se poderem baldear os generos de uma para outra embarcação, é sem duvida nos limites das duas capitanias; e baldeando-se os generos, porque se não permutarão logo? Permutando-se, as grandes cachoeiras das Escadinhas ficarão como negativas a bem do commercio e navegação, de que resultará

grandes vantagens á agricultura, mineração, povoação e extincção do gentio, e ao mesmo commercio e navegação.

Formando-se no Porto da Natividade, que fica acima das Escadinhas, armazens para se receberem todos os generos de importação e exportação, as canôas de Minas, chegando áquelle porto, não terão demora alguma, senão em permutarem, ou venderem as suas carregações. Nos armazens que já existem no Porto de Souza se receberão igualmente os generos de importação ou os já permutados, não tendo demora alguma as embarcações, que d'ali navegarem até a foz do rio, senão a entregar as cargas nos armazens, e receber aquellas que ali estiverem já permutadas ou vendidas. Feitos estes estabolecimentos, e concluida a estrada do Quartel de Souza, para o da Natividade, pela qual possam andar bestas, carros ou carroças, estas de manhãa conduzirão os generos, que estiverem depositados nos armazens de Souza ; e de tarde, voltando, conduzirão aquelles já comprados ou permutados, que existirem nos armazens da Natividade.

Posto isto, o commercio se augmentará mais e mais ; pois a permuta dos generos se fará em menor tempo, e os riscos e despezas se dividirão entre os negociantes de Minas, que ali fôrem negociar com aquelles que, n'aquelle mesmo lugar, formarem estabelecimentos. A navegação será mais facil, por ser feita em menos tempo, em differentes embarcações, e por canoeiros praticos das duas partes do rio, e adoecerem menos do que se fizessem toda a navegação.

A agricultura terá grande augmento no Porto de Souza, e Natividade ; não só pelo terreno ser muito productivo, como pelos estabelecimentos, que immediatamente ali se farão para criação de bestas, bois, etc.; e pela concurrencia de commerciantes, fazendeiros, etc. Em poucos annos os dois quarteis serão grandes aldêas ou villas. Do augmento da população vem os estabelecimentos da mineração nos rios Guandú e Mai-Nassú, ricos em minas de ouro (como é constante) ; e todos estes estabelecimentos contribuirão muito para a civilisação do gentio ; ou serem afugentados d'aquelles productivos e auriferos terrenos, ou para sua total extincção ; e d'esta maneira fica obviado o grande obstaculo das cachoeiras das Escadinhas, resultando as vantagens acima ditas.

A navegação do Porto da Natividade até a barra do rio Cuieté, ainda que tem a vencer as muito pequenas difficuldades da Cachoeira do Inferno, e passagem do M., comtudo em toda a estação do anno se póde navegar, sem ser necessario descarregar canôas, etc. Em duas horas, dez canôas passaram aquelles dois pequenos obstaculos, só com o trabalho de serem puxadas por cabos ou cipós. Tres a tres dias e meio é o tempo que regularmente se gasta da Natividade ao Cuieté. O augmento dos estabelecimentos, tanto do Arraial do Cuieté, como do destacamento que existe na barra, será de mui grande vantagem á navegação e commercio do Rio Doce, como igualmente á agricultura, mineração e povoação ; pois o seu terreno é o mais

productivo e aurifero que se conhece. Da barra do rio Cuieté á foz do rio Sussuhy Grande se gasta dia e meio, sendo a navegação mais franca e boa. Este rio enriquecerá igualmente a comarca do Serro do Frio, até Minas Novas, d'onde se exportarão os seus bellos algodões por muito menos preço do que hoje se exportam, como todos os mais generos de exportação, recebendo em troco, e a melhor mercado os generos de consumo. A navegação interessante d'este rio se deve animar o mais possivel, fazendo-se quarteis, destacamentos e todos os mais estabelecimentos que se julguem precisos.

De Sussuhy Grande á cachoeira do Boguary se gasta dia e meio; e em toda esta navegação se não encontra cachoeira ou difficuldade alguma que a interrompa ou difficulte, exceptuando a passagem da Figueira, cujo pequeno obstaculo ficará removido tanto que se quebrem duas pedras, o que é da maior facilidade possivel; e hoje mesmo é um obstaculo de tão pequena monta, que dez canôas a passaram em meia hora.

A cachoeira do Boguary, ainda que fosse possivel o destruir-se (o que se não conseguiria sem despezas enormes e grandes difficuldades), nunca jámais se devia fazer, pois é bem de suppôr que se descobrissem outras cachoeiras, que igualmente impedissem a navegação; e para que se hão de fazer despezas pecuniarias e expôr a novas difficuldades, havendo um meio bem facil de se obviar aquelle obstaculo; e vem a ser:—mudar-se o quartel, que existe no ilhote do Boguary, para terra firme, no lugar mais conveniente, fazendo-se franca a estrada, que ali se mandou abrir, de modo que possam andar carrinhos de mão, ou mesmo carros ou carroças. Posto isto, as canôas, que navegarem do Porto da Natividade até a dita cachoeira, logo que ali chegarem serão immediatamente descarregadas, e as suas cargas conduzidas nos ditos carrinhos ou carros, até o cimo da cachoeira, aonde se embarcarão em canôas, que ali sempre devem existir. E como a distancia do principio da cachoeira ao fim apenas será de dois tiros de bala de mosquetaria, em muito pequeno espaço de tempo as cargas serão baldeadas de umas canôas para outras; e praticando-se o mesmo com as que descerem de cima, ficará d'esta maneira obviado o embaraço da cachoeira do Boguary, resultando ao mesmo tempo d'estes estabelecimentos grandes vantagens á agricultura e povoação do Rio Doce: e tanto uma como outra, por todos os modos se deve sempre animar.

Da cachoeira do Boguary, á barra do rio de Santo Antonio dos Ferros, se gasta pouco mais de um dia. A navegação deste rio se deve animar o mais possivel; assim como todos os seus estabelecimentos, pois virá a ser um canal de riquezas para as duas comarcas de Sabará e Serro do Frio.

Da barra do rio de Santo Antonio á Cachoeira Escura, se gasta menos de um dia, e toda a navegação de uma cachoeira á outra, é a mais franca e boa, podendo mesmo navegar grandes barcaças. O obstaculo d'esta cachoeira será facil destruir-se, com muito pequena despeza, abrindo-se um canal da parte do Leste,

o qual terá a extensão de um tiro de bala de mosquetaria; e logo que se abrir o canal, o quartel da Cachoeira Escura deverá passar para aquella parte, para proteger a navegação e commercio, etc. Mas emquanto se não abrir o dito canal, os mesmos estabelecimentos que se devem fazer na cachoeira do Boguary, igualmente se devem fazer nesta.

Da Cachoeira Escura á barra do rio Piracicaba, se gasta um dia; e subindo por este rio, até o Porto das Canôas, dia e meio. Neste porto se deve estabelecer um destacamento, reedificando-se o quartel, que alli existe, e formar alguns armazens.

D'esta maneira, não só a navegação do Rio Doce, e de todos aquelles que o enriquecem, terão um rapido augmento, como o commercio, agricultura e mineração de todas as comarcas do interior do Brazil; pois é bem sensivel a grande differença da despeza, que hoje se faz, na importação de todos os generos, áquella que se fará pelo Rio Doce. Uma canôa conduz a carga de 10 a 11 bestas, e custa 16$000 a 18$ rs., não fazendo diariamente despeza alguma; e uma besta custando 40$000 a 50$ rs., fará despeza diaria de milho, ferragem, apparelhos, etc.; accrescendo, que uma canôa dura muitos annos, e as bestas morrem e adoecem com muita facilidade nas grandes e difficultosas viagens, principalmente no tempo das aguas.

Rio de Janeiro, 18 de Julho de 1810.

SIMPLES NARRAÇÃO

DA

VIAGEM QUE FEZ AO RIO PARANÁ

O thesoureiro-mór da Sé d'esta cidade de S. Paulo

JOÃO FERREIRA DE OLIVEIRA BUENO,

Acompanhado de seu irmão o capitão Miguel Ferreira de Oliveira Bueno, aos 3 dias do mez de Setembro de 1810.

(Copiada de um manuscripto, offerecido ao instituto pelo socio o Sr. J. D. de A. Moncorvo.)

1810. Dia 3 de Setembro.—Promptificadas as canôas, provisões e tudo quanto me era preciso, e precedidos os avisos d'este Engenho de S. João, sito na margem do rio Capivary, distante da villa de Porto Feliz quatro leguas para o Engenho de Itanhaem, onde existe meu irmão o capitão Miguel Ferreira de Oliveira Bueno, na margem do rio Thieté, legua e meia distante da predita villa, para largarem as canôas no mesmo dia, e nos unirmos na barra do Capivary; sahi d'este engenho com tres canôas, e fui pernoitar abaixo da cachoeira ou Canal Torto.

Dia 4.—De manhãa segui viagem, e encontrando bastantes difficuldades nas muitas tranqueiras que impediam a navegação, cheguei á barra quasi noite, chegando ao mesmo tempo meu irmão com as mais canôas.

Dia 5.—De manhãa depois de ter arranjado as cargas em cinco canôas, uma de cinco palmos de largo, duas de quatro, uma de tres e meio e outra menor, naveguei pelo rio Thieté abaixo, levando trinta pessoas entre pilotos, proeiros e remeiros, todos peritos nesta navegação, e praticos nos diversos e tortuosos canaes das cachoeiras, e tendo passado pelas barras do Ribeirão, Capivary-Mirim, Rio de Sorocaba, Cacatu e ontros ribeirões, viemos dormir no Boguary, na margem oriental do rio.

Dia 6.—Logo que amanheceu continuei a navegar atravessando as barras de varios ribeirões, e passando por terras altas e mattas mui frondosas de uma e outra margem, que seguram a maior fertilidade a quem houver de cultivar estes desprezados terrenos; e chegando á barra de um lindo ribeirão, denominado—Moquen,—cujo terreno se principia a elevar da margem do rio; mandei soltar tres cães de raça, os quaes d'ahi

a pouco trouxeram um veado pardo, que sendo morto, continuei a viagem, vindo dormir defronte do ribeirão de Jatahy, sem mais outro algum acaso.

Dia 7.—Antes que raiasse a aurora, mandei sahir a canôa menor para pescar e ter peixe para o jantar, por ser dia de abstinencia, e quando cheguei á ilha de Banharom-Merim estava já á espera a dita canôa com o peixe sufficiente para o jantar e ceia; e, depois de jantar nesse mesmo lugar, continuei minha viagem, tendo antecedentemente e ainda depois, passado por muitas ilhas, assim como ás quatro horas da tarde atravessei a barra do rio Piracicaba, sendo Thieté d'ahi para baixo muito mais agradavel e vistoso pela sua largura, e vim dormir no Barreiro Velho.

Dia 8.—Preparei um altar dentro da barraca que me servia de abrigo, e depois de dizer missa, que toda a minha gente ouviu, mandei largar as canôas, e sem novidade vim dormir logo abaixo do Banharom, no principio da cachoeira, e ás duas horas da noite sobreveio uma grande tormenta de relampagos, trovões, e chuva, que tudo molhou, e assim continuou até as 8 horas do dia.

Dia 9.—A's dez horas largaram-se as canôas, e vim dormir na cabeceira do estirão do Potonduba, atravessando varios ribeirões, entre os quaes se faz muito distincto e vistoso o dos Lanções, pela formosa symetria, com que de degráo em degráo se despenha no Thieté, e então por mim foram mortos um pato silvestre e duas jacutingas.

Dia 10.—Parei no Potonduba onde se descarregaram as canôas para se enxugarem as cargas, provisões e roupas. Emquanto pois isto se fazia, matei um corvo branco, e alguns da tripolação fizeram copiosa pescaria de varias qualidades de peixe.

Dia 11.—Sahi cedo do pouso, tendo mandado na tarde antecedente carregar as canôas; porém foi logo preciso parar na Figueira Grande, por causa da cerração que impedia o navegar-se; e logo que se adelgaçou a nevoa, continuei a viagem para a cachoeira do Baurú, onde foi preciso pôrem-se as canôas a meia carga para passarem, transportando-se por terra as cargas que se tiraram das canôas: e depois de reembarcadas, segui para diante, e passei as cachoeiras de Bariri-Mirim e de Bariguassú que é tortuosa e extensa, na qual de novo foi preciso descarregarem-se as canôas e conduzi-las por terra, afim de ficarem as ditas canôas alliviadas para passarem sem perigo, e vim dormir cedo na cabeceira da cachoeira do Sapé, por causa de uma trovoada, matando-se muitas jacutingas e patos, e pescando-se peixes immensos.

Dia 12. — De manhãa mandei soltar alguns cães de caça, e logo trouxeram ao rio dois veados, os quaes se mataram, além de muitas jacutingas; e os mesmos cães pegaram um quaty dos grandes que chamam *mundé*, e por este motivo largaram-se as canôas ás duas horas da tarde, e vim dormir no estirão do Vieira, passando as cachoeiras do Sapé, Congonhas e varias ilhas.

Dia 13. — Quando apontava o sol no horizonte embarquei; largaram-se as canôas, e vim dormir no ribeirão da cabeceira da cachoeira de Itambá-Peririca, atravessando as barras dos dois rios Jacaré-Pipira e Jacarégussú que vem da parte oriental, conjecturando com todo o fundamento que Jacarégussú divide os campos do Araguára da Campanha que se estende até o Paraná, passando igualmente n'esto dia a cachoeira de Guanicanga, que é extensa e de ondas abundantes, algumas das quaes enxovalharam as canôas; e n'esse mesmo dia por mim foram mortos alguns patos silvestres e jacutingas.

Dia 14. — As tres horas da madrugada sobreveio uma trovoada e chuva que durou até o amanhecer; e como não era copiosa, e não me impedia a viagem, mandei largar as canôas, adiantando-se a menor, que fez copiosa pescaria, e passei com felicidade as cachoeiras do Itambá-Peririca, da Escaramuça do Gato, de Tambaú e muitas ilhas, em uma das quaes, em que jantei, começou a gente da tripolação a furar a arêa com páos, e por este meio descobriram ninhadas de ovos de kagado, que com satisfação comeram; e depois naveguei pelo Rio Morto que vai até o Salto de Baiandaba, e vim dormir no Vara-Velho; e no desembarque saltaram os cães, e entrando pelo mato trouxeram dois veados, um pardo e outro virá, os quaes se mataram.

Dia 15. — Logo que sahi do poiso mandei soltar os cães, e d'ahi a pouco trouxeram uma anta, a qual matei e uma jacutinga; e depois de embarcado em uma canôa segui para diante encontrando muitos bandos de patos, dos quaes se mataram alguns, e tambem mataram-se algumas jacutingas; e na acção de jantar que foi na ilha do Meio, esfolou-se a anta, e se fez boa pescaria, e tirou-se uma abelheira que deu algum mel e cêra; vim dormir nos campos, e depois que anoiteceu embarcaram-se dois remeiros e foram esperar caça em um barreiro, pois que ha muita pelas margens do rio, e mataram uma anta.

Dia 16. — De manhãa cedo desamarraram-se as canôas, e ás 9 horas cheguei á barra do Ribeirão do Campo, onde mandei armar a barraca, e preparei o altar, em que celebrei os Santos Mysterios a que todos assistiram; e depois mandei fazer uma cabana coberta de capim com um girau alto, em que deixei parte dos viveres, ficando de todos os lados tapada de capim e páos, para por este meio ficarem as canôas mais boiantes e passarem as grandes e successivas cachoeiras que existem entre os grandes saltos de Baiandaba e Itapura, e evitar-se o transporte no descarregador do dito Baiandaba que é extenso. Continuei depois a viagem passando as cachoeiras do Campo e de Baiandaba-Mirim, que é cheia de ondas, chegando ás cinco horas da tarde ao Grande Salto de Baiandaba onde dormi.

Dia 17. — De manhãa mandei descarregar as canôas, e emquanto se transportavam as cargas e se varavam as canôas

por terra, cujo caminho terá de extensão 400 ou 500 braças, mandei soltar quatro cães acima do salto, os quaes dentro de meia hora trouxeram ao rio uma anta, a qual foi morta, e dormi no mesmo salto da parte de baixo, porque se consumiu todo o dia no transporte das cargas e varações das canôas; e é de notar que sendo o rio acima do Salto bastantemente largo, e despenhar-se em toda a sua largura por cima de pedras, por seis canaes principaes, pelos quaes vem grande abundancia de aguas, logo abaixo fica tão estreito que terá dez ou doze braças de largo, e assim corre meio quarto de legoa por entre um recife de pedras, de um e outro lado, até que novamente toma a sua perfeita largura.

Dia 18. — N'este dia logo de manhãa passei a cocheira Escaramuça Grande que é caracolada, extensa e cheia de ondas, algumas das quaes entraram nas canôas, apezar de virem boiantes em meia carga; e ao meio dia cheguei ao pequeno Salto do Itupanema, onde se descarregaram as canôas e se carregaram as cargas por terra passando aquellas por um pequeno braço da parte occidental, e de tão pouca agua se vinham arrastando por cima das pedras por espaço dilatado; e depois de reembarcado todo o trem, continuei a navegar, e vendo logo abaixo uma anta que subia á ribanceira do rio, mandando soltar os cães atraz d'ella a trouxeram atravessando o rio, sem que se lhe podesse atirar, por cahir muito acima das canôas; porém como os cães a traziam á vista, atravessaram tambem o rio, e d'ahi a pouco em logar de uma, vieram duas, as quaes se mataram, e depois de embarcadas, vim dormir na cabeceira da cachoeira da ilha.

Dia 19. — Os pilotos e mais gente me requereram que queriam falhar este dia, tanto para descançar, como para beneficiar alguns peixes que se tinham pescado e as antas que tinham morto, no que convim; e por não estar ocioso mandei soltar os cães, e se mataram duas antas e um veado pardo; e outra anta escapou com um tiro.

Dia 20. — Segui viagem de manhãa; passei as cachoeiras da Ilha de Mato Secco, das Ondas Grandes, das Ondas Pequenas, do Funil Pequeno que é propriamente um Z, e do Funil Grande, onde, sem eu saber, uma partida de indios ferozes matou o piloto e guia de tres canôas que andavam em descobrimento de ouro; e jantei com toda segurança, sem desembarcar uma só espingarda, por ignorar o predito acontecimento; e depois de jantar passei a cachoeira de Guacurituba, sendo preciso para passar com segurança, dobrarem-se os pilotos e proeiros em cada canôa, sendo de notar que em todas as cachoeiras ha ilhas no meio do rio, e em algumas d'aquellas tres, quatro e cinco, todas grandes e cobertas de mato virgem, encontrando n'esta tarde seis antas, das quaes cercou se uma e matou-se; e vim dormir na cachoeira de Aracanguá-Mirim.

Dia 21. — Quando preparava o altar para celebrar o Santo Sacrificio da Missa, chegaram as canôas e gente que vinham

de levar a Camapuam o Sargento Mór Engenheiro, e trem Real para a Capitania de Mato-Grosso; e depois que todos cuviram missa separámo-nos, subindo elles o rio, e nós descendo-o; e vim dormir sem algum outro acaso mais do que encontrar algumas antas pelo rio, na cabeceira da cachoeira de Aracanguaçú.

Dia 22 dito. — De manhãa mandei largar as canôas; e logo que chegamos á grande Cachoeira de Aracanguaçú descarregaram-se todas as canôas; e depois de conduzidas por terra todas as cargas e mais trem, passaram se as canôas, cada uma de per si, com duas correntes de ferro, uma na próa e outra na pôpa, e depois de tudo reembarcado, abaixo da dita cachoeira, continuei a viagem; porém foi logo preciso alliviarem-se novamente as canôas para poderem passar a cachoeira de Itupeva, e depois fui navegando até a cachoeira do Guacuritú-Mirim onde jantei, e vim dormir no Rio Morto, acima da grande cachoeira de Itupirá, vendo muitas antas, jacutingas e varias caças.

Dia 23. — Depois de dizer missa, desamarraram-se as canôas, e tendo passado a cachoeira de Itupirú-Mirim, cheguei á grande cachoeira de Itupirú onde se descarregaram as canôas; e depois de passadas as cargas por terra, ás costas da gente, foram levadas aquellas por junto á ribaneeira occidental, o que levou muito tempo, por ser a cachoeira muito extensa, dilatando-se o rio tanto n'este logar que tem cinco ilhas e não pequenas, correndo grandes canaes por entre ellas. Naveguei felizmente o resto do dia, vindo dormir nos Tres Irmãos, sendo summamente perseguido por enxames de mosquitos chamados polvora.

Dia 24. — De manhãa largaram-se as canôas, e passei as cachoeiras dos Tres Irmãos e á de Itapú-Mirim, e ás dez horas do dia cheguei ao grande Salto de Itapura, no qual se descarregaram as canôas; e depois de transportadas todas as cargas, e varadas as canôas, ao pôr do sol sahi do salto, e vim dormir em uma ilha que fica quasi na confluencia do Thieté com o Paraná; escolhendo este logar como o mais seguro para a minha residencia, emquanto me demorava n'este sertão, pois que não podia ser atacado pelos barbaros sem que fossem sentidos; e logo depois que cheguei á ilha, estando tudo ainda em desarranjo, sobrevelo uma grande trovoada de relampagos, trovões e chuva, que durou grande parte da noite.

Dia 25. — Este dia se consumio na factura das choupanas de palha, para abrigo das provisões e nosso commodo; e apezar de estar occupada toda a gente, uns a cortarem páos, outros em procurar palhas de coqueiro, outros em armar as choupanas, assim mesmo se fez uma pescaria assaz pingue de dourados, pacúguaçús, piracambuçús e jaús.

Dia 26. — Emquanto a maior parte da gente estava occupada em construir as choupanas, mandei duas canôas ao Paraná á pescaria, afim de ver se achavam vestigios de selvagens pelas suas margens; e se recolheram depois do meio dia

sem encontrar os barbaros, porém com as canôas cheias de peixe de varias qualidades e de bom tamanho.

Dia 27.— De manhãa naveguei com duas canôas pelo Paraná abaixo a ver se encontrava os indios, e cheguei á barra do Rio Sucuriú que desagua no Paraná da parte occidental; e divisando muito abaixo uma fumaça na margem oriental, mandei virar as canôas para aquelle sitio, passando pelo Jupiá, que é um recife de pedras, que nasce de uma e outra margem para a foz do rio, ficando um pequeno boqueirão, por onde correm as aguas com immensa velocidade, fazendo muitos redomoinhos, sendo necessario passarem as canôas com cordas na popa e próa, indo as pessoas que as levavam, por cima das pedras, afim de não serem submergidas pelos ditos redomoinhos, e parei em uma ilha de arêa e pedras, defronte do logar onde tinha divisado a fumaça, e n'ella demorei-me algum tempo, mandando tocar buzina, a ver si se mostravam os barbaros, o que não aconteceu: inferindo eu que era alguma partida ou tribu feroz que ali se achava; e vendo baldada a minha diligencia, voltei para o meu quartel, chegando ás nove horas da noite, com projecto de ir no dia seguinte pelo Paraná acima até o Salto de Ururupungá, e depois que cheguei soube de uns mulatos, meus escravos, que tinham ido pelo Paraná acima, terem encontrado os selvagens em uma e outra margem do rio, de cujo encontro assustados voltaram com toda a celeridade.

Dia 28.— Amanheceu chovendo, e este acontecimento obstou ao meu projecto de ir ao Salto de Ururupungá; porém meu irmão o capitão Miguel Ferreira de Oliveira Bueno, por divertir-se foi á barra do Rio Thieté, que fica proxima á ilha onde estava aquartelado, e n'ella encontrou na margem oriental do Paraná tres selvagens que pescavam, os quaes nenhum sobresalto tiveram, antes convieram em vir na canôa ao meu quartel, revestindo-se de tanta confiança e candura, que no embarque lançaram na praia seus arcos e frechas, e até uma faca velha que tinham; mas meu irmão mandou embarcar tudo, e assim os trouxe ao meu abarracamento, onde os tratei com todo o agasalho e urbanidade; e depois que lhes mandei dar de comer, dei-lhes facas, fumo, farinha, feijão, sal, assucar, e até mandei-lhes cortar os cabellos, e tornei a mandal-os pôr no mesmo logar em que tinham sido encontrados, rogando-lhes que dissessem aos seus chefes que viessem ao meu quartel, porque queria vel-os e mimosear-os.

Dia 29.— Uma grande tormenta de trovões e copiosa chuva nos incommodou fortemente da meia noite para o dia, de sorte que as choupanas de folhas de coqueiro não nos serviram de abrigo algum. De manhãa cessou a tormenta, e tive toda a commodidade para celebrar o Santo Sacrificio da Missa, a que todos assistiram; e logo que concluí, ouví gritos de selvagens na margem oriental do Thieté, e projectando que vinham procurar-me attrahidos do bom agasalho e afagos, com que tratei os tres no dia antecedente, mandei primeiro examinar se vinham ar-

mados, e vendo-os sem armas, mandei duas canôas a buscal-os, e com effeito vieram oito, inclusos os tres no dia antecedente, com uma mulher e uma pequena de dez annos, sua irmãa, aos quaes mandei dar de comer e mimoseei-os com varias dadivas de facas e outras bagatellas ; e perguntando-lhes eu pelo seu chefe, responderam que ahi vinham, e d'ahi a pouco ouvi novos gritos, e mandando as canôas, vieram doze indios com os seus dois chefes, cuja distincção se limitava em trazerem cobertas as partes pudendas, quando os outros estavam inteiramente nús. Logo que desembarcaram foram por mim festejados com grande desvelo, abraçando os chefes e tratando aos outros todos com a maior ternura ; logo reparti, por todos, facas, tesourinhas, fumo e varios comestiveis, pelo que se mostraram summamente satisfeitos ; e dizendo-me um chefe que estava nú, dei-lhe uma vestia, que vestiu fazendo ver que os tres selvagens, que eu tinha agasalhado no dia antecedente, a mulher de um d'estes e a cunhada vinham resolvidos a acompanhar-me ; porém que se fazia necessario que os pagasse a seus pais, o que com effeito fiz, dando dois machados, duas enxós, uma goiva e outra chata, uma enxada, uns facões, uma tesoura grande, uma foice, anzóes, linhas e varios comestiveis ; e depois que jantaram mandei cortar, com licença dos chefes, os cabellos acima da testa a todos, e os mesmos chefes mandaram cortar os seus : elles jantaram á minha mesa e com desembaraço fizeram uso dos garfos, colheres e facas, bebendo com satisfação e até fazendo-me saudes, e chamando-me Sr. Vergaie ; de tarde se despediram até o dia seguinte, convidando-os eu para que viessem cedo para ouvir missa ; ficaram os cinco que eu tinha comprado, mostrando-se insensiveis á ausencia dos outros, que foram transportados nas canôas ao mesmo logar em que tinham embarcado. Não deixei de admirar a fidelidade com que se comportaram estes barbaros, não tocando em cousa alguma, e bem diversos dos indios das ilhas do mar do sul e da America Septentrional, cuja natural propensão é roubar, e principalmente tudo o que é ferro ; estes, pelo contrario, pediram farinha, feijão, carne e sal ; o que a todos dei, e mui contentes se ausentaram.

Dia 30.— De manhãa cedo ouvi gritos, e dei ordem que fossem as canôas buscar os selvagens, o logo que chegaram, perguntou um dos chefes se eu já tinha dito Missa, e sendo respondido que não, deu um grito aos seus indios, que eram vinte e tantos, e no mesmo instante saltaram todos nas canôas, e vieram para o meu abarracamento, trazendo dois pequenos que me venderam por facões, facas, fumo, etc.; porém não trouxeram mulher alguma ; e depois que os afaguei mandando-lhes dar de comer, e varias bebidas espirituosas, preparei-me para dizer Missa, a que todos assistiram com respeito extraordinario, benzendo-se e fazendo tudo quanto fazia a minha gente. Estiveram comigo todo o dia, e n'este espaço de tempo fiz-lhes ver a triste vida, que passavam no meio destes sertões, sem recursos nas suas molestias e necessidades, expostos a serem devorados pelas

feras, e que eu tinha um chefe soberano, muito poderoso, que os havia prover de tudo quanto necessitassem, que lhes havia de dar terras para fazerem o seu alojamento, vestuario, ferramentas, e sustento para se alimentarem. Depois que os chefes me ouviram, responderam que estavam promptos, porém que os seus indios não sabiam navegar por cachoeiras e que para o anno lhes levasse dez canôas grandes para elles virem, e igualmente viveres ; e que além dos de suas aldêas, haviam de convidar a gente de duas aldêas, que ficam acima do Salto de Ururupungá, uma grande e outra menor, ambas do seu commando, para os acompanhar ; e que além disto, no Rio Sucuriú haviam tres aldêas de muita gente, commandadas por outro chefe, a quem tambem haviam de convidar para o mesmo fim, e que eu lhes não faltasse. Depois perguntaram que tal era o meu general, ao que respondi que era muito bom, e que os havia de prover de vestuario e de tudo o mais que precisassem, por ordem do meu Augusto Soberano ; ao que responderam que estava bom, e que o General de Goyaz (um pequenino) não era bom, porque lhes não dava ferramentas, nem vestuario. Quando foram horas de se ausentarem, pediram-me os chefes panellas e viveres, o que tudo queriam levar ás mulheres, e mais gente do seu alojamento, e que mandasse dar alguma farinha, feijão, carne e sal aos seus soldados, o que tudo fiz, accrescentando tambem o que dei aos chefes cuja dadiva constava de algumas garrafas de aguardente e espiritos ; asseguraram-lhes que eu me ausentava, porém que no dia seguinte havia de ir ao salto de Ururupungá, e de caminho havia de tambem de ir despedir-me no seu alojamento ; d'esta sorte se ausentaram dizendo que eu era — *branco muito bom*. Sempre ouvi da Nação dos CAIPO'S mil atrocidades injuriosas á humanidade contra os nossos, que habitavam a estrada d'esta para a Capitania de Goyaz, contra os lavradores dispersos pelo seu districto ; porém depois que os communiquei, fórmo d'elles um juizo bem diverso d'aquellas noticias, e bem vantajoso a estes selvagens, descobrindo n'elles um fundo de probidade, reconhecimento, e confiança na fé publica, comprovada por algumas fallas, e passagens entre mim e elles.

1º de Outubro.— De manhãa mandei apromptar duas canôas, e n'ellas, com meu irmão, naveguei pelo Paraná acima, a ver o Salto de Ururupungá, e a despedir-me dos selvagens ; e tendo dobrado uma grande volta do rio, já á vista do Salto, distinguí, na margem occidental, os indios que me esperavam, a cuja vista mandei dirigir as canôas para aquelle sitio, que é o porto do alojamento, que está situado na beira do campo, distante do rio obra de meia legua, proximo a um lindo ribeirão, que se despenha, por cima de pedras, no Paraná da parte occidental. Como vi todos os selvagens desarmados, não tive receio de chegar á praia, e n'ella desembarcar-me : abracei ali um dos chefes que se achava ; então saudando a todos os mais de ambos os sexos, acarinhando as mulheres com espelhos, tesourinhas e fumo, pedindo eu ao mesmo chefe algumas mulheres e homens, concedeu-me um casal, e ao meu irmão dois

com suas crias, por tres machados, duas foices, umas facas e outras bagatellas; uma vesti de baeta escarlate, e uma camisa, e como foi necessario mandar-se buscar á aldêa as duas crias do casal do meu irmão, veiu outro chefe enfurecido, contra seu irmão, pela gente que me tinha dado; ao que occorri ponderando, que esta gente se havia de unir a elle quando viesse para o anno, como me tinha assegurado, e que eu havia de levar em minha companhia a um indio João, seu cunhado; ao que me respondeu mais socegado, que não levasse a João, mas sim a Agostinho que já percebia a lingua portugueza, dizendo-me de novo que para o anno infallivelmente me esperava, e que não faltasse eu ao promettido, levando dez canôas com as provisões necessarias para sua gente, e para outra que havia de juntar dos outros alojamentos. Estava eu ainda nesta conversação, quando para mim veiu uma india velha, que chegava da aldêa summamente enfurecida; gritou comigo pela sua linguagem, bateu-me o pé, e vi-a em termos de atacar-me; o que vendo um chefe, veio direito á india, e não sei o que lhe disse, só sei que logo se moderou, e perguntando eu o que ella dizia, respondeu-me o interprete, que se queixava de eu trazer os filhos, e para inteiramente socegal-a, dei-lhe uma tesoura, um espelho e fumo; portanto ficou logo minha amiga; dirigindo-se para uma das canôas em que já estava a filha embarcada, principiou uma perlenga muito grande: inquirindo eu o que dizia ella, respondeu-se-me que estava dando conselhos á filha, e quando desataram-se as canôas, ella mesma atirou-se ao rio para empurrar uma dellas que estava encalhada sobre pedras. Com a mais affectuosa demonstração de ternura me despedi dos chefes e dos mais selvagens, e de novo me disseram aquelles que para o anno lhes levasse as canôas para virem com a sua gente, e me pediram farinha, feijão e sal, ao que respondi que lhes não podia mandar, porque no dia seguinte me ausentava, e que elles mandassem buscar esses viveres, uma vez que quizessem, ao meu abarracamento, o que logo fizeram mandando tres indios, que atravessaram o rio em uma canôinha muito mal feita, quando eu por elle descia a procurar a barra do Thieté. E' de notar que fielmente entregaram, sem eu pedir, as garrafas e sacos, que tinham levado no dia antecedente com viveres e espiritos, e por ser tarde e virem as canôas muito empachadas com gente, não cheguei ao Salto de Ururupungá; quando cheguei ao meu domicilio, já achei os tres enviados, pelos quaes mandei um saco de farinha, um de feijão, e outro com uma quarta de sal.

Como já descrevi a minha viagem por o Paraná, não descrevo o regresso, só sim farei algumas observações do mais notavel que me aconteceu.

Reflectindo eu que estava consumida grande parte das provisões tanto pelo que tinha comido a minha gente, como pelo que dei aos selvagens, e que me poderiam faltar por se ter augmentado dezesete pessoas á minha comitiva, e que nada

mais tinha que fazer neste sertão, tendo preenchido a commissão de que me encarregou o Ill^m. e Ex^m. Sr. governador e capitão general d'esta capitania, mandei, no dia seguinte, carregar as canôas e parti para o Salto de Itapura, que fica proximo ao Paraná, e observei que o rio tinha tomado sua agua, e que ainda estava enchendo; o resto do dia e o seguinte se empregou em transportar as cargas e varar as canôas para cima do Salto, d'onde sahi no dia 4 e naveguei sem novidade até o dia 14 de manhãa em que cheguei ao Salto de Bainandaba, consumindo-se este dia e o seguinte no transporte das cargas e varações das canôas, dormindo acima do Salto. Depois de chegar a este sitio, principiou o rio a vasar com bastante violencia, tendo crescido quatro palmos, como observei pelas pedras e barrancos, o que me foi perniciosissimo como adiante direi. No dia 16 mandei largar as canôas com tres enfermos, já muito prostrados, e, suppondo eu ser constipação, appliquei remedios proprios que nada aproveitaram. A's cinco horas da tarde gritou com dôres de parto uma das selvagens, e por este motivo mandei embicar as canôas no barranco do rio, e logo que se desembarcou pariu felizmente lavando, no mesmo instante, a recem-nascida em agua fria, e pelas suas proprias mãos fez no chão um buraco no qual enterrou as secundinas. Estes barbaros, nos seus nascimentos, se assemelham ás féras, porque tendo-a meu irmão deitado em um couro de boi e coberto com um cobertor, e a pequena com uma toalha, ouvindo toda a noite gritos d'esta, levantou-se da cama e foi ver o que era, achou tanto a mãi como a filha deitadas no chão, fóra do couro e inteiramente núas, porque a mãi tinha expulsado as cobertas, e isto entre um rio e uma grande lagôa, em que os mosquitos eram a milhões, que toda a noite não deixaram socegar a minha gente; e querendo fallar um dia, resguardando a parida, esta não quiz consentir, e seguimos viagem, chegando na manhãa seguinte á barra do ribeirão do campo, onde tinha deixado parte das munições de boca, e n'este logar a mesma parida atirou-se ao rio para lavar-se. Depois que aqui juntei e se embarcaram todos os viveres, segui viagem desatando as canôas ás tres horas da tarde, e no mesmo instante, da parte occidental do rio, em distancia de meia legua, se alevantaram ao ar grandes fumaças de fogos, que ardiam nos campos, lançados pelos ferozes bugres que povoam, desde o Thieté, as campanhas que se dilatam pela estrada de Coritiba, Campos Geraes, Guarapuava, Lages até Missões, entrecortados pelos rios que vão desaguar no Paraná acima e abaixo de Sete Quedas. No dia seguinte ainda continuavam a elevar aos ares as fumaças, quando da parte oriental lhes foi respondido com outros fogos, e maiores fumaças em distancia de tres leguas, pois que ainda dois dias depois se avistavam no rio; ajuizando eu que são dos campos que se dilatam para o Paraná, divididos dos de Araquára pelo rio Jacaréguaçú. No ribeirão do campo para cima começaram a cahir doentes todos os remeiros e mais gente do trabalho, e vendo-me na triste

situação de não ter quem conduzisse as canôas, falhei nos dias 21 e 22 na ilha de Guamicanga para tratar aos doentes, vomitando a uns, e mandando dar a outros clisteres de erva de bicho, polvora, sal e fumo, por se acharem inteiramente corruptos, com o anus de dimensão sobre o natural, estirados como mortos pelo chão, debaixo das arvores. Nesta mesma ilha, ao meio dia, sobrevelo-me uma vontade de vomitar, e na acção de pedir uma pouca d'agua morna para facilitar o vomito, subiu-me não sei que á cabeça, que me deixou sem sentidos, e cahi precipitadamente no chão; logo fui soccorrido por meu irmão, e mais gente que me carregaram, e me deitaram em uma rede, que estava ali armada debaixo das arvores, e quando tornei a mim estava coberto de suores frios e grande dôr de cabeça e seccura terrivel. Na segunda-feira passei melhor, e reflectindo que quanto mais me demorasse n'este sertão mais prejudicial me seria, por falta de recursos, segui viagem na terça-feira melhorando uns e cahindo de novo outros, e até eu mesmo neste dia, e no seguinte fui atacado por umas violentas sezões, que me punham em desaccordo total, até fazer as operações naturaes sem sentir. Vendo-me n'este estado de morte sem recurso algum, falhei no dia 26 da cachoeira do Sapé, e tomei um vomitorio, que muito me allivion, e no dia seguinte continuei a viagem sempre atacado, um dia sim e outro não, das sezões até chegar ao meu engenho de Capivary em o dia 6 de Novembro, com a maior parte da gente enferma; porém nenhuma morreu, nem dos que vieram comigo, nem dos que acompanharam meu irmão para o engenho de Porto Feliz. O rio Thieté até Congonhas e ainda até Guamicanga é bordado por um e outro lado de terras altas, matas frondosas, e bellas aguas dos ribeirões que n'elle desaguam, apezar de algumas lagôas que tem por Potunduba, e d'ahi para baixo; porém, de Guamicanga até o Paraná tudo são terras baixas, lagôas immensas de um e outro lado; milhões de mosquitos de varias qualidades que incommodavam a um homem de dia e de noite, não fallando nos carrapatos miudos e rodoloiros, que se apegam ao corpo e fazem chagas, de sorte que de Outubro por diante não se póde navegar por semelhante rio, sem perigo de vida, pela putrefacção das lagôas que desaguam no Thieté, e o impestam, e com razão, porque reflecti que as aguas dos ribeirões e corregos, que n'elle desaguam, ou são côr de leite ou vermelhas; emfim, basta dizer, que de quarenta e oito pessoas que eu trazia na minha comitiva, inclusos os selvagens, só nove escaparam á epidemia, sendo tambem de notar, que negros, nenhum dos que levei cahiu doente. Apezar comtudo de tantos incommodos, despezas e molestias das sezões, que ainda soffro, um dia sim e outro não, o que não querem ceder aos remedios, dou por bem empregada a minha viagem, por ter libertado dos carceres do Paganismo dezesete almas, que nelles viviam agrilhoadas.

ADVERTENCIA

DO REDACTOR D'ESTA REVISTA, O CONEGO J. DA C. BARBOSA

Lê-se na historia da America Portugueza, por Sebastião da Rocha Pitta, no Liv. 3º § 89 e seguintes, que no anno de 1591, chegára de Lisboa á Bahia o governador e capitão general D. Francisco de Souza. Trazia a mercê do titulo de marquez das Minas, se se descobrissem as que Roberio Dias tinha ido prometter a Castella.

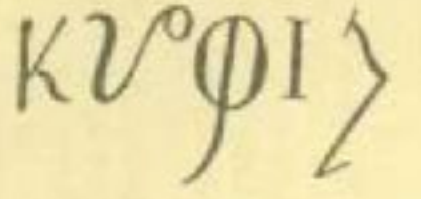
Foi fama mui recebida, que Roberio Dias, um dos moradores principaes, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, tinha uma baixela, e todo o serviço da sua capella de finissima prata, tirada de minas que se achára nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias, porque sabendo ser já publica esta noticia, que muito tempo occultára, passou a Madrid e offereceu a El-Rei mais prata no Brazil, do que Bilbão dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse a mercê do titulo de marquez das Minas.

Não é justo, que mereça conseguir os premios, quem nos requerimentos pede mais do que se lhe deve conceder. Este titulo se conferiu a D. Francisco de Souza, que se achava n'aquella côrte provido no governo geral do Brazil; e a Roberio Dias o logar de administrador das minas, com outras promessas; das quaes pouco satisfeito, voltou para a Bahia na mesma occasião, em que vinha o governador, com cuja licença fôra para as suas terras a esperal-o, e a prevenir o descobrimento, ou a desvanecel-o, e a frustar-lhe a jornada; brevemente a fez D. Francisco de Souza com todas as prevenções, e instrumentos precisos para aquella diligencia; mas Roberio Dias o encaminhou por rumos tão diversos (havendo primeiro feito encobrir os outros) que não foi possivel ao governador, nem a toda aquella comitiva achar rastos das minas, que tinha assegurado.

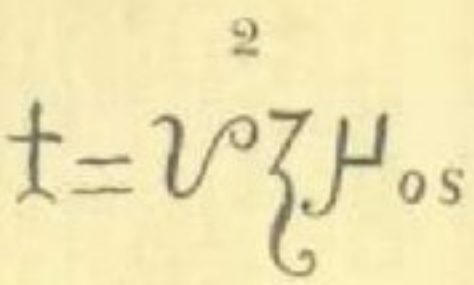
Este engano, ou se julgasse commettido na promessa, ou na execução, dissimulou o governador D. Francisco de Souza, emquanto dava conta a El-Rei, e sem duvida experimentaria Roberio Dias o merecido castigo, se antes de chegar a ordem Real não houvera fallecido (na prisão) deixando aquellas esperadas minas occultas, até aos seus proprios herdeiros.

Esta noticia accendeu os desejos de muita gente, que por diversas vezes penetraram o sertão com suas bandeiras em demanda das riquezas occultas. Sabiamos que ultimamente de Minas Geraes uma banda de descobridores se entranhára por muito tempo nas densas matas, d'onde tambem voltaram sem feliz successo, cuja empreza foi bastantemente satyrisada em um Poemeto pelo jogral P. Silverio da Paraopeba; mas tambem sabiamos da existencia do relatorio, que adiante damos á luz, e que fora guardado com muito segredo pelos que ainda esperavam fazer tão rico descobrimento. Encontrou por fim o nosso socio

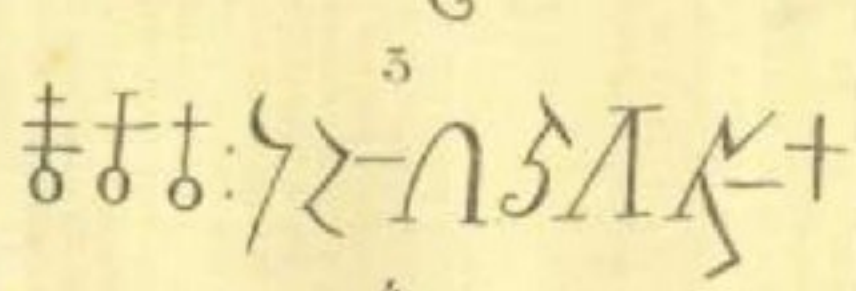
1



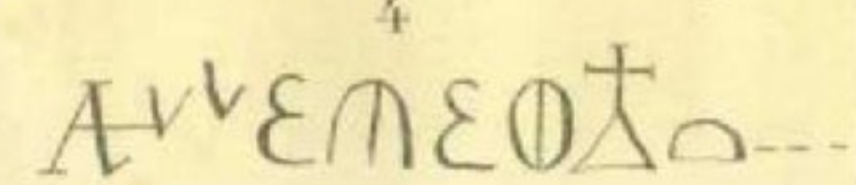
2



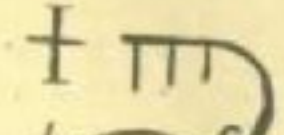
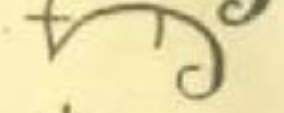
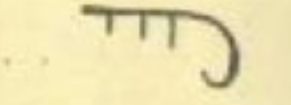
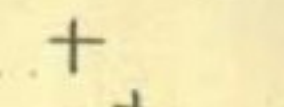
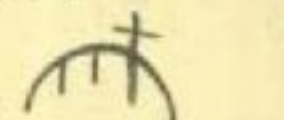
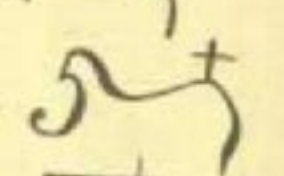
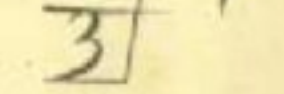
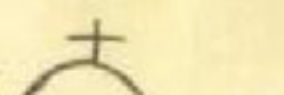
3



4



5

Primeira	
Segunda	
Terceira	
Quarta	
Quinta	
Sexta	
Setima	
Oitava	
Nona	

Inscripções encontradas na cidade abandonada, de que trata o manuscripto existente na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro.

Imprensa Nacional

o Sr. Lagos o desejado manuscripto na livraria publica d'esta côrte, mas damnificado pelo copim, que nos privou de muitas palavras, como se póde vêr nas lacunas do nosso impresso conservada a mesma figura do estrago que fizera esse insecto no manuscripto mencionado.

Como a noticia, que agora damos ao publico é assaz interessante, por ser um indicio, que em factos de historia póde conduzir a grandes descobertas, nós a estampamos tal e qual foi encontrada, sem emittir o menor juizo ; e assim tambem as lettras das inscripções copiadas do dito manuscripto com toda a fidelidade.

«Relação historica de uma occulta, e grande povoação antiquissima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753.
Em a America. . . . . .
nos interiores. . . . . .
contiguos aos . . . . . .
Mestre de Campo. . . . . .
e sua comitiva, havendo dez annos que viajava pelos sertões, a ver se descobria as decantadas minas de prata do grande descobridor Moribeca, que por culpa de um governador se não fizeram patentes, pois queria usurpar-lhe esta gloria, e o teve preso na Bahia até morrer, e ficaram por descobrir. Velo esta noticia ao Rio de Janeiro em o principio do anno de 1754.»

Depois de uma larga e importuna perogrinação, incitados da insaciavel cobiça do ouro, e quasi perdidos em muitos annos por este vastissimo sertão, descobrimos uma cordilheira de montes tão elevados, que pareciam chegavam á região etherea, e que serviam de throno ao vento, ás mesmas estrellas ; o luzimento que de longe se admirava, principalmente quando o sol fazia impressão no crystal de que era composta, formando uma vista tão grande e agradavel, que ninguem daquelles reflexos podia afastar os olhos; entrou a chover antes de entrarmos a registrar esta crystallina maravilha, e viamos sobre a pedra escalvada correr as aguas precipitando-se dos altos rochedos, parecendo-nos como a neve, ferida pelos raios do sol, pelas agradaveis vistas daquelle . . . . . uma se reluziria.

. . . . . .
. . . . . das aguas, e a tranquilli-
. . . . do tempo nos resolvemos a investigar aquelle admiravel prodigio da natureza, chegando-nos ao pé dos montes, sem embaraço algum de mattos ou rios, que nos difficultasse o transito ; porém circulando as montanhas, não achámos passo franco para executarmos a resolução de accommettermos estes Alpes e Pyreneos Brazilicos, resultando-nos deste desengano uma inexplicavel tristeza.

Abarracados nós, e com o designio de retrocedermos no dia seguinte, succedeu correr um negro, andando á lenha, a um veado branco, que viu, e descobrir por este acaso o caminho

entre duas serras, que pareciam cortadas por artificio e não pela natureza: com o alvoroço dessa novidade principiamos a subir, achando muita pedra solta e amontoada por onde julgamos ser calçada desfeita com a continuação do tempo. Gastamos boas tres horas na subida, porém suave pelos crystaes que admiravamos, e no cume do monte fizemos alto, do qual estendendo a vista, vimos em um campo raso maiores demonstrações para a nossa admiração.

Divisamos cousa de legoa e meia uma povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma cidade da côrte do Brazil; descemos logo ao valle com a cautella . . . . . seria em semelhante caso, mandando explor . . . . . gar a qualidade, e. . . . . se bem que reparam. . . . . fuminé, sendo este um dos signaes evidentes das povoações.

Estivemos dous dias esperando aos exploradores para o fim que muito desejavamos, e só ouviamos cantar gallos para ajuizar que havia ali povoadores; até que chegaram os nossos desenganados de que não havia moradores ficando todos confusos: resolveu-se depois um indio da nossa comitiva a entrar a todo o risco, e com precaução; mas tornando assombrado, affirmou-nos não achar nem descobrir rasto de pessoa alguma; este caso nos fez confundir de sorte, que não acreditamos pelo que viamos de domicilios, e assim se arrojaram todos os exploradores a ir seguindo os passos do indio.

Vieram confirmando o referido depoimento de não haver povo, e assim nos determinamos todos a entrar com armas por esta povoação, em uma madrugada, sem haver quem nos sahisse ao encontro a impedir os passos e não achamos outro caminho senão o unico que tem a grande povoação, cuja entrada é por tres arcos de grande altura, o do meio é maior e os dous dos lados são mais pequenos; sobre o grande e principal devisamos letras que se não poderam copiar pela grande altura.

Faz uma rua da largura dos tres arcos com casas de sobrados de uma e outra parte, com as fronteiras de pedra lavrada e já denegrida; so- . . . . . inscripções, abertas todas . . . ortas são baixas, de fei . . . . . nas notando que pela regularidade e symetria com que estão feitas, parece uma só propriedade de casas, sendo em realidade muitas, e algumas com seus terrados descubertos e sem telha, porque os tectos são de ladrilho requeimado uns e de lages outros.

Corremos com bastante pavor algumas casas, em nenhuma achamos vestigios de alfaias, nem moveis que podessemos pelo uso e trato conhecer a qualidade dos naturaes: as casas são todas escuras no interior e apenas tem uma escassa luz e como são abobadas, resonavam os echos dos que fallavam e as mesmas vozes atemorisavam.

Passada e vista a rua de bom comprimento, dámos em uma praça regular e no meio della uma columna de pedra preta de grandeza extraordinaria e sobre ella uma estatua de homem ordinario, com uma mão na ilharga esquerda e

o braço direito estendido mostrando com o dodo index ao Pôlo do Norte; em cada canto da dita praça está uma Agulha, á imitação dis que usavam os Romanos, mas algumas já maltratadas e partidas como feridas de alguns raios.

Pelo lado direito desta praça está um soberbo edificio, como casa principal de algum senhor da terra; faz um grande salão na entrada e ainda com medo não corremos todas as ca . . . .sendo tantas e o retret. . . . . .
. . . . . zeram formar algum. . . . . .
. . . . . mara achamos hu. . . . . .
. . . . . massa de extraordin . . . . . .
soas lhe custavam o levanta-la.

Os morcegos eram tantos, que investiam ás caras das gentes e faziam uma tal bulha que admirava: sobre o portico principal da rua está uma figura de meio relevo talhada da mesma pedra e despida da cintura para cima, coroada de louro; representa pessoa de pouca idade, sem barba, com uma banda atravessada e um fraldelim pela cintura; debaixo do escudo da tal figura tem alguns caracteres já gastos com o tempo; divisam-se porém os seguintes: (Veja-se a estampa, inscrip. n. 1.)

Da parte esquerda da dita praça está outro edificio totalmente arruinado e pelos vestigios bem mostra que foi templo, porque ainda conserva parte do seu magnifico frontespicio, e algumas naves de pedra inteira: occupa grande territorio, e nas suas arruinadas paredes se veem obras de primor com algumas figuras e retratos embutidos na pedra com cruzes de varios feitios, corvos e outras miudezas, que carecem de largo tempo para decrevel-as.

Segue-se a este edificio uma grande parte de povoações toda arruinada e sepultada em grandes, e medonhas aberturas da terra, sem que em toda esta circumferencia se veja herva, arvore ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedra, umas toscas e outras lavradas, pelo que entendemos. . . . . .verção, porque ainda entre
. . . . . .da de cadaveres, que
. . . . . e parte desta infeliz
. . . . . .da, e desamparada. talvez por algum terremoto.

Defronte da dita praça corre arrebatadamente um caudaloso rio largo, e espaçoso com algumas margens, que o fazem muito agradavel á vista: terá de largura onze até doze braças, sem voltas consideraveis, limpas as margens de arvoredo e troncos, que as inundações costumam trazer; sondamos a sua altura e achamos nas partes mais profundas quinze até dezeseis braças. Da parte d'além tudo são campos muito viçosos e com tanta variedade de flôres, que parece andou a natureza mais cuidadosa por estas partes, fazendo produzir os mais mimozos campos de Flora: admiramos tambem algumas lagôas todas cheias de arroz, do qual nos aproveitamos, tambem dos innumeraveis bandos de patos, que se criam na fertilidade

destes campos, sem nos ser difficil o caça-los sem chumbo mas sim ás mãos.

Tres dias caminhamos rio abaixo, e topamos uma catadupa de tanto estrondo pela força das aguas e resistencia no logar que julgamos o não fazia maior as boccas do decantado Nilo: depois deste salto espraia de sorte o rio, que parece o grande Oceano. E' todo cheio de peninsulas, cobertas de verde relva, com algumas arvores dispersas que fazem . . .

. . . . . .
davel. Aqui achamos . . . . . .
a falta delle se nos . . . . . .
ta variedade de caça. . . . . tros muitos animaes creados sem caçadores que os corram e os persigam.

Da parte do oriente desta catadupa achamos varios subcavões e medonhas covas, fazendo-se experiencia da sua profundidade com muitas cordas; as quaes por mais compridas que fossem, nunca podemos topar com o seu centro. Achamos tambem algumas pedras soltas; e na superficie da terra cravadas de prata, como tiradas das minas deixadas ao tempo.

Entre estas furnas vimos uma coberta com uma grande lage e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra, que insinuam grande mysterio ao que parece. (Vêde a est. inscrip. n. 2.) Sobre o portico do templo vimos outras da fórma seguinte designadas. (Inscrip. n. 3.)

Afastado da povoação, tiro de canhão, está um edificio, como casa de campo de duzentos e cincoenta passos de frente; pelo qual se entra por um grande portico e se sobe por uma escada de pedra de varias côres, dando-se logo em uma grande sala, e depois desta em quinze casas pequenas todas com portas para a dita sala, e cada uma sobre si, e com sua bica d'agua. . . . . a qual agoa se ajunta
. . . . . mão no pateo exter-
. . . . . columnatas em cir-
. . . . . ra quadrada por artificio, suspensas com os seguintes caracteres. (Vêde a inscrip. n. 4.)

Depois desta admiração entramos pelas margens do rio a fazer experiencias de descobrir ouro, e sem trabalho achamos boa pinta na superficie da terra, promettendo-nos muita grandeza assim de ouro, como de prata: admiramos o ser deixada esta povoação dos que a habitavam, não tendo achado a nossa exacta diligencia por estes sertões pessoa alguma, que nos conte desta deploravel maravilha, de quem fosse esta povoação, mostrando bem nas suas ruinas a figura, e grandeza que teria, e como seria populosa, e opulenta nos seculos em que floresceu povoada; estando hoje habitada de andorinhas, morcegos, ratos e raposas, que cebadas na muita criação de gallinhas e patos, se fazem maiores que um cão perdigueiro. Os ratos tem as pernas tão curtas que saltam como pulgas e não andam nem correm como os de povoado.

Daqui deste logar se apartou um companheiro, o qual com outros mais, depois de nove dias de boa marcha avistaram, á beira de uma grande enseada que faz um rio, uma canôa, com duas pessoas brancas, e de cabellos pretos, e soltos, vestidas á Européa. . . . . um tiro como signal para se ve. . . . . para fugirem. Ter . . . . . felpudos e bravos, ... ga a elles se encrespam todos e envestem.

Um nosso companheiro chamado João Antonio achou em as ruinas de uma casa um dinheiro de ouro, figura espherica, maior que as nossas moedas de seis mil e quatrocentos: de uma parte com a imagem ou figura de um moço posto de joelhos; e da outra parte um arco, uma coroa e uma setta, de cujo genero não duvidamos se ache muito na dita povoação ou cidade desolada, porque se foi subversão por algum terremoto, não daria tempo o repente a pôr em recato o precioso; mas é necessario um braço muito forte e poderoso para revolver aquelle entulho calçado de tantos annos, como mostra.

Estas noticias mando a Vm. deste sertão da Bahia e dos rios Pará-oaçú, Uná, assentando não darmos parte a pessoa alguma, porque julgamos se despovoarão villas e arraiaes; mas eu a Vm. a dou das minas que temos descoberto, lembrado do muito que lhe devo.

Supposto que da nossa companhia sahiu já um companheiro com pretexto differente, comtudo peço a Vm. largue essas penurias e venha utilisar-se destas grandezas, usando da industria de peitar esse indio, para se fazer perdido e conduzir a Vm. para estes thesouros, etc. . . . . .
. . . . . .
. . . . . charam nas entradas
. . . . . bre lages . . . .
. . . . . .

(Segue-se no manuscripto o que se acha representado na estampa debaixo do n. 5.)

EXTRACTO

De um manuscripto que se conserva na Bibliotheca de S. M. o Imperador e que tem por titulo — Descripção Geographica da America Portugueza; —sem nome de autor; e só no fim da obra se acha a seguinte explicação: —Esta é a fiel noticia que pude alcançar em 17 annos que continuamente gyrei pelo Brazil, assim pela costa como pelo sertão, do que bem se collige ser este continente o melhor de todo o mundo pela qualidade dos ares, pela fertilidade da terra, pela excellencia das aguas, pela producção do mar, pelo que mostra, pelo que occulta e pelo que inculca que póde vir a ser—1787

CAPITULO LI.

Dá-se noticia de quem foram os primeiros povoadores da Bahia de Todos os Santos.

Os primeiros povoadores que viveram neste continente, segundo as informações mais antigas que por tradição se conservam na memoria dos indios, foram os «Tapuyas.» E' uma especie de gentio de quem fallaremos mais adiante em separado capitulo. Foram expulsos da terra e mar da Bahia por outro gentio seu contrario, que descendo o sertão onde habitava, lhe fez cruel guerra sem mais fundamento que quererem estabelecer-se no seu terreno pela boa noticia que tiveram de sua fertilidade e clima: este se chamava—*Tupinal*.

Assim o conseguiu; porque não podendo os Tapuyas resistir aos Tupinaes, depois de destruidos, lhes largaram o terreno, retiraram os que inda viviam para o interior do sertão. Muitos annos possuiram os Tupinaes este territorio, vivendo sempre em continua guerra com os Tapuyas, que lembrados da violencia, do roubo e offensas recebidas do sertão, onde constrangidos habitavam, os vinham perseguir.

Teve o gentio Tupinambá noticia da fertilidade e qualidade deste paiz, e dominado do appetite que havia incitado aos Tupinaes de o lograr, para fazer a este o que elle tinha feito ao Tapuya se congregou e partiu pelo Rio de S. Francisco abaixo, onde viviam fazendo guerra aos Tupinaes a quem foram vencendo e tomando a terra, destruindo-lhes as povoações e fazendo-os fugir, perdendo as vidas os que as pretendiam defender sem se retirar. Sem perdoar a alguem foram destruindo e vencendo tudo; chegaram á Bahia, onde depois de uma pequena resistencia, desampararam os Tupinaes quanto injustamente haviam usurpado aos Tapuyas e fugiram como estes para o sertão, onde se estabeleceram.

Senhores os Tupinambás deste continente, nelle se estabeleceram. Vendo os Tupinaes que os não podiam vencer nem restituir-se, fazendo da necessidade virtude, se confederaram com os Tapuyas para que unidos debaixo de certas condições, podessem fazer guerra ao seu contrario. Assim o conseguiram, e unidos ambos agora, os que pouco antes eram capitaes inimigos,

vieram em um corpo pelejar com os Tupinambás. Estes os receberam com tal ardor, que desbaratando-os em todos os debates os fizeram desistir da empreza, e não só fugiram, mas não se dando por seguros de viver nas antigas habitações se foram estabelecer no interior do sertão.

Ficaram os Tupinambás desde esta acção declarados inimigos dos Tupinaes e Tapuyas e lhes faziam crudelissima guerra, não lhes perdoando as vidas, que lhes podiam tirar; pelo que vendo-se destemidos, sem haver já quem lhes fizesse opposição, senhores por terra e borda do mar do continente da Bahia, se estabeleceram e conservaram nelle até a vinda dos Portuguezes.

CAPITULO LII.

Descreve-se a estatura do gentio Tupinambá e sua divisão

Os Tupinambás são homens de mediana estatura, côr baça, bem figurados, refeitos, semblante alegre, bem assombrados, com bons dentes, miudos e brancos, pés pequenos, cabellos curtos na cabeça (sendo esta a unica parte do corpo em que os conservam, arrancando todo o mais); tem muita força, são muito bellicosos e esforçados; muito amigos de novidades, luxuriosos em summo grão, grandes cultivadores da terra, caçadores e pescadores.

Vendo-se esses gentios senhores deste continente, como tenho dito, entraram a discordar entre si, e por esta causa se dividiram em bandos ou ranchos, assentando aldêas em diversos sitios, onde viviam com independencia uns dos outros, tratando da sua subsistencia; cresceu a inimizade, e os que se estabeleceram pelo rio de S. Francisco até o Real se declararam capitaes inimigos dos estabelecidos desde este até a Bahia, fazendo-se crudelissima guerra, matando-se e comendo-se mutuamente, e deixando mui poucos dos que captivavam com vida para seus escravos.

Ao mesmo passo os moradores da cidade da Bahia de uma parte do rio se declararam inimigos dos seus mesmos nacionaes, que habitavam da outra parte, no limite do rio Paraguassú, e Sarzipe, matando-se em cruel guerra, que mutuamente faziam por mar em canôas, e nesta continuada desordem viveram até a vinda dos Portuguezes.

CAPITULO LIII.

Dá-se noticia do motivo que os Tupinambás da cidade tiveram para se dividirem e passarem a Ilhe de Taperica e Jaguarive.

Entre os Tupinambás que habitavam o terreno, que hoje é cidade da Bahia, houve uma desordem e formidavel guerra, originada de furtar um Tupinambá uma filha de outro, e não lh'a querer restituir.

O pai que era reputado entre o povo por mais distincto, dando-se por offendido do roubo, convidou todos os seus parentes e amigos para o despicarem. Convieram todos, e juntos passaram de algumas aldéas: encorporados todos esses com os moradores do rio Paraguassú, entraram a fazer cruelissima guerra aos que não os seguiam, como se todos fossem complices no delicto que um só commetteu, e emboscados em uma ilheta, que ainda hoje conserva o nome do MEDO, todos os dias se matavam muitos de parte a parte.

Destes Tupinambás que passaram a ilha de Taparica, se povoou o rio Jaguarive, o de Finharé, e Costa dos Ilheos. E foi tal o odio que conceberam entre si, que ainda hoje o conservam, não obstante estarem mais domados; sendo uma só nação, e todos parentes.

Deste odio se aproveitaram os primeiros Portuguezes, povoadores deste continente, para melhor se assegurarem da furia do gentio, mettendo-lhes na cabeça, que queimassem os ossos dos predecessores fallecidos, em desaggravo da injuria, de que se consideravam ainda mal satisfeitos, para que instigados com os novos estimulos permanecessem em seu odio, sollicitos no desaggravo, lhe não fizessem tão vigorosa opposição ao estabelecimento que pretendiam. Assim como o idearam, aconteceu: porque queimando uns os ossos dos outros que encontravam, lhes inspiravam novos estimulos para se debellarem, accommetterem e matarem como faziam: e occupados nesta continua vingança, não vexavam tanto os Portuguezes; o que não aconteceria, se não fosse esta maxima delles mal entendida; e muito peior se todos se confederassem, para os expulsar do dito terreno.

CAPITULO LIV.

Referem-se as formalidades da lingua dos Tupinambás, e da lei que professam.

Ainda que os Tupinambás se dividiram, como fica dito, sempre era uma nação, e sempre conservaram a mesma linguagem.

E' esta quasi geral por toda a costa, e sertão do Brazil: sua vida, costumes o gentilidade, é quasi uniforme. Não tem conhecimento da verdade; não reconhecem cousa alguma por autor da natureza, não prestam adoração a alguma cousa, nem conhecem superior; apenas sabem por experiencia, que se nasce, vive e morre, e é o povo mais barbaro, que Deus creou.

Capacitam-se que é verdade infallivel quanto lhes dizem; que não ha mentira nem engano; tem muita graça quando fallam (especialmente as mulheres), e são compendiosos em seus discursos e historias. Em sua linguagem não tem as letras F, L e R, grandes ou dobradas, circumstancias que muitos notam dizendo:—Que não tem F; porque lhes falta a Fé; e não crêm cousa alguma, nem adoram de coração, ainda os baptizados, e já

nascidos no gremio da igreja, adorando as imagens e crendo os mysterios da nossa religião, porque assim o vêm fazer, e lh'os ensinam, e não por compunção interior; não tendo lealdade com quem os beneficia, e nem acreditando por verdades infalliveis os dogmas da igreja. Não tem L; porque lhes falta lei, pela qual se governem, cada um faz o que a vontade lhe pede, e nada mais lhe importa. E não tem R; porque não tem rei, que os governe. O pai não governa o filho, nem este lhe reconhece superioridade: tendo alma, e sendo racionaes, vivem como brutos no mundo. Em logar de dizerem Francisco dizem *Toncisco* porque comem o F; em logar de Rodrigo dizem *Odigo;* em logar de Lourenço dizem *Oênço*.

CAPITULO LV

Dá-se noticias de como se governam os Tupinambás, da qualidade dos seus maiores e formalidades de suas aldêas e casas, e modo de viver

Vivem os Tupinambás arranchados em aldêas; em cada uma reconhecem todos um por seu maior, ou principal, para que na guerra os dirija; e é sómente o acto, em que lhe prestam alguma demonstração de obediencia. Elegem-no pelas provas que tem dado de ter mais força o valor que outros: e fóra dos casos de guerra, não tem melhor tratamento, estimação, ou respeito, que os mais de quem se não distingue.

Quando este principal gentio assenta sua aldêa, busca sempre algum sitio alto, desafogado, lavado dos ventos, que haja agua perto e boa, e a terra tenha disposições para suas culturas. Escolhido o sitio e approvado pelos mais velhos, faz o principal a sua casa muito comprida, coberta de palma; e os mais pelo mesmo modo vão tambem formando as suas, regulando-as em quadros, que parecem praças, em que fazem seus ajuntamentos e bailes. Em cada casa ha um indio velho, que sirva de cabeça da casa, e seja parente dos mais.

Não duram estas casas mais tempo, do que emquanto não lhe apodrecem as palmas, que lhes servem de telhado; que sempre é passados tres ou quatro annos; tanto que isto acontece mudam de sitio. Nellas não ha alguma qualidade de repartimento mais que os tirantes, que medêam entre os ramos, onde se agazalha cada parentella. Escolhe o gentio velho logar para o seu rancho, onde se arruma com sua mulher, amigos, filhos, solteiras e velhas que o servem. E logo se vão arrumando os mais. Não se mudam estes ranchos, senão quando o solteiro casa, e quer fazer rancho sobre si, porque neste caso o faz com sua mulher.

Por cima dos tirantes das casas lançam umas varas muito juntas, em que guardam suas alfaias, legumes e tudo o mais que tem. Quando comem, junta-se todo o rancho, e postos de cocaras, sobre as pernas (excepto o principal que fica deitado na rêde) comem o que tem. Nestas mesmas casas tem os seus

ajuntamentos carnaes sem resguardo ou cautela de sexo e idade, e com toda a publicidade como brutos.

Se as aldêas confinam com as de seus contrarios, fazem cercas de páo a pique, fortes e muito juntas, com suas portas e seteiras de 20 a 30 palmos afastadas das casas; de fórma que fica formada uma sufficiente muralha, que difficulta a entrada ao inimigo, e os defende, e faculta poderem-nos frechar de dentro, se os intentarem assaltar, como muitas vezes acontece.

CAPITULO LVI.

Referem-se os casamentos dos Tupinambás, a multiplicidade que tem de mulheres, como se contraem, escolhem, conseguem, e ceremonias com que o fazem.

A mulher verdadeira do Tupinambá é a primeira que elle conheceu. Em seus casamentos não ha mais ceremonias, que dar o pai a filha ao genro, e tanto que carnalmente se conhecem ficam casados. Além desta tem cada um as mais que quer; e pelo numero maior destas se julga entre elles a melhor nobreza ou gravidade. Todas porém reconhecem superioridade na primeira, e a servem, e ella não se offende de as ter por companheiras no effeito de cohabitarem com seu marido. Esta é a que tem sua rêde junto da do marido; as outras estão mais afastadas, e entre cada duas está sempre fogo aceso de noite.

Porém no que respeita á cohabitação, nem ha subordinação, nem cautela entre ellas; porque o marido se levanta de sua rêde quando lhe parece, e se vai deitar na daquella que appeteceu, com quem, á vista das mais, tem os actos que quer, sem se estimularem por serem preteridas. Comtudo com a primeira póde estar quanto tempo lhe parecer, e com as mais só o preciso para a conclusão dos seus actos luxuriosos.

Isto não obstante, sempre os ciumes occultos gravemente atormentam as femeas, especialmente á primeira mulher; porque o não se poderem queixar destas communicações, por costumadas, não evita, nem impede os estimulos da emulação, e o conhecimento de serem mais do agrado do marido commum, as que elle mais vezes procura para a cohabitação.

O indio, que não é principal da aldéa, quantos mais filhos tem, tanto mais honrado se reputa entre os mais; porque se lhe procuram as filhas (especialmente sendo solteiras, para primeira mulher) e servem dous e tres annos, primeiro que elle lh'as facilite; concedem-nas nos que melhor o servem, e por isso os namorados cuidam em lhe fazer a vontade, para conseguirem seus amantes intentos.

Consiste este serviço em lhe ir cultivar a roça, matar caça, pescar, e trazer-lhe lenha do mato, e fazer-lhe todo o cortejo com boa diligencia.

Tanto que o pai concede a filha ao pretendente, se vai este deitar com ella na rêde do dito pai, donde se levantam casados, e sahindo a filha então do rancho do pai, apartada dos irmãos e

parentes, vai com o marido para o seu rancho. E se acaso esta ainda não é mulher, não se entrega ao marido, em quanto não chega a essa idade, o que facilmente se conhece.

Porque a femea emquanto não é perfeita mulher, anda sem divisa alguma ; e tanto que o é, tem de obrigação trazer um cordão de algodão pela cinta, e outro pelos pulsos dos braços, pelo que se dá a conhecer, que está habil para casar. Porém se algum, que se tem em conta dos mais graves da aldêa, pede para mulher a algum pai a filha ainda menina, este lh'a concede, e entrega na infallivel certeza em que fica de que não a tocará intempestivamente. Elle a leva logo comsigo, e a manda criar no seu rancho, até o dito tempo, antes do que não a offende.

Se algum indio desflora india, ainda que ninguem o saiba, ella quebra logo os fios que trás na cintura e braços, desde que chegou a ser mulher, para que todos saibam que já foi penetrada, e os indios não a julguem por donzella, que já não é. A isto se não falta, ou fosse conhecida por esposo, ou por qualquer outro homem ; nem deste facto se offende o pai, nem a filha perde marido, pois nunca falta quem a queira para mulher, quando o desfloramento a rejeite.

CAPITULO LVII.

Trata-se dos enfeites dos indios, e do seu modo de trajar

Costumam os mancebos Tupinambás arrancar todo o cabello do seu corpo, até o das pestanas, e só conservam o da cabeça, para o tosquearem de muitas fórmas ; o que fazem com certa casca de canna, que rachada corta como navalha : já hoje muitos o fazem com tesouras, se as podem alcançar. Andam todos nús ; por galanteria, e não por decencia ou honestidade, cobrem as partes genitaes com alguma pelle de passaro ; pintam o corpo com lavores pretos, o que fazem com tinta do *genipopo*, e se tem damas, a ellas pertence este artificio. Cingem a cabeça com varias castas de pennas, que pegam com cera ; furam as orelhas e mettem nos buracos ossos artificiosamente lavrados em logar de brincos ; e ao pescoço trazem grandes collares de buzios, que furam e enfiam.

As mesmas damas lhes rapam com as ditas cannas a cabeça, arqueiam a testa, arrancam os cabellos, e lhes enfeitam o corpo, quando em suas festas querem apparecer mais bizarros. Ellas lhes arripiam o cabello com almecega, e lhes ornam o corpo com as pennas de passaros de varias côres, que caçam, pondo-lhes diademas, manilhas e outros adornos.

Do mesmo modo as indias não consentem em si mais cabello, que o da cabeça ; emquanto meninas lh'os arrancam as mãis, pintam-nas, e cingem-nas por baixo dos joelhos com umas ligaduras muito apertadas que lhes não tiram, emquanto não são casadouras, por muito que lhes dôa ; com isto lhes engrossam muito as pernas, que pintam com tinta do

mesmo pão ; botam-lhes grandes ramaes de contas, e tambem as trazem nos braços.

As que já são casadouras, e não tem amante, a si mesmas se adornam, e se os tem, ou já são casadas, a elles e aos maridos pertencem esses cuidados no que lhes mostram a actividade do seu querer. Elles a tosquiam, rapam, arrancam os cabellos, pintam e adornam. E para que o cabello da cabeça seja preto e grosso o untam com oleo de coco bravo.

CAPITULO LVIII.

Refere-se o que os Tupinambás praticam quando lhes nascem os filhos, e a criação que lhes dão

Quando as indias se sentem com dôres de parto, não procuram parteiras que lhes assistam; nem fazem para esta occasião algum preparo, e menos se acautelam do ar. Sahem de casa e vão para o campo, onde sem companhia andam padecendo as dôres; na acção de brotarem o filho se abaixam e o lançam na terra como qualquer outro animal; acabando de parir levam a criança ao rio ou fonte, que lhe fica mais visinho e o lavam, e tambem a si; feito isto, recolhem-se para casa. Nesta, as esperam os maridos, e tanto que vem o filho, ou filha nascida, se vão deitar e abafar na rêde, e nella existem emquanto ao filho não cahe o embigo, o qual com a mãi andam ao rigor do tempo; os parentes, e amigos o vão comprimentar nestes dias á rêde, onde lhe levam de comer, e a parida lhe faz muitos afagos. E depois daquelle acontecimento é que se levantam da rêde.

Tendo para si estes quasi brutos, que se o pai morrer em algum destes dias, foi porque recebeu ar, e que por esta razão tambem o filho morrerá, motivo por que da rêde se não levantam, e nella se conservam bem abafados; para que o filho, que consideram nascido dos hombros do pai, não morra, nem este de dor de barriga, por não guardar bom regimento ; e que a mãi não necessita de algum recato, por não concorrer para a dita geração, e ser uma mera depositaria da parte generativa, que nutre emquanto não está capaz de sahir do ventre.

O que mais admira é que praticando todas, isto que acabo de referir, nem por isso as paridas tem algum detrimento ou molestia, e continuam, como se parido não tivessem, no seu exercicio, preparando o que o marido ha de comer naquelles dias, indo lavar-se aos rios, e ao campo buscar o que lhe é necessario, como se paridas não estivessem.

Logo que os filhos nascem, lhes põe os pais os nomes que hão de ter, que são os de animaes terrestes, volateis ou aquaticos ; de fructos, arvores, plantas ou terras: logo lhes furam o beiço de baixo para depois dependurarem pedras por galanteria, e muitos furam tambem o de cima, e as faces para o dito fim

Não dão os pais algum documento ou genero de ensino aos filhos, nem os reprehendem do mal que façam ; obrando cada

um o que quer, sem que se lhe opponham á liberdade. Unicamente ensinam os machos a atirar com arco e frecha, pondo-lhes alvos para que possam caçar e matar seus contrarios. Os pais trazem os filhos às costas até a idade de oito annos, e as mães as filhas. Estas dão leite aos filhos até outra vez parirem. As mães ensinam as filhas a fiar algodão, a enfeitar-se, e a tudo o mais que ellas executam.

CAPITULO LIX

Refere-se qual é a maior bizarria dos Tupinambás

Fazem os Tupinambás muitas bestialidades para, a seu modo de entender, parecerem muito bizarros. Elles depois de homens (se os pais se descuidam de lh'os fazer emquanto pequenos) fazem buracos no beiço superior e nas faces, em que mettem ou penduram pedrinhas de varias côres; e parecendo deste modo, monstros, elles se reputam constituidos no maior auge da sua bizarria.

Usam de uma fórma de carapuças vermelhas e amarellas, que lhes chegam ao pescoço, e as fazem de pelles de passaros que para isso esfolam. Ornam o pescoço com collares de dentes dos contrarios que mataram, aos quaes arrancam para este uso; e nos pés trazem cascaveis, que fazem de certa herva que, secca, tine muito, e se ouvem a grande distancia.

Cingem os rins com pelles de ema, que esfolam com toda a penna, e lhe cobrem quasi todas as costas. Tambem se tingem com tinta de *genipapo*, e ficam mais negros que os de Guiné; e os pés com tinta vermelha muito fina, que fazem de outro páo. Enchem os braços de fios de búzios, e pennas pequenas de passaros de diversas côres.

Quando assim se enfeitam, que é nos dias para elles de maior fausto, tingem uma espada de páo marchetada com cascas de ovos de passaros de varias côres, com pendentes que parecem campainhas. Esta vai lançada ao travéz das costas; levam na mão esquerda arco e frecha com dentes de tubarão; e na direita um instrumento que fazem de varias pedrinhas, que tocam, e a seu som cantam. Preparam-se deste modo, quando é dia de bebedeira geral, de festividade grande, ou convite nupcial.

CAPITULO LX.

Dá-se uma succinta noticia da luxuria ou sensualidade dos Tupinambás

Não ha lingua honesta que refira, nem ouvidos catholicos que ouçam os factos, que obram estes gentios para satisfação da sua sensualidade: darei tão sómente uma abreviada idéa de seus costumes, para não faltar á historia que escrevo.

Já disse como elles vivem aldeados; qual era a formatura de suas casas, que em cada uma assistia um mais velho com toda a sua parentella; que possuem as mulheres que querem; que todas vivem em boa união e sociedade; como faziam seus casamentos; que homens e mulheres andam nús; que cohabitam sem recato, pejo ou honestidade, os pais adiante dos filhos e filhas; estes diante daquelles; que se não occupam em algum exercicio, que não seja uma modica lavoura, caça e pesca, porque sem isso nem se poderiam sustentar nem viver: que, entregues ao ocio só cuidam na satisfação de sua luxuria, conservando sobre o ponto, e tendo-se por mais nobre o que descobre novas idéas peccaminosas, ou mais se distingue na repetição dos seus actos.

De tudo isto resulta casarem os pais com as filhas, os filhos com as mãis; uns irmãos com outros; porque não respeitam grão de consanguinidade; anticiparem a idade, fazendo intempestivamente os pequenos os que vem executar aos maiores; cohabitando uns com as mulheres dos outros, e tudo sem recato; porque o marido que mais se offende, não passa sua vingança de um arrufo, que tem com a mulher, e este dura pouco.

Não satisfeitos com esta vida de brutos, nem bastando esta liberdade para saciar a vontade venerea, são incessantemente dados ao peccado de sodomia, tendo-se por mais graves os que mais o frequentam; e não admittindo differença entre agente e paciente; motivo por que com a mesma publicidade o executam.

Como a natureza humana não tem forças naturaes para supportar um tão continuado excesso, a ajudam estes gentios com unções, e refeições de certos oleos e hervas, em que a malicia tem descoberto virtude para este auxilio; e na verdade coopera muito para o seu intento. Mas a mesma natureza depravada os affrouxa, debilita e os mata esfalfados, posto que satisfeitos com as proezas que fizeram.

Ultimamente as mulheres que querem mostrar por obras o grande amor que tem a seus maridos, catechisam femeas bem parecidas, que lhes levam, e offerecem para seu desenfado, ainda quando elles as não procurem, e nisto consiste a maior demonstração do seu querer; absurdo em que quasi todas cahem, ou porque são amantes dos maridos, ou para mostrarem que o são. E' quanto posso dizer; o mais fique em silencio.

CAPITULO LXI.

Referem-se as ceremonias com que os Tupinambás fazem os seus funeraes, e lutos que tomam, e como curam as molestias

Logo que morre qualquer Tupinambá, o sepultam na rêde, em que dormia; vai acompanhado das mulheres que tem, dos filhos e parentes, que lhes vão fazendo grandes gemidos, as femeas com os cabellos soltos, até o sitio onde se lhe ha de dar sepultura. O irmão, ou parente mais chegado, lhe faz uma profunda cova, onde o mette, e cobre com a terra que se tirou; o

que feito se recolhem para o rancho, onde a verdadeira mulher chora por certos dias a falta do marido.

Sendo mulher a que morre, o marido (se o tem) a ajuda a levar á sepultura; é quem lhe abre a cova, e com os filhos a sepulta; porém, o marido não chora pela mulher. Se não é casada, pertence esta obrigação a seu pai, ou parente mais chegado que tem vivo.

Com a viuva do Tupinambá que morre, é obrigado a casar o irmão do defunto, que é seu cunhado; o que se entende da primeira mulher, a que elles chamam verdadeira; na falta de cunhado, vai esta obrigação gradualmente passando ao parente mais chegado por linha masculina do marido fallecido; e deste modo sempre fica casada. O irmão da viuva casa com a filha mais velha, que é sua sobrinha, se está solteira, e na falta deste passa esta obrigação ao parente mais chegado por linha feminina, e se não quer casar com a dita filha, tem de obrigação buscar-lhe marido á sua vontade.

Costumam os filhos, morto seu legitimo pai, chamar pais a todos os parentes delle, e o mesmo fazem da parte da mãi, e ao mais propinquo ao dito pai, tem por seu pai verdadeiro, na falta delle. Todos os ditos parentes os tem, e tratam por filhos. O motivo desse tratamento é o grande caso que o gentio faz de semelhante titulo; tendo-se por mais honrados os que tem mais parentes; empenhando-se para se fazerem cabeças de ranchos; chegando-os para si, porque sejam delles estimados e temidos.

Tornando ao ponto da nossa historia: concluidos os desposorios na fórma sobredita, se não chora mais pelo fallecido. Quando morre o principal da aldêa, lhe untam com mel todo o corpo, e adornam com todos os enfeites, de que elle usava nas maiores festividades, e lhe fazem na sua propria casa uma muito funda e larga cova, com sua estacada de páos a prumo, que sustente a terra dos lados, dentro da qual lhe armam sua rêde alta do chão, onde o deitam, e cercam de suas armas; fazem-lhe fogo ao pé, como elles costumam ter emquanto vivos junto das rêdes; põe-lhe de comer, e instrumentos; feito tudo isto, lhe armam uma grade alta do corpo, para que impeça a terra, de que tornam a encher a cova sem que moleste o corpo; e entrando todos a carpir, e fallar de suas boas acções, lhe acabam de tapar a cova.

Sobre esta sepultura arma a verdadeira mulher uma rêde, e como de antes vivo. Se morre algum filho deste principal, sendo já homem, o sepultam do mesmo modo que seu pai; e sendo ainda pequeno, lhe curvam e ligam o corpo, e o mettem em vasilha de barro e nova, e assim na mesma cova. Qualquer destes é chorado muitos dias por todos os moradores da aldêa.

Morto o principal de qualquer aldêa, se ajuntam logo os velhos della para elegerem successor. Se lhe ficou filho já homem, e que tem dado provas de destemido e valeroso, a elle elegem por seu principal; se ainda é pequeno ou tem condição

frouxa, e tem parente com as condições referidas, a elle elegem com preferencia aos mais; e na falta destes, aquelle em quem consideram estes requisitos.

Costumam as viuvas cortar os cabellos por dó, tingir todo o corpo com tinta de *genipapo*, e ficam com a pelle tão negra como a dos negros de Guiné; recebem pezames dos parentes e amigos, em que ha grandes choros, e consistem as praticas em referir as acções, que julgam memoraveis, do fallecido; mas tanto que casam, logo se acaba o pranto e o luto; e para esta expulsão se convidam os parentes, a quem se dá banquete, e onde se beba muito, celebrando-se com grandes galhofas este festejo, em que a viuva apparece já lavada e enfeitada; o que faz, ainda que não torne a casar, passado pouco tempo do seu nôjo.

Os viuvos deixam tambem por luto crescer o cabello da cabeça, e tingem o corpo com a mesma tinta: e deste modo se conservam pelo tempo que querem; para o tirar destina-se dia certo, em que concorrem parentes e amigos; elle lhes dá um banquete, em que comem muito e bebem ainda mais; elle apparece com os maiores enfeites; e todos fazem grandes desatinos, e suas festas proprias deste ceremonial.

Estes mesmos lutos tomam pais, mãis, e parentes chegados ao fallecido, seja homem ou mulher; cada um o tira em dia separado, em acto de convite e com assistencia dos parentes, em que fazem extraordinarios absurdos; tendo-se por mais honrados os que n'elles são mais excessivos.

Para cabal conceito da barbaridade d'este gentio, é digno de reflexão, que toda esta efficacia de amor apparece depois da morte, e na doença o que se vê é displicencia, indignação e odio. Adoecendo qualquer Tupinamba (seja macho ou femea) cuidam pouco os mais da sua assistencia e curativo, e totalmente o deixam ao desamparo, se se dilata ou difficulta a saude; tanto assim que o julgam morto, e como tal o tratam estando ainda vivo, faltando-lhe com o comer e beber, do que resulta morrerem de fome e ao desamparo; muitos os tem enterrado moribundos, e ainda vivos; e alguns por ficarem com pouca terra cobertos, e terem alento para desenterrar-se, o tem feito, e escondidos no matto conseguiram a saude, e voltaram sãos á aldéa onde viveram, segundo elles mesmos tem referido, muitos annos.

D'aqui se colligo que os prantos e ceremonias funebres, se praticam por costume, e nunca por affecto, e quanto obram é sem discurso e raciocinio.

CAPITULO LXII.

Refere-se a formalidade com que comem os Tupinambás

Quando este gentio quer comer, deita-se o maioral do rancho na sua rêde, e ao redor desta se põe em cocoras suas mulheres, filhos, parentes e amigos, que estão presentes; e ian-

çando o que se ha de comer em uma só vasilha, vem para o meio do rancho, onde todos comem sem divisão ou precedencia, tanto assim que tendo escravos (dos que captivam em guerra), vem como os mais para a roda, e comem com os mais sem differença, porque nem ao senhor tem respeito algum.

Quando o guisado por pouco não póde sufficientemente chegar a todos, senta-se o maioral na rêde, e o reparte igualmente, sem ficar algum sem quinhão, ainda que para isso fique elle sem o provar. Emquanto comem não bebem vinho, nem agua; mas depois de concluir a comida é que o fazem; á noite comem no chão com as costas voltadas para o fogo. Não fallam quando comem; porém concluida a céa, se não calam até que o somno os emudece.

Trabalham pouco; são muito amigos do vinho, e o fazem de toda a qualidade de legumes, fructos e cousas succosas; misturando-lhe uma raiz a que chamam de *aipim*, que bebem com grandes galhofas, cantigas e desatinos; sendo mais estimados dos outros, os que nelles são mais excessivos. Só quando estão bebados é que zelam as mulheres, e quando com ellas se irritam por as acharem em actos deshonestos com outros.

CAPITULO LXIII

Dá-se noticia da formalidade com que este gentio trabalha nas suas roças, e de suas maiores habilidades e manufacturas.

Os Tupinambás sómente trabalham nas suas roças desde as sete horas da manhã até ao meio dia; e os que são mais sollicitos, não passam das duas horas da tarde, o que sabem muito bem pela altura do sol, no que são excellentes praticos, e feito este trabalho se recolhem á casa.

Neste mesmo tempo os machos roçam o matto, queimam e limpam a terra; as femeas plantam os mantimentos e os cultivam. Aquelles cortam, e conduzem para casa o mato, onde sempre ha fogo acceso (pois, como já disse, até de noite o conservam junto das rêdes, o sem o qual não dormem); estas conduzem a agua, fazem o comer, e cuidam da casa; dizem aos machos quando as rêdes estão sujas para que elles vão lava-las ao rio, por ser a quem pertence esse trabalho.

As obras mais famosas, que fazem os machos, são balaios de folhas de palma, e outras muitas vasilhas a seu modo, muito artificiosas, fabricadas da mesma folha, e algumas com seus matizes por as tingirem de varias côres com agua de madeiras. Fazem cestos de cipó, e outros trastes concavos, em que guardam seus enfeites, com fabrica e feitio. Fazem arcos e frechas agudas e bem penetrantes; caraúças e capas de pennas de passaros, e outras manufacturas das mesmas, bem matizadas. Com as mesmas tintas dos páos mudam e transformam as côres

naturaes das pennas nas que querem. Tambem fazem rêdes lavradas, e outros tecidos de algodão, muito bem feitos, e com grande feitio.

Quando querem colher muito peixe nos rios de agua doce, ou esteiros salgados, atravessam-os com um tecido de vara, e batem o peixe que fica da parte de cima, lançando-lhe quantidade bastante de herva, a que chamam *timbó*, que o embebeda, e como morto o faz vir acima d'agua, colhem quanto querem, e da qualidade que pretendem.

As femeas não cosem, fiam algodão, de que tambem não fazem têas, como poderiam, se tivesse quem as ensinasse; mas fazem por sua idéa uma especie de tecido, de que formam as rêdes, em que dormem, e umas fitas, como passamane, com que cingem a cabeça, braços, pernas, cintura, e tudo quanto querem; dos mesmos fios formam cordas de varias grossuras, que são muito fortes, e servem para seus usos.

As que são de meia idade vão ás roças, e conduzem para casa, ás costas, a mandioca, e fazem a farinha de que usam e se sustenta a familia; as que são mais velhas fazem as vasilhas de barro, como são, potes, alguidares, panellas, pucaros e outros vasos e peças para seu uso; e alguns em que guardam os vinhos, e levam uma pipa e mais, todos lavrados, pintados e bem feitos, segundo o seu uso.

Formam estas vasilhas de barro, á mão, e depois as mettem em covas, cobrem de mato e cozem com fogo; ficando boas e duraveis. Tambem são muito inclinadas a criar cães com que os maridos vão á caça, e ellas os levam ás costas quando vão para o campo: criam gallinhas e outras aves e animaes.

CAPITULO LXIV

Dá-se noticia da natural propensão do gentio Tupinambá

São os Tupinambás grandes frecheiros, com difficuldade erram algum tiro; com este instrumento caçam aves, pescam peixes, matam animaes, defendem-se a si, e offendem a seus contrarios; circumstancias que naturalmente os faz applicados e dextros n'este exercicio. Por natureza não são avarentos; facilmente dão o que tem a quem lh'o quer aceitar. Ao principal da casa offerecem quanto trazem; e o que este lhes não aceita, pontualmente entregam ás mulheres para o cozinharem, e ao parente ou hospede patenteam quanto tem.

São mui ligeiros, correm muito, e sobem com velocidade por qualquer páo, em fórma que não ha quem os imite; motivo por que são os melhores marinheiros, pois sem recear a maior tempestade, ou vento contrario, mettem e ferram as velas nos navios em que andam. São os primeiros remeiros de canôas, e as fabricam de tal grandeza, que lhe mettem 20 e 30 pessoas de remo, que as fazem voar.

São mui engenhosos; com muita facilidade percebem, aprendem e executam quanto vem fazer, ou lhes ensinam, comtanto que não seja cousa em que labore o discurso; porque então nem o fatigam nem aprendem; razão por que ignoram todas as sciencias, ainda quaesquer artes liberaes. São os melhores carpinteiros de machado, serradores, oleiros, carreiros, nadadores, vaqueiros, officiaes de fabrica de assucar, e os mais insignes em todo o exercicio braçal, por ser trabalho que executa o corpo.

Não tem cousa alguma propria, quanto possuem é de quem o quer gozar; ferramentas e ferragens, que são as cousas ne sua maior estimação, jamais as negarão aos que com ellas quizerem trabalhar; isto mesmo acontece com outro qualquer traste do seu gosto.

As Tupinambás, educadas em casas portuguezas, do mesmo modo aprendem com muita facilidade quanto lhes ensinam; cosem, bordam insignemente, são as melhores cozinheiras, e primeiras conserveiras; são com excesso namoradas, amigas de ter trato com homens, especialmente portuguezes; pelo menos brancos.

Machos e femeas são insignes nadadores; ha Tupinambá que anda tres e quatro horas debaixo d'agua, o que parecerá impossivel a quem não o tiver presenciado, ou negar o credito a quem o affirma pelo ter visto. Quando sentem peixe de noite mettem-se n'agua e o apanham de mergulho; deste modo vão buscar os polvos e lagostins, que habitam nas cavidades da costa brava, e debaixo d'agua.

CAPITULO LXV

Trata-se dos Tupinambás feiticeiros, dos que querem mostrar que o são, e dos que comem terra para se matarem

Ha muitos Tupinambás que na realidade são feiticeiros; outros que o querem parecer, e muitos que procuram meios de matar-se. Os que são feiticeiros, e os que querem parecer, vivem sobre si em casa escura, com porta mui pequena; por ella não entra algum Tupinambá que não seja o dono. Uns se fazem e outros se affectam feiticeiros, para os mais os temerem e lhes fazerem quanto querem, e são pontualmente obedecidos, porque ninguem os quer ter por inimigos. Este respeito que conseguem, custa-lhes caro, porque o demonio os maltrata frequentemente, e os móe com pancadas; não lhes diz cousa certa, pelo que raras vezes acertam no que prognosticam; sendo innegavel haver muitos que tem com elle pacto, porém a maior parte são embusteiros.

A estes chamam os mais — *pajés*; escandalisam-se de haver pai que lhe dê sua filha por mulher, o que raras vezes acontece. Dão tanto credito a seus embustes, que se algum diz a outro — cedo morrerás — elle lhe faz venia, e se vai deitar na rêde, onde, pasmado, e sem comer ou beber, vive até que

morre ; verificando-se o prognostico, não porque o prophéta o conheça, mas porque a falta de mantimentos lhe tira a vida, e deixa assim mais crédulos os outros, que sem discurso olham para o que vem sem exame da causa. E' tal sua loucura, que não ha quem os dissuada de semelhante parvoice, tendo por infalliveis aquelles decretos, que elles zombando e comendo podiam fazer mentirosos. Para os terem propicios lhes vão offerecer as filhas, e tem por grande fortuna que elles lh'as peçam.

Tem este gentio outra barbaridade grande, e é que, quando algum tem occasião de desgosto, que reputa por deshonra de sua pessoa, se delibera a morrer com resolução estranha, deixando de comer até que perde a vida, ou comendo terra para o mesmo fim, e isto sem que alguem o possa evitar, porque em assentando comsigo de morrer só a morte os satisfaz.

CAPITULO XVI

Refere-se como os Tupinambás recebem os seus hospedes ; cantam, choram, supportam e praticam suas saudades, e tratam seus negocios.

Quando algum Tupinambá vem de longe, entra por sua casa, e vai deitar-se na rêde ; feito isto acodem as velhas do rancho, e postas de cocoras ao redor da rêde, entram a chora-lo com altas vozes, e lhe dizem em largos discursos as saudades, que delle tiveram na sua ausencia, e os trabalhos que della lhes resultou. Seguem-se os machos, chorando e gritando sem pronunciar palavra, e nisto estão até que o bemvindo se enfada, e manda a todos embora. Sendo a ausencia larga, é visitado de todas as femeas do rancho, parentes e amigos, que primeiro o choram muito na rêde, donde elle se não levanta; e depois lhe dão as boas vindas, e ultimamente lhe trazem de comer em um alguidar, o que elle executa de tado.

Quando algum principal vem de fóra, ainda que seja de sua roça, vai se deitar na rêde, e a ella o vão as mulheres da casa chorar uma a uma, ou duas a duas, e feitas as mais ceremonias referidas lhe trazem de comer.

Morrendo algum Tupinambá, já eu referi os sentimentos que suas mulheres, filhos, parentes e amigos por elle faziam, os lutos que tomavam, e como os tiravam ; motivo por que neste capitulo não o devo repetir, e ao capitulo 60 me remetto.

Prezam-se de grandes musicos, e na verdade que segundo o seu gentilismo cantam soffrivelmente. Tem boas vozes, mas só sabem um som ou toada, que todos dizem. A elle cantam e bailam de roda com seu tamboril, e em ranchos andam uns por casa dos outros com este divertimento ; são recebidos com agrado e convidados com vinho, que para isso se tem prevenido. Nestas urmas andam tambem muitas moças, que com vozes e acções fazem estimavel a festividade e tem excellentes vozes ; nenhuma outra nação excede a esta em vozes e cantos, pelo que são de todas as mais muito estimados, tanto que

caminham seguros por entre seus contrarios, porquanto indo cantando, ainda que lhes possam fazer mal, ninguem os offende só por os ouvir.

Quando entra algum hospede em casa de qualquer Tupinambá, este o leva logo á sua rêde, onde aquelle se deita sem dizer palavra, e a mulher lhe traz o comer; isto fazem ainda que não conheçam o hospede. Depois de ter comido, é que lhe perguntam quem é, si está bom, donde vem e o que quer. Elle vai respondendo a tudo com muito vagar, por ser esta a formalidade de suas praticas. Si algum estrangeiro entra na aldêa, vai prégando e correndo-a toda, até chegar ao principal d'ella, e sem dizer palavra o levam na fórma sobredita á sua rêde, onde deitado come, e depois lhe manda armar uma rêde, á porta do seu lanço, para onde é conduzido; para este sitio muda tambem o principal a sua, ficando a porta no meio de duas rêdes, e ambos deitados recebem as boas vindas do povo da aldêa: acabado este obsequio, entram ambos a praticar sobre o negocio a que o hospede vem, fallando este com muita pausa na presença dos da aldêa, que não dizem uma palavra.

Acabada a pratica, diz o principal ao hospede, que descanse e se retira; então é que os ouvintes lhe fazem perguntas, e se vão tambem embora. No dia seguinte se ajunta o principal com os velhos da aldêa, e confere sobre o negocio do hospede; feito o conselho, se assentam que o negocio lhe não é util, ou que o mensageiro é seu contrario, infallivelmente o matam, depois lhe fazem um officio com grande festa e contentamento, as velhas o choram muito e por fim o comem. Quando o principal tem negocio grande que communicar aos da sua aldêa, convoca os velhos d'ella para se ajuntarem no terreiro da mesma, onde mettem estacas, armam suas rêdes, ficando a do principal no meio, ali todos deitados ouvem o negocio, e conferem sobre sua decisão. Os mais que querem ouvir se poem ao redor, em pé e calados, porque entre elles não ha segredos.

Esta conferencia é feita com grande regularidade e politica, porque o principal propõe a materia, e cada um dos velhos por sua antiguidade, diz, quando lhe toca, quanto sobre ella lhe parece. Si não concordam na resolução, e são differentes os votos, ou disputam entre si, rebatem estas controversias, fumando e bebendo até que concordam; então tomada a resolução, se desmancha o congresso, e se recolhem todos ás suas casas.

CAPITULO LXVII.

Trata-se da fórma com que este gentio cura suas enfermidades.

Padecem os Tupinambás varios, mas certos achaques, a que por seus costumes e modo de viver estão propensos. O primeiro e quasi universal é o mal de bobas, por se pegar por communicação, especialmente aos pequenos. Não lhe fazem

mais remedio, que untal-as com tinta de *genipapo*, quando lhes sahem para fóra ; se isso não basta, lhes põe folhas de *caroba*, e o que admira é ficarem bons, pelo menos se recolhem sem dôres ou inchação, a quem usa d'este remedio.

Tambem padecem terçãs e quartãs, originadas de lhes traspassar o ardor do Sol os ossos e cerebro; porquanto já disse que andavam nús com a cabeça descoberta, e ao mesmo tempo se mettem nos rios, cuja agua corre frigida, praticando isto mesmo estando cansados e suados. D'esta molestia não fazem caso algum, nem lhe fazem mais remedio, que tomar caldos de *cariman*, e ungir-se com agua de *genipapo*, e com isto melhoram.

Curam as feridas das frechas com uma herva que chamam *embayba*, que para isto parece milagrosa ; se são penetrantes, fazem uma grade de varas, sobre a qual deitam o ferido, e fazendo-lhe fogo por baixo, lhe vão lentamente gastando toda a humidade e depois as curam com balsamo.

CAPITULO LXVIII.

Mostra-se o grande conhecimento que os Tupinambás naturalmente tem da altura do sol e do movimento das estrellas, por cujo motivo gyram todo o sertão, sem perderem passo, indo parar á terra que querem.

Tem os Tupinambás grande conhecimento dos astros, pelos quaes se governam, caminhando por sertão inculto, e indo parar á terra que pretendem sem perderem passo.

Em uma occasião mandaram dois Tupinambás da cidade da Bahia, degradados por sentenças criminaes, por mar, para a do Rio de Janeiro, e ambos, fugindo separadamente do degredo, se embrenharam pelo interior do sertão para não serem vistos e sorprendidos em povoado, e vieram parar a sua aldéa no continente da Bahia ; mediando mais de 300 leguas, e sem outra guia que o proprio conhecimento dos astros, e sciencia dos seus movimentos.

Costumam quando andam pelo sertão, sem noticia d'onde haja povoado, deitar-se no chão, e cheirar o ar, e por este modo conhecem se ha ou não perto povoação. Conhecem pelo olfacto se ha fogo em distancia de meia legoa, e d'este modo buscam, ou fogem da povoação, segundo lhes faz conta. E' tão certo este referido conhecimento dos Tupinambás, que os Portuguezes não caminham pelo sertão sem os levar adiante, principalmente caminhando em occasião de guerra. Elles são os que fazem os caminhos, dispõe as jornadas, fazem as paradas e elegem o sitio onde devem pernoitar, seguindo nesta parte quanto elles determinam, e confiando da sua capacidade a marcha militar.

CAPITULO LXIX.

Refere-se os preparos que os Tupinambás fazem para suas guerras, como caminham, como pelejam e se recolhem.

São os Tupinambás naturalmente bellicosos. Quando o principal de qualquer aldêa entende que lhe é necessario fazer guerra, convoca os velhos da sua aldêa para o terreiro, na fórma que já referi, e nelle lhes propõe a causa que faz necessaria a peleja; e assentando-se no conselho ser conveniente ou necessaria, se communica a resolução a todos para que se preparem para a guerra, com a certeza do tempo e lugar, em que ha de ter principio.

Divulgada esta noticia, então todos começam a preparar seus arcos e frechas, de que fazem muita quantidade, e tambem de hastes; as mulheres preparam a mandioca para a jornada. Preparado tudo, á noite antes da partida anda o principal prégando em roda das casas, intimando-lhes de novo o motivo que os obriga áquella acção, em que se devem portar com todo o valor, por ser necessaria a vingança, promettendo-lhes victoria contra seus contrarios, e a eterna memoria que se perpetuará em seus descendentes, das façanhas que cada um obrar, e tudo o mais que lhe lembra e póde ser incentivo de furor, colera e brio, concluindo que no dia seguinte farão jornada.

Amanhecendo o dia seguinte, almoçam todos, e carregando cada um com suas armas e mantimentos ás costas, onde tambem levam a rêde em que hão de dormir, e sua espada de páo, se põe em marcha, levando suas espias, tambores, roncadores, e businas, com que vão cantando e fazendo grandes estrondos.

Duas jornadas antes de chegarem aos contrarios; que é distancia de quatro leguas, porque cada dia andam sómente legua e meia, ou duas quando muito, fazem alto; vão as espias que são moços e ligeiros, explorar o caminho, o que fazem com toda a certeza, e certificados do que acham voltam com a noticia ao arraial, que todos os dias acampam e por isso caminham tão pouco.

CAPITULO LXX.

Refere-se como os Tupinambás dão suas batalhas; como engordam os captivos; e solemnidades com que os matam e comem.

Tanto que os Tupinambás fazem alto, já não fazem fogo de dia, para que pelo fume não possam ser sentidos dos seus contrarios; e dispõe o modo com que repentinamente de noite hão de cahir sobre elles; esperam que a Lua seja cheia para fazerem de noite o resto da mareba; chegam sobre a madrugada á aldêa inimiga todos juntos, e com grande silencio; e tanto que está cercada, entram a dar estrondosos urros com o toque

de seus tambores, e mais instrumentos, e ao mesmo tempo levam tudo a páo com tal furor e crueldade, que não fica pessoa alguma com vida, das que recebem pancadas do seu primeiro impulso, seja macho ou femea, grande ou pequeno; porque cada um leva um páo pesado, formado em gomos, com que dão na cabeça ao contrario, e com tal violencia, que basta e sobeja uma só pancada para lhe tirar a vida.

São tão barbaros, que, não satisfeitos de negar quartel a quem se lhes rende, cortam as naturaes aos homens, e os vasos mulheris para levarem ás suas mulheres, que seccam ao fumo para os fazer comer aos que captivam da mesma nação, antes que os matem.

No despojo da guerra não tem o seu principal cousa certa, nem entre si observam alguma politica; cada um faz seu o que póde apanhar. Tanto que tem concluido a acção, e estão carregados de despojos, põe fogo á povoação e marcham para a sua. Então caminham com passo apressado de dia e de noite, para evitar que os que lhe fugiram se possam juntar com os de outras aldêas, e os venham perseguir ao caminho, o que não obstante quasi sempre lhes acontece, e por isso na retirada trazem as espias na sua retaguarda.

Poucas vezes servem estas cautellas de evitar aos Tupinambás o serem, na retirada, investidos por seus contrarios, e muitas vezes recebem grande damno e destruição, porque, unidos os fugidos com seus amigos, os seguem precipitados na retirada, ou os vem buscar ás suas aldêas, onde os cercam, e se intrincheiram a seu modo com boa forma; e quando assim se fortificam, não acaba a guerra sem total destruição dos cercados ou dos cercadores. N'estas contendas são innumeraveis os que morrem, pelo que sempre conservam entre si opposição e inimizade, sendo este acontecimento effeito da Providencia, sem o que não caberia no mundo sua propagação incrivel.

Emquanto duram os conflictos, andam os principaes gritando e exhortando os seus a que não desanimem por credito da nação e gloria sua, lembrando-lhes as victorias que elles, ou seus antepassados já tenham alcançado dos contrarios, e o mais que lhes occorre para incentivo de furor e raiva.

Os Tupinambás, que na guerra fizeram maiores proezas mudam de nome, tanto que se recolhem ás suas casas, o que fazem com as seguintes solemnidades. Destinado o dia para esta mutação, prepara o que ha de mudar o nome seu convite e vinhos; concorrem os convidados com os seus adornos festivos ao banquete que o dono da casa recebe com o mesmo ornato; depois de bem emborrachados e fatigados de desatinos e sensualidades, lhe entram a fazer elogios e a dizer louvores, com seus cantos e musica: referidas suas proezas, lhe rogam diga o novo nome que quer tomar. Elle então o declara e se vai deitar na rêde, onde por certos dias existe sem comer nem beber, tendo por máu agouro fazer o contrario.

Costumam tambem os Tupinambás, que na guerra ou no mato particularmente mataram seus contrarios, logo que esta

noticia chega á sua aldêa, recolher-se ás suas casas, e d'ellas não tornar a sahir emquanto os moradores da aldêa não entram n'ellas, e lhes levam quanto acham, que são mantimentos, armas e alfaias, o que elle está vendo e não diz palavra; feito isto, prepara elle roubado um banquete, para o qual concorrem os parentes (por ficar sem cousa alguma) com alfaias, mantimentos, e tudo o mais emprestado; destinado o dia, convida para elle a todos, que lhe vão assistir enfeitados, e depois de emborrachados e cansados de seus folguedos, lhes restituem quanto tiraram, e contam esta acção entre as do seu valor, e se reputam com estes actos por mais honrados.

Este mesmo matador, no espaço que medeia, até dar o banquete, se veste de luto na fórma já referida, o que tambem fazem seus irmãos, e o tiram no dia do convite, e muitos para lhes ficar impressa no corpo esta façanha, que entre si julgam pela mais heroica, se mandam riscar; que é retalhar o corpo com certa especie de canna, que fendida corta como a mais afiada navalha; e para não sentirem tanto o effeito d'esta operação se lavam com certa agua e bebem certa bebida que lhes adormece o corpo, a qual é na verdade tão violenta, que muitos morrem por se lhes cortar as arterias; todos ficam sempre mal feridos, e não obstante este tormento e perigo pedem que lh'o façam, e soffrem com gosto.

Quando os Tupinambás apanham vivo algum de seus contrarios o levam captivo (posto que muito raras vezes é para lhe perdoarem a vida); serve ao senhor, a quem não tem mais sujeição, que occupar-se em fazer o mesmo que elle faz ou seus filhos, que é lavrar certas horas, cortar mato, caçar e pescar, porque entre senhor e escravo não ha divisa.

De ordinario levam os captivos, e os atam de modo que não fujam, ou os mettem em prisões de algodão muito grossas a que chamam *mazaraca*, que elles não podem desatar, porque os ligam pelo pescoço e cintura; seguros d'este modo, lhes dão muito de comer, mulher com quem se divirta, e todo o genero de regalo lhe facilitam para que se nutra e engorde. Elle preso escolhe a mulher que quer; sendo casada, o marido o não repugna, e com ella se desenfada quando e como quer, esta tem o cuidado de o servir e tratar pondo-lhe prompto quanto elle pede; algumas vezes acontece, sendo o captivo moço, robusto, e bem figurado e prendado, conseguir perdão da morte, e vendem-no aos Portuguezes, porém de ordinario acaba na fórma seguinte.

Destina o senhor o dia, em que o ha de comer, (e é esta entre elles a maior festividade), fazem-lhe vesperas, em que principia a exercitar-se a gula, ebriedade e lascivia; não ha guizado, que n'esta funcção deixe de apparecer, bebida que falte, ou acto sensual que se não execute, e são convidados todos os parentes e amigos, ainda distantes 40 leguas; em toda a noite ninguem dorme, todos passam cantando ao som de seus instrumentos; amanhecendo o dia, preparam-se todos com seus enfeites que tem, e vem para o terreiro por sua ordem; atraz

de todos vem o captivo todo empennado, e com o corpo untado com mel de abelhas, muito contente e enfeitado, traz o corpo pintado de varias côres, com uma liga pela cintura, espada de páo, e só se distingue dos mais em vir preso pelo pescoço com corda de algodão forte e comprida, e com duas pontas iguaes.

Chegados ao terreiro, põe o captivo no meio de dous páos, que já estão cravados na terra, e com dous buracos por onde se passam as pontas da referida corda, ficando com liberdade de suas acções, e só preso pelo pescoço no meio dos ditos dous páos; nas duas pontas da corda pegam dous Tupinambás robustos, que lh'as largam ou apertam, segundo querem que elle mais ou menos seja senhor de suas acções.

Posto n'este lugar o miseravel (sendo gentio contente) lhe põe á cabeça uma vasilha de vinho, todos os circumstantes bebem d'elle á sua saude, elle tambem o faz; feito isto, chega o que ha de matar, muito enfeitado e pintado, com sua espada de páo, e se põe ao pé da victima, e lhe diz que conte sua vida, e as acções que nella tem obrado; entra o captivo a prégar, fazendo de sua vida o discurso que quer, concluindo que já está vingado de quem o ha de matar, porque já ajudou a comer seus parentes ou os matou, e fica certo que os seus o hão de despicar; concluido isto, o rodeiam as velhas, e lhe dizem que se farte de ver o Sol, e se despeça d'elle, porque brevemente morre: elle lhes responde que aceita com gosto a morte pela que já déra a seus parentes, e estes receberam dos seus.

Acabada esta pratica, tocam-se instrumentos, canta-se, baila-se e faz-se grandes algazarras e galhofas; isto concluido, põe-se o matador defronte do captivo, e diz-lhe que se defenda d'elle, que o quer matar, tiram ambos as espadas, e afrouxadas as pontas da corda, se dá liberdade ao captivo para atalhar e se defender dos primeiros golpes, e d'esta faculdade tem resultado não poucas vezes ferir muito gravemente primeiro o que ha de morrer ao matador, porque este confiado que os vigias da corda lhe não darão grande liberdade, se mette com elle mais do que devéra, e recebe grandes golpes, que o descuido facilita, e a destreza do que ha de morrer antecipa e aproveita a occasião. Ultimamente puxadas as cordas fica o captivo engasgado entre os páos onde o matador lhe dá na cabeça e lhe tira a vida.

Morto deste modo o captivo, é conduzido pela comitiva a outro logar, onde feito em bocados, segundo a quantidade dos corpos mortos e dos convidados, se distribue por todos que comem esta carne cozida ou assada; o matador julgando esta acção pelas de maior honra, destina neste dia outro, em que dá banquete, e muda o nome como fica já referido.

Tem acontecido criarem as mulheres destinadas para cohabitar e tratar d'estes captivos, emquanto não os matam, tal amor a estes homens, que lhes tem facilitado os meios para fugir; algumas os seguem deixando para os acompanhar pais, parentes, marido e patria; as que delles parem criam com todo o desvello os filhos que nascem, a quem os Tupinambás chamam — *cunhamenbira* — que significa, filho de contrario; e depois de

ter alguns annos de vida, quando mais bem nutrido está, o offerece á mãi, irmão ou parente mais chegado, que lh'o agradece com certas ceremonias, para em terreiro e publico convite lhe partir a cabeça, e o comerem, como fizeram ao pai na fórma sobredita, e é a mãi a primeira pessoa que come da carne do filho. Ultimamente são tão barbaros, que não duvidando dar ao captivo a filha, ou mulher que elle pede para seu desenfado, em quanto não morre, depois que o matam, fica ella sendo desestimada de todos por ter cohabitado com seu contrario, sendo que, de ordinario, não concorre para essa eleição.

MEMORIA

DO

Descobrimento e fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Escripta por Antonio Duarte Nunes, tenente de bombeiros do regimento de artilharia desta praça, no anno de 1779

(Manuscripto offerecido ao Instituto: continuado de pag. 137 do 2º numero desta *Revista.*)

Já se fazia muito visivel em toda a Europa a opulencia do Rio de Janeiro pelo seu commercio, e sobretudo, a grande quantidade de ouro, diamantes, e outras pedras de muito valor, que se transportavam para Lisboa, de que resultou terem os habitantes d'esta cidade novas inquietações suscitadas pelo odio da França, no anno de 1710, quando ella com affectadas razões se queixava de Portugal não querer a sua união, n'aquelle tempo, em que tinha poderosos motivos para a rejeitar, declarando-se a favor de Carlos III, contra Felippe V, que então emprehendia a conquista da monarchia castelhana. D'este sentimento resultou permittir el-rei de França que os seus vassallos se animassem a invadir o Rio de Janeiro, que pela sua grande riqueza promettia um saque de muito preço. Apromptaram sete náos, das quaes cinco eram de linha, e sahiram conduzindo novecentos e mais homens de guerra; trazendo por general a um cavalheiro francez chamado João Francisco du Clere. No fim do mez de Agosto do dito anno, sendo vistas as náos pelos moradores de Cabo Frio, fizeram logo aviso ao governador d'esta cidade Francisco de Castro de Moraes, o qual mandou preparar as fortalezas e a marinha; prevenindo as milicias, para qualquer accidente de combate. Poucos dias depois se repetiu o mesmo aviso da Ilha Grande, aonde, tendo desembarcado alguns Francezes, pagaram com as vidas os insultos, e roubos, que procuravam fazer em varias casas d'aquelles moradores. Da Ilha Grande voltaram para a Guaratiba, e ali desembarcaram mais de novecentos homens, os quaes marcharam para esta cidade cheios de fome e trabalhos, por fazerem a maior parte das jornadas, pelo interior dos matos, desprezando a estrada geral.

De tudo tinha avisos o governador, que podéra, n'aquelles estreitos transitos, tão praticados pelos naturaes, como incognitos aos estrangeiros, cortar-lhes o passo com total ruina dos inimigos; porem alguns destacamentos, que mandou ao caminho por onde elles marchavam, mais serviram de testemunhar a sua jornada, que de lh'a impedir, pois em sete dias de mar-

cha, se lhes não disparou um tiro. O governador, mandando tocar repetidos rebates, se formou no campo do Rosario (*) dizendo, que ali os esperava para os combater, sem que as instancias, que lhe faziam os officiaes e os moradores, o obrigassem a dar mais um passo; e só entendendo que os Francezes tomariam a fortaleza da Praia Vermelha, ordenou ao mestre de campo João de Paiva que a fosse soccorrer; e mandando-lhe perguntar o dito mestre de campo se havia pelejar com os Francezes, respondeu, que mandava defender a fortaleza; mas que fizesse o que a occasião lhe permittisse.

Aos 18 do mez de Setembro teve aviso, que o inimigo tinha chegado ao Engenho Velho, e que ali repousava aquella noite. No dia seguinte, ao amanhecer, caminhavam para a cidade, e ás sete horas, do campo onde estava formado o governador, se começaram a ver as bandeiras do inimigo; e avistando tambem os Francezes o corpo do nosso exercito, torceram o caminho para o desterro (S. Theresa), em cujo sitio o padre Frey Francisco de Menezes, religioso Trino, e varios homens que convocára para hostilisar aos Francezes, na descida d'aquelle morro, lhes deu uma boa descarga de mosquetaria, matando-lhes muitos soldados, e a maior parte dos voluntarios, que marchavam na vanguarda, diante da qual ia o seu general du Clerc sem outras armas, que uma redela, e o seu bastão. Este accidente, que podera embaraçar aos Francezes, lhes fez apressar o passo para a cidade; mas chegando á igreja de N. S. da Ajuda (que nesse tempo estava defronte das casas do tenente coronel Mascarenhas)(**) recaberam outra descarga do Castello, com a qual perderam muita gente, porém assim mesmo continuaram a marchar, sem os deter nenhum perigo; disparando tambem incessantes tiros da sua mosquetaria; e passando muito perto do nosso exercito, que ainda estava no campo, sem que o governador se abalasse, nem lhe mandasse dar um tiro, se introduziram na rua do Parto, e foram parar á marinha, fazendo alto defronte do Carmo: e d'ali, querendo seguir para diante, foi tão grande a desordem, vendo-se feridos, e mortos com as amiudadas descargas, que das boccas das ruas lhes davam, que fizeram alto defronte do trapiche de Luiz da Motta (chamado hoje da cidade)

Nesta perplexidade aconteceu um desastre, que pudera facilitar aos inimigos a victoria; porque tendo-se recolhido a polvora, na casa da alfandega contigua a palacio (***), para se distribuir, pegou o fogo de um murrão em um cartuxo, e saltando a chamma a muitos barris, passou a palacio o incendio

---

(*) Era onde está hoje a igreja da antiga Sé do Rosario.

(**) Chama-se hoje canto da mãi do Bispo. Este Mascarenhas era o progenitor do bispo, que foi desta cidade, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco.

(***) O palacio era nos contos, onde está hoje a caixa da amortisação e correio.

com ruina notavel d'aquelle edificio, e morte de tres valerosos estudantes, cuja companhia o guardava com louvavel disposição e alento. Ao estrondo que fez o incendio, destacou do nosso exercito, com o seu terço, o mestre de campo Gregorio de Castro de Moraes, irmão do governador, e chegando áquelle lugar se bateu valerosamente com os Francezes, impedindo-lhes tomar o palacio; mas all mesmo cahiu morto de uma bala inimiga, acabando com elle o valor, que a natureza lhe dera em recompensa do que negára a seu irmão. Com este successo não esmoreceram os seus soldados, porque com dobrado esforço vingavam nos inimigos a morte do seu mestre de campo.

Picava a nossa gente, por varias partes, a do inimigo, fazendo-lhe pelas esquinas gravissimas hostilidades; e já lho faltavam mais de quatrocentos homens mortos ao nosso ferro, a troco de trinta, que tinhamos perdido. Vendo-se finalmente o general du Clerc acommettido de muitos Portuguezes, que de novo iam concorrendo ao combate, se recolheu ao trapiche, querendo nelle fazer-se forte, com a sua infantaria, da qual um troço de cem homens, por não caberem ou não atinarem, se metteu por uma rua, onde, parecendo já rendidos, foram todos mortos pelos nossos, sacrificando á sua vingança aquellas vidas, que podiam servir á sua gloria, a não ser naquella occasião tão cego o furor, que lhes fez preferir o rigor á commiseração.

Até este tempo estava o governador Francisco de Castro do Moraes feito estafermo no campo; mas chegando-lhe a noticia de que os Francezes estavam dentro do trapiche, e postos em cerco, entrou com o resto do exercito na cidade, que achou desoccupada de inimigos, por se haverem voluntariamente mettido na clausura do trapiche, onde mandou o governador dizer ao general du Clerc, que pois não tinha já partido algum, se rendesse a arbitrio do vencedor; e vendo du Clerc começar a repicar os sinos de todas as igrejas, em signal de triumpho, dizia que era sua a victoria, e não queria convir em que fosse nossa. Durou esta porfia, e renitencia desde as onze horas da manhãa, até as duas da tarde; o que vendo o governador, mandou ir muitos barris de polvora, para fazer voar o trapiche, sem embargo da gente portugueza, que o habitava.

Nesta resolução serviram os maravilhosos effeitos do amor da patria, superiores ás poderosas forças do sangue, porque um natural d'esta cidade, alferes de ordenança, que tinha muita parte na herança d'aquelle trapiche, onde se achavam sua mãi, irmãas, mulher e filhos, era o que mais apressava a execução do incendio, querendo ser o primeiro que lhe puzesse o fogo; fazendo-se por tão brilhante acção muito digno e muito merecedor da fama lhe erigir altares no templo da memoria; porque não se mostraram mais constantes Junio Bruto em tirar a vida aos filhos, e Horacio em matar a irmãa, pela conservação da patria.

Entendendo o general francez, que não tardariam muito as chammas, que se dispunham, para abrasar aquelle seu rece-

ptaculo, por salvar a vida e a dos seus soldados, se entregou com elles á prisão.

Ao general puzeram primeiro no collegio dos padres da companhia, depois o passaram para o Castello, e ultimamente lhe concederam faculdade para tomar uma casa, onde o assassinaram, na noite de 18 de Março de 1711, sem se averiguar quem fôra, nem o saberem os soldados, que o guardavam. Foi sepultado na igreja da Candelaria, e os mais Francezes foram divididos em prisão, pela casa da moeda e conventos, com sentinellas á vista; depois foram mettidos na cadêa e nas mais prisões da cidade, exterminando-se a maior parte d'elles para a Bahia e Pernambuco.

Ao quinto dia, depois de conseguida a victoria, chegaram a esta barra as náos francezas, vindas da Guaratiba, onde tinham desembarcado os inimigos: lançaram de noite uns foguetes, que eram as suas senhas, mas não sendo respondidos, voltaram para França com a certeza da ruina e perda da sua gente.

Socegada já a cidade, se fizeram grandes festas em acção de graças, que remataram com solemne procissão, levando o governador, em todos estes actos, os vivas e applausos da victoria em que não soube ter parte.

Recebeu com assaz impaciencia esta noticia a nação franceza, sempre diligente no despique dos seus aggravos; sentindo menos o prejuizo da despeza, do que ver abatido o credito; e na recuperação de uma e outra perda, empenhou maiores cabedaes, e forças mais poderosas; pondo brevemente no mar uma armada, que se compunha de sete náos, oito fragatas, e duas travessias, que conduziam 5.396 praças com o general Renato du Guai Trouin, o qual vinha a emendar os erros de du Clerc, com outra não menos temeraria empreza, se tivera quem lh'a disputasse por differente modo, do que praticaram o governador e o commandante das náos, que se achavam neste porto, para a mesma defensa.

Divulgou-se em Lisboa a noticia do apresto, e poder d'esta armada, e que se dirigia ao Rio de Janeiro, aonde iam os Francezes a recuperar o credito, e os presos que tinham deixado naquella praça. Sendo de tudo informado o serenissimo senhor rei D. João V, fez aviso ao governador d'ella, e mandou com toda a brevidade sahir a frota, que naquelle anno lhe havia de ir; dobrando as náos do comboi, a gente, e os petrechos militares; ordenando, que as embarcações mercantes, que fossem mais fortes, deviam ser armadas para concorrerem com as suas competentes forças em caso de peleja, e nomeou para chefe d'esta esquadra a Gaspar da Costa de Athaide, que exercia o posto de mestre de Campo do mar. Partiu de Lisboa a frota com grande presteza, e com a mesma chegou a esta cidade, composta de quatro poderosas náos de 60 e 70, e bons navios, com todo o preciso, para a defensa da praça; e havendo já alguns dias, que se achava nella, teve parte o governador, a 20 de Agosto de 1711, que da Bahia Formosa se tinham avistado muitas vélas, tomando o rumo d'esta barra.

Tocou-se a rebate, guarneceram-se as fortalezas, e fortificou-se a marinha. Bem conhecia o povo d'esta cidade, o que tinha no seu governador, mas fiavam-se muito da disposição e alento de Gaspar da Costa, o qual se embarcou logo, pondo em linha, na defensa das praias, as quatro náos e os navios mercantes de mais força; porém estando nesta fórma cinco dias, dando por falso o aviso, tornou a desembarcar; começando por este facto a perder o conceito, que se fazia da sua vigilancia, como depois perdeu o que se formava da sua experiencia, mostrando-se perplexo no segundo aviso, que do Cabo Frio chegou a 10 de Setembro do mesmo anno, de ter passado dezesete embarcações demandando a barra d'esta cidade. No dia seguinte, que se contavam onze do dito mez, a uma hora da tarde, entraram as náos inimigas debaixo de uma cerração tão densa, que não deu logar para as verem, senão quando enfrentaram com as fortalezas da barra, e com repetidas descargas sobre ellas, foram entrando até a Armação das Baléas; ficando surtas naquelle sitio, em distancia de um tiro de peça da cidade.

Neste conflicto appareceu Gaspar da Costa do Athaide, que devendo metter-se a bordo das náos, e pô-las em ordem, para defender a marinha, como tinha praticado no ensaio do rebate, as mandou marear, para livra-las do inimigo; porém achando mais prompto o perigo no baixo da Prainha, e na ponta da Misericordia, ordenou logo que fossem abrasadas, mandando pôr-lhes fogo, em que arderam intempestiva e lastimosamente. Na desordem destas disposições descobriu este official a falta, que já experimentava no entendimento, e crescendo mais em tanta desgraça, deu padecendo este defeito em todo o tempo que lhe restou de vida. Naquella tarde, e nos tres seguintes dias, foram tão excessivas as descargas da artilharia das náos inimigas, e das nossas fortalezas, que em reciproco estrondo parecia arruinar-se o mundo, causando maior raido o incendio da casa da polvora na fortaleza do Villegaignon, em que acabaram desastradamente tres capitães alentados, e muitos soldados valerosos, além de sessenta feridos e maltratados.

Todo este horror não bastou para entibiar o animo ardente dos naturaes d'esta cidade, antes lhes servia de estimulo; porque vendo que os Francezes assentavam artilharia no morro de S. Diogo, acudiu a elle o capitão Felix Madeira, e matando alguns, fez prisioneiros a outros; e Bento do Amaral, indo a defender a fortaleza de S. João, perdeu a vida tirando-a primeiro a muitos inimigos; porém a fatalidade, que estava destinada a esta cidade superou o valor dos seus moradores, que vendo desanimado a Gaspar da Costa, e que o governador Francisco de Castro mandára abandonar e encravar a artilharia da fortaleza da Ilha das Cobras, ficaram conhecendo que, por falta de quem os governasse, era irremediavel a sua perdição.

Tendo os Francezes noticia pelos seus espias, que estava abandonada a fortaleza da Ilha das Cobras, e sem gente que lhes fizesse resistencia, a tomaram logo, para d'ali bombearem a cidade, na qual lançaram tantos artificios de fogo, que pegando

em palacio, e em outros edificios, infundiram nos moradores um panico terror tão intenso, que na noite do quinto dia da chegada dos inimigos, em que o governador e Gaspar da Costa tinham assentado retirarem-se com a tropa, e deixar a praça, o fizeram elles primeiro; abandonando as suas casas, e os melhores haveres que possuiam, sem lhes deter a fuga uma grande tempestade de vento e chuva, que houve em toda aquella noite.

Rendidas já muitas fortalezas, e desamparada a cidade, a occuparam os Francezes, ficando senhores d'ella e do saque, em que acharam um despojo mais rico do que suppunham, porque importou muitos milhões; o vendo que não tinham mais que recolher, capitularam com o governador Francisco de Castro Moraes, deixar a cidade sem a demolir, por uma grande porção de ouro, que depois veio a ficar em 600 mil cruzados, 100 caixas de assucar e 200 bois; que fez o importe de 610 mil cruzados, 200 bois e 100 caixas de assucar, para os quaes concorreram a fazenda real, os moradores d'esta cidade e seus reconcavos, e algumas religiões, á proporção dos cabedaes de cada uma; e em quanto se ajuntava a quantia, para a qual se valeram dos cofres, que antecipadamente os seus ministros mandaram pôr em salvo, fóra da cidade, se detiveram nella os inimigos, abstendo-se de obrar mais estragos e hostilidades.

Na mesma tarde em que entrou a armada franceza se expediu um aviso ao governador da Capitania de S. Paulo Antonio de Albuquerque Coelho, que nesta occasião se achava em Minas, o qual pondo-se em marcha com tres mil homens, bem e mal armados, chegou a esta cidade a tempo, que já estava vencida e capitulada; e não achando remedio em desmanchar a feira, conveio nella.

Entregue a referida quantia aos Francezes, sahiram d'este porto a 28 do mez de Outubro, havendo um anno, um mez e oito dias que tinham sido vencidos pelos Portuguezes nesta cidade, cujos moradores, desprezando o dominio de Francisco de Castro Moraes, obrigaram a Antonio de Albuquerque Coelho a encarregar-se do governo, até decisão de Sua Magestade, sem haver em Francisco de Castro impulso de se conservar no cargo, de que o depunham.

Tendo chegado a Lisboa a infausta noticia da desgraça d'esta cidade, mandou o serenissimo senhor rei D. João V, por governador d'ella, ao mestre de campo general Francisco Xavier de Tavora, com ordem para prender a Francisco de Castro e a outros officiaes, em cuja execução os poz em asperas prisões, nas quaes se achavam quando, por ordem de Sua Magestade, passou o Chanceller da Bahia Luiz de Mello da Silva com dous desembargadores a esta cidade, para com o ouvidor d'aqui e das Comarcas de Minas e S. Vicente, formar uma alçada de sete ministros, para sentenciarem os culpados na entrega da praça.

Juntos os ministros, devassou-se o caso, e não faltaram opiniões que tambem infamavam de traidor a Francisco de

Castro; mas não havendo indicios para se lhe formar culpa de infidelidade, se lhe provaram faltas de valor e de disposição, que foram causa de não pelejar na defensa da praça e de a desamparar; crime, pelo qual foi sentenciado a degredo e prisão perpetua em uma fortaleza da India.

Um mestre de campo seu sobrinho, filho de Gregorio de Castro Moraes, que succedeu a seu pae no emprego e não no alento, foi privado do posto com degredo perpetuo. Um capitão da fortaleza de S. João, que por fraco a entregára logo aos Francezes, foi enforcado em estatua, por andar ausente.

Outros presos foram livres e soltos por mostrarem, que não concorreram mais que na obediencia das ordens do seu governador; e com esta sentença se desfez o tribunal, mandado formar nesta cidade, para castigar os complices na sua perda.

Relação das pessoas, e das quantias, com que contribuiram para o resgate d'esta cidade, rendida pelos Francezes em 11 de Setembro do anno de 1711.

A Fazenda Real	67.697$344
A Casa da Moeda.	110.677$000
O Cofre da Bulla.	3.484$660
O Cofre dos Orphãos.	9.733$220
O Cofre dos Ausentes	6.372$880
Francisco de Castro Moraes.	10.387$320
Lourenço Antunes Vianna.	6.784$320
Francisco de Seixas da Fonseca . . .	10.616$440
Rodrigo de Freitas	1.166$980
Braz Fernandes Rolla	6.062$080
Paulo Pinto	3.031$040
O Prior de S. Bento.	1.575$680
Francisco da Rocha	1.356$000
Christovão Rodrigues	1.643$200
Antonio Francisco Lustosa.	859$600
Thomé Teixeira de Carvalho	785$600
Os Padres da Companhia	4.866$000
Rs.	246.500$464

Em virtude da ordem de Sua Magestade de 31 de Março de 1713, em que mandou que á sua real fazenda entrasse na contribuição do resgate, se tiraram do computo acima, com que concorreu a casa da moeda, 84.000$000 réis, e veio a ficar liquida a divida, que satisfizeram os moradores da cidade e seus reconcavos em 162.500$464 réis, para cuja satisfação se lançou aos moradores da cidade e seus reconcavos, sobre o principal valor das casas, seis por cento; sobre o manoio de cada um, quatro por cento; e sobre os engenhos e mais fabricas, tres por cento; que tudo foz a somma de 616 mil cruzados e 100$464 réis.

BIOGRAPHIA

DOS

BRAZILEIROS ILLUSTRES PELAS SCIENCIAS, LETRAS, ARMAS E VIRTUDES

José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú

Memoria escripta por seu filho o conselheiro Bento da Silva Lisboa, e lida na sessão do Instituto Historico, em 24 de Agosto de 1839.

Bonum Virum facile crederes, magnum libenter.
Tac. *De vita Agricolæ.*

O grande historiador Tacito, para mitigar a dôr, que lhe causára a morte de seu genro Agricola, escreveu a vida d'este celebre Romano. Julgo que não me será estranhado que eu imite o exemplo de um escriptor, que tem excitado a admiração dos seculos, procurando que não fiquem em esquecimento alguns factos notaveis da vida de um distincto Brazileiro, que todo se dedicou ao serviço da patria, e a quem devi os maiores beneficios.

José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú, commendador da Ordem de Christo, e official da do Cruzeiro, desembargador aposentado no supremo tribunal de justiça, e senador do imperio, nasceu na cidade da Bahia em 16 de Julho de 1756. Seu pai foi Henrique da Silva Lisboa, natural da cidade de Lisboa, de profissão architecto; e sua mãi, Helena Nunes de Jesus, natural da Bahia. Desde os seus mais tenros annos distinguiu-se pelo seu ardente amor ás letras, de maneira que entrou aos oito annos de idade para a grammatica latina, estudando depois philosophia racional e moral no convento dos frades carmelitanos da mencionada cidade, tendo aprendido musica e a tocar piano.

Concluidos estes estudos, seu pai o enviou para Lisboa, onde se applicou á rhetorica, na aula do insigne professor Pedro José da Fonseca, partindo em 1774, para a Universidade de Coimbra, afim de matricular-se nos cursos juridico e philosophico.

Tendo-se dado ao estudo das sagradas lettras, e ancioso de as ler nos originaes hebraico e grego, applicou-se a estas linguas com tal afinco, que em 1778, por opposição publica, e concurso dos candidatos, fazendo exame perante o presidente, que era o reitor e reformador da Universidade, o Sr. D. Francisco de Lemos,

bispo de Coimbra, foi nomeado, por carta academica, substituto das cadeiras d'aquellas linguas. Em 1779 tomou os gráos de bacharel formado em direito canonico e philosophico.

Voltando a Lisboa procurou entrar no serviço da magistratura; mas sendo-lhe necessario tornar para sua patria, obteve, em resolução de consulta da real mesa censoria, ser provido na cadeira de philosophia racional e moral da mencionada cidade da Bahia, onde creou tambem a cadeira de lingua grega, que exerceu por 5 annos, com o titulo de substituto até chegar o proprietario. Nesse tempo casou-se com D. Anna Benedicta de Figueiredo, senhora virtuosa, e dotada de grande penetração, de quem teve 14 filhos, dos quaes ainda vivem cinco.

Depois de ter ensinado, por vinte annos, com geral applauso, as materias proprias da sua cadeira, dirigio-se novamente a Lisboa em 1797, obtendo ser jubilado, e fazendo-lhe então o Principe Regente, depois o Sr. D. João VI, a mercê de deputado e secretario da Mesa da Inspecção da cidade da Bahia, logar que creou, e onde prestou os mais valiosos serviços á agricultura, e commercio da provincia.

Desde esse tempo começou a trabalhar na sua obra «Principios de direito mercantil» que publicou em Lisboa no anno de 1801 em oito tratados elementares. Esta obra, a primeira que se deu á luz na lingua portugueza sobre semelhante materia, e que fez conhecer os profundos conhecimentos do seu autor no direito civil, maritimo, e das gentes, adquiriu tanto credito e celebridade, que teve reimpressões em Lisboa, e até uma em Londres, sendo citada com louvor no fôro pelos mais habeis advogados.

Encantado com a leitura da obra, que o celebrado Adam Smith publicou em 1775, intitulada «Inquirição sobre a riqueza das Nações,» esforçou-se em propagar os principios por elle empregados sobre a franqueza da industria, abolição de monopolios, e especialmente sobre a liberdade de commercio. Para este fim deu á luz em Lisboa em 1804 os seus «Principios d'economia politica» que teve geral acceitação, e serviu de estimular aos estudiosos a applicarem-se a uma sciencia, que tanto contribue para a prosperidade e grandeza dos povos.

Os grilhões coloniaes, que pesavam sobre o Brazil, e embaraçavam o commercio estrangeiro, retardaram por longo tempo as esperanças, que Silva Lisboa nutria de ver em breve o seu paiz engrandecer-se, podendo livremente vender os seus variados productos a todas as nações.

A invasão de Portugal feita pelos Francezes no anno de 1807, que obrigou ao principe regente a passar para o Brazil, proporcionou uma occasião favoravel a Silva Lisboa, para fazer executar o que o seu ardente patriotismo e luzes aconselhavam a bem da sua patria. Aportando aquelle soberano á Bahia, Silva Lisboa aproveitou-se da amizade, que tinha com D. Fernando José de Portugal, depois marquez de Aguiar, para lhe indicar a necessidade de abrir os portos a todas as nações amigas da corôa de Portugal; e apezar da forte opposição, que então se fez, tal foi

a força dos seus argumentos, que aquelle fidalgo cedeu ás suas persuasões, e foz com que o principe regente publicasse a carta regia de 21 de Janeiro de 1808, que liberalisou aquelle maximo beneficio á nação.

Tão salutar medida, que ainda hoje nos salva no meio das crises politicas, que atormentam ao imperio, longe de ser apreciada no seu justo valor, mereceu pelo contrario a maior desapprovação da parte dos negociantes portuguezes; pois que, acostumados a terem unicamente communicação com as praças de Lisboa e Porto, não podiam soffrer idéa alguma de concurrencia; e por isso não se pouparam a esforços e diligencias, para que se revogasse a carta regia, que, segundo proclamavam, augmentava os males, que a nação soffria, e privava ao Estado das suas rendas; e não faltaram pessoas influentes, e até estadistas, que esposassem a causa dos ditos negociantes, os quaes seguramente haveriam alcançado o que desejavam, se Silva Lisboa, que havia acompanhado a el-rei, sendo nomeado professor de economia politica, não lançasse mão da penna, e em uma frase cheia de fogo, e em que se mostrava vastissima erudição, não pulverisasse os argumentos dos seus adversarios, dando á luz em 1808 as suas—Observações sobre o commercio franco—parte 1ª e 2ª, em que provou com o exemplo dos Estados-Unidos d'America quanto aquelle commercio contribuira para curar os males, que a guerra da independencia por sete annos havia produzido. E aqui seja-me permittido narrar um facto, que demonstra, quanto um homem illustrado, que procura destruir prejuizos populares, é exposto ás settas da calumnia e intriga. Certo censor tendo lido a citada obra, pôz á margem do exemplar as seguintes notas:—E' réo de Estado, merece pena capital—e outros termos d'esta natureza!

A creação do tribunal da junta do commercio, agricultura, fabricas, e navegação d'este Imperio, deu logar a que Silva Lisboa fosse nomeado deputado, sendo encarregado das mais difficeis commissões, e entre ellas a de apresentar um projecto do Codigo do Commercio, trabalho em que assiduamente se empregou, mas que não póde completar por causa do seu fallecimento. Tambem organisou o regimento para os nossos consules, que muito serviu para se concluir aquelle, que se acha hoje em execução.

Quando rebentou a revolução do Porto em 1820, e que o seu echo repercutiu em todo o Brazil, tendo-se visto o senhor rei dom João VI, na necessidade de jurar em 26 de Fevereiro de 1821 a Constituição, que as côrtes constituintes em Portugal fizessem, era tal o credito, de que gozava Silva Lisboa, que foi nomeado inspector dos estabelecimentos litterarios, emprego summamente espinhoso, pois que tinha de censurar todas as obras, que se publicassem; mas que elle satisfactoriamente desempenhou, não se esquecendo, no meio das suas graves occupações, de aconselhar a concordia e harmonia entre os cidadãos, publicando o jornal *Conciliador do Reino-Unido*.

Resolvendo o senhor D. João VI voltar para Portugal em Abril de 1821, deixou com sabedoria politica, como regente, a seu filho, o principe D. Pedro, pois que era claro a todas as luzes, que o Brazil só se poderia conservar unido áquelle reino, não perdendo nenhuma das vantagens, de que já estava de posse. Logo porém, que pelo decreto das côrtes constituintes se determinou a retirada do principe regente, a abolição dos tribunaes, e remessa de tropas para o Brazil, Silva Lisboa foi com os seus escriptos, principalmente com as suas—Reclamações—um dos mais estremosos antagonistas dos refalsados constitucionaes, e facciosos da cabala anti-Brazilica, procurando encaminhar o espirito publico, para resistir á arrogada supremacia metropolitana, e se defenderem os direitos do principe regente, conforme aos principios do verdadeiro liberalismo, sempre em justo meio entre os extremos do poder despotico o furor popular; expondo as vantagens da monarchia constitucional segundo os actuaes modelos de Inglaterra, França, e Hollanda, que tinham por si a experiencia dos seculos.

Estes principios foram por Silva Lisboa sempre energicamente sustentados, tanto na assembléa constituinte do Brazil, aonde foi deputado pela provincia da Bahia, como depois na qualidade de senador do imperio. Os seus emulos, apezar de se oppórem ás suas opiniões politicas, nunca deixaram de reconhecer o seu profundo saber, e de admirar a independencia e firmeza de caracter, com que Silva Lisboa sustentava a sua doutrina, como se manifestou em todas as circumstancias criticas, em que se tem achado a nação; especialmente quando na primeira fusão das camaras em 1830, elle, á semelhança do varão constante descripto por Horacio, desprezando todas as contemplações humanas, e só firme em cumprir com seus deveres, entrou com toda a coragem na discussão, sem que lhe incutisse o menor susto o aspecto aterrador, que apresentavam então os partidos. Existem impressos os seus discursos, em que se conhecem a eloquencia e energia com que sustentou os seus argumentos, sendo em verdade espantoso, que, em uma idade quasi octogenaria, apparecesse tanto calor e valentia de phrase.

Votado inteiramente ao bem da patria, procurou illustral-a com as continuadas obras, que foi dando successivamente á luz, a expensas proprias, sobre economia politica, religião, e moral, como consta da lista, que acompanha esta memoria. Estes escriptos mereceram o apreço e estimação das sociedades nacionaes e estrangeiras, que não duvidaram inscrevel-o no numero dos seus socios; a saber:—A Sociedade Promotora da Industria Nacional do Rio de Janeiro; da Agricultura da Bahia; a Philosophica de Philadelphia; d'Agricultura de Munich; da Propagação das Sciencias Industriaes; do Instituto Historico de França; e do Instituto Real para a propagação das Sciencias naturaes de Napoles.

Apezar de ser dotado de uma constituição robusta, comtudo, continuado estudo e trabalho principiaram a debilitar as

suas forças, e depois de uma prolongada molestia de tres mezes, falleceu aos 20 de Agosto de 1835, deixando a seus filhos o exemplo de um homem justo, e religioso, e aos seus concidadãos, o de um magistrado probo, e patriota genuino.

Rematarei esta memoria, transcrevendo tanto o decreto, pelo qual o governo imperial concedeu uma pensão ás filhas de Silva Lisboa, como a resolução d'Assembléa provincial da Bahia, ordenando que se collocasse na Bibliotheca Publica o seu retrato, emquanto não se fizesse o seu busto. Estes documentos são monumentos erectos á memoria de Silva Lisboa, mais duradouros do que o bronze.

Monumentum ære perennius

DECRETO

O regente interino em nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, tomando na devida consideração os distinctos e mui importantes serviços do visconde de Cayrú, prestados pelo longo espaço de cincoenta e sete annos, não só na simples carreira de empregado publico, bem como na magistratura em alguns tribunaes, e no de muitos outros cargos e empregos, em todos os quaes fez conhecer e admirar a sua vastidão de conhecimentos, que tornaram distincto e até respeitavel o seu nome entre as nações estrangeiras; e sendo não menos attendiveis os seus serviços, como escriptor publico e incansavel, em cujos trabalhos não cessou jamais de propagar as suas luminosas idéas com utilidade publica, e de propugnar por meio da penna e da tribuna pela dignidade e honra nacional, e pelo respeito á Constituição e ao throno, que sempre soube sustentar: em consideração pois de tão prestantes e valiosos serviços, que constituiram ao dito visconde um dos varões benemeritos em sublime grão, e um dos sabios mais respeitaveis da época actual, cuja memoria será indelevel para os vindouros: Ha por bem conceder ás suas tres filhas D. Joanna da Silva Lisboa, D. Eufrosina da Silva Lisboa, e D. Izabel da Silva Lisboa, a pensão annual de um conto e quinhentos mil réis repartidamente, em plena remuneração dos seus serviços: ficando porém esta mercê dependente da approvação da assembléa geral. Bernardo Pereira de Vasconcellos, ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça, encarregado interinamente dos do imperio, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 9 de Maio de 1838, decimo setimo da Independencia e do Imperio.—Pedro de Araujo Lima.—Bernardo Pereira de Vasconcellos.

RESOLUÇÃO D'ASSEMBLÉA PROVINCIAL DA BAHIA

Francisco de Souza Paraiso, presidente da provincia da Bahia. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa

Legislativa Provincial decretou, e eu sanccionei a lei seguinte:

Art. 1.º O governo da provincia fará collocar no salão da Bibliotheca Publica d'esta cidade o retrato do visconde de Cayrú, tendo por inscripção o seu nome, e o logar do seu nascimento.

Art. 2.º A disposição do artigo antecedente terá vigor, emquanto não houver um busto de metal ou de bronze.

Art. 3.º Ficam sem effeito quaesquer disposições em contrario.

Mando &c. Palacio do governo da Bahia, 13 de Março de 1837, decimo sexto da Independencia e do Imperio.— *Francisco de Souza Paraiso.*

LISTA DAS OBRAS DO VISCONDE DE CAYRU'

1. Principios de Direito Mercantil em 1801
2. Ditos de Economia Publica. 1804
3. Observações sobre o commercio franco no Brazil . . 1808
4. Discurso sobre a franqueza do Commercio de Buenos-Ayres, traduzido do Hespanhol 1810
5. Observações sobre a franqueza da Industria e Fabricas no Brazil. 1810
6. Prosperidade do Brazil pelos principios liberaes da Nova Legislação 1811
7. Ensaio sobre o estabelecimento de Bancos 1811
8. Memoria contra o Monopolio da Companhia dos vinhos do Alto Douro 1811
9. Extractos de Edmundo Burke, traduzidos do inglez . 1812
10. Memoria da Vida Politica de Lord Wellington. . . 1815
11. Memoria dos Beneficios Politicos de El-Rei D. João VI, com synopse da sua Legislação 1818
12. Estudos do Bem-Commum e Economia Politica . . 1820
13. Selecta de Pensamentos do Padre Vieira. 1820
14. Conciliador do Reino-Unido. 1821
15. Reclamações do Brazil 1822
16. Causa do Brazil 1822
17. Imperio do Brazil. 1822
18. Roteiro do Brazil. 1822
19. Atalaia. 1823
20. Constituição Moral ou Deveres do Cidadão. . . . 1825
21. Escola Brazileira. 1827
22. Leituras de Economia Politica. 1827
23. Causa da Religião e Disciplina Ecclesiastica do Celibato Clerical 1828
24. Historia dos Principaes Successos Politicos do Brazil. 1829
25. Cartilha da Escola Brazileira 1831
26. Manual de Politica Orthodoxa. 1832
27. Arte de Reinar 1832

Além d'estas obras, deu varios artigos para jornaes, e outros impressos de menor consideração.

Ao Exmo. Sr. Visconde de Cayrú

ODE (*).

Ardua per præceps gloria vadit Iter
Ovid.

Generosa virtude,
Sobre o cimo de rocha alcantilada,
Lidando noite e dia,
O Templo edificou da immortal Gloria.
Pela encosta difficil
Sobe ingreme vereda pedregosa
Ao Portico soberbo,
Que falge com formosas esmeraldas:
Em torno á crespa borda
Assustam pendurados precipicios...
Ah! e quanta sapiencia
Se exige em peito humano, que ousa nobre
Galgar da rocha o cume!
Quantos, quantos se abysmam, que nem deixam
Si quer Icaria fama!
Ditoso, o que anhelando vêr da Deusa
O nitido semblante,
Em ti os olhos põe, fiel te segue,
Clarissimo Visconde,
Quando no Arcopago Brazileiro
Fulminantes verdades
Despreades de teus labios, combatendo
Insidiosos projectos;
Ou quando a pluma valida manejas,
Qual a de Hercules clava,
Illesos sustentando os Sacros Foros
Da Catholica Igreja
Contra as da impiedade horriveis Furias,
Que de raiva se mordem,
As viperias melenas arrancando.
D'esta sorte caminhas,
Denodado Cayrú, ao Templo Augusto,
Com animo tranquillo,
A planta firme, os olhos sempre fitos
No fucho luminoso
Da portentosa Torre, que entre as nuvens
E cende a excelsa grimpa,
E descobre os sem-fins da Eternidade.

(*) Improvisada no Senado pelo Senador Marquez de Paranaguá, por occasião de ahi fazer um energico discurso o Senador Visconde de Cayrú.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

15ª SESSÃO EM 15 DE JUNHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente.—O Sr. Athaide Moncorvo offereceu para a Bibliotheca do Instituto os Relatorios lidos na Assembléa Geral Legislativa pelos Exmos. Srs. Ministros no corrente anno de 1839.

Fez-se leitura de varias propostas para socios correspondentes.

16ª SESSÃO EM 28 DE JUNHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente.—O 2º secretario fez leitura de uma carta do Sr. Manoel Ferreira Lagos, na qual participava aceitar a nomeação de membro correspondente do Instituto; bem como communicou terem participado verbalmente aceitar a mesma nomeação os Srs. José Antonio Pimenta Bueno, Antonio Navarro de Abreu, e José Bernardes de Loyola; e a de membro effectivo, o Exmo. Sr. Jacintho Roque de Senna Pereira. O mesmo 2º secretario offereceu, da parte do Sr. Paulo Barbosa, para a Bibliotheca do Instituto, um manuscripto em francez com o seguinte titulo — Remarques sur la culture de l'Empire du Brésil — o qual foi remettido á commissão de Historia; e da parte do Exmo. Sr. Balthasar da Silva Lisboa, um pequeno e interessante volume de estampas coloridas representando os uniformes militares do Rio de Janeiro em 1782, acompanhadas de alguns quadros estatisticos de diversos corpos militares.—Foi recebido com especial agrado.

O Sr. Mariz Sarmento offereceu tambem algumas collecções das obras do D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho. — Foi recebida com especial agrado.

Leram-se varias propostas para membros correspondentes do Instituto.

O Sr. desembargador Pontes, depois de mostrar a urgente necessidade que havia de se nomear um membro supra-numerario para a Commissão de Historia, fez neste sentido uma proposta, que foi approvada: e passando-se á nomeação do socio que devia occupar tal logar, sahiu eleito o Illmo. Sr. desembargador Gustavo Adolfo d'Aguilar Pantoja.

Ordem do dia.—Quaes são as causas da espantosa extincção das familias indigenas, que habitavam as provincias littoraes do Brazil? Si entre estas causas se deve numerar a expulsão dos jesuitas, que pareciam melhor saber o systema de civilisar os Indigenas? — Não havendo mais quem pedisse a palavra sobre tal ponto, e julgando-se a materia discutida, tirou-se por sorte, para servir de ordem do dia da seguinte sessão o seguinte ponto:— Marcar as diversas épocas da creação das capitanias geraes do Brazil; da fundação dos seus bispados, das suas relações. — Quaes os seus capitães generaes, os seus bispos, e o estabelecimento dos seus missionarios, tanto jesuitas, como carmelitas, ou de outras ordens religiosas, nas diversas provincias.

17ª SESSÃO EM 13 DE JULHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — Fez-se leitura das cartas dos Srs. Francisco da Silva Lopes, Marcos Antonio d'Araujo, e Dr. Candido Borges Monteiro, nas quaes participavam que aceitavam a nomeação de membros correspondentes; e participou verbalmente aceitar a mesma nomeação o Exmo. Sr. Cassiano Speridião de Mello e Mattos.

Fez-se leitura de uma carta do socio correspondente, residente na Bahia, o Sr. Ignacio Accioli de Siqueira, na qual participava ao Instituto, que tinha obtido o consentimento dos Religiosos do Convento de S. Francisco d'aquella cidade, para a impressão da 2ª parte da Chronica de Jaboatão, sem nenhum outro interesse que o de dous exemplares para a sua livraria, exigindo elles tambem do mesmo Sr. o referido manuscripto, o qual se achava em seu poder, afim de lhe fazer algumas notas o Padre Mestre Fr. Assis, religioso de bastante instrucção; igualmente participava, que esperava as ultimas ordens do Instituto, para esse fim, offerecendo-se a tomar a seu cargo a correcção da impressão, quando assim se resolvesse.

A Carta foi remettida á Commissão de Historia para esta dar o seu parecer a respeito.

Fez-se leitura d'uma carta escripta da provincia de Minas pelo Sr. Dr. Lund, acompanhada d'um folheto, tendo por titulo — Mémoire sur la découverte de l'Amérique au dixième siècle, par Charles Rafn. — Esta interessante memoria é um extracto d'uma bella e volumosa obra, publicada pela Socied de Real dos Antiquarios do Norte, debaixo do titulo de — Antiquitates Americanæ.— Na mesma carta pede o Sr. Dr. Lund ao Instituto haja de abrir correspondencia com a mencionada Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, estabelecida em Copenhagen. — A offerta foi recebida com especial agrado, e o Instituto deliberou que se escrevesse ao Sr. Dr. Lund, agradecendo-lhe o interesse

que tomava por sua prosperidade, e que se abrisse a correspondencia pedida com a Sociedade dos Antiquarios do Norte.

O Sr. Mariz Sarmento offereceu para a Bibliotheca do Instituto as seguintes obras: 1° Instrucções dadas pela côrte de Roma a Mgr. Girolamo Capodiferro, e Mgr. Lippomano, Nuncios em Portugal; 2° Correspondencia sostenida entre el Exmo. Gobierno de Buenos-Ayres, y el Sr. D. Juan B. Nicolson; 3° Manisfeste sur l'infamie, la trahison et la perfidie employées par le contre amiral français Mr. Leblanc.

O Sr. Athayde Moncorvo offereceu tambem para a Bibliotheca do Instituto alguns relatorios lidos na Camara dos Deputados pelos Exmos. Srs. Ministros nos annos anteriores.

Todas estas obras foram recebidas com especial agrado.

O Sr. conego Cunha Barbosa propoz para socios Honorarios do Instituto os Exmos. Srs. principe de Cariati, principe de Scilla, conde de Camaldoli, e cavalleiro Theodori Monticelli, residentes em Napoles, e o Sr. Dr. Lund, residente na Lagôa Santa, em Minas Geraes. — Foram approvados.

Igualmente o Dr. Maia propoz que se passasse para a mesma classe o Illmo. Sr. Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, socio correspondente, residente no Porto. — Foi approvado.

Fez-se leitura d'uma proposta para socio correspondente.

O Illmo. Sr. Aureliano, como membro da commissão nomeada para dar seu parecer sobre uma proposta do Sr. Rebello, na qual pedia, que se fizesse um requerimento ao governo, afim d'elle enviar um addido ás nossas legações em Hespanha e Portugal, para ali copiar os importantes manuscriptos que existam relativos ao Brazil, enviou á mesa a norma d'um requerimento, no qual se pedia isso ao governo imperial, requerendo igualmente a gratificação de um conto e duzentos mil réis annuaes para o dito addido. — O requerimento foi approvado com uma emenda do Sr. Mello Mattos, na qual propunha que se deixasse ao arbitrio do governo marcar a gratificação, que se devia dar ao dito addido, no caso d'elle annuir ao pedido.

O Sr. desembargador Pontes, como relator da commissão de Historia, fez leitura dos tres seguintes pareceres da mesma commissão:

1° Sobre a memoria escripta em francez, tendo por titulo — *Remarques sur la culture de l'empire du Brésil*, — pelo Sr. Francisco Xavier Ackerman. Como autor d'esta memoria, além de algumas noções geraes ácerca da população, e da agricultura do Brazil, tomou por assumpto principal demonstrar qual o methodo que no seu entender se deve seguir para a introducção de colonos Europêos nesta parte da America, e quaes os preceitos, que se devem pôr aos colonos depois de introduzidos; a commissão foi de parecer, que nenhum juizo tinha a interpôr sobre a memoria, visto que todos os indicados objectos estão fóra da alçada da mesma commissão.

Pedindo-se urgencia, entrou em discussão e foi approvado este parecer da commissão; e deliberou o Instituto que se

remettesse a mencionada memoria á Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

2º Sobre a memoria intitulada — *Descripção da Provincia de Santa Catharina*, por ***, escripta na cidade do Desterro no anno de 1824, e juntamente a carta que acompanhou a mesma memoria, dirigida pelo nosso socio residente em Santos o Sr. Claudio Luiz da Costa, ao 2º Secretario do Instituto. — A commissão foi de parecer que se agradecesse ao Sr. Claudio a remessa da memoria e as informações constantes da sua carta, convidando-o a que não cesse de prestar-nos a sua valiosa cooperação; e que copias da memoria, da carta, e do parecer fossem enviadas ao Sr. José da Silva Mafra, residente na cidade do Desterro, rogando-lhe em nome do Instituto, que se dignasse fazer á memoria as annotações convenientes, para que por ella se possa obter cabal conhecimento do estado actual da provincia de Santa Catharina, e da sua historia.

Entrou em discussão o parecer supra, e foi approvado com a seguinte emenda do Sr. conego Cunha Barbosa: — Que em logar de ser enviada ao Sr. Mafra, a memoria e a carta fossem enviadas ao Sr. Diogo Duarte Silva, visto não haver necessidade do Instituto fazer despeza com a copia d'ellas, e correr risco de se extraviarem os originaes na viagem.

3.º Sobre a memoria do Sr. José Silvestre Rebello, tendo por assumpto o desenvolvimento do seguinte programma: «Quaes sejam as causas da espantosa extincção das familias indigenas, que habitavam as provincias littoraes do Brazil, e se entre essas causas se deve numerar a expulsão dos jesuitas, que pareciam melhor saber o systema de civilisar os indigenas.» A commissão declarou que estava longe de concordar com todas as proposições emittidas na memoria, deixando a explicação de suas ideas a respeito para a discussão verbal do parecer, limitando-se a indicar que a memoria fosse enviada á commissão encarregada da redacção do periodico do Instituto, afim de aproveitar da indicada memoria o que julgar conveniente, quando tratar da materia indicada no sobredito programma.

Este parecer ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

18ª SESSÃO EM 29 DE JULHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — Foi-se leitura de duas cartas, uma do Sr. Daniel Pedro Muller, e outra do Sr. Dr. Francisco José Ferreira Baptista, participando o primeiro aceitar a nomeação de socio honorario, e o segundo a de membro correspondente: bem como o 2º secretario communicou ao Instituto terem participado verbalmente aceitar tambem o titulo de socios correspondentes os Srs. José Marques Lisboa, José Bernardes de Figueiredo, e Antonio Menezes de Vasconcellos Drummond.

Fez-se tambem leitura d'uma carta escripta da Bahia pelo Sr. Ladislão dos Santos Titára, acompanhada de dous volumes, offertados pelo mesmo Sr. para a Bibliotheca do Instituto, cujos volumes vem a ser: o 4º e 5º de suas poezias, contendo o poema epico — *Paraguassú*; — igualmente participava, que não enviava juntamente os tres primeiros tomos de suas poezias, por não os ter na occasião, mas que tão depressa os obtivesse, seria prompto em remettel-os. — Foi recebido com especial agrado.

Leu-se depois uma carta escripta do Pará pelo Sr. Antonio Ladislão Monteiro Baena, na qual offertava para a Bibliotheca do Instituto o seu — *Compendio das éras da Provincia do Pará* — Foi recebido com especial agrado.

Fez-se igualmente leitura d'uma carta escripta da Ilha de Paquetá pelo Sr. Thomaz José Pinto de Cerqueira, na qual fazia sciente ao instituto, que tendo um vizinho seu, na dita Ilha, de fincar uma estaca, encontrára alguma resistencia, e que cavando para ver o que era, encontrára um pote, a dous palmos da superficie da terra, e dentro d'elle ossos humanos. Ignorante, de nada fez caso, e continuou a enterrar a estaca, quebrando todo o vaso. Sabendo elle então de tal facto, foi ao logar, e fez desenterrar o dito pote já quebrado. Juntamente com a sua carta enviou o mesmo Sr. alguns fragmentos do mencionado vaso, e diversos ossos pertencentes a corpo humano. — Foi recebido com especial agrado, e o Instituto foi de parecer que se remettesse tudo ao Revmo. Sr. Fr. Custodio, director do Muzeu, e se agradecesse ao Sr. Cerqueira a sua remessa.

O Sr. José Silvestre Rebello propôz para membro honorario do Instituto o principe Maximiano de Wied-Neuwied. — Foi approvado.

Fez-se leitura de varias propostas para socios correspondentes.

Foi approvado o parecer da commissão de Historia, que tinha ficado sobre a mesa na sessão anterior.

Ordem do dia. — O Sr. conego Januario participou ao Instituto ter dado principio a um trabalho ácerca do objecto sobre que ella versava, e que não o apresentava, por não se achar ainda concluido; pedia tambem que se reservasse a mesma ordem do dia para a sessão seguinte, pois constava-lhe, que um dos mais eruditos membros do Instituto tinha entre mãos um trabalho a tal respeito, e que tencionava apresental-o na sessão seguinte. Foi approvado.

19ª SESSÃO EM 10 DE AGOSTO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — O 2º secretario fez leitura das cartas dos Srs. Manoel Felizardo de Souza e Mello, e visconde de Itabaiana, nas quaes participavam acceitar a nomeação de socios correspondentes; e igualmente participou, que lhe tinham

communicado verbalmente, que acceitavam a mesma nomeação os Srs. Luiz Aleixo Boulanger, e Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Foram offerecidas para a Bibliotheca do Instituto as seguintes obras, as quaes foram recebidas com especial agrado: Pelo Ex^mo. Sr. presidente, da parte do Sr. Furey, os quatro primeiros numeros da *Revue Française*, jornal publicado n'esta côrte. Pelo Sr. Porto-Alegre, da parte do Sr. D. Carlos Zucchi, as seguintes obras: *1° Memoria elevada al supremo Gobierno de Buenos-Ayres por D. Carlos Zucchi, al presentar el proyecto de hospital general para ambos sexos; 2° Memoria elevada por la comision topographica al supremo gobierno de la Republica Oriental del Uruguay.*— O Ex^mo. Sr. presidente do Maranhão offereceu o seu Discurso pronunciado na occasião da abertura da Assembléa Provincial; e o Dr. Maia offereceu um catalogo manuscripto de todas as obras publicadas pelo fallecido visconde de Cayrú.

Fez-se leitura de uma proposta para socio correspondente.

O Sr. desembargador Pontes fez leitura d'uma carta, que lhe foi dirigida de Minas pelo socio correspondente o Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes, na qual este illustre socio participa, que se acha na diligencia de descobrir o roteiro, que, por determinação do Instituto, foi incumbido de procurar, accrescentando que com esse roteiro, ou com as noticias que a respeito d'elle possa obter, fará uma primeira remessa, que deve constar: 1° d'uma collecção de numeros do antigo periodico mineiro *Abelha*, contendo noticia dos usos, leis, e costumes dos Botocudos, e outros Indios da provincia de Minas; 2° da collecção de Provisões, Ordens, e Instrucções da Junta Militar da Conquista e civilisação dos Indios, e de outros empregados nesta repartição, extrahida do livro do registo da 3ª divisão do Rio-Doce; 3° da collecção de representações do director geral a favor dos Indios, das instrucções que deu aos sub-directores, dos officios que dirigiu ao governo provincial sobre o progresso dos aldeamentos, e pacificação dos indigenas, e finalmente das respostas que deu aos quesitos do governo, extrahido tudo dos registos do mesmo director geral o cavalleiro Guido Thomaz Marlière.—Declara tambem na carta o mesmo socio, que tem entre mãos diversos outros trabalhos litterarios, que menciona, como são viagens, memorias geographicas, e mappas. —A' vista de tudo, deliberou o Instituto, por indicação do Sr. desembargador Pontes, que o Sr. 1° secretario, encarregado da correspondencia, participasse ao Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes, que o Instituto ouviu com particular satisfação a leitura da mencionada carta, e que dará o devido apreço, não só ás producções, que devem constituir a primeira remessa, mas tambem a quaesquer outras de igual interesse, e com especialidade as que sahirem da penna do mesmo senhor.

O mesmo Sr. desembargador Pontes, como relator da commissão de Historia, leu depois o seguinte parecer ácerca da carta dirigida da Bahia pelo socio correspondente o Sr. Ignacio

Accioli de Siqueira, sobre a parte não impressa da Chronica do Jaboatão:—A commissão vê da dita carta que os religiosos de S. Francisco, possuidores d'esse precioso manuscripto, resolveram cedê-lo ao Instituto, para ser impresso naquella cidade, sob condição de serem offerecidos dous exemplares para a bibliotheca do convento; impressão, cujo trabalho o mesmo Sr. Siqueira espontaneamente se obriga a dirigir, movido sem duvida por zelo igual ao que o levou a entabolar esta negociação, antes de lhe ser officialmente communicada a deliberação tomada na sessão de 4 de Fevereiro p. p. Considerando porém a commissão, que a falta de edições tem tornado mui rara a parte da chronica até hoje publicada, e persuadida de que o Instituto faria uma obra completa, se, mandando reimprimir a primeira parte, désse á luz a parte inedita, confessa todavia que se acha duvidosa ácerca do alvitre que deve propôr, visto ignorar a mesma commissão que despeza se fará na cidade da Bahia, ou nesta do Rio de Janeiro com a publicação de toda, ou sómente da parte não impressa da Chronica, assim como ignora tambem quaes os fundos disponiveis para fazer face a taes despezas. Requer portanto a commissão que lhe sejam ministradas as necessarias informações a respeito, para que possa emittir o seu voto com pleno e cabal conhecimento de causa.

Pedindo-se urgencia, foi approvado este parecer, e o Instituto determinou que se escrevesse ao Sr. Accioli, exigindo informações sobre a impressão, e copia do manuscripto.

Foram approvadas, como pontos que devem servir para discussão, as seguintes questões, propostas pelo Sr. desembargador Pontes:

1.° Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior numero possivel de documentos relativos á historia e geographia do Brazil?

2.° Se os escravos no Brazil são tratados com maior, ou menor cuidado e humanidade do que nos outros paizes, que tem escravos?

3.° Quaes os effeitos immediatos, e essencialmente ligados á mudança da côrte de Portugal para o Brazil?

4.° Se para a civilisação do paiz tem resultado alguma vantagem da introducção d'estrangeiros como exploradores das minas de ouro?

5.° Quaes os primeiros Americanos, que intentaram obter a independencia do seu paiz?

6.° A que classes da sociedade pertencia, geralmente fallando, o maior numero dos primeiros povoadores Portuguezes do Brazil, e que influencia exerceram nos costumes dos seus descendentes os costumes d'esses primeiros povoadores?

Ordem do dia.— O 1° secretario apresentou á 1ª parte d'um trabalho versando sobre ella, remettido pelo illustre socio honorario o Ex^mo. Sr. conselheiro Balthazar da Silva Lisboa. Foi recebida com especial agrado, e remettida á commissão de Historia.

20ª SESSÃO EM 24 DE AGOSTO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Fez-se leitura das cartas dos Srs. Sergio Teixeira de Macedo, residente em Roma; José d'Araujo Ribeiro, residente em Paris; e Pedro Angelis, residente em Buenos-Ayres, nas quaes participavam aceitar a nomeação de socios correspondentes; e participou verbalmente que aceitava a mesma nomeação o Rev. Sr. Narciso da Silva Nepomuceno.

Fez-se tambem leitura d'uma carta do Sr. Diogo Duarte Silva, em resposta a outra que lhe foi enviada juntamente com uma memoria sobre a provincia de Santa Catharina, afim de fazer-lhe as annotações e correcções que julgasse convenientes, e outrosim accrescentar-lhe os factos ali occorridos depois do anno de 1824. — Fez sciente ao Instituto o nosso socio, que passando a examinar aquella memoria, procurou, quanto lhe era possivel, melhorar um trabalho que lhe pareceu incompleto, e cheio de inexactidões; porém, que á proporção que adiantava as suas observações, foi conhecendo que d'esta arte mal corresponderia ao fim do Instituto, e que melhormente desempenharia a sua confiança apresentando-lhe uma obra original, e tão completa quanto lhe permittissem suas forças; em consequencia do que, levou mão do trabalho, e propõe-se a offerecer á consideração do Instituto uma memoria que, ainda falta de todo o merito scientifico, alguma cousa mereça pela sua exactidão. — O Instituto ouviu com summo prazer a leitura da carta do Sr. Duarte Silva, e foi de parecer que o Sr. 1º secretario escrevesse ao mesmo, em nome do Instituto, participando-lhe que ancioso esperava pela remessa de sua memoria, agradecendo-lhe igualmente o interesse que tomava pela prosperidade de tão util associação.

O Dr. Maia offereceu, da parte do Sr. Francisco de Paula Brito, para a bibliotheca do Instituto, dous exemplares do «Elogio Academico» da Senhora D. Maria Primeira, recitado por José Bonifacio de Andrada e Silva, e o 1º e 2º numeros da *Revue Brésilienne*. — O Sr. Athaide Moncorvo offereceu o relatorio do estado dos tres pios estabelecimentos da Santa Casa da Misericordia, pelo provedor o Sr. José Clemente Pereira: — e o Ex^mo Sr. presidente offereceu tambem os seus — *Annaes da Provincia de S. Pedro do Sul*. — Todas estas obras foram recebidas com especial agrado.

O Sr. Bento da Silva Lisboa informou ao Instituto que o governo imperial tinha annuido ao requerimento em que se pedia que enviasse um addido ás legações brazileiras em Hespanha e Portugal, afim d'ali copiar os manuscriptos que existam relativos ao Brazil. O Instituto recebeu com nimio prazer esta noticia, e nomeou uma commissão especial composta dos Srs. Bento da Silva Lisboa e Athaide Moncorvo, para apresentarem em sessão as instrucções que se devem dar ao dito addido.

O Sr. desembargador Pontes fez as seguintes propostas:

1ª Proponho, que o Instituto mande assignar para a publicação de um inedito, que tem por titulo—*Diario do que fez a armada que em 1530 navegou para a terra do Brazil*. Foi approvada, e o Instituto resolveu que se assignassem dois exemplares da dita obra.

2ª Proponho que de parte do Instituto se escreva ao socio correspondente o Sr. Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, ora residente nesta côrte, para que usando das relações que tem com o Sr. Le Coq, residente em Montevidéo, indague debaixo de que condições quererá este ceder ao Instituto o mappa e documentos relativos á demarcação do Rio Grande do Sul, dos quaes consta que é possuidor. — Foi approvada.

3ª Proponho, que por conta do Instituto se mande comprar a obra ultimamente publicada nesta côrte com o titulo de *Noticia descriptiva da Provincia do Rio Grande do Sul*, por Nicolão Drys — e que se remetta á commissão de Geographia para dar o seu parecer a respeito. — Foi approvada.

O Sr. Bento da Silva Lisboa fez leitura d'uma memoria biographica sobre a vida do seu fallecido pai o Sr. visconde de Cayrú. — Foi ouvida com summa attenção, e o Instituto determinou que ella fosse publicada no 3º numero da *Revista trimensal*.

O Sr. desembargador Pontes propôz que o Instituto mandasse fazer o busto do Sr. visconde de Cayrú, para ser collocado na sala de suas sessões. — Foi approvado, e então o Sr. Lisboa offereceu-se para fornecer o retrato pelo qual se deve executar o dito busto; bem como o Sr. Porto-Alegre offereceu-se igualmente para lithographar o dito retrato. — Foi recebido com especial agrado.

O Sr. conego Cunha Barbosa pediu que se mandasse vir de Angola o retrato do Salvador Corrêa de Sá e Benevides. — Foi approvado, e o Instituto foi de parecer que se escrevesse ao nosso socio o Ill^mo. Sr. Dr. Euzebio de Queirós Coitinho Mattoso Camara, afim do mesmo senhor mandá-lo vir, visto as relações que tem para aquelle reino.

Propôz o mesmo Sr. conego Cunha Barbosa, que se mande cunhar uma medalha afim de eternisar a creação do Instituto, para o que se deverá abrir uma subscripção. Pediu ao Instituto que approvasse tão sómente a idéa, deixando a seu cargo a subscripção. — Foi approvado.

Propôz igualmente, que attendendo á assiduidade, e serviços prestados ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Manuel Ferreira Lagos, se passasse o mesmo para a classe de socio effectivo, visto haver vaga. — Foi approvado.

Ordem do dia. — O 2º secretario apresentou a 2ª parte do trabalho do Ex^mo Sr. Balthazar da Silva Lisboa, ácerca do programma sob que ella versava, cujo trabalho foi remettido á commissão de Historia.

Tirou-se por sorte para entrar em discussão, como ordem do dia da sessão seguinte, este ponto: — Qual seria hoje o

melhor systema de colonisar os Indios entranhados em nossos sertões; — se convirla seguir o systema dos Jesuitas, fundamentado principalmente na propagação do christianismo, ou se outro, do qual se esperem melhores resultados, do que os actuaes.

21ª SESSÃO EM 10 DE SETEMBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. —Fez-se leitura de uma carta do Sr. Miguel Ferreira Tavares, na qual participava aceitar a nomeação de socio correspondente.

Foram offerecidas para a bibliotheca do Instituto as seguintes obras: pelo Sr. conego Januario, da parte do Sr. Bueno, os tres seguintes manuscriptos: 1º Memoria geographica e militar sobre a fronteira de Cuyabá e Matto Grosso, pelo sargento-mór de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra; 2º Relação das diversas nações de indios, que habitam a prelazia de Cuyabá e Matto Grosso; 3º Reflexões sobre a capitania de Matto Grosso em 1792; e da parte do R^mo Sr. vigario de Jacarépaguá, a historia da Independencia d'America, por Botta. — Foram recebidas com especial agrado.

O Sr. Moncorvo offereceu da parte de um socio correspondente uma Memoria manuscripta com o seguinte titulo — *Trait historique de la guerre de l'Indépendance des Etats-Unis*. — Foi remettida á commissão de historia.

O Dr. Maia propôz para socio honorario do Instituto o Ex.mo Sr. Manuel Antonio Galvão. — Foi approvado.

O Sr. conego Januario propôz que se remettesse á commissão de historia as duas seguintes obras: *Annaes da provincia de S. Pedro do Sul*, e *Compendio das éras da provincia do Pará*, afim da mesma commissão dar o seu parecer sobre o merito das ditas obras. — Foi approvado.

O Sr. Bento da Silva Lisboa fez leitura das instrucções que se devem enviar ao addito encarregado de copiar os manuscriptos existentes em Hespanha e Portugal, que possam interessar á historia e geographia do Brazil; cujas instrucções foram acompanhadas de uma relação de alguns manuscriptos interessantes, que consta existirem nas bibliothecas dos ditos reinos, e que merecem ser copiados. — Foram approvadas.

22ª SESSÃO EM 21 DE SETEMBRO DE 1839.

PRESIDENCIA DO EX^mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

Expediente. — O 2º. secretario fez leitura das cartas dos Srs. João José da Cunha Bastos Estrella, e Francisco de Paula Almeida e Albuquerque, nas quaes participavam aceitar a nomeação de membros correspondentes.

O Ex^mo Sr. presidente offertou para o Instituto um bello

mappa da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Foi recebido com especial agrado, bem como as seguintes obras offerecidas para a bibliotheca do Instituto: pelo Sr. conego Cunha Barbosa: a *Memoria historica sobre as obras do real mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha, por D. Fr. Francisco de S. Luiz*, e a *Revieë Financiel, statistical, & commercial of the empire of Brazil, and its resources, by J. J. Sturz*; igualmente offereceu da parte do Sr. José Manuel do Rosario: *L'Europe et ses colonies, en décembre* 1819, 2º vol.; da parte do Sr. Francisco das Chagas Ribeiro: a *Nova Luzitania*, historia da guerra brazilica, escripta por Francisco de BritoFreyre; e da parte do Sr. Manuel José Pires da Silva Pontes: uma collecção de numeros do periodico *Abelha do Itaculumy*, contendo correspondencias e artigos do cavalheiro Guido Thomaz Marlière, commandante das divisões do Rio Doce, e director geral dos indios na provincia de Minas; e uma Selecção de provisões, ordens, e instrucções da junta militar da conquista e civilisação dos indios da provincia de Minas Geraes, e de outros empregados, extrahida do livro de registos das ordens superiores dirigidas ao alferes commandante da 3ª divisão do Rio Doce.

O Sr. conego Januario fez leitura de uma carta do nosso digno socio o Sr. Manuel José Pires da Silva Pontes, acompanhada de um extracto da viagem feita pelo mesmo Sr. á provincia do Espirito Sancto, na qual se acham consignadas algumas noticias analogas á existencia de antigas povoações e riquezas subterraneas no deserto, que separa a provincia de Minas e o litoral. Na mesma carta faz igualmente sciente ao Instituto o mesmo Sr., que não contente com estas noções, tem solicitado noticias de uma Bandeira (*) que no principio d'este seculo se organisou com homens do termo de Marianna, para explorações na serra da Flecheira e no rio Pomba, bem como o transumpto do roteiro e caravana achincalhados pelo padre Silverio da Paraopeba; e que apenas conseguir estes monumentos, será prompto em communica-los ao Instituto.

Foi ouvida com summo prazer a leitura da carta do Sr. Pires Pontes, bem como o extracto da sua viagem.

O mesmo Sr. conego participou ao instituto que tinha enviado ao nosso socio versado em linguas orientaes o Sr. Roch Schüch, uma copia da Memoria encontrada na bibliotheca publica d'esta côrte, e que trata de uma antiga povoação abandonada, descoberta em um dos sertões d'America Meridional, afim de ver se o mesmo Sr, decifrando as inscripções encontradas sobre lages dos edificios da dita povoação, poderia esclarecer tão importante objecto: e fez igualmente leitura da seguinte carta enviada em resposta pelo Sr. R. Schüch:

« Em resposta á sua nota, com uma memoria e inscripções inclusas, tenho a fazer sciente a V. Sª., que pela com-

(*) Dá-se em Minas Geraes o nome de Bandeira a uma reunião de individuos, que voluntariamente se ajuntam, afim de explorar os sertões ainda não conhecidos.

paração de inscripções, que se acham na Encyclopedia methodica, nas viagens de Olaffens pela Islandia, e na obra moderna intitulada *Antiquitates Americanæ*, achei duas ou tres letras que se assemelham ás da ponta da Gavia, e tem alguma probabilidade de pertencerem aos Runos. O alphabeto runico antigo, que remonta a uma época muito anterior a nossa éra, tem como o dos Phenicios dezeseis caracteres, assemelhando-se não somente entre si, mas tambem ao grego e ao latino : as inscripções parecem pertencer a tempos mais modernos, e provavelmente são runicas. Que a America, e talvez tambem a costa do Brazil, era já conhecida aos habitantes da Scandinavia no seculo X, resulta de noticias historicas. Em Dinamarca vive o celebre esculptor Thorwaldsen, cujos avós nasceram ha oitocentos annos em America, e tambem na Islandia ha muitos habitantes, que derivam de pessoas nascidas na America antes de Colombo. As inscripções nos rochedos da costa da Norwega, e da America septentrional attestam a existencia dos Runos nas ditas paragens ; e além d'isto o dualismo dos indios manáos, na provincia do Pará, que tanto se parece com o dualismo dos povos antigos da Scandicavia, faz esta supposição ainda mais provavel.

« Para decifrar estas inscripções julgo será mister junta-las todas, e remettê-las para qualquer cidade onde exista um maior fundo de inscripções, e pessoas que se entreguem particularmente ao estudo das antiguidades.

« Constando-me que em Vienna d'Austria existem ambos os quesitos, e tendo eu correspondencia com o director do museo imperial d'aquella cidade, offereço-me, se for do agrado do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a remettê-las para a dita côrte, afim de serem entregues a pessoas versadas em taes objectos.

« Koster diz na sua viagem pelas provincias de Pernambuco e Parahyba (continúa o Sr. R. Schüch), ter encontrado uma inscripção em um rochedo na margem de um rio, que se achava então secco, na provincia da Parahyba, e que algumas pessoas lhe certificaram que existiam mais inscripções d'esta natureza na dita provincia. O principe Maximiano de Wied-Neuwied encontrou tambem algumas nas ruinas de uma villa destruida na provincia do Espirito Sancto ».

O instituto ouviu com toda a attenção a leitura da carta do Sr. R. Schüch, e aproveitando-se da lembrança do mesmo, foi de parecer que se remettessem para Vienna d'Austria collecções da *Revista trimensal*.

O Sr. 1º secretario fez sciente ao Instituto que o Sr. Lagos se offerecéra para mandar lithographar as inscripções que acompanham o manuscripto por elle descoberto na bibliotheca publica d'esta côrte, e que igualmente offerecêra 500 exemplares da mesma lithographia, afim de acompanharem a dita Memoria publicada no 3º Nº. da *Revista trimensal*. — Esta offerta foi recebida com especial agrado.

O Exmo. Sr. presidente propôz para socio honorario do

Instituto o Rev^mo. Sr. bispo eleito do Rio de Janeiro. Foi approvado.

O Sr. dez. Pontes fez leitura do seguinte parecer da commissão de historia, ácerca da Memoria intitulada — *Trait historique de la guerre de l'indépendance des Etats-Unis.* — Posto que o fim do instituto seja o estudo da historia e geographia do Brazil, a commissão entende comtudo, que aos leitores da *Revista trimensal* não será desagradavel o conhecimento de quanto respeita á historia (principalmente da independencia) dos outros povos d'America ; e como o Instituto já admittiu entre os seus programmas a questão sobre os Americanos (em geral) que primeiro intentaram libertar o paiz natal do jugo da mãi patria, é por isso a mesma commissão de parecer que a indicada Memoria seja endereçada á commissão encarregada da publicação da *Revista*, afim de que faça d'ella o uso, que julgar conveniente.— Ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

Foram depois approvadas como pontos que devem servir para discussão, as seguintes questões, propostas pelo Sr. Manoel Ferreira Lagos.

1º Enumerar as diversas nações de indios que povoavam o Brazil, quando foi descoberto pelos Portuguezes, mencionando os lugares em que habitavam e os caracteres physicos e moraes mais salientes, que as distinguiam entre si.— Se ainda existem restos de todas essas nações, ou se já algumas tem completamente desapparecido.

2º Se a anthropophagia era ou não commum entre todas as nações indigenas do Brazil.— Se pela negativa, quaes as nações anthropophagas, e quaes os motivos que as levavam a praticar tão barbaro acto, se um appetite voraz de sangue humano, ou se uma vingança cruel exercida contra seus prisioneiros.

LISTA

DOS MEMBROS DO INSTITUTO HISTORICO E G. BRAZILEIRO

DO QUAL É PROTECTOR S. M. I. O SR. D. PEDRO II

SOCIOS HONORARIOS *

Manuel Antonio Galvão — actual ministro do imperio.
José Eloy Ottoni — official de secretaria.
Manuel do Monte Rodrigues de Araujo — bispo eleito do Rio de Janeiro.
José da Costa Carvalho — senador do imperio.
Padre Luiz Antonio de Souza — proprietario, residente em Goyaz.
Dr. Lund — formado em medicina e sciencias naturaes, e residente na Lagôa Santa, em Minas Geraes.
Principe de Cariati — residente em Napoles.
Principe de Scilla — duque de Santa Christina, e presidente do instituto Auxiliador de Napoles.
Conde de Camaldoli — presidente da Academia das Sciencias de Napoles.
Cavalleiro Theodoro Monticelli — secretario perpetuo da Academia das Sciencias de Napoles.
Agostinho Albano da Silveira Pinto — Dr. em medicina, residente na cidade do Porto.
Principe Maximiano Wied-Neuwied — naturalista, residente em Baviera.

SOCIOS CORRESPONDENTES

José Domingues de Athaide Moncorvo — official de secretaria.
Antonio Augusto Monteiro de Barros — senador do imperio, desembargador.
Francisco Freire Allemão — Dr. em medicina, e lente de botanica da escola de medicina do Rio de Janeiro.
Pedro Clausen — naturalista dinamarquez.
Cassiano Speridião de Mello e Mattos — senador do imperio.
Josino do Nascimento Silva — Doutor em direito.

Continuar-se-ha.

---

* Vid. *Revista trimensal* n. 2, *pag.* 158.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

TOMO I. — 4º TRIMESTRE DE 1839. — N. 4

PRIMEIRA SESSÃO PUBLICA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

NO DIA 3 DE NOVEMBRO DE 1839.

Não tendo sido possivel solemnisar-se o primeiro anniversario da fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro no dia 21 de Outubro, como determina o art. 27 de seus estatutos, deliberou o conselho, que esse acto se fizesse com toda a possivel solemnidade no domingo, 3 de Novembro. A pedido da mesa administrativa do instituto, S. M. I., nosso immediato Protector, por declaração de seu Exmo Tutor e nosso socio honorario, franqueou ao Instituto uma das maiores e mais ricas salas do seu paço imperial da cidade para esta reunião anniversaria; e declarou não poder assistir a ella, por ser este o tempo em que costuma passar alguns dias na sua fazenda de Santa Cruz.

No dia aprazado, reunidos os membros da mesa administrativa na mencionada sala, appareceu o Exmo Regente do imperio, nosso socio honorario, o qual havia sido precedentemente convidado por uma deputação de tres membros do Instituto. Uma commissão, composta de 12 membros, o foi receber no topo da escada; e, logo que se apresentou na entrada da sala da sessão o presidente e todos os mais membros da mesa desceram a recebê-lo, e o conduziram á cadeira, que lhe estava destinada á direita de uma estatua de S. M. I., ficando tambem á sua direita os assentos para os Exmos ministros d'estado, dos quaes assistiu á sessão o da marinha, nosso socio effectivo. No mesmo lado direito, e descendo do topo da sala, occuparam as primeiras cadeiras varios membros do corpo diplomatico e consular, residentes nesta côrte, commandante das armas, e

commandante superior da guarda nacional, commandantes dos vasos de guerra estrangeiros, prelados das religiões, e outros personagens distinctos, tanto nacionaes como estrangeiros, os quaes haviam sido convidados, e introduzidos na sala por uma commissão de tres membros. Ao lado esquerdo da estatua do nosso Joven Imperador achava-se collocada a mesa do instituto, occupando o primeiro lugar o seu presidente o visconde de S. Leopoldo, e logo á sua esquerda os dous vice-presidentes os desembargadores Candido José d'Araujo Vianna, e Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho: descendo do mesmo lado estava o secretario perpetuo o conego Januario da Cunha Barbosa, o orador sargento-mór Pedro d'Alcantara Bellegarde, o 2º secretario Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, e o thesoureiro José Lino de Moura, seguindo-se para baixo grande numero de socios honorarios, effectivos, e correspondentes.

Logo que o Exmo Regente occupou a sua cadeira, e que os demais socios se restituiram a seus lugares, o presidente do Instituto declarou aberta a sessão; então rompeu a orchestra, que se achava collocada em uma sala immediata á da sessão, executando uma excellente symphonia. Depois o presidente leu o seu discurso d'abertura, de que o incumbe os nossos estatutos; seguiu-se logo o relatorio dos trabalhos do anno social, pelo secretario perpetuo; os elogios historicos dos fallecidos membros o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, e o sargento-mór Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, pelo orador do Instituto; e por ultimo fez o socio effectivo José Silvestre Rebello leitura de uma sua memoria sobre o vocabulo — Brazil —, que ficou substituindo a denominação de terra de Santa Cruz, que fôra dada por Pedro Alvares Cabral a este continente, no momento da sua descoberta. No intervallo d'estas leituras executou a orchestra diversas peças de musica. Terminou o acto pela declaração do presidente de que se levantava a sessão. Os Exmos Regente, ministro da marinha, e ministros estrangeiros foram despedidos com a mesma solemnidade de sua introducção.

Durante a sessão reinou sempre na sala o maior respeito, e transluzia a approvação d'este acto solemne e litterario em mais de duzentas pessoas das classes mais elevadas, que compareceram por convite do Instituto, servindo tão distincto obsequio de animar os seus membros a continuarem em seus trabalhos com todo o desvelo, em honra da nação brazileira, e em gloria das lettras.

(Abaixo transcrevemos em sua competente ordem os discursos recitados neste acto solemne.)

DISCURSO DO PRESIDENTE

Senhores.

Elevado a esta cadeira pelos suffragios de vossa generosa benevolencia, antes do que pela minha propria valia, confundo-me todas as vezes que me contemplo presidindo a uma associação por tantos titulos recommendavel, seja pela sublimidade dos assumptos, que tomou por empreza, seja pelas illustrações nacionaes e estrangeiras, que a compoem: e por cumulo de felizes auspicios pela auréola de dignidade e consideração, de que Sua Magestade o Imperador cingiu-a, annuindo benigno a nossos votos, e outorgando sua immediata protecção.

Da minha parte, pobre de merecimento para corresponder tão graciosa escolha, esmerei-me ao menos em imitar vosso zelo na creação do nosso interessantissimo instituto: e como era possivel que deixasse de apertar ternamente em meu peito o filho d'aquella que nasceu em meus braços, quando o immortal fundador do imperio se dignou soprar-lhe vida (1)!

Senhores, se forte e perseverante é vossa vontade, se dispondes de copiosos recursos de talentos e luzes, cumpre não dissimular, que tambem é mui ardua a empreza, a que fitais *de colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a historia e geographia do Brasil* (2): arcanos jazem reservados, e aferrolhados pela mão do tempo, que só na sua marcha lenta e insensivel os vai largando, e entrega á sagacidade e estudo do sabio os vestigios dos povos, que já passaram; estão ainda em começo, o quem, apezar dos seculos que tem decorrido, será capaz de prever e marcar as raias de seus vastissimos dominios?

No ramo historico ha pouco ainda era um problema: —*Quando e como foi povoada a America de homens e de animaes?* —A sociedade Real dos Antiquarios do Norte, em Copenhagen (3), superando montes de difficuldades na infatigavel investigação de inscripções de monumentos, evocando os manes de gerações, que já não existem, e forçando-os a revelar factos que derra-

---

(1) Allude-se ao aviso de 18 de Julho de 1827, que se lê no fim dos primeiros estatutos da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, no qual foi nomeada e organisada pela primeira vez a mesa ou conselho, incumbido da direcção e administração da sociedade. Estes estatutos foram impressos no Rio de Janeiro, anno de 1828.

(2) Estatutos do inst. hist. e geographico Brazileiro, cap. 1º art° 1°, impressos no Rio de Janeiro, 1838.

(3) Consulte-se—Antiquitates Americanæ, sive scriptores septentrionales rerum ante-columbianarum in America—Edidit Societas Regia Antiquariorum Septentrionalium. Hafnia. Typis Officinæ. Seraltzianæ—1837.—Todavia cumpre declarar que não falta quem opponha duvidas a taes factos: veja-se—Histoire de la vie, et des voyages de Christophe Colomb, par Mr. Washington Irving.—Tom. 4° — Appendice 13.—1828—Trad. do inglez para o francez.

mam clarões de luz inesperada sobre uma época que parecia para sempre submergida em noite profunda, ha demonstrado a ponto de—evidencia que remonta ao decimo seculo a descoberta da America ; que á afouteza dos Escandinavos se deve este feliz successo ; e que Colombo, discipulo da escola portugueza de marinhagem na Madeira, visitando em 1477 a Islandia, instruiu se ali d'esse notavel acontecimento, o qual serviu de poderoso incentivo para suas futuras expedições.—Se tal circumnstancia lhe quebranta os creditos, até então logrados, de original concepção, e das previsões do genio, nada murchará o laurel que o caracterisa, da mais inabalavel constancia, coragem, e de elevada intelligencia com que solicitando e offerecendo de côrte em côrte seus serviços, sujeitando-se aos mais rigorosos exames e provas, desprezado e tratado de visionario..... obteve por fim fragil baixel, em que sulcou estranhos mares, arrostando a cada momento a morte, até descobrir novo mundo para Aragão e Castella: ah ! seu nome será acatado emquanto variar a bussola ao desviar-se do polo amado (4) ! emquanto pontes volantes unirem os dous hemispehrios !

Nosso Instituto, emulando aquella assembléa de sabios, pesquiza já em toda a vastidão do imperio, pelos seus socios correspondentes, essas testemunhas mudas, os hyeroglyphicos, as inscripções, os vestigios da passagem ou do assento dos povos, e a memoria dos acontecimentos; entretanto que favoneado generosamente por um governo illustrado, agentes instruidos esmerilham manuscriptos e documentos concernentes a este paiz, que sepultados se achem nos archivos principaes da Europa. D'além mar partiram sem duvida os primeiros navegantes; conquistadores, nos primitivos tempos foram os primeiros viajantes; mercadores audazes os primeiros explora-

---

(4) Eis como descreve este phenomeno Washington Irving na — Histoire de la vie et des voyages de Christophe Colomb — traduzida do original inglez — Paris 1828 — tomo 1º cap. 2º. — « A 13 de Se- « tembro (1492) por tarde, a duzentas leguas pouco mais ou menos « da ilha do Ferro, notou Colombo, pela primeira vez, a variação da « agulha magnetica, phenomeno que jamais se havia observado : per- « cebeu, ao entrar a noite, que a agulha, em vez de se dirigir para « a estrella polar, variava quasi meio ponto, entre cinco e seis gráos « ao Noroeste; no dia seguinte a differença era ainda mais sensivel. « Tocado d'esta circumstancia, redobra a attenção durante tres dias « e reconheceu que a variação augmentava, á medida que elles avan- « çavam.»

.....

« Presentemente o phenomeno se nos tem tornado familiar, porem « continuamos a ignorar a causa. E' um desses mysterios da natureza, « que se revelam ás observações e á experiencia de todos os dias, « que parecem simples, porque a elles nos habituamos, mas que « quando queremos profundal-os, fazem-nos tocar de alguma sorte os « limites que o espirito humano não póde ultrapassar, e confundem « o orgulho da sciencia.»

dores; uteis cruzadas, aquelles com a espada, estes com o caduceu em punho, trouxeram melhoramento social: assim a civilisação brotou do commercio e da guerra.

Na divisa — GEOGRAPHICA — em vós, Senhores, realisada se acha a sublime idéa de lord Bacon, quando em seus sonhos philosophicos meditou uma associação de observadores, votados a examinar a verdade do que existe no globo; e incontestavelmente a geographia abrange em sua esphera a mór parte dos conhecimentos scientificos. Neste solo virgem, onde tudo é maravilhoso, encontra-se agglomerada a povoação no maritimo, reconhecidos e assignalados com mais ou menos exactidão seus portos, abras, e ilhas adjacentes; calculadas as alturas e situações, reguladas as divisões politicas e civis, já em relação de humas para com outras provincias, já com attenção ao systema e ordem administrativa; porém á proporção que se avança para o interior, atravessam-se solidões fastidiosas, acanhadas povoações disseminadas de longe em longe, e bem que em ponto de vista geral o aspecto do paiz seja risonho, todavia uma vegetação em força, e uma frescura eterna na vida organica, o assombra de inextricaveis e dilatadissimas matas, guarida e parada de innumeraveis tribus selvagens, as quaes docil catechese, unico meio que reputo efficaz, deveria com infatigavel solicitude ter attrahido a nosso gremio; matas tão antigas como o mundo, que ainda acobertam e nos escondem as origens, o curso, e a confluencia dos rios, pontos capitaes, em que se baseam nossos tratados de limites, porém que por mal explorados, ou imperfeitamente reconhecidos, tornam as demarcações duvidosas e interminavelmente disputadas.

Se consideramos a geographia physica, ella permanece aqui em embryão: acaso já sabemos qual a elevação da cordilheira, que affigura o espinhaço da terra de Sancta Cruz? quaes as leis, que seguem as rochas, ossos do mundo, para determinar-se a idade de sua formação successiva, e sua identidade nas regiões mais remotas? e como observadas na plaga occidental d'este continente, contra as conjecturas de geognostas celebres de que não passariam a l'este dos Andes, surdiram d'entre nós? a disposição relativa das camadas, que formam a superficie do globo terrestre? as substancias que encerram as montanhas em seu seio? as conchas marinhas e fluviaes, nellas incrustadas, que revelam os cataclysmos e revoluções, pelos quaes tem passado nosso Planeta? as oscillações periodicas do fluido eminentemente transparente e leve, que nos envolve? a intensidade variavel das forças magneticas? e tantos outros phenomenos, que influem poderosamente nas formas e nos habitos dos entes organisados?

Sobretudo, Senhores, ninguem ousará contestar-vos que no Instituto legais á posteridade deposito inestimavel de preciosidades litterarias, enxame de capacidades, selecto e esperançoso, cujo progresso facil é de calcular, pelo quanto se tem já avantajado, com um anno apenas de existencia; cuja duração é afiançada pela sua indisputavel utilidade: suas relações e producções

scientificas no actual periodo social, os primores do talento, os feitos d'alta ventura, vão ser explanados pela elegante locução do nosso benemerito consocio e secretario perpetuo o Sr. Januario da Cunha Barbosa.

Prosegui com o mesmo fervor, respeitaveis consocios, na alta missão a que vos dedicastes; diffundi instrucção geral pela publicação dos vossos estudos; d'est'arte contribuireis para o desenvolvimento e perfeição da historia e da geographia, e para credito e gloria da patria.

RELATORIO DO SECRETARIO PERPETUO

Um anno apenas se tem passado da fundação d'este Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e já temos, Senhores, que apresentar ao publico, em cumprimento dos nossos estatutos, alguns trabalhos, que posto não sejam completos, são todavia esperançosos desenvolvimentos do largo plano litterario, a que nos compromettemos. As difficuldades, que pareciam em principio embaraçar a progressiva marcha d'este tão novo, quanto necessario estabelecimento, vão se aplainando por um modo, que bem mostra que a importancia dos nossos trabalhos merece a geral approvação dos amigos da gloria nacional. Apenas se annunciou que era o fim das nossas litterarias tarefas reunir em um só foco as luzes historicas e geographicas, derramadas por todo o imperio, para assim prepararmos os elementos necessarios á historia do Brazil: apenas se ouviu que iamos arrancar á voracidade dos annos, e ao desprezo da ignorancia os nomes e feitos de tantos Brazileiros, que tem honrado a patria, e que por isso devem viver em eterna lembrança, logo de quasi todas as partes do imperio nos affluiram prazenteiras felicitações, que tem assaz refocilado o nosso zelo patriotico, offerecendo-se com ellas muitas Memorias, e documentos preciosos, que principiam a enriquecer o nosso archivo historico e geographico.

Um estabelecimento d'esta monta já mais poderia medrar em um paiz como o nosso, sem que em seu favor se declarasse a opinião publica, approvando os nossos designios, e animando de muitas maneiras o arrojamento de seus fundadores. Essa opinião foi primeiramente instruida sobre a importancia de nossas patrioticas litterarias fadigas, pelos auspicios da illustre sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que sempre desvelada por tudo que interessa á gloria da patria, coadjuvou poderosamente para a installação d'este Instituto, que emanava de seu gremio. Desde então os nossos trabalhos tem sido coroados de uma quasi geral approvação; e as nossas publicações sobre historia e geographia do Brazil tem sido acolhidas por uma maneira, que manifesta a sua importancia.

Mas para maior firmeza e respeito d'esta associação litteraria, cumpria ao Instituto procurar um amparo indispensavel na approvação do governo imperial ; os nossos estatutos lhe foram apresentados ; e o aviso de 4 de Abril d'este anno, expedido pela repartição dos negocios do imperio, faz prova de que elle aprecia os nossos trabalhos pela utilidade, que d'elles resultará ao estado. Nem se limitou a isto, Senhores, o seu favor, e protecção. Convencidos da necessidade de colhermos noticias e documentos importantes á nossa historia, e que hoje só se pódem encontrar nos tombos e archivos da Europa, o Instituto, na impossibilidade de emprehender por si uma tão necessaria colheita, dirigiu-se ao governo, requerendo lhe applicasse um dos addidos ás legações do Brazil em copiar nos depositos publicos de Portugal e do Hespanha, aquelles escriptos, que possam dar luz á nossa historia e geographia, recommendando igualmente aos encarregados do negocios na Europa o facilitar a execução do tão util empreza. Em gloria do governo imperial, e em honra d'este Instituto, devo dizer-vos, Senhores, que foi promptamente attendida essa nossa interessante supplica ; e que um dos addidos, de bastantes luzes, de conhecido patriotismo, e de louvavel actividade, o socio correspondente José Maria do Amaral, foi autorisado para essa tarefa, que será muito vantajosa tanto ao Instituto como ao mesmo governo. Accresce que a assembléa geral legislativa, attendendo benignamente ás nossas supplicas, e convencida da importancia da nossa associação, acaba de votar um não pequeno subsidio pecuniario, visto que os nossos fundos, só provenientes de joias e mezadas dos seus socios, não se proporcionavam ás despezas de interessantes publicações, compra de livros, mappas, e manuscriptos, que nos são indispensaveis.

Se por tudo isto que vos tenho relatado se conhece a boa opinião, que favorece o nosso Instituto, e que o enche de gloria desde o primeiro instante da sua fundação, tambem muito se manifesta esta mesma importancia pela Augusta e immediata Protecção, que Sua Magestade o Imperador se dignou benignamente conceder, quando no dia 19 de Março d'este anno o conselho administrativo do Instituto, rodeando o seu sabio presidente, teve a honra de apparecer ante o Throno do Joven Imperador, pedindo-lhe a graça de ser o seu immediato Protector, e apresentando-lhe as primicias de nossos trabalhos. Este assignalado favor tem sido ainda accrescentado, não só com cópia de alguns preciosos manuscriptos da sua Imperial bibliotheca, como tambem com a concessão hoje de uma sala do seu mesmo paço, em que celebramos a primeira sessão anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. A nossa litteraria associação, sensivel a tanta honra, achará sempre na recordação d'estes grandes favores, motivos bem justos para desempenhar fielmente os gloriosos fins a que se endereça por seus Estatutos. A França, a Italia, e Portugal, que tanto deveram aos Medicis, a Luiz XIV e a D. José I, declarados protectores das sciencias e das lettras, talvez tenham em proximo futuro o Brazil como companheiro de sua justa gratidão. O nome do Senhor D. Pedro

II será com gloria accrescentado ao dos grandes principes, que tem promovido a illustração de seus povos. A historia agradecida a tão Augusta Protecção, empenhará sua penna em eternisar em paginas indeleveis o nome e os feitos do Monarcha, que a honra na Terra de Sancta Cruz. Os beneficios que do throno se diffundem sobre os litteratos reunidos em utilidade publica, accendem luzes, que abrilhantam os principes, que os protegem.

E um Instituto assim fundado com tão felizes auspicios deixaria de medrar, a despeito de alguns genios acanhados, que, mais dados á politica que á litteratura, não tem querido ver nesta fundação um manancial de gloria, que muito nos deve recommendar ao respeito do mundo? Não, Senhores, depois de lançadas as primeiras pedras de tão vantajoso edificio, reunidos os seus primeiros socios fundadores em numero de cincoenta, como determinam os nossos estatutos, temos visto acquiescer aos nossos convites e associar-se como honorarios trinta e dous varões, respeitaveis pelo seu saber, pela experiencia de seus annos, e pela sua nobre representação tanto civil como litteraria. Contamos nesse numero muitos sabios Brazileiros, que tem prestado importantes serviços, de que a Patria se honra; contamos alguns dos mais distinctos escriptores do velho mundo, que tomando interesse pelas cousas do Brazil, nos tem consagrado alguns rasgos de suas brilhantes pennas, fazendo melhor conhecer na Europa as riquezas d'esta nossa terra, do que alguns especuladores litterarios que nos tem querido deprimir com falsas e até absurdas noticias. Em Napoles, na Prussia, na Baviera, na França, em Portugal, no Perú, no Chile, em Buenos-Ayres, e em outras partes do globo, já contamos socios, que por sua notabilidade honram a lista dos nossos membros. Cento e setenta e cinco membros correspondentes, naturaes e estrangeiros tem annuido aos nossos convites, tem aceitado nossos diplomas, e muitos já nos tem coadjuvado com suas importantes producções litterarias, e com alguma parte da riqueza de seus archivos, sendo para notar-se que até mesmo antes de sua nomeação já nos haviam remettido de diversos pontos do imperio preciosos documentos historicos e geographicos, que se vão publicando na *Revista trimensal do Instituto*.

Nem é justo deixar em esquecimento os nomes dos nossos dignos socios e de outros litteratos Brazileiros, que tem offerecido para a nossa bibliotheca e archivo, livros e manuscriptos que fazem avultar estes nossos thesouros historicos e geographicos. O conego Januario da Cunha Barbosa offereceu quinze diversas obras de historia além de varios folhetos interessantes. O socio correspondente Ignacio Accioli, da cidade da Bahia, nos fez presente das suas *Memorias Historicas e Politicas* sobre aquella provincia; e assim tambem a sua *Corographia do Pará*. O nosso socio honorario, Marquez de Maricá, juntou á nossa bibliotheca doze volumes in folio da collecção de *Documentos, Estatutos e Memorias da antiga Academia Real da Historia Portugueza*. O nosso socio correspondente José Domingues de Athaide offereceu a obra de Lery sobre o Brazil, 4ª

edição de 1600; o Congresso Historico reunido em Paris em 1837; os *Relatorios dos Ministros d'Estado*, lidos este anno em a nossa Assembléa Geral Legislativa, e alguns outros dos annos anteriores; *Vida do Padre Antonio Vieira*, e uma memoria manuscripta sobre os acontecimentos da Praça do Commercio, em Abril de 1821. O nosso socio correspondente, Francisco do Rego Barros, presidente de Pernambuco, enviou para o Instituto dous exemplares do *Inventario das Armas e Petrechos Bellicos*, que os Hollandezes ali deixaram, quando foram obrigados a evacuar em 1654. O respeitavel padre mestre Luiz Gonçalves dos Santos, a cujo zelo pela instrucção publica tanto deve esta cidade, aceitando o titulo de nosso socio honorario, nos fez presente das suas *Memorias para servir á Historia do Reino do Brazil*; da sua traducção da obra do coronel Laboaumelle, intitulada *Imperio do Brazil*; do *Roteiro da cidade de Santa Maria de Belém do Gram Pará*, por Manoel José de Oliveira Bastos; do *Roteiro e mappa da cidade de S. Luiz do Maranhão até a côrte do Rio de Janeiro*, pelo coronel Sebastião Gomes da Silva Belford; da *Independencia do Imperio do Brazil*, e de alguns outros interessantes impressos. O nosso socio correspondente Antonio Ladisláu Monteiro Baena nos enviou do Pará a sua obra intitulada *Compendio das Eras da Provincia do Pará*. O nosso sabio e digno presidente visconde de S. Leopoldo, enriqueceu a nossa bibliotheca com a nova edição, mais augmentada e correcta, dos seus *Annaes da Provincia de São Pedro do Sul*, acompanhados de um excellente mappa geographico, e isto além de algumas preciosas memorias, que já tem sido publicadas pelo Instituto. O socio correspondente Dr. Sigaud mimoseenou-nos com cinco grandes cartas geographicas, e assim tambem o nosso socio effectivo Bento da Silva Lisboa, com a *Historia do Brazil* publicada em Paris pelo Dr. Constancio; além de uma biographia de seu pai o honrado visconde de Cayrú e de uma interessante *Memoria do Marquez de Aguiar* sobre as sesmarias da provincia da Bahia. O reverendo vigario de Jacarépaguá saudou o nosso Instituto com a offerta da *Historia da Independencia da America do Norte*, por Botta; e assim tambem o Sr. Francisco das Chagas Ribeiro com a obra intitulada *Nova Luzitania ou Historia da Guerra Brazilica*, escripta por Francisco de Brito Freire. O nosso socio correspondente, José Manoel do Rosario, além de varios importantes serviços, que tem prestado á nossa associação, offereceu tambem a obra intitulada a *Europa e suas Colonias em Dezembro de* 1819; e a excellente memoria manuscripta, ou *Historia dos Guaicurús*, que já foi publicada no primeiro numero da *Revista trimensal*.

A todas estas offertas devemos ainda accrescentar a que nos fez da Bahia o socio correspondente Sampaio Vianna de um folhoto ali impresso sobre os memoraveis acontecimentos dos dias 14, 15 e 16 de Março de 1838; o Sr. Ladisláu dos Santos Titára, do 4º e 5º volumes de suas poesias, contendo o seu poema epico intitulado *Paraguassú*, enriquecido de interessantes notas historicas. O Sr. Miguel Maria Lisboa, uma carta geogra-

phica manuscripta da provincia de S. Paulo; e o Sr. Paula Martins e Silva, a memoria manuscripta sobre a descoberta e fundação da cidade do Rio de Janeiro, por Antonio Duarte Nunes, que já foi publicada no segundo e terceiro numero da *Revista*. O nosso socio effectivo Dr. Mattoso da Camara nos fez presente de um folheto escripto por José de Saldanha, intitulado *Breve Historia da Revolução dos dias 6 e 7 de Abril de 1831, no Rio de Janeiro*. Os nossos socios effectivos Mariz Sarmento, Dr. Maia, Lino de Moura e Maria da Fonseca, enriqueceram os nossos depositos litterarios com muitos folhetos, jornaes, memorias e algums manuscriptos.

O Sr. Dr. Lund nos enviou de Minas uma honrosa felicitação, acompanhando uma memoria publicada em francez, sobre a descoberta da America no seculo X, por Charles Rafn, a qual é um extracto da grande obra publicada pela Sociedade dos Antiquarios da Dinamarca, intitulada *Antiquitates Americanæ*, com quem o mesmo Dr. Lund, seu membro, nos aconselha corresponder-nos. O nosso socio correspondente Pires da Silva Pontes, tambem de Minas, nos enviou uma carta rica de interessantes noticias, acompanhando uma collecção da *Abelha do Itaculumy*; outra de *Ordens e Providencias* sobre os Indios Botocudos, nas divisões do Rio Doce, quando regidos pelo coronel Guido Thomaz Marlière. O Instituto fez todo o apreço d'esta interessante offerta, e ainda espera do zelo e actividade do tão digno socio, a remessa de outros muitos documentos, que já tem colligido, e faz passar a limpo, ou procura colligir a pedido nosso. Accresce que ainda diversas pessoas litteratas nos tem enviado diversas obras e impressos interessantes á historia e geographia do Brazil, como sejam os Srs. presidente do Maranhão Manoel Felizardo, Furey, D. Carlos Zucchi, Paula Brito e outros. Mas a todos estes devemos accrescentar com distincto apreço, os presentes que nos fizeram, o nosso socio correspondente Dr. Pimenta Bueno, de uma interessante *Memoria Geographica e Militar* sobre a fronteira de Cuiabá e Matto-Grosso, escripta em 1800 pelo sabio sargento-mór de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra; de umas reflexões sobre a Capitania de Matto-Grosso no anno de 1792; de uma relação das diversas nações de indios, que habitam a prelazia de Cuiabá e Matto-Grosso, e do seu interessante Relatorio á Assembléa Legislativa Provincial, em Março de 1837, sendo então ahi presidente; e o nosso decano da litteratura brazileira, o veneravel socio honorario Balthasar da Silva Lisboa, cujas forças em tão avançada idade parece que se renovaram á noticia da fundação do nosso Instituto, e o animaram a enriquece-lo com muitos e preciosos escriptos, que nos tem enviado e continúa a enviar. Recebemos d'este incansavel litterato um *Bosquejo Historico da Litteratura Portugueza* que serve de introducção a um corpo biographico dos mais distinctos Brazileiros, e de muitos varões celebres por seus serviços ao Brazil; e um pequeno e interessante volume de estampas coloridas representando os uniformes militares do Rio de Janeiro em 1782. Recebemos uma extensa memoria so-

bre a fundação da cidade da Bahia, e seus diversos acontecimentos, como principio de desenvolvimento de um dos programmas do nosso Instituto. Recebemos emfim d'este honrado socio uma collecção de conchas rarissimas, e arranjadas com summa delicadeza. O Instituto se compraz em publicar os nomes de tantas pessoas, que assim o tem favorecido com seus presentes e felicitações, protestando mostrar-lhes ainda melhor a sua gratidão, por um fiel desempenho de suas obrigações academicas.

Eu vos tenho mostrado, Senhores, rapida e singelamente o bom conceito que este novo estabelecimento litterario tem merecido ao Governo Imperial, ás Camaras Legislativas, aos litteratos nacionaes e estrangeiros, e a todos os amigos da honra e gloria nacional; mas cumpre ainda esboçar os trabalhos já emprehendidos por este Instituto, para que se veja, que o seu conselho se não tem esquecido do programma da sua installação, e antes procura tornar-se de dia a dia mais credor do honroso e publico acolhimento com que tem sido animado. Em tão breve tempo, em tão grande penuria de documentos, e com tão grandes difficuldades como as que nos cercam, é já muito apresentar alguns ensaios e investigações, que nos offereçam materia para futuros desenvolvimentos.

Constou ao Instituto por participação do seu socio effectivo o Reverendissimo Manoel Joaquim da Silveira, que o antigo professor de grego d'esta cidade o Reverendo Frei Custodio, havia em sua vida offerecido ao governo do Senhor D. João VI uma memoria sobre os caracteres existentes no cimo do rochedo da Gavia, algumas leguas ao sul da barra d'esta cidade. O Instituto encarregou logo ao seu socio effectivo Antonio José de Paiva Guedes o procurar nos archivos em que poderia parar, essa interessante memoria, que até hoje se não tem podido encontrar; e encarregou ao mesmo tempo aos dous socios effectivos conego Cunha Barbosa e Araujo Porto-Alegre de examinar esses caracteres, copia-los, e apresentar um parecer acompanhado de observações sobre as circumstancias da sua localidade. O resultado d'este trabalho já foi apresentado ao Instituto, e publicado no segundo numero da sua *Revista*. Tambem constou da leitura de uma memoria lida no Instituto Historico de França, que na Ilha do Arvoredo, proximo á barra de Sancta Catharina, existia uma inscripção lapidar, que alguns estrangeiros haviam já copiado; o Instituto se apressou a encarregar ao seu socio correspondente Falcão da Frota, a investigação d'este annunciado letreiro; mas difficuldades gravissimas, que ainda se não podem vencer, tem retardado a execução d'este encargo.

Nem pareçam, Senhores, de pouca importancia estas primeiras emprezas do Instituto, porque taes indicios nos podem conduzir a descobertas apreciaveis sobre a terra de Sancta Cruz. As noticias e inscripções lapidares que o famoso escriptor Court de Gibelin publicára em sua obra intitulada *Mundo Primitivo*; a descoberta da magnifica cidade de Palenque, ha poucos annos, nos desertos do Mexico; a de fortificações estabeleci-

das nas fronteiras do Perú, descendo em linha para as campinas do Sul, ha poucos annos publicadas no *Araucano*; as inscripções achadas na provincia do Espirito Santo pelo principe Maximiano; a da provincia da Parahyba, mencionada por Coster; outras de que ainda temos noticias vagas, e que o nosso socio correspondente Pedro Claussen foi encarregado de copiar da Lapa das Pinturas na provincia de Minas Geraes: e finalmente os documentos incontestaveis que tem publicado a sociedade dos Antiquarios na Dinamarca, sobre a descoberta da America no X seculo, fazem que nos seja licito esperar que venha tempo em que tambem o Brazil se conheça ter apparecido a outros viajantes anteriores aos que acompanharam Cabral. As trévas da antiguidade, e talvez as da ignorancia, tem abafado monumentos preciosos, cujos restos serão illuminados pela sabedoria de mais circumspectos investigadores.

O Instituto conhecendo de quanta vantagem seria aos seus trabalhos o marcar em Ephemerides, desde o dia da sua fundação, os factos da nossa historia, incumbiu esta importante tarefa aos seus dignos socios Mariz Sarmento e Athaide, os quaes em principios de Janeiro devem apresentar o resultado dos seus trabalhos, que entre si dividiram. Encarregou igualmente aos dignos socios effectivos Araujo Vianna e Silva Pontes um exame sobre os erros historicos e geographicos de que está impregnada a nova Historia do Brazil pelo Dr. Constancio; e já no segundo numero da *Revista* foi estampado o parecer d'esta commissão, approvado pelo Instituto. Espera-se ainda que os socios Drs. Rocha e Firmino apresentem as suas observações sobre a obra de Ferdinand Denis, e da mesma sorte os Drs. Pereira da Silva e Aguilar Pantoja, sobre a obra de Armitage. O tempo, as occupações e outras circumstancias tem feito que estes socios ainda não apresentassem o resultado de seus trabalhos; e o mesmo se póde dizer da commissão composta dos socios conego Cunha Barbosa, Dr. Clemente Pereira, e Gonçalves Ledo, para escreverem uma memoria sobre os motivos que desenvolveram a declaração da nossa Independencia no anno de 1822.

O Instituto tem apresentado varios programmas historicos e geographicos para serem discutidos como mandam os nossos estatutos. Alguns socios tem apresentado eruditas dissertações sobre taes pontos, as quaes se vão imprimindo por sua ordem, e segundo a necessaria approvação. Faltariamos a um dever academico se não mencionassemos nesto lugar os socios que tem correspondido aos fins do Instituto com seus trabalhos litterarios sobre os programmas sorteados. Elles são o nosso digno e sabio presidente, o Dr. Silva Pontes, José Silvestre Rebello, Dr. Lino de Moura, Bellegarde e conego Cunha Barbosa, aos quaes poderiamos ajuntar o saudoso nome do nosso fallecido vice-presidente Cunha Mattos, que nos ultimos mezes de sua vida, e primeiros de nossa existencia social, longas e eruditas memorias nos recitára, que por desgraça não tem sido possivel recolher ao nosso archivo como foi sempre sua vontade.

Constando-nos que na bibliotheca dos religiosos franciscanos da Bahia se achava o segundo tomo manuscripto da obra do famoso escriptor brazileiro — Jaboatam — sobre proposta de um dos nossos membros, escreveu o Instituto ao seu socio correspondente Accioli, para que tratasse com os ditos religiosos sobre a impressão do achado manuscripto, e reimpressão do 1º volume, hoje mui raro. Espera-se um resultado feliz d'esta empreza academica. O Instituto tem cumprido um dever dos seus estatutos, publicando de tres em tres mezes a sua *Revista*, da qual nada diremos senão que parece merecer a approvação do publico. Com este periodico, e com a impressão de outras obras indispensaveis ao nosso andamento, compra de alguns livros, despeza de secretaria, porteiros, etc., tem despendido neste seu primeiro anno de existencia 1:230$310, e foi sua receita 1:248$000.

Em virtude do art. 2º dos nossos estatutos, tem esta associação noticiado a sua existencia á Academia Real das Sciencias de Napoles; ao Instituto Bourbonico do mesmo reino; á Sociedade de Agricultura da republica do Chili, as quaes achando-se em actual correspondencia com a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, a que tão intimamente pertencemos, deviam por isso ser as primeiras associações que saudassemos debaixo de seus auspicios. Ainda não é tempo de recebermos as suas felicitações e fraternal reconhecimento. Tambem nos dirigimos, por officio acompanhado dos nossos primeiros impressos, ao Instituto Historico de França, ao qual pertencem muitos dos nossos membros fundadores; a resposta d'essa sabia associação, communicada em carta do seu secretario perpetuo Eugenio de Monglave, é a mais lisongeira e a mais honrosa que podiamos esperar. Não vos seja pesado, Senhores, que eu agora transcreva um periodo d'essa carta, para que melhor se conheça que tambem nos paizes estrangeiros se tem apreciado a fundação do Instituto Historico Brazileiro: — «Todos os nossos membros tem ouvido com bem viva satisfação a noticia desse estabelecimento scientifico; e o relatorio circumstanciado impresso no Boletim d'esse Instituto lhe tem dado grande nomeada, tanto em França como nos paizes estrangeiros. Vê-se por isso que o Brazil começa a sentir toda a sua importancia, e deseja ter parte no grande movimento que impelle a humanidade a um brilhante futuro, querendo occupar o lugar que lhe convém em meio das grandes nações. E de certo pertencia ao unico paiz, que tem na America sua litteratura nacional, principiar a explorar outras partes do immenso campo que se tem aberto á intelligencia do homem. Começar pela geographia e pela historia, é começar bem, é lançar uma vista sobre o passado para obter esclarecimentos que sirvam de illuminar cada momento do tempo presente; é unir o estudo das cousas positivas ao estudo d'aquellas que lhe dão vida.

«Muito vos agradecemos o presente da Memoria de S. Exc. o Visconde de S. Leopoldo; ella é mui notavel e bem digna d'elle; não se podia dizer tantas cousas em tão poucas paginas».

Senhores, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, celebrando o primeiro anniversario de sua installação, e relatando-vos os trabalhos emprehendidos no primeiro anno de sua existencia social, tem a satisfação de agradecer publicamente o bom acolhimento que tem merecido ao governo Imperial e ás Camaras Legislativas; acolhimento não só provado pelos favores já relatados, como tambem pela presença do Ex^mo. Sr. Regente do Imperio e pela dos ministros da Corôa, que assim honrando este acto festival, mostram bem claramente quanto apreciam os esforços litterarios de uma associação, que só tem por fim a propagação dos conhecimentos historicos e geographicos da nossa patria, a honra e a gloria da Nação Brazileira. O Instituto agradece igualmente o distincto favor que acaba de receber dos ministros diplomaticos das nações alliadas com o Brazil, presentes a este acto, e reconhece o interesse que tomam na diffusão de luzes que farão algum dia mais conhecida a historia do Brazil, depois de expurgada de infinitos erros e noticias inexactas que se tem propagado no mundo por escriptores menos zelosos de nossa gloria. Agradece por fim a todos os litteratos brazileiros que por sua prompta coadjuvação e não equivocas demonstrações de sua approvação, tem refutado a opinião de certas pessoas que julgavam incapaz de medrar na Terra de Santa Cruz um estabelecimento litterario de tal natureza, sem attenderem que o espirito brazileiro se tem distinguido sempre pela litteratura, e que a politica não póde ser por muitos tempos o estudo dominante da nossa talentosa juventude. A exaltação de idéas que ella soffrêra pelos acontecimentos da nossa independencia, da nossa liberdade e da nossa fundação constitucional representativa, parece que já toca o ensejo em que esfriam as fogosas paixões politicas, restabelecendo-se essa natural tranquillidade de espirito em que se concebem idéas luminosas que adiantam a marcha das sciencias e das artes, inimigas sempre de commoções revolucionarias. As letras tem felicitado as nações em que floresceram; porque os costumes publicos então se melhoraram, e porque a experiencia do passado, recommendada nas paginas da historia, offerece sufficientes esclarecimentos ao presente e ao futuro. Se os homens de Estado, que tem a seu cargo a direcção dos negocios da patria, não se podem dispensar dos conhecimentos historicos e geographicos do seu paiz, tambem aquelles que em administrações subalternas se esforçam por cumprir honrosamente os deveres inherentes a seus cargos, devem ser illustrados por esses conhecimentos. A historia e a geographia do paiz necessitavam em nossa patria de serem explicadas por um modo que aproveitassem a todos os Brazileiros. O Instituto tomou a seu cargo essa importante tarefa; e cheio de ufania pelo bom conceito que geralmente tem merecido, confiado no zelo e sabedoria de todos os seus membros; nos auxilios do Governo Imperial e das Camaras Legislativas; na honra com que o tratam os ministros e sabios estrangeiros; e finalmente na benignidade e reconhecido amor das letras de todos os Brazi-

leiros, protesta caminhar desveladamente a seus fins, e apresentar-vos em outras sessões anniversarias trabalhos mais completos que satisfaçam a vossa justa espectação, dizendo hoje, em sua desculpa, com um dos sabios da antiguidade, que no exercicio de suas litterarias tarefas ganhará forças para o glorioso desempenho das obrigações a que se submettêra, em honra e gloria das letras e do Imperio do Brazil:

Vires acquirit eundo.

ELOGIO HISTORICO

DO FALLECIDO VICE-PRESIDENTE

O MARECHAL RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS,

Recitado pelo s rgento-mór Pedro de Alcantara Bellegarde, orador do Instituto.

Aqui vereis presente
Cousas que juntas se acham raramente.

Camões.

Um homem que se eleva aos primeiros logares, a uma reputação litteraria, começando na humilde praça de soldado; que sem outro apoio mais que seu aturado estudo, constante actividade e zelo, faz uma carreira vagarosa mas segura; que atravessa as revoluções que tem tido logar entre nós, sem pretender gozar d'ellas, e que sempre como posto de lado para a politica turbulenta, é sempre chamado para ser encarregado de missões importantes; mister é que seja dotado de grandes qualidades e de uma perseverança e systema de vida, infelizmente bem pouco vulgar.

Estas qualidades preciosas na individualidade, e raras em seu concurso, teve o Ill^mo. Sr. Raymundo José da Cunha Mattos, marechal de campo, vogal do conselho supremo militar, official na Ordem Imperial do Cruzeiro, commendador na de S. Bento de Aviz, ex-deputado a duas legislaturas, socio correspondente do Instituto Historico de França, da Sociedade Real Bourbonica e da Academia Real das Sciencias de Napoles, secretario perpetuo da Auxiliadora da Industria Nacional, e um dos fundadores do Instituto Historico do Brazil.

Nasceu o Sr. Cunha Mattos na cidade de Faro, em o reino do Algarve (Portugal) a 2 de Novembro de 1776: foi seu pai, Alexandre Manuel da Cunha Mattos, official inferior da artilharia, e depois tenente empregado na fundição de Lisboa, e sua mãi, D. Isabel Theodora Cecilia de Oliveira. Em a cidade de seu nascimento fez os estudos primarios, e aos 14 annos de idade assentou praça voluntariamente no regimento de artilharia d'aquella guarnição, e em companhia de artifices.

Haviam então em Portugal escolas regimentaes onde se leccionava o curso de mathematicas puras e applicadas á artilharia, escripto por *Belidor*, e os postos, mesmo os inferiores, eram ahi dados por exames e concurso, sendo de notar que o regimento do Algarve era então reputado como encerrando o maior numero de officiaes e officiaes inferiores instruidos na theoria e pratica da sua arma.

Tres annos depois teve lugar a expedição que partiu para o Roussillon sob o commando do general Forbes. Antes da partida fez o Sr. Cunha Mattos exame do curso de mathematicas de Belidor, e foi em consequencia promovido a cabo de esquadra, praça em que marchou voluntariamente para a campanha. A conducta do joven Cunha Mattos foi ahi a que continuou sempre a ser a d'este homem perseverante, trabalhador incansavel no cumprimento dos seus deveres, o applicando o tempo que d'elles lhes restava, ou furtava ao somno para escrever. Assim, quando o exercito se batia, encontrava-se o pontual e valente militar no seu posto, atacando a todo o transe o inimigo, ou defendendo com decidido valor e presença de espirito o seu posto: em uma d'estas occasiões foi visto elle só defender victoriosamente e com a espada na mão, posto que já ferido, uma peça abandonada por seus camaradas, contra uma multidão de inimigos; pelo que obteve honrosa menção militar, e uma pequena pensão de seu meio soldo de então. Para repouso da lucta constante, que foram estas campanhas memoraveis, o joven cabo escrevia memorias historicas e analyticas das mesmas campanhas: previa os planos do inimigo, notava as faltas dos generaes hespanhóes, e guardava estes trabalhos, que tivemos depois occasião de ver e que abundavam em pensamentos tão judiciosos, tão copiosa veia de erudição, que de facto surprehende tal adiantamento na instrucção de um moço sobrecarregado do enfadonho serviço militar dos postos inferiores e em tão tenra idade.

Depois de tres annos de vida tão ardua, em que a divisão Portugueza se foi por vezes contrastada da ventura ou da impericia dos generaes hespanhóes, se coroou de louros pelo seu denodo e subordinação exemplares, voltou com o Sr. Cunha Mattos a Portugal; e este, pouco depois, ancioso por ver outras terras, por buscar novos trabalhos e alimento á sua incansavel actividade, obteve ir em furriel de artilharia de marinha para as ilhas de S. Thomé e Principe, onde foi empregado pelo governador que conheceu o seu prestimo, e ahi se demorou por 18 annos successivos, sempre em activo serviço. Durante esta longa residencia exerceu o commando da fortaleza de S. Sebastião da Barra, depois o cargo de ajudante de ordens do governo (1806), e por ultimo o de provedor da fazenda e feitor da alfandega da ilha de S. Thomé. Nem os repetidos e complicados trabalhos de que se achava sobrecarregado eram sufficiente alimento para a incansavel actividade do Sr. Cunha Mattos, e applicava-se em escrever memorias estatisticas d'aquellas ilhas, com tal copia de documentos e riqueza de factos que, a imprimir-se, fariam

grossos volumes, ornados de muitos esclarecimentos collateraes, em que abundaram sempre os escriptos do nosso eruditissimo socio.

Não foram desconhecidos os seus serviços em a côrte do Rio de Janeiro, onde, apresentando-se com licença em 1814, obteve muito favoravel acolhimento do governo, que nelle reconheceu um homem que podia ser empregado com muito proveito em varios ramos do serviço do Estado, e o nomeou tenente-coronel, dando-lhe o commando interino da mesma ilha de S. Thomé, onde foi depois promovido ao posto de coronel em que regressou á côrte, onde se achava em 1817.

Então hasteou um partido na provincia de Pernambuco a bandeira republicana, o fados, talvez, os fautores d'esta revolução, ou nas sympathias de seus compatriotas, ou na apparente fraqueza do governo do Sr. D. João VI, mudaram a fórma do governo e remetteram preso para a côrte o imprevidente capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Em breves dias se aprompton, porém, na côrte a expedição militar que devia suffocar aquelle movimento, e o seu commando se deu ao valente general o Sr. Luiz do Rego Barreto, com o cargo de governador e capitão general da provincia. Apezar, porém, da rapidez com que esta expedição se aprestou e partiu, já havia o governador da Bahia, conde dos Arcos, com ainda mais promptos soccorros, e principalmente auxiliado pela força maritima, posto fim áquella manifestação, ao menos extemporanea e não fundada na vontade do maior numero d'aquella provincia: então teve o Brazil de chorar a perda de alguns filhos illustres, victimas de um imprudente enthusiasmo.

Chegado a Pernambuco o general Barreto, e ajudado em seus intentos pelo secretario do governo, hoje o Sr. general Andréa, procurou organisar militarmente as milicias e dar á população Pernambucana aquelle gosto e aspecto militar, que tantos annos de decadencia d'esta honrosa profissão não tem podido abater nos descendentes dos Vieiras e Albuquerques. Apezar dos poderes de que se achava revestido o general Barreto, sem grande difficuldade não podia proceder á militarisação geral da provincia, uma vez que os planos concebidos com tanta sabedoria no gabinete não fossem confiados a officiaes benemeritos. Não podiam, portanto, escapar sem injustiça aos autores de tal plano as qualidades preciosas e adequadas do Sr. Cunha Mattos, e a elle foi confiada (1818) a organisação da primeira brigada milicIana de todas as armas: o que feito, foi ainda encarregado do recrutamento, da organisação dos depositos, da instrucção dos recrutas e da sua distribuição pelos corpos de primeira linha. Depois foi nomeado commandante geral de artilharia da provincia e incumbido de organisar as baterias da defesa da costa, e de formar um corpo de artilharia de posição. Todos estes serviços foram prestados em o limitado tempo de 2 annos; por isso mal podia, mesmo a sua incansavel actividade, bastar ao desempenho de tantos deveres, o que comtudo não obstou a que organisasse muitos projectos tendentes a melhora-

mentos militares, de que alguns foram postos em execução, e todos estimados do governo da provincia.

Tantos e tão variados trabalhos, tres campanhas entre a aspereza da fronteira septentrional da Hespanha, mais de 20 annos de residencia nos inhospitos climas africanos, nem levemente lhe atacaram a compleição de ferro: deitando-se tarde, erguendo-se cedo, tomando o repouso dos numerosos trabalhos de que era incumbido em o estudo e escripta, tal foi a vida do nosso perdido socio, sempre util ao Estado, quer pelos serviços militares, quer pelos litterarios.

Apenas voltado á côrte, de tão arduos trabalhos, foi nomeado inspector do arsenal do exercito, onde foi incansavel em promover e introduzir melhoramentos economicos e technicos, e distinguiu-se por tal modo que mereceu do governo ser nomeado commandante das armas da provincia de Goyaz. Escreveu então uma das suas mais notaveis obras, a sua viagem da côrte áquella provincia, que publicou depois e que torna mais interessante a simplicidade da narrativa e os eruditos parallelos com que a enriqueceu. Ahi observou elle e descreveu o magestoso phenomeno da formação e desenvolvimento das trombas terrestres e do seu encontro: ahi viu e narrou as importantes mudanças produzidas no sólo d'aquella provincia, pelos abatimentos de grandes porções de terreno, devidos á acção erosiva de correntes inferiores.

De Goyaz voltou como deputado á legislatura de 1826, e foi pouco depois promovido a brigadeiro. Durante as duas legislaturas em que exerceu o importante cargo de representante da nação, manifestou em toda a sua plenitude a vastissima erudição que possuia, e sobre legislação militar foi indisputavelmente o que se mostrou mais instruido. Era tão prodigiosa a memoria do Sr. Cunha Mattos, que por muitas vezes reproduzia fielmente longos e inteiros periodos das obras que citava, notando o tomo, capitulo e até a pagina da edição a que se referia.

Preparando-se a expedição que em 1823 se passou ao Rio Grande sob o commando do Sr. general marquez de Barbacena, o acompanhou o Sr. Cunha Mattos, encarregado do recrutamento, mas os trabalhos legislativos o trouxeram á côrte, poupando-lhe ver o triste resultado da campanha seguinte. Em 1831 se passou á Europa com licença; e se demorou em Portugal quasi dois annos: ahi presenciou os heroicos esforços dos libertadores portuguezes capitaneados pelo fundador d'este Imperio e nosso 1º imperador, e escreveu um Diario dos trabalhos de ataque e defensa, em que procurou attenuar a exageração, aliás natural, que suppoz existir nas ordens do dia do exercito libertador.

O governo imperial, autorisado pelo corpo legislativo, havia feito experimentar á academia militar uma reforma em 1832, mas o ministro de 1834 entendeu dever dar-lhe uma organisação mais militar; em consequencia, além de outras disposições, foi creado o lugar de commandante da academia, e o

governo, judicioso em sua escolha, nomeou para esse lugar o Sr. Cunha Mattos. A pontualidade e intelligencia que até então manifestara, não se desmentiram: soube fazer-se estimado dos professores, a quem o novo regulamento tirava as funcções administrativas: foi respeitado dos alumnos; e finalmente no exercicio pratico que teve lugar em Janeiro do anno seguinte, foi quando, mais de perto, tivemos occasião de apreciar as bellas qualidades do illustre general e seus talentos. Apenas acabado este exercicio foi derogada a reforma que havia collocado o Sr. Cunha Mattos no commando da academia, e restaurados os estatutos de 1832 com algmas alterações; mas nem por isso ficou desempregado, porque brevemente foi nomeado vogal do conselho supremo, a que já lhe haviam dado direito os seus serviços e saber, e a publicação de um repertorio da legislação militar, contendo, além das materias que o titulo indica, muitos dados e observações convenientes aos que professam as armas. Dois annos depois foi elevado ao posto de marechal de campo.

Como membro da Sociedade Auxiliadora da Industria já o Sr. marechal Cunha Mattos havia prestado valiosos serviços que lhe mereceram a nomeação de secretario perpetuo dessa sociedade, e bem assim a escolha de varias associações estrangeiras; mas um novo e assignalado serviço devia ainda prestar este illustre litterato, e foi elle o da creação deste Instituto, em que cooperou com o nosso sabio secretario perpetuo o Sr. conego Januario da Cunha Barbosa, e que foi installado sob os auspicios da Sociedade Auxiliadora.

Mal organisado o Instituto, já rivalisavam os dois illustres fundadores, em repetidos trabalhos e interessantes propostas, dando já o aspecto de vigor a esta Associação em seu principio, quando em a sessão de 2 de Março do corrente, pediu a palavra e leu a seguinte carta o Sr. C. Barbosa.

« Cumpro um doloroso dever communicando-vos que o nosso illustre socio e vice-presidente desta associação, o marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos, poucos dias antes do seu fallecimento, e já desenganado de que não melhoraria da enfermidade que o levou á sepultura, me fez chamar a seu leito e me pedio que fosse o depositario dos seus sentimentos para os communicar, na primeira occasião, tanto á Sociedade Auxiliadora como ao Instituto Historico. Disse-me, pois, que agradecia a estimação e respeito que merecêra sempre de todos os seus socios, e que morria com o pezar de não haver contribuido bastante, como esperava, para a prosperidade e gloria de tão uteis associações; que deixava separadas para serem entregues, as memorias que aqui recitára, e que terminava a sua vida formando os mais sinceros votos de um zeloso consocio pelo augmento e honra das duas Associações a que pertencêra, e de cujos membros para sempre se despedia.»

A robusta compleição do nosso vice-presidente, que havia resistido intacta á maligna influencia dos climas Africanos e aos trabalhos de corpo e de espirito, cedeu com a dôr da perda

de uma filha que adorava, a Sra. D. Gracia Hermelinda da Cunha Mattos, que ainda na flor dos annos acompanhava seu pai no cultivo das lettras, que lhe servia de secretario, e havia já publicado em uma folha da côrte varias maximas e pensamentos cheios de philosophia e da mais sã moral. Em pouco, fatal enfermidade o levou á sepultura, não chegando a sobreviver um anno ao objecto de sua saudade. Deixou na viuvez a Ill^ma. Sra. D. Maria Venancia de Fontes Pereira de Mello, sua prima, e amante das lettras e digna esposa de tão benemerito cidadão.

O Sr. marechal Raymundo José da Cunha Mattos era de estatura além da ordinaria, mas secco do corpo; era dotado de physionomia movel, e fallava, escrevia e andava com rapidez e facilidade: inimigo do ocio, punha em actividade as pessoas que o cercavam, e era por isso o terror dos empregados indolentes das repartições que ia dirigir. Na avançada idade em que falleceu conservava-se robusto e agil, mas uma compleição, que promettia tão longa duração, foi cortada pela saudade, mostrando até o fim de sua vida a bondade natural do seu coração que jamais se desmentiu.

A Sociedade Auxiliadora lhe inaugurou o busto em sua sessão annual, e o nosso illustre secretario perpetuo ahi lhe recitou um eloquente e pathetico elogio.

O lugar de vice presidente na secção de geographia que occupava o Sr. Cunha Mattos, foi confiado ao Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.

Disse.

ELOGIO HISTORICO

DO FALLECIDO SOCIO CORRESPONDENTE

O MAJOR HENRIQUE LUIZ DE NIEMEYER BELLEGARDE.

Recitado pelo cirurgião-mór Pedro de Alcantara Bellegarde, Orador do Instituto

Senhores.

A Divina Providencia me fez experimentar a perda de meu unico irmão e maior amigo, e os estatutos d'este Instituto me incumbem, como orador, a obrigação de traçar em breve quadro, perante vós, a historia da vida e o exame das obras do nosso illustre fallecido consocio: procurarei que me não cegue o affecto, e limitar-me-hei á pura e sincera narração do que importa; pois com o poeta,

Louvar aos meus proprios arrecelo.

Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, cavalleiro na Ordem de Christo, major do Imperial Corpo de Engenheiros, bacharel em lettras pela Universidade de Paris, chefe da 4ª secção dos trabalhos publicos da provincia do Rio de Janeiro; nasceu em Lisboa aos 12 de Outubro do anno de 1802; seu pai, então capitão de artilharia de marinha, Candido Norberto Jorge Bellegarde, era filho de um honrado fabricante que de França viera a Portugal para o estabelecimento de uma fabrica real de sedas: sua mãi, a Sra. D. Maria de Niemeyer Bellegarde, é filha de Henrique Conrado de Niemeyer, engenheiro hanoveriano ao serviço de Portugal, onde fez grandes trabalhos, e entre outros, o melhoramento da navegação do Douro, e cooperação com o Dr. Ciera na triangulação de Portugal.

Desde a sua mais tenra puericia mostrou o nosso consocio grande sagacidade e uma memoria prodigiosa, habilmente desenvolvidas por seu pai, sciente nas mathematicas que professava e de variada instrucção. Sobreveio então a invasão dos Francezes em Portugal, e passou ao Brazil em companhia de seu pai, que fazia parte da guarnição da náo *Principe Real*, onde transportou a sua familia.

Chegado ao Brazil, começava a sua educação, quando perdeu seu pai, que falleceu em Angra dos Reis de phtisica pulmonar, na idade de 29 annos, e no posto de major engenheiro: ficou assim entregue a sua educação ao cargo de uma mãi carinhosa, que só em seus filhos tem achado lenitivo á dôr da perda de um esposo que adorava. Depois de receber de sua mãi a instrucção primaria e da lingua franceza, foi entregue aos cuidados, saber e virtudes do illustre reformador dos Carmelitas, o padre mestre Frei Thomé, que o instruiu nos principios da lingua latina, geographia, historia e philosophia, em que fez tão rapidos progressos, apezar da sua compleição extremamente delicada, que aos 14 annos de idade se achou habilitado para a matricula dos estudos da academia militar.

Havia o Sr. D. João VI, que Santa Gloria haja, sempre protector dos desvalidos, concedido uma pensão á mãi do tenro Bellegarde, e a este havia ordenado que se assentasse praça de cadete no corpo de artilharia da côrte, com tanto vencimento e tempo de serviço. Assim votado ás armas desde a infancia, se dedicou o nosso socio com afinco e proveito aos estudos da academia militar, onde foi sempre plenamente approvado, e quasi sempre premiado e distincto, apezar de sua tenra idade, entre os seus condiscipulos; o que, ajudado de exemplar conducta e agradavel trato, o tornaram por tal fórma recommendavel, que aos 15 annos de idade, sem mais protecção do que a dos seus merecimentos (1818), foi promovido ao posto de 2º tenente do mesmo corpo de artilharia, e, dois annos depois, ao immediato.

Em 1821 adheriram os povos do Brazil com o mór quilate de respeito á pessoa soberana do monarcha benefico que então nos governava, á manifestação que havia rapidamente lavrado em o fim do anno antecedente do Douro ao Tejo; manifestação reve-

rente do desejo do povo portuguez de possuir instituições politicas representativas dos cidadãos em igualdade de direitos: moço, estudante e de um caracter ardente e generoso, o joven official foi um dos cooperadores da revolução que teve lugar em 26 de Fevereiro. Feliz d'elle se até a sepultura tivesse levado a candida convicção que então lhe abundava, de que os homens, que tantas vezes attentam contra as cousas mais sagradas, haviam de respeitar sua feitura espontanea sem quebra ou abuso!!!

Pouco tempo depois, sendo nomeado o tenente-general João Manoel da Silva para governador e capitão-general de Moçambique, o acompanhou o nosso socio como seu ajudante de pessoa e no posto de capitão, mas os climas inhospitos africanos por tal fórma lhe atacaram a debil compleição que, para escapar á morte, teve que regressar com licença ao Rio de Janeiro.

Já então germinavam, á sombra do principe generoso, a arvore santa da Independencia Brazileira, e o joven official adherio a tão illustre declaração: concluem depois d'isso o pouco que lhe faltava de seus estudos academicos; e passando para o corpo de engenheiros foi empregado na construcção das fortificações que então se faziam para cobrir a capital de uma sempre annunciada e pouco provavel invasão portugueza.

Por tal modo continuou a fazer-se recommendavel pelos estudos e pratica da profissão simultanea de armas e lettras, a que havia sido votado, que em 1825, foi um dos Brazileiros escolhidos para, á custa do Estado, passarem á Europa a estudar e praticar nas suas profissões. No espaço de tres annos, que teve de demora em França, tomou o gráo de bacharel em lettras, tirou carta de engenheiro geographo, e mereceu attestados muito honrosos pelo curso de pontes e calçadas, que tambem frequentára. As instrucções dadas aos Brazileiros viajantes, lhe impunha o dever de remetter á côrte, Memorias sobre objectos, que julgasse importantes ou convenientes ao paiz, e o nosso socio escreveu, por isso, uma elegante e sabia Memoria ácerca das pontes suspensas, um resumo do curso dos engenheiros geographos de França, uma Memoria analytica relativa a pontos importantes de geodesia, e outras sobre varios assumptos. Preparava-se para seguir a viajar, quando motivos de economia fizeram retirar da Europa os estudantes Brazileiros: havia sido tal o seu aproveitamento em França, que o illustre engenheiro e professor francez, Mr. Puissant, seu mestre, escreveu ao nosso ministro da guerra, pedindo-lhe que o tornasse a enviar, afim de o acompanhar nos trabalhos da nova carta de França, então em sua maior actividade.

Chegado á côrte, foi promovido ao posto de major, e pouco depois, empregado nas obras da policia; e occupava-se em melhorar o systema de calçadas d'esta cidade, quando motivos particulares o levaram a acompanhar o Sr. general Andréa, que então partia para Santa Catharina, a tomar conta do commando das armas d'aquella provincia (1829). Ahi se occupou em varios projectos de obras civis e militares, e foi encarregado do levantamento da planta topographica e hydro-

graphica da ilha; trabalho que concluiu e existe no archivo militar, summamente recommendavel pela sua exactidão, e pela grande escola em que é feito. De volta á côrte, foi empregado em varias commissões, até que teve logar o 7 de Abril.

Occupava-se então o nosso socio em dar á luz a sua obra — Resumo da historia do Brazil — escripto sobre o que publicára em França Mr. Ferdinand Dinis, a que, por isso, deu modestamente o titulo de traducção: 1500 exemplares d'esta obra foram tão promptamente extrahidos, que deu á luz a segunda edição em 1834 muito enriquecida e correcta, e que foi, pelo governo, adoptada como compendio escolar para a nossa instrucção publica. Preparava 3ª edição mais augmentada, e ornada de muitos dados e observações corographicas, que não concluiu.

Dividiu o nosso illustre socio a historia do Brazil em seis épocas ou periodos: na 1ª tratou do Brazil antes de conquistado pelos Portuguezes: na 2ª d'essa conquista, e povoação; e na 3ª do dominio Hespanhol e Hollandez; na 4ª da restauração da colonia Portugueza; na 5ª do Brazil como séde da monarchia na 6ª do Brazil independente. Seja qual fôr o juizo definitivo, ainda pendente d'este instituto ácerca do numero e divisão das épocas Brazileiras, não se poderá deixar de confessar, que a divi-ão adoptada pelo nosso socio é natural e luminosa. Na rapida carreira de um resumo, soube elle conservar o nexo dos factos: semear pela narrativa dos mais importantes acontecimentos, observações concisas e philosophicas; esta obra se faz recommendavel pela verdade e boa escolha dos factos; pelo estilo corrente e elegante que ás vezes toca o sublime, quando inflammado no amor da patria, narra as proezas dos nossos maiores na gloriosa luta contra os poderosos Hollandezes.

Mas outro theatro não menos importante se abre ao major Henrique Bellegarde, em que incansavel cura dos melhoramentos materiaes do paiz, e se dá com um afinco, que em poucos annos lhe deve gastar a vida, a animar a industria de um districto, então pobre, e hoje um dos mais ricos da provincia do Rio de Janeiro.

Na parte que olha ao mar mais ao sueste a costa da provincia do Rio de Janeiro, se acha o districto de Cabo Frio, cercado por mais de 20 leguas de costa, com o Porto de Boqueirão entre a ilha do Focinho do cabo e a terra firme, o Porto de Cabo Frio, o dos Buzios ou Bahia Formosa, e o do Rio de Una: comprehende por 70 leguas quadradas de superficie, habitadas por mais de 20,000 almas, e banhadas pela grande, piscosa, navegavel e salgada Lagôa de Araruama, que desemboca ao mar formando o porto de Cabo Frio: é regado pelos rios Bacaxá, Capivarys, S. João, Una e outros menos importantes. Restingas na vizinhança do mar, campos de criação logo para dentro, e terras altas e ferteis no interior, fazem este terreno apropriado a diversas especies de cultura, e nada mais lhe faltava do que o melhoramento do Porto de Cabo Frio, obstruido pela natureza e pela arte, de enormes pedras, que empecendo o movimento de fluxo e refluxo, conservavam a barra tão baixa

que apenas dava passagem em marés altas ás pequenas sumacas, e lanchas: melhoramento que aguardava o neto do engenheiro, que semelhante serviço havia prestado aos Portuenses.

Os naufragios quasi seguidos que na costa de Cabo Frio haviam experimentado a fragata Brazileira *D. Paula*, e a ingleza *Thetis*, e bem assim a conveniencia da navegação costeira e de alto mar, moveram o corpo legislativo a decretar e o governo a ordenar a construcção de um farol, que preenchendo este fim evitasse taes desastres, e facilitasse a navegação do alto mar; e o major Henrique Bellegarde foi encarregado de escolher o local e de construir tão importante obra. O assento do farol em agreste cume da montuosa ilha do Focinho do cabo, foi então pela primeira vez calcado do pé humano: e em breve tempo fez-se uma estrada e transportaram-se a 2.000 palmos de altura sobre o mar, os materiaes que formaram a solida e elegante torre, em que se assentou o farol, de que as peças e machinismos foram todos feitos no Brazil, e que com 18 luzes auxiliadas de outros tantos reverberos de prata, é visto dos navegantes a 15 legoas de distancia da costa. Concluido o farol, collocou sobre a porta da torre uma inscripção gravada em bronze dourado, memorando o reinado e o ministerio em que foi principiado e acabado.

O governo conhecendo a aptidão d'este engenheiro, encarrega-o do melhoramento do porto do Cabo Frio, e em pouco tempo a barra, que apenas dava passagem aos pequenos barcos em marés altas, franquêa em todas, a entrada e sahida para maiores embarcações, e no curto espaço de 4 annos, o movimento do porto se torna dez vezes maior. Não contente com estes melhoramentos obtem do governo ordem para collocar argolões de espia nesta barra e no boqueirão do cabo, que facilitam as passagens sem a necessidade que até então havia de esperar vento de feição.

Creada a directoria das obras publicas da provincia do Rio de Janeiro, foi, e com justiça, nomeado o major Henrique Bellegarde chefe da 4ª secção d'ellas, que comprehendia os municipios de Macacú, Maricá, Cabo Frio, Macahé, Campos, e São João da Barra: os seus trabalhos interessantes e multiplicados, como tal, se acham consignados em dous luminosos e elegantes relatorios que publicou.

Nem só o desempenho dos seus deveres, em tão complicadas commissões, foram capazes de alimentar a actividade, zelo e intelligencia do nosso socio: por toda a parte se succediam rapidamente as obras particulares, as associações se formavam: por seus trabalhos e poderosa influencia se formou a companhia da ponte de Campos: organisou o projecto de um canal, que deve communicar as lagôas de Gurupina e Maricá com o porto de Taipuassú, e que deve apresentar seis leguas de navegação com um porto artificial, no districto de S. João da Barra de Campos: organisou o projecto e promoveu a creação de uma Companhia, que já obteve privilegio da assembléa provincial,

para a construcção do canal de Cacimbas, que communicando varias lagôas, deve fazer ao todo mais de cinco legoas de desenvolvimento de navegação que communique ao Rio Parahyba do lado do Norte perto da villa de S. João. A actividade prodigiosa do prestante engenheiro, ajudada do talento creador e de uma franqueza de trato inalteravel lhe grangeavam os meios de organisar e encaminhar tantas e tão importantes emprezas. Nem o desgosto de se ver duas vezes consecutivas preterido em seu accesso militar, foi capaz de levemente entibiar o seu zelo pelo desempenho de seus arduos deveres.

Havia tomado por empreza particular para executar em Cabo Frio sobre o estreito de Itajurú uma ponte, com o fim de communicar a cidade, situada em uma peninsula separada da terra firme pelo Rio de Araruama, e esta ponte intentava construir suspensa, tendo assim a gloria de introduzir no Brazil este genero de construcção, que deve trazer comsigo innumeraveis vantagens ao nosso nascente systema de communicações. Tinha construido com grande despeza e empenho seu, os pés direitos da ponte, havia feito preparar os materiaes para a concluir, quando uma febre perniciosa veio em breve tempo terminar dias tão curtos em numero, tão longos e ainda mais esperançosos em provas de saber e virtudes! (21 de janeiro de 1839) arrebatando-o á patria, aos extremosos parentes, aos muitos amigos, na mesma cidade de Cabo Frio d'onde, como de um centro, esparzira os raios de sua benefica influencia. Assim, nos climas da nossa zona, a arvore carregada a um tempo de fructo succulento e de flores precursoras de ainda mais rico producto, cahe ferida do raio:

> Assim mimosa flor que o prado enfeita,
> Do vento desabrido ao golpe expira.
>
> J. A. de Macedo.

Choraram-o os pobres de quem fôra sempre esclarecido e generoso protector, e que lhe deveram o estabelecimento de uma irmandade, e a construcção de uma casa de caridade: faltou aos pais de familia para quem havia feito organisar um collegio de educação de meninos, sob a invocação de S. Pedro de Alcantara, e que falto do seu amparo, pouco depois cahiu. A população em massa assistiu ao seu funeral, que outro jámais se viu alli de tão numeroso concurso: tomaram luto as pessoas gradas; os habitantes fecharam as suas casas por nojo, e o bemfeitor d'aquelles povos foi sepultado na igreja dos religiosos Franciscanos d'aq ella cidade, tendo fallecido como bom e fiel catholico, que sempre fôra, na idade de 36 annos.

O major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde era de pequena estatura, porém, bem proporcionado, claro, de cabello louro e crespo, e de physionomia expressiva: possuia um caracter extremamente jovial e vivo, que, reunido a outras qualidades, o faziam lembrado e desejado para o trato particular. Cultivou as musas, e d'elle ha manuscriptas algumas

traducções em verso, e algumas edes e sonetos feitos a Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro II, por occasião de festejar, como costumava, o augusto natalicio entre seus amigos. Na vida activa e contrastada que pela ardencia de seu genio, trabalhos e circumstancias passára, duas qualidades sobresahiram sempre ás outras como predominantes, a generosidade e o amor filial. Já no leito da morte e da verdade (mesmo para os que a não respeitam na vida) disse a um amigo: « Amigo, morro com a consolação de que nunca tive inveja dos bens de alguem.» As ultimas palavras que balbuciou foram o doce nome de — mãi.

Os fundadores d'este Instituto não podiam desconhecer os serviços que havia prestado á historia e geographia patria, e que de certo maiores ainda prestaria a não o atalhar a morte: por isso, foi um dos primeiros convidados para fazer parte desta associação, de que o paiz aguarda tão grandes serviços, o que aceitou, na qualidade de socio correspondente, por não ter habitual residencia na côrte.

DISCURSO

Sobre a palavra «Brazil»

Recitado pelo socio effectivo José Silvestre Ribello

> In hac terra, quam Caprális Sanctæ Crucis nomine celebrari voluit, quam nunc Brasiliam appellant.
>
> Osorius, *De rebus gestis Emanuelis*.
>
> liv. 2 pag. 49.

Das palavras, que acabo de repetir, infere-se que nos meiados do seculo XVI se usava já sósinha a palavra Brazil para designar o nosso imperio; a obra citada foi impressa em 1851, em Colonia, na Allemanha.

O mesmo dá a entender Pedro de Magalhães Gandavo na sua *Historia da Terra de Sancta Cruz*, publicada em Lisboa em 1576; eis-aqui as suas palavras: — Por onde não parece razão que lhe neguemos este nome (refere-se ao de terra de Sancta Cruz), nem que nos esqueçamos delle tão indevidamente por outro, que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o páu-Brazil começou de vir a estes reinos.

As mesmas idéas a este respeito nos dá Antonio Galvão na sua obra — *Descobrimentos do Mundo até 1550* — impressa em Lisboa em 1563, diz elle: « No anno de 1500, á entrada de Março, partiu Pedralvares com trèze velas, com regimento que se

afastasse da Costa d'Africa para encurtar a via. E tendo uma náo perdida, em sua busca perdeu a derrota, e indo fóra d'ella toparam signaes de terra, por onde o capitão-mór foi em sua busca tantos dias, que os da armada lhe requereram que deixasse aquella porfia, mas ao outro dia viram a Costa do Brazil. »

Damião de Góes, na sua Chronica d'El-Rei D. Manuel, publicada em 1566, referindo-se aos acontecimentos de 1513, diz: « George Lopes Bixorda, que naquelle tempo tinha o trato de pão Brazil, que trazem d'esta terra de Sancta Cruz », o que prova que no ultimo anno ainda se não chamava Brazil a esta parte da America. O mesmo, narrando os actos d'El-Rei D. Manuel, termina dizendo: « Deu muitos privilegios assi ás cidades e villas do Reino, como ás das Ilhas e lugares de suas conquistas em Africa, Guiné, Terra de Sancta Cruz ou Brazil. » Como el-rei D. Manoel morreu em 1521, devemos pensar que por cidades e villas do Brazil entendeu o mesmo Damião de Góes as feitorias de Porto Seguro e Itamaracá, pois que ei então não haviam outras povoações européas e que até então se usavam os dois nomes.

O primeiro documento official por mim conhecido, em que o governo deu ao nosso paiz só o nome de Brazil, é o Alvará de 1530 no qual se lêm as seguintes palavras: — Que Martim Affonso de Souza, do meu conselho, achar ou descobrir na terra do Brazil, aonde o envio — Logo a palavra Brazil entre 1513 e 1530 é que ficou sendo sósinha o nome do nosso Imperio nos documentos officiaes.

Que a palavra Brazil era usada no mundo muitos annos antes da descoberta da America é facto evidente, como se vê dos documentos que vou citar.

Pedro Martir, na sua primeira Decada, narrando a segunda viagem de Christovão Colombo em 1495, diz que na Ilha Hespanhiola, depois S. Domingos, e hoje outra vez Haiti, haviam bosques, nos quaes não se viam outras arvores senão Brazil, ás quaes os Italianos chamam Verizino; e, no capitulo seguinte, narrando o que aconteceu na mesma Ilha, na ausencia de Colombo, isto é, no intervallo de tempo entre a segunda e a terceira viagem, menciona que Bartholomeu Colombo, irmão do almirante, fez uma entrada nas montanhas do Cibana, aonde dividindo a sua gente em vinte e cinco pelotões de dez homens cada um, com os seus capitães, mandou dois dos mesmos pelotões aos districtos d'aquelles regulos, em cujas terras haviam grandes bosques das arvores Brazil. Dirigindo-se estes para a esquerda, viram os bosques, entraram nelle e cortaram as grandes e preciosas arvores, intactas até aquelle dia. Cada um dos pelotões encheu cabanas com os troncos do Brazil, aonde se deviam conservar até á chegada das embarcações que os deviam carregar e levar.

Sabe-se que o segundo capitulo das citadas Decadas foi escripto em 1494, e que o terceiro e quarto foram em 1500, pouco antes, ou quando Pedro Alvares descobriu a terra, á

qual Caminha chamou — Ilha da Vera Cruz — como o escreveu a el-rei D. Manoel.

E não foi na America só o nosso Imperio o pedaço de terra que teve então o nome de Brazil, pois que, Fernando Colombo, na vida de seu pai, nos deixou escripto que logo que em Hespanha se soube do que este, na sua terceira viagem, tinha descoberto a terra de Pariá, nas vizinhanças do Orenoco, viajou para ali Alonso de Ojeda (com quem se embarcou Americo Vespucio); e que, regressando o mesmo Ojeda, em 6 de Setembro, entrou na Hespanhiola no porto a que os christãos chamam Brazil e os indigenas Yaquimo, com tenção de tomar por força aos Indios o que lhes pudesse apanhar, e carregar os barcos com o páo da tinta e com escraves.

No nono livro da primeira Decada, narra o já citado Pedro Martir a viagem de Vicente Pizon, e seu sobrinho em 1499; eis-aqui as suas palavras: «Elles acharam em varias ilhas, nas vizinhanças de Pariá, grandes bosques das arvores Brazil e trouxeram comsigo como tres mil libras das mesmas. Dizem comtudo que o Brazil da Hespanhiola é muito melhor do que este para dar côr ao panno, porque a tinta do ultimo é melhor e de maior duração.

Tambem o mesmo Pedro Martir na quarta Decada diz que recentemente tinha vindo das Indias Occidentaes madeira das arvores do Coccus, que se usa para tingir lãa, a qual os Italianos chamam Verizin e os Hespanhoes Brazil.

E não só annos antes da descoberta da America chamavam os Hespanhóes Brazil ao páo de que se extrahe a tinta encarnada, e ao kermes e outros insectos, mas tambem chamavam Brazil ao carmim, com que as damas se aformoseavam já naquelle tempo; assim o diz o Diccionario da Academia Hespanhola.

Parece que uma palavra como a Brazil se usava em todo o Mediterraneo para designar cousas que tinham ardencia luminosa, porque na primeira edição da Encyclopedia Franceza vem a palavra *Braziller* como um verbo neutro, usada pelos navegantes para designar uma especie de luz que o mar emitte, quando em certas noites o cortam os navios, ao que nós chamamos ardentia, phenomeno assás notavel nos mares d'esta America Meridional nas noites previas aos vendavaes do Sul.

Os Monges nas idades médias traziam um cinto que se chamava *Bracile* e *Brachile*, e servia para abraçar os habitos ao corpo. Tambem se chamavam *Brachiale* os braceletes e manilhas com que se enfeitavam e ainda hoje se enfeitam os braços. Se os primeiros foram em algumas ordens encarnados, eu o não pude descobrir; dos segundos alguns tiveram essa côr; o certo é que as palavras *Bracile*, *Brachile* e *Brachiale* tem tão proxima semelhança com a palavra Brazil que se suscita a idéa de que, ou esta pela côr lhe deu o nome, ou concorreram ellas para a formação do nome do nosso Imperio; se assim foi, é este então filho da palavra latina *Brachium*.

Prova-se mais que a palavra Brazil era usada muitos annos antes da descoberta da America, designando droga d'este nome,

que em um tratado de commercio celebrado entre as cidades de Bolonha e Ferrara, na Italia, em 1194 se conveio em que poderiam cobrar um direito na importação da *Grana de Brasile*, o que prova mais que então se dava ao kermes o nome de *Brazile*.

O kermes vegetal, assim chamado, porque este insecto, bem como a Cochonilha, se cria em varias plantas, e entre ellas no *Quercus Coccus*, deu aos antigos, assim como o *Murex* a côr vermelha. Em outros documentos, um de 1306 e outro de 1198 chamam-lhe *Braxilis*.

A côr de purpura, assim como a do anil, foram citadas por Dioscorides e Plinio como vindas das Indias, e foi fundado nestas autoridades que Canepárius escreveu o seguinte : — *Duo atramenti Indici genera fuerunt a Dioscoride constituta (unum) eorum prodidit naturale quod sponte ab arundinibus in India paludibus, instar spumæ ei solis exiens humor concrescebat colore purpureo.* — Isto é, duas tintas da India foram notadas por Dioscorides (uma) se produz em certas cannas nos páos, a qual sahindo com a força do sol como escuma cresce com a côr de purpura.

Desde tempos antiquissimos vieram das Indias á Europa pela Asia menor, e depois pelo Mediterraneo, especiarias, drogas e artigos proprios para tintas. Entre ellas vinha o Coccus, assim chamado então pelos Gregos ; Purpurissam e Hyginus pelos Romanos ; e Kermes pelos Arabes ; é verdade que eram uns insectos como a Cochonilha, mas tambem lhe vinha, como escreveu Dioscorides no logar já citado, uma massa da qual se fazia tinta encarnada.

Como estes, e muitos generos de commercio vinham por terra ao Mediterraneo, ou desde Bassorá no Golfo Persico, atravessando a Asia menor, ou desde Berenice e Suez, no Mar Vermelho ao Cairo, e depois pelo Nilo á Alexandria, é natural que não trouxessem o páo mas que fizessem lá os extractos e que viesse em fórma de massa ; ora, como uma variedade da arvore Brazil existe nas costas de Coromandel, Pegu, Sião e Cochinchina, como imprimiu o padre Loureiro na sua *Flora Cochinchinensis* ; é muito provavel que a massa que Dioscorides suppunha creada em cannas fosse um extracto do páo Brazil ; e tambem é muito natural que com elle viesse a palavra, da qual se formou na Europa depois a palavra Brazil. Talvez que se algum dia conhecermos bem as linguas da Cochinchina e dos outros paizes Asiaticos, já citados, encontremos nellas algum vocabulo bem pouco differente do nosso nome Brazil.

Da Asia veio á Europa e a nós na America tambem, pelas vias já citadas, a palavra da qual se formou o vocabulo Anil de que usamos. Na lingua de Bengalla chama-se ainda hoje a esta droga — Nil — e como se vê os do Occidente só lhe ajuntamos um A. Errou pois Bischoff quando escreveu e imprimiu que a palavra Brazil era derivada da palavra italiana *Bragio*, carvão ardente, porque chamando os italianos a esta tinta no seculo XV — Verizino — e esta voz não tendo como se ouve, analogia com *Bragio*, segue-se claramente que d'ella não se derivou. Se alguma palavra moderna serviu para d'ella se formar

a palavra Brazil, então foi o verbo maritimo *Brasilter*—como já imprimiu o Dr. Constancio na sua pobre Historia do Brazil.

Errou tambem Canepario quando em 1619 imprimiu, (opinião que erradamente adoptou Bartholet no seculo seguinte), que a terra do Brazil fôra que déra o nome á droga ; não foi, como tenho provado, a terra que deu o nome á tinta, foi a droga Brazil que deu o nome ao nosso Imperio.

Não me consta que os indigenas tivessem nome proprio para designar esta parte da America, nem mesmo para appellidar alguma grande secção da mesma ; parece que davão ás terras os nomes das nações que as habitavam. Comtudo ás vizinhanças do Rio de Janeiro chamavam, segundo Lery, Ganabara, e ás de S. Vicente e Santos, Buriquioca ; ás da barra do Norte, Bertioga ; ás de S. Paulo, Pyratininga, e estes e outros nomes que teriam, eram devidos ás circumstancias locaes.

A árvore Brazil está classificada em botanica pertencendo ao genero *Cæsalpina*, e seu nome especial é *Cæsalpina Echinata* ; ha mais do mesmo genero a *Cæsalpina Brasileto*, a *Cæsalpina Sappan* e outras. Deu-se-lhe este nome em honra de Cesalpino que, em um Tratado impresso em Florença em 1583, o primeiro deu ás plantas a qualificação presente ; viveu no seculo XVI ; foi professor de medicina em Piza e morreu em Roma no principio do seculo seguinte, havendo servido como medico ao Papa Clemente VIII.

Na linguagem dos indigenas a arvore Brazil chamava-se — Imyrapiranga — isto é, páo vermelho ; o que prova a côr interna que a mesma apresentava quando a derrubavam, pois que a casca externa é parda escura. A tinta encarnada com que se pintavam era a do Urucú, fructo de um arbusto que contém sementes vermelhas, as quaes esmagavam sahindo vermelha a tinta que espremiam, e com esta se pintavam de encarnado, e quando se molhavam ficava a côr mais viva. Assim o escreveu a el-rei D. Manoel Pedro Vaz de Caminha, escrivão da esquadra em que Pedro Alvares Cabral descobriu a ilha da Vera Cruz, como lhe chama o mesmo Caminha assignando a citada carta.

No commercio conhecem-se nos meiados do seculo passado quatro variedades de páo Brazil : o de Pernambuco ; o do Japão, o de Lamon e o de Santa Martha : o primeiro e o ultimo nomes são bem sabidos ; o do Japão era corrupção da palavra Sappan ; e o de Lamon se dava no da Bahia, assim como tambem se lhe chamava simplesmente da Bahia, e de todos os Santos. Assim o traz a Encyclopédia Franceza da primeira edição.

A mesma Encyclopedia diz que o páo Brazil serve para o commercio das tintas, para obras de torneiro, por ser muito duro ; e para obras de marceneiro, porque se pule bem e brilha muito.

Se pois a Divina Providencia quiz que a palavra Brazil substituisse as de — Terra de Santa Cruz — e viesse a ser o nome do nosso Imperio, compete-nos a nós pelas nossas acções o fazer com que o Brazil preencha bem á face do mundo o que a palavra designa, isto é, apresente ao mesmo muitos e mui va-

liosos objectos de commercio ; mui solidas instituições politicas, e mui religiosos, sabios, e moraes costumos sociaes.

Devemos pois fazer com que nos mercados externos appareçam vindos do Brazil numerosos productos que sirvam para aviventar o commercio geral do universo. Estas mercadorias devem ser o resultado do nosso trabalho e industria, guiados pelo estudo e applicados segundo as regras que tem descoberto, e seguem diariamente descobrindo as sciencias, agricultura, historia natural, chimica e physica.

Apresentando-se pois no mundo o povo do Brazil, em poucos annos como rico commerciante acompanhado de preciosos generos ; polido, sabio, religioso e moralisado com visiveis provas de boa educação, preencherá visivelmente o nome Brazil que a Divina Providencia lhe fez haver, e que lhe agoura um brilhante futuro, que já se começava a presentir quando Guilherme Pizon escreveu o seguinte sobre o Brazil :

Brasilia autem præstantissima facile totius Americæ pars penitius introspecta, jucunda in primis salubrique temperie excellit usque adeo, ut merito cum Europa atque Asia de clementia Aeris, et Aquarum certet. Quippe cum neque Solis calore hæc terra torreatur, nec squalore vel aquarum penuria resicc tur, neve frigore violetur, sed rore perpetuo et imbribus mullis atque fontibus irrigetur, feracissimam esse, mullaque illic tempestiva nascentur oportet.

CATALOGO

DOS CAPITÃES-MÓRES GOVERNADORES, CAPITÃES-GENERAES E VICE-REIS, QUE TEM GOVERNADO A CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO DESDE SUA PRIMEIRA FUNDAÇÃO EM 1565, ATÉ O PRESENTE ANNO DE 1811

(Copiado de um manuscripto, que existe na Bibliotheca Episcopal Fluminense)

Estacio de Sá

Primeiro capitão-mór governador e fundador da primeira povoação

Chegou a este continente em 6 de Março de 1565, e governou a nova povoação por elle mesmo fundada junto ao Pão d'Assucar, conservando-se sempre em guerra, até a sua morte, com os Francezes, e os Indios Tamoios, aos quaes derrotou muitas vezes por mar e terra.

Cheio de triumphos e virtudes, terminou o curso da sua preciosa vida em Fevereiro de 1567, morrendo de uma frexada, com que o feriram no rosto, quando acabava de conseguir uma das suas maiores victorias.

Seu corpo foi sepultado na igreja que tinha fundado na mesma povoação, fazendo-se-lhe todas as honras funebres, que eram devidas ao seu emprego, e distincto merecimento. Passados varios annos foram trasladadas as suas cinzas, parece que por seu primo Salvador Corrêa de Sá, governando então segunda vez esta cidade, para a igreja matriz de S. Sebastião, onde se lê o epitaphio seguinte gravado, na pedra sepulcral do seu jazigo.

AQUI JAZ ESTACIO DE SÁ

Primeiro conquistador d'esta Terra, e Cidade.
E a Campa mandou fazer Salvador Corrêa de Sá seu Primo;
segundo Capitão, e Governador com
suas Armas: e esta Capella, acabou o anno de 1583.

Depois de sua morte até a creação do 2º governador não teve a nova cidade governador particular, e só commandava o governador geral Mem de Sá, que nella assistiu até os fins de Maio, ou principios de junho de 1568, como consta da provisão assignada por elle, que mandou passar em 21 de Maio do dito anno para Clemente Ferreira servir o officio de escrivão da Camara d'esta cidade (1), e uma carta de sesmaria assignada por elle em 25 do dito mez, e anno, de terras, que deu a João Coelho, bombardeiro da náu — Santo Espirito (2).

---

(1) Arc. da cam. L. 2º do reg. das ord. reaes.
(2) Cartorio do tab. Antonio Teix. L. 7º de sesm.

Salvador Corrêa de Sá

Com jurisdicção amplissima governou esta cidade, conferida por seu tio Mem de Sá, como governador geral do Brazil, e nelle delegou todos os poderes, que Sua Magestade lhe havia dado.

O registro de sua provisão existe na camara d'esta cidade com data de 4 de Março de 1568.

Ignora-se o dia em que tomou posse d'este governo; porém consta, que já governava em 28 de Junho do dito anno; porque nesse o acho assignado na carta de sesmaria de terras, que deu a Pero de Seabra (3). Em 12 de Julho de 1572 ainda exercia o seu cargo, e isto se prova com outra sesmaria de terras, que concedeu a Balthazar Lourenço, na qual tambem o vejo assignado. Com datas anteriores a esta sesmaria temos duas provisões assignadas por elle como governador d'esta capitania, uma em 31 de Março de 1572 para André Cardoso servir o officio de escrivão da camara, e outra em 5 de Maio do dito anno para Francisco Dias Pinto exercer o cargo de ouvidor d'esta cidade (4).

Christovão de Barros

Tambem se ignora o dia em que tomou posse do governo d'esta capitania; porém uma sesmaria de terras assignada por elle, o mostra governando em 20 de de Novembro de 1572 (5).

Ainda estava no exercicio de seu cargo em 1573, e isto se prova com a sesmaria do terreno, onde vemos o Mosteiro de S. Bento, o qual deu a Manuel de Brito por carta assignada por elle no dito anno.

Outra sesmaria de terras assignada por elle, tambem o mostra governando ainda em 28 de Março de 1576 (6).

O conde D. Marcos de Noronha omittiu este capitão-mór governador, e o successor que assigna a Salvador Corrêa de Sá, é Manuel Telles Barreto, dizendo que tomara posse a 11 de Junho de 1583: enganou se, porque Manuel Telles Barreto, sim, tomou posse a 11 de Junho de 1583, porém foi na Bahia de governador geral do Brazil, e ao 4º anno do seu governo falleceu ali no de 1587, sendo o primeiro governador, que, o prudente Filippe como rei de Portugal mandou para o Brazil succeder a Lourenço da Veiga, que achou morto (7).

Antonio Sellema

Mandando el-rei D. Sebastião dividir em dous o governo geral do Brazil, um do Norte, cuja capital ficou sendo a Bahia;

---

(3) Cart. e L. citado.
(4) Arch. da camara L. 2º do reg. das ord. reaes.
(5) Cart. e L. citado.
(6) Cart. e L. citado.
(7) Americ. Portug. L. 3 pag. 148.

e outro do Sul com a residencia dos governadores nesta cidade do Rio de Janeiro, como cabeça nomeou para governador d'ella ao desembargador Antonio Sellema, que se achava com alçada em Pernambuco. Os autores d'esta noticia não assignam o anno em que se fez a divisão; suppre porém esta falta o padre Sachino, historiador da extincta sociedade de Jesus, relatando, que a tal divisão se fizera no anno de 1574 (8). No auto de desistencia, que fez mestre Vasco, dos officios que servia nesta cidade em 1576, vem as palavras seguintes: « que elle desistia « e largava de si os ditos officios, para que o dito Lourenço « Fernandes os pedisse e os houvesse do Sr. governador geral « Antonio Sellema.» (9) — No livro do mesmo cartorio do tabellião já citado existe uma carta de sesmaria assignada por elle no anno de 1577, sendo governador geral da repartição do Sul.

Salvador Corrêa de Sá

(Para ver as sesmarias que deu no tempo do seu giverno)

Segunda vez governou esta capitania, o Marins fallando a seu respeito diz, que el-rei D. Sebastião tornara a reunir o governo geral do Brazil nos governadores da Bahia, como se praticava antes d'elle fazer a referida divisão; e que para substituir a Sellema nomeara capitão-mór governador d'esta capitania a Salvador Corrêa de Sá; porém não diz nada em ordem ao tempo da sua nomeação, e o mesmo engano teve o chronista d'esta Provincia de Santo Antonio do Brazil (10) quando affirmou, que fôra nomeado por aquelle soberano no anno de sua partida, e perda n'Africa, 1578. — Esta errada noticia, que deram os taes autores, não merece credito algum; porque desde o anno de 1577 em que principiou a governar segunda vez esta capitania, o vejo assignado em todas as cartas de sesmarias de terras que deu aos moradores da sua repartição até o anno de 1598, em que teve successor: e isto se prova com as mesmas sesmarias dos livros nºs 15, 16, 17 e 18, existentes no cartorio do tabellião citado.

Tambem se prova a certeza d'este seu 2º governo com um dos livros do registro da provedoria de Santos, no qual se acha lançada uma procuração geral, em que os donatorios da capitania de Santo Amaro conferiam seus poderes a Lourenço da Veiga, quando veio governar o estado do Brazil; e nella disse assim: «Substabeleço como procurador d'esta procuração de F... no Sr. Salvador Corrêa de Sá, capitão-mór governador da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Bahia, 30 de Janeiro de 1578. — Lourenço da Veiga. —»

---

(8) Hist. societ. L. 4 pag. 33.
(9) Arc. citado. L. 2, fl. 153.
(10) Preambulo digress. 4ª, estanc. 2, nº 60, pag. 43.

Este titulo está mostrando, que Salvador Corrêa de Sá já governava esta cidade em 30 de Janeiro de 1578, e por consequencia é falsa a noticia do chronista citado, que el-rei D. Sebastião o nomeára governador d'esta capitania no proprio anno de sua partida, e perda n'Africa; porque não cabia no curto espaço de 30 dias nomea-lo el-rei em Lisboa, e de lá vir a patente a Salvador Corrêa, tomar posse nesta cidade, e d'aqui ir a noticia á Bahia; portanto, devemos assentar, que principiou a governar em 1577. Em todos os documentos que vou citar, se verifica este seu segundo governo; porque em 1583, o mostra o Epitaphio, que mandou gravar sobre a campa do sepulcro do seu primo Estacio de Sá.

Em 4 de Junho de 1584 proveu a Antonio Gomes no officio de escrivão da camara. Em 27 de Julho de 1588 proveu no dito officio a Garcia Ferreira (11).

Em 28 de Fevereiro de 1592 assistio, e assignou a escriptura de doação, que fizeram os irmãos de Santa Luzia aos primeiros religiosos de Santo Antonio, que vieram a esta cidade fundar o seu convento (12), finalmente governou Salvador Corrêa de Sá (o velho) 21 annos, vindo no fim d'elles succeder-lhe

Francisco de Mendonça e Vasconcellos

Nem o conde D. Marcos de Noronha, nem o Catalogo Benedictino fazem menção d'este governador; mas o padre Fr. Vicente do Salvador diz assim: (13) « que D. Francisco de Souza sendo governador geral do Brazil, viera por ordem d'el-rei a estas partes do Sul a promover descobrimentos de Minas, tendo partido da Bahia em Outubro de 1598 (neste anno falleceu Felippe II em 3 de Setembro) e que quando chegara a esta cidade, era governador d'ella Francisco de Mendonça e Vasconcellos. » Não póde entrar em duvida a verdade d'esta noticia, porque nos citados livros de sesmarias o vejo assignado em todas as cartas de sesmarias, que deu durante o seu governo. A 1ª em 17 de Setembro de 1599 a Balthazar Coutinho; 2ª em 28 de Abril de 1601 a Luiz Gonçalves; 3ª em 31 de Dezembro de 1702, etc. Tambem vejo a D. Francisco de Souza assignado em varias cartas de sesmarias, que deu durante a sua estada nesta cidade como governador geral do Brazil.

Martim de Sá

Governou esta capitania duas vezes, e d'este seu primeiro governo não ha certeza do dia, em que se encarregou d'elle;

---

(11) Archiv. da cam. d'esta cidade L. do reg.
(12) Archiv. do convent. de Santo Antonio L. do Tomb.
(13) Santuar. Mariano. Tom. 1º, L. 3ª Introduc. pag. 147.

porém sabemos que já governava em 1603, porque assim o mostra um dos antigos livros de assentos de baptizados na igreja matriz de S. Sebastião d'esta cidade, onde foi padrinho, sendo governador no dito anno (14). A 16 de Outubro do mesmo anno tambem o vejo assignado em uma carta de sesmaria de terras concedida por elle a Aleixo Alvares; assim como em todas as mais sesmarias, que deu durante o seu governo, até a ultima, que foi em o 1º de Maio de 1608 concedida a Pedro da Silva (15).

No archivo dos religiosos de Santo Antonio d'esta cidade existe a Memoria da fundação de seu convento, e nella vem as palavras seguintes: « — Não achando a proposito o padre Fr. Leonardo de Jesus aquelle sitio de Santa Luzia, que tinha sido designado para nelle se fundar o novo convento, representou os inconvenientes, que achava, ao Sr. governador, que então era o Sr. Martim de Sá, e aos officiaes da camara, que de unanime consenso doaram aos religiosos este monte, em que existem, de cuja doação se lavrou uma escriptura aos 19 dias do mez de Abril de 1607 (16). Com este documento se prova o seu governo no dito anno, assim como se verifica, que já não governava no dia 4 de Junho de 1608, porque na mesma Memoria tambem se lê a seguinte noticia: — « A 4 de Junho de 1608, vesperas de Corpus Christi, foi lançada a primeira pedra, para a igreja do novo convento de Santo Antonio pelo Reverendo Matheus da Costa Aborim, administrador ecclesiastico; estando presentes o capitão-mór governador d'esta cidade Affonso de Albuquerque, Martim de Sá seu antecessor, o padre reitor do collegio de Jesus Pedro de Toledo, e o padre Martim Fernandes, vigario da igreja matriz de S. Sebastião. »

Affonso de Albuquerque

Temos visto que foi o successor de Martim de Sá, e por falta de noticias não sabemos o dia em que teve posse d'este governo; mas é certo que a 14 de Julho de 1608 assignou a primeira carta de sesmaria de terras concedida a Francisco Caldas; assim como tambem o vejo assignado em outra que deu no Iguassú aos Monges de S. Bento d'esta cidade em 11 de Junho de 1611. — O catalogo Benedictino diz que Affonso de Albuquerque ainda exercia o seu cargo em 1614, e com effeito assim é; porque o vejo assignado na ultima carta de sesmaria de terras que deu em 18 de Junho de 1614 (17).

---

(14) Cartorio da cam. ecclesiastica L. de assento dos Baptismos.
(15) Cartorio do Tab. já citado.
(16) Arch. do convento de Santo Antonio, L. 4º Tombo.
(17) Cartorio do Tabel. citad.

Constantino de Menelau

O citado livro de sesmarias mostra a certeza do seu governo nesta cidade, na 1ª carta de sesmaria que assignou em 23 de Setembro de 1614, concedida a Antonio Francisco Pinhel na varge d'esta cidade.

Sendo encarregado pelo Exmo Conde de Rezende, então vice-rei d'este Estado, da descripção do continente da cidade de Cabo Frio, achei nos fragmentos de um antigo livro d'aquella camara a memoria da sua fundação em 1615, da qual fôra encarregado Constantino de Menelau, sendo então capitão-mór governador do Rio de Janeiro, conforme se disse em outra parte.

Por provisão de 25 de Janeiro de 1618 mandou o governador geral do Brazil Gaspar de Souza que o Dr. Antonio de Mesquita, desembargador de aggravos da relação da Bahia, viesse a esta cidade devassar do governo que nella tinha feito o capitão-mór Constantino de Menelau (18), providencia que sempre se devêra praticar com todos os governadores, para que olhando para a sua gloria e para o serviço do soberano se não regessem por paixões particulares, como a maior parte das vezes aconteceo (19). A ultima carta de sesmaria de terras em que o vejo assignado a 19 de Maio de 1617 foi concedida a João de Almeida.

Rui Vaz Pinto

Por provisão de 3 de Julho de 1616 lhe conferio Felippe III o governo d'esta capitania, e d'elle tomou posse em 19 de Julho de 1617 (20).

O curso do seu governo foi cheio de intrigas, perturbações e desordens, pelo despotismo com que se oppunha ás resoluções da camara, e esta por desafogo e despique praticava o mesmo com as determinações do governador, por cujo motivo se virão muitas vezes sem execução as suas ordens, e destemido o seu poder, e d'este modo perturbada a harmonia dos governos, passavam um e outro reciprocamente a precipitarem-se em materias, que se animavam pelo capricho e se cevavam na ignorancia e na vingança.

Um dos procedimentos de autoridade que o governador praticou, com a camara foi prender o juiz primeira e segunda vez: resentida a camara da segunda prisão do juiz, ordena ao governador por um accordão della que viesse assistir á sua primeira conferencia; porém o governador, que se

---

(18) Arch. da Cam. de S. Vicente, Cadern. de Vereanç. 1598, f. 24.

(19) Cartorio do Tabel. citad.

(20) Arch. da Cam. d'esta cidade L. 7 do Reg. das Ordens Reaes.

reputava superior a todas as deliberações da justiça, e que tomava o aviso como disforme attentado feito á sua pessoa e á sua autoridade, respondeu que não ia porque se achava occupado no serviço de el-rei, e que além d'isso não conhecia os officiaes da camara como taes, mas sim como homens rebeldes e levantados contra o serviço de Sua Magestade e suas reaes ordens e d'elle governador; e outrosim que havia por levantados todos os homens das ilhas, e por taes os mandava publicar pela cidade em pregão publico (21). Nesta serie de desordens continuava o governador os seus despotismos.... e a oppressão dos povos se augmentava, vendo espalhada por toda a cidade uma geral perturbação. Elle os obrigava com penas pecuniarias a fazerem guarda á sua porta, tanto de noite como de dia, e á noite com arcabuzes e tochos accesos, e aos que faltavam mandava condemnar em 20 cruzados, fazendo-lhes logo penhora em trastes de igual valor até pagarem: e d'este modo continuou a oppressão até acabar o seu governo ou desgoverno (22). Neste governo é que pela primeira vez se accordou que houvessem negros para carregarem e descarregarem as embarcações que vinham a este porto, facultando-se a Duarte Vaz privativamente para os dar: providencia que produziu terriveis effeitos não só no monopolio que se consentiu áquelle particular, como tambem na copiosa entrada dos negros da Costa d'Africa, de que progressivamente resultaram os mais tristes consequencias que era possivel, e o mais é que sem remedio até hoje (23). E' verdade que já havia o intoleravel abuso de servirem os indios como escravos; porém este mal não se devia remediar com outro muito peior.

Na primeira carta de sesmaria de terras que deu a Alexandre Lopes no rio Guapiassú, o vejo assignado a 9 de Janeiro de 1618; e na ultima em 15 de Abril de 1620, dada a Antonio de Oliveira no districto de Inhaúma (24).

Francisco Fajardo

Tomou posse d'este governo em 20 de Junho de 1620, em virtude da provisão de Filippe III de 1º de Outubro de 1616, assignada pelo marquez de Alenquer, vice-rei do reino, em cujas mãos fez preito e homenagem, e na dita provisão ordenava aos officiaes da camara lhe dessem posse, e ao governador geral do Estado, que parecendo-lhe commetter a este governo mais alguma jurisdicção do que lhe era permittido pelo

(21) Esta resposta dá bem a conhecer a sua estupidez, fraqueza e ignorancia.

(22) Arch. e L. citad. fl. 96.

(23) Arch. idem, L. de Vereanç. de 1619.

(24) Cart. do Tab. citado.

regimento e provisão, o fizesse nas cousas que fossem convenientes ao serviço e bom governo da terra (25).

Governou esta capitania tres annos com muita suavidade e prudencia, proveu alguns portos militares pelo receio que tinha dos Hollandezes. Tambem proveu alguns logares da justiça para socego dos povos, o qual só pôde conseguir depois da sábia resolução do alvará de 21 de Julho de 1620, pelo qual permittiu el-rei poder-se dar livramento n'esta cidade de todos os crimes, á excepção dos de pena ultima, sem dependencia de irem os moradores d'ellas correr os seus livramentos na capital do Estado (26). Felizmente conseguiu então ter a cidade socegada e livre de facinorosos, que tanto perturbavam a felicidade dos povos.

A 1ª carta de sesmaria de terras em que o vejo assignado foi concedida a André de tal a 2 de Setembro de 1620, e a ultima a Diogo Martins Moitão, em Maricá, a 14 de Junho de 1623.

Martim de Sá

Segunda vez foi encarregado do governo d'esta capitania por provisão de Filippe III, datada em 26 de Janeiro de 1618, em remuneração do bom governo e serviços que tinha feito no Brazil a Sua Magestade.

A 11 de Julho de 1623 tomou posse d'este segundo governo, e quando esperava successor por ter completado os tres annos por que fôra nomeado, mandou o mesmo soberano que continuasse, dizendo assim : (27) « Martim de Sá. Eu el-rei vos envio muito saudar ; por justas considerações do meu serviço Hei por bem que continueis com o cargo de capitão-mór e governador d'essa capitania do Rio de Janeiro, emquanto eu não mandar o contrario, posto que se acabe o tempo por que o estais servindo, e isto sobre a homenagem e posse que d'elle vos foi dada, e d'esta resolução avisei por outra carta minha ao governador geral d'esse Estado para que o tenha assim entendido. Escripto em Lisboa, aos 24 de Junho de 1626. — Rei. — El duque de Villa Hermosa Conde de Eficalis. — Para o capitão-mór do Rio de Janeiro. » (28). No mencionado livro de sesmarias de terras o acho assignado em todas as cartas que mandou passar desde 23 de Agosto de 1623, que foi a primeira concedida a João Gonçalves Malheiro no districto de Itaipú ; a ultima em 29 de Maio de

---

(25) Arch. da Cam. d'esta cidade L. 8º de Reg. das Ordens Reaes fls. 103 e 105.

(26) Arch. idem fl. 110.

(27) Arch. da camara d'esta cidade L. 8º do Reg. das Ordens Reaes fl. 151.

(28) Arch. idem L. 9º do Reg. das Ords. Reaes fl. 30.

1632, tendo antes formado a aldéa de S. Pedro de Cabo Frio (29).

A sua actividade e pratica dos negocios politicos e militares o constituiam superior ás revoluções que experimentavam naquelle tempo em toda esta capitania por motivo de invasão dos Hollandezes na Bahia; porém Martim de Sá que sabia o que era governar povos em tempo de calamidade, e conhecia as forças do paiz, toma de longe as suas medidas, e entra a fortificar a cidade com trincheiras, excitando e promovendo tudo quanto era util para a defensa d'ella, em virtude do alvará de 3 de Agosto de 1624, em que Sua Magestade lhe dava poder para tomar da sua real fazenda o necessario para as mesmas fortificações e nomear para ellas os respectivos officiaes.

Concluida e de todo acabada a fortaleza que levantou na praia d'esta cidade, nomeou a Sebastião de Sampaio para a commandar, em razão de ter sido feita á sua custa, e com o mesmo motivo nomeou a Bento de Oliveira para o forte do Carmo; e pelo conceito que fazia de Jorge de Souza o encarregou do commando da fortaleza de S. Thiago; assim como para o forte de S. Gonçalo a Antonio Gavião Coutinho, que estava na fortaleza de Santa Cruz da Barra, o qual estaria ás ordens de Gonçalo Corrêa de Sá.

Propondo em camara a vinda dos Hollandezes e a variedade dos successos da guerra, teve a cautela de nomear o capitão Gonçalo Corrêa de Sá e o prelado administrador ecclesiastico Mathens da Costa Aberim, para que conjunctos substituissem o seu cargo no caso de ser preciso, e na falta de Gonçalo Corrêa servisse com o mesmo prelado seu filho Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Disposta assim a successão do governo, partiu para a fortaleza de Santa Cruz da Barra, aonde do melhor modo que foi possivel e permittiam as circumstancias do tempo, empregou todo o seu cuidado para a fazer mais defensivel e capaz de embaraçar a entrada ao inimigo, e para que os camaristas fossem testemunhas do seu trabalho e da efficacia com que se empregava naquelle serviço do seu maior empenho, e que em tempo nenhum podessem denegrir a sua honra, os convidou por carta datada em 5 de Novembro de 1624, expressando-se assim: « Bom « foura que Vossas Mercês vierão cá tambem a gozar deste « trabalho, e assistirem alguns dias de serem testemunhas « de minha ociosidade, e trabalho de minha Pessoa e gasto « meu e da fabrica, que trago minha nestas obras, para que « me não queirão, quando for tempo, escurecer a verdade, « pois me sinto tão pouco venturoso nesta Cidade ganhada « aos inimigos, e povoada por meu Pai, por parentes meus « sustentada, e por mim, e que em occasião nenhuma faltei

---

(29) Arch. da mesma Aldéa.

« de minha obrigação, mostrando em as occasiões, que se
« offerecerão, o lugar, que devia, e quem era, e o tronco
« donde mano nascido e criado, e que com todas Vossas Mercês,
« ou por huma via, ou por outra, como honrados, que
« são acudindo o que devem assim por suas pessoas, como
« pelas dessas minhas senhoras, com qem Vossas Mercês
« são casados, e por seus parentes, acudindo a todos estes
« requezitos, quando em mim houvera faltado alguma coisa,
« corria a Vossas Mercês a obrigação de me fazerem a mercê,
« que em todas as partes, por onde andei, acho pois nellas
« sou acatado, mais amado, mais estimado, do que aqui sou
« com as mercês, que S. Magestade me faz; attribuo ao pro-
« verbio de *nemo Propheta in Patria sua*, pois poderei cuidar,
« que será inveja? não póde haver, por serem Vossas
« Mercês, quem são, e pelas obrigações acima referidas, e
« sobre tudo meus Senhores e Amigos o mandar eu, além
« de o pedir a Vossas Mercês notificar viessem assistir comigo,
« estimarei, que venhão Vossas Mercês, porque certo,
« que me obrigão a isso; entre Vossas Mercês, julgue cada
« hum, o que disse; por que a vista, e presença apalpado o
« trabalho, pelo que verá pessoalmente alcance que se en-
« ganou, por que hade haver, mais do que eu diga, que faço;
« por que Senhores meus, eu com S. Magestade, e os Se-
« nhores dos seus conselhos, assim em Castella, como em
« Portugal, sou conhecido, e não hei mistor serviços de novo
« para me abonar, e o que me convida a estar nesta pedra
« assistente em a occasião presente, he estar aguardando por
« horas o inimigo, que á porta temos, ver que estou actual-
« mente occupado neste cargo, ver a opinião, que de mim se
« tem, tratar de a sustentar, e sobre tudo ser esta Cidade dos
« Sás ganhada, e não he bem, que em tempo de um Sá se
« perca, como confio em o Sr. e em o Martir S. Sebastião,
« que nos hade dar victoria com o boim animo de todas Vossas
« Mercês, que na occasião sei acudirão ao que devem, e não
« faltarão; porém faço lembrança a Vossas Mercês, que
« ajudem a meu Irmão, que em meu lugar ahi deixei tratando
« da fortificação dessa cidade do pouco, que faltava, da con-
« servação do feito, em quanto eu trato do que entre mãos
« trago, que me dizem acodem todos muito mal, o que as
« trincheiras se desmanchão, e os taipaes se não acabão, e que
« nas companhias falta gente, e que se acode muito mal, e
« que eu não posso acodir lá por tratar do mais necessario, e
« importante: Vossas Mercês da sua parte lhe peço, que por
« serviço de Deus e de S. Magestade dêm calor ao castigo das
« pessoas, que não acodem ao que devem com meu irmão,
« lembrando que estamos esperando o inimigo, e que não seja
« parte sua tardança, pois póde entrar cada hora por haver
« descuido, antes hoje devemos estar mais á ponto, pois nos
« tarda avizo, que he signal de que o inimigo não he levantado,
« e eu sou huma pessoa só, e não posso estar fazendo esta
« fortaleza, e deixar esta fabrica, que entre mãos trago por

« acodir á cidade, a qual deixai intrincheirada, e posta em « ordem de defensa, quando para cá vim, por ver o que im- « portava á minha pessoa estar presente. O Ouvidor geral « desta repartição do Sul me escreveu uma carta, em que « pedisse a Vossas Mercês, como Capitão e Governador que era « desta cidade, que Vossas Mercês vissem nesta camara, se os « poderes e requerimentos, que lhe queria fazer, são con- « forme ao regimento, que S. Magestade lhe dá; e assim « mandem exhibir em camara as Provizões do Dezembargador « Cardenas, se tem lugar de tratar dellas, ou não; porque « aponta a ordenação do Livro 1.º que os Dezembargadores que « vierem por correcção, não estarão mais de hum mez em « suas devassas; e que passa de hum anno, que aqui está, e para « que Vossas Mercês acertem, como eu desejo; porque minha « tenção é essa, e que El-Rei seja servido, e não se exceda o « meio, que ao mesmo Dezembargador devo estar isso bem: « Vossas Mercês com as Provizões humas, e outras em camara, « não respondão perante as partes, que o que eu já pedi a « Vossas Mercês de outra vez, e se vão com elles aos Senhores « Religiosos, que não devem de ser por nenhuma das partes, e « com ellas tratem o que as Provizões dão lugar; mandando « tão bem chamar os letrados, que houver de fóra, e algumas « pessoas, que o entendão; que sem paixão dêm seus pareceres, « porque disto se servem Deos e El-Rei, e não de uniões e de « bandos por particulares de cada hum de nós. Representando « a Vossas Mercês, e notificando-lhes por esta minha assignada « que o Escrivão da camara botará em Livro para todo tempo « constar, de como pedi, e peço a Vossas Mercês o conteúdo « nella para quietação deste Povo, e saber cada um da jurisdic- « ção, de que hade uzar, e de como a cidade está alterada com « estas dissensões, com a occasião presente de inimigo a quem se « deve ter respeito além do serviço de El-Rei. Guarde Deos a « Vossas Mercês. Desta Fortaleza de Santa Cruz á 5 de No- « vembro de 1624 annos. De Vossas Mercês servidor.—Martim « de Sá. »

A simplicidade da carta, as expressões de que se serviu, e as materias que nella se desenvolvem, dão bem a conhecer o estado d'aquelles tempos, e as perturbações, que haviam em toda a cidade não só pela espera do inimigo, como tambem pelo temor da summa autoridade, que estava exercendo o desembargador João de Souza de Cardenas, por commissão do governador geral Diogo de Mendonça Furtado para syndicar dos governadores de todas as capitanias.

A materia da commissão era odiosa a toda a povoação, e maiormente á camara, e ao administrador ecclesiastico Matheus da Costa Aborim, assim como a Martim de Sá pela suspensão, que o dito desembargador havia feito a um criado seu, a quem elle governador tinha provido no officio de escrivão da camara, a qual escreveu ao ministro dizendo-lhe, que tomasse melhor accordo, e olhasse para a quietação do povo, porquanto o governador Martim de Sá se não mettia no go-

verno da cidade em cousas, que prejudicassem á camara, e seu governo ; e caso que se mettesse não era ponto implicado, porquanto se estava em acto de guerra, e se entendia estar o inimigo presente, e tomada a cabeça do Estado, pelo que lhe pediam suspendesse seu mandado, e se não désse por ora cumprimento á lei.

O administrador ecclesiastico, que receava alguma opposição á sua autoridade, não perdia occasião de fomentar a discordia, que se tinha suscitado sobre a jurisdicção, que competia ao sobredito desembargador, querendo, que sobre ella se tomasse assento, o qual se effeituou conjuncto o mesmo administrador ecclesiastico, letrados, religiosos, e varios seculares na igreja matriz de S. Sebastião d'esta cidade, e ali resolveram por um assento de 8 de Novembro de 1624, que o referido desembargador não tinha jurisdicção ordinaria nesta cidade, porquanto esta só competia ao ouvidor geral em virtude do regimento, que lhe foi dado por El-Rei ; pois o mencionado desembargador não tinha senão uma jurisdicção delegada, em que sómente devia proseguir, como havia começado. Concluido assim o assento e assignado nelle o administrador ecclesiastico Matheus da Costa Aborim, se fez certo á camara, e se mandou copia ao capitão-mór governador Martim de Sá. D'este modo tão extraordinario, e escandaloso ficou decidida a força da jurisdicção d'aquelle ministro. Tal era então o estado do povo, que só respeitava o poder e autoridade ecclesiastica.

No meio porém das perturbações, que d'ahi nasceram, e que se mantinham na ignorancia e na intriga, occupava Martim de Sá os seus cuidados em serena-las, para que não tomassem corpo, que podesse ser damnoso a toda a capitania, sem perder de vista as sabias providencias, por onde faria felizes os povos, que estavam a seu cargo. Sem completar o tempo por que foi conservado no governo d'esta capitania, o atacou a morte, deixando no maior desgosto aquelles povos que lhe eram tão obrigados.

Continuar-se-ha.

JUIZO

SOBRE A OBRA INTITULADA

HISTOIRES DES RÉLATIONS COMMERCIALES

ENTRE

LA FRANCE ET LE BRÉSIL,

PAR HORACE SAY

(Publicada em Paris em 1839)

A Commissão nomeada pelo Instituto Historico para dar o seu parecer sobre a obra do Sr. Horacio Say, deputado da camara do commercio em Paris, vem dar conta do seu trabalho.

A citada obra contém um extenso resumo dos successos politicos da Europa, desde o anno de 1807 até a paz de 1814; algumas observações acertadas, mas sem o cunho da novidade sobre a emancipação da America, que d'elles resultou; uma exposição bastante longa dos factos mais notorios da nossa existencia politica; dissertações sobre o systema monetario, alteração da moeda, bancos e emprestimos, que não prestam esclarecimentos instructivos do passado, nem idéas vantajosas para o futuro; uma amplificação de principios já sabidos, e de logares communs da economia politica, taes como os erros da antiga doutrina da balança do commercio, os máos effeitos do systema prohibitivo das alfandegas e os inconvenientes do monopolio colonial; e finalmente alguns mappas relativos ás alfandegas, cuja exactidão devéra antes de tudo ser bem comprovada, o que é mui difficil, senão impossivel, quando de mais elles são transcriptos de documentos officiaes, publicados em França, para quem sómente tem elles interesse real, especialmente quanto á politica interna.

Eis o objecto da maior parte do volume com o titulo de *Historia das relações commerciaes de França e do Brazil*, volume de 328 paginas, principiando sómente na folha 151 a tratar da questão, que annuncia o seu titulo.

A declaração, que faz o autor, de ser um dos primeiros Francezes, que em 1815 vieram ao Brazil, depois da paz geral, e o largo espaço de tempo, que decorreu até a publicação da sua mencionada obra no corrente anno de 1839, faziam acreditar que elle bem informado dos successos politicos occorridos no Brazil em época tão memoravel, fosse isento d'aquellas inexactidões, e erros de facto, que infelizmente se dão em quasi todos os viajantes estrangeiros, que tratam do Brazil. A commissão, com pezar o diz, enganou-se neste seu juizo, como passa a demonstrar, citando varias passagens.

Mencionando o Sr. Horacio Say os vexames, que soffreram os habitantes do Rio de Janeiro com as aposentadorias na chegada do Principe Regente (depois o Sr. Rei D. João VI), affirma que o unico meio de escapar a esses vexames, era obter-se o lugar de porteiro-mór, cujas funcções se limitavam a acceuder uma vez cada anno as fogueiras, que se faziam no largo do Paço na vespera do dia de S. João. Todo o mundo sabe que esta ceremonia era de antigo uso da casa real, e era feita pelos moços da camara, e não pelo porteiro-mór, que é um emprego superior no palacio.

Attribue a revolução de Pernambuco em 1817 aos continuados saques de letras, que o thesouro fazia sobre aquella provincia. As causas foram bem diversas; e nem a revolução estendeu-se ás outras provincias do norte, como asseve a o autor, nem o governo do Sr. D. João VI, mandou vir do Rio da Prata as tropas portuguezas, para pacificar a provincia. E' notorio que da Bahia partiu logo uma expedição de mar e terra, enviada pelo benemerito conde dos Arcos, e d'esta côrte outra debaixo do commando do general Luiz do Rego. Estas expedições conseguiram restabelecer immediatamente a ordem.

Assevera que foi no theatro que o Sr. D. Pedro I, então Principe Regente, declarou ao povo que, como era para bem de todos, ficava no Brazil. Este facto da nossa historia é tão memoravel e recente, que parece incrivel podesse ser assim desfigurado. Nenhum de nós ignora que foi o senado da camara d'esta leal e heroica cidade, que se dirigiu em solemne acompanhamento ao paço no dia 9 de Janeiro de 1822, que fórma época no imperio, para requerer áquelle soberano, que ficasse entre os Brazileiros, ao que elle benignamente annuiu.

E' summamente singular a inexactidão do Sr. Horacio Say, quando, mencionando os acontecimentos no dia 6 de Abril de 1831, affirma que ajuntamentos, compostos principalmente de mulatos, formaram-se em diversas partes da cidade, e se dirigiram ao quartel de artilheria, cujo commando tinha sido imprudentemente dado ao brigadeiro Francisco de Lima. Esta passagem é tão absurda, que não precisa de commentario.

Se estas inexactidões são assaz graves, que dirá a commissão, quando o autor trata da guerra entre o Brazil e as provincias do Rio da Prata? A confusão, que faz, é espantosa. No capitulo 2º pag. 43 falla da guerra, que durou 12 annos, e terminou em 1826, como se lê no capitulo 5º pag. 7. Entretanto que no capitulo 19 pag. 126 assevera que a guerra durára 14 annos. Se a primeira se refere á que sustentou El-Rei D. João VI, então Principe Regente, e que terminou com a ruina de Artigas, ella não durou 12 annos nem finalisou em 1826, visto que muito antes d'esta época havia partido para Portugal aquelle monarcha. Se tem em vista a segunda guerra, tambem não se prolongou por 15 annos, porquanto foi declarada em 1825, e finalisou com o tratado preliminar de paz de 27 de Agosto de 1828.

O Sr. Horacio Say, censura acremente o governo do Brazil

por causa de semelhantes guerras; mas neste ponto procede apaixonadamente. O Sr. D. João VI viu-se obrigado a lançar mão da força, para livrar o seu territorio das continuadas devastações e roubos, que soffriam os seus habitantes, e aniquilar um caudilho, que não poupava meios de ensanguentar o imperio. O Sr. D. Pedro I (justiça lhe seja feita) não foi verdadeiramente quem declarou a guerra a Buenos-Ayres: foi este governo que participou na nota do seu ministro dos negocios estrangeiros, Garcia, que estava compromettido por todos os meios ao seu alcance a accelerar a evacuação dos postos, que occupavam as tropas Brazileiras na Cisplatina, hoje Estado Oriental do Uruguay, provincia, que pelos votos de seus representantes reunidos em congresso, se encorporára ao imperio. Depois d'esta ameaça, e dos insultos acintemente feitos ao representante do imperio em Buenos-Ayres, seria decoroso que o Imperador soffresse tamanha injuria, e não repellisse a força com a força? O manifesto de 10 de Dezembro de 1825 contém razões tão solidas sobre a justiça d'este indispensavel procedimento, que por si falla, e é a resposta mais cabal ás censuras do Sr. Horacio Say.

A commissão não póde tambem deixar de declarar que o Sr. Horacio Say, além de ser summamente injusto na idéa que fórma do caracter do Sr. D. João VI, e do Imperador D. Pedro I, parece contradictorio, quando louva ao primeiro pela abertura dos portos do Brazil a todas as nações pela carta regia de 28 de Janeiro de 1808, que justamente chama decreto simples, mas que por si só continha uma revolução, por acabar com o systema colonial, e fazer a independencia do Brazil; e ao segundo, por se ter identificado com Brazileiros, pondo-se á testa da sua independencia, e prestando-lhe mui relevantes serviços.

Não obraria porém a commissão com imparcialidade, se não manifestasse que o Sr. Horacio Say, sem ser nimiamente parcial pela sua patria, mostra bastante benevolencia ao Brazil; mas dirá que a sua obra só contém uma idéa fundada, a qual parece especulativa de mais. O Sr. Horacio Say, discipulo da escola economica, que seu parente fundou, é partidista da liberdade do commercio, e adversario pronunciado do monopolio colonial. Tendo-se, como negociante, achado envolvido por espaço de 25 annos em especulações commerciaes, conheceu que as existentes entre a França e o Brazil, embora prosperas, e indo sempre em progresso, não adquiriram comtudo aquelle desenvolvimento, de que elle as julga susceptiveis, e com pezar as considera mui inferiores ás de Inglaterra.

A' vista deste facto, pergunta porque a primeira não possue igual riqueza accumulada, meios de credito, genio industrial, em uma palavra, tão grande variedade de forças productivas? Na opinião do Sr. Horacio Say é isso devido unicamente á obstinação da França em manter para as suas miseraveis colonias um monopolio não só nocivo á massa da nação Franceza, mas sobretudo fatal ao seu commercio externo, e á sua

navegação maritima; á cegueira, com que está aferrada a um systema caduco, cujo estabelecimento o Sr. Say censura acremente ter sido feito pelo ramo primogenito dos Bourbons, por occasião da sua restauração ao throno. Accrescenta que a França quer favorecer á Martinica, Guadeloupe, a ilha de Bourbon, e mesmo a do Haiti, sómente pela vaidade de ter possessões territoriaes na America, e no caminho da India, e pela triste satisfação de não renunciar inteiramente a posse de uma ilha, cujos antigos escravos pretos foi obrigada a reconhecer como senhores legitimos.

Para provar esta sua these, lança mão das relações commerciaes da França e do Brazil.

As importações da França no imperio subiram em dez annos, termo medio, ao valor de 15 milhões de francos, e as exportações do Brazil apenas se elevaram a 10 milhões.

De milhão e meio de kilogrammes de café brazileiro introduzido em França, apenas um terço se consumio no paiz, em quanto do Haiti se importaram perto de 5 milhões, e consumiram 3.400.000 kilogrammes.

Partiram de Cette para o Brazil, durante os ultimos 20 annos, 449 navios carregados principalmente de vinhos, e não passava de um terço o numero dos vasos, que eram francezes; antes de começarem os Francezes a levar madeira de jacarandá, o frete da tonelada dos navios, que navegavam para os nossos portos, subia de 80 a 100 francos, e diminuiu depois 40 por cento. Conforme a opinião do Sr. Say seria ainda menor o frete das embarcações; os vinhos francezes se exportariam exclusivamente em vasos nacionaes, e o commercio e navegação da França se ampliariam em geral muito mais, se os nossos cafés e assucares fossem admittidos para o consumo, ao par dos dos outros paizes estrangeiros; e tanto mais que os Brazileiros não tem ainda marinha mercante, que possa utilisar-se com igualdade dos lucros, que resultariam d'esta alteração de systema.

A commissão não combaterá esta argumentação; mas talvez o governo francez ache que pelo seu poder naval, consideração politica e gloria nacional, tem aquellas colonias, de que tão pouco caso faz o Sr. Say, uma importancia tal, que vantagem nenhuma commercial isolada poderia compensar.

Entretanto, em abono da verdade e em desempenho do encargo que lhe foi imposto pelo Instituto, não poderá deixar de contrariar as conclusões do autor, ao menos a respeito de um ponto: em tudo se póde abusar, e os economistas não deixam de abusar frequentemente dos algarismos.

Seguindo a opinião do Sr. Say, disse a commissão que a importação franceza no Brazil sóbe sómente a 15 milhões, o que é verdade se se tomar o termo médio de dez annos; porém examinando-se separadamente o quantitativo annual, observa um progresso sensivel de anno em anno, e um accrescimo de 60 por cento no ultimo que o autor cita: porque em 1834 a importação foi de 21,245,000 francos, em 1835 do

22,683,000 francos, e em 1836 de 25,200,000. A exportação do Brazil se manteve ao contrario neste movimento triennal, no termo medio de 9 milhões de francos.

Tambem não parecem á commissão indestructiveis as inducções que o autor tira de alguns factos particulares: ella exagera, por exemplo, a força dos habitos, e diz que á chegada dos Francezes aos mercados do Brazil, muitos annos depois dos Inglezes, tinham tido a desvantagem de achar os consumidores já mui acostumados aos productos britannicos. Pelo contrario, a commissão está na persuação de que por mais fortes que sejam os habitos, sempre se deixam vencer como todas as demais difficuldades, pela força ou pela intelligencia; e no commercio se entende por força o maior cabedal que se oppõe aos concorrentes; e a intelligencia industrial consiste em afreguezar os compradores, attrahindo-os pelos preços baixos, ou pela alta perfeição das mercadorias que se lhe offerece. Demais, o Sr. Horacio Say não poz em linha de conta se a França possue capitaes tão vastos, engenheiros e officiaes mecanicos tão habeis como a Inglaterra; e se as machinas que produzem o bom mercado multiplicam com velocidade os productos, dão-lhes uma igualdade e uma perfeição que a mão do homem em vão procuraria alcançar, mesmo no paiz em que a mão d'obra custasse o *minimum* dos preços possiveis; e emfim se os Francezes, nação essencialmente agricola, possuem o genio manufactureiro e genio de empreza no mesmo auge que os Inglezes. Ainda ha mais outra reflexão; o autor se refuta a si mesmo, porque, quando falla dos pannos e tecidos de seda de França, elle conta que os achavam mui pesados no Brazil, e os tecidos pouco elasticos; segue-se pois que se os não procuravam não era isso por effeitos de habitos contrahidos, mas sim porque taes mercadorias não correspondiam ás necessidades locaes, nem se conformavam á lei do clima, lei suprema na vida e costumes de qualquer povo.

Tambem refuta-se a si mesmo, quando, tratando das primeiras relações commerciaes da França com o Brazil, observa que eram simples commissarios volantes os que as mantinham; pois que, diz elle, os Francezes empenharam neste commercio mais individuos do que capitaes.

O Sr. Horacio Say tem muita razão quando faz o contraste entre a prosperidade progressiva das nossas provincias meridionaes e a posição estacionaria das do norte, observando que o algodão brazileiro é de boa e bella qualidade, porém a colheita e a cultura deveriam ser mais aperfeiçoadas, e facilitada a exportação pela creação de vias de communicação interna, para abundar o algodão nos portos de embarque. Expende mais que os Estados-Unidos enviam á França quinze vezes mais algodão que o Brazil, e no entanto não é sobrecarregado este genero; e continuando o seu raciocinio attribue tudo ao monopolio, asseverando que bastaria importar no seu paiz mais café e assucar para se exportar tambem mais algodão.

Merecem, ao entender da commissão, particular menção

as observações que o autor faz sobre a conveniencia de se ir gradual e prudentemente exterminando a escravidão dentro do paiz. O capitulo 17 é todo deitado a este mui importante assumpto, que é digno de ser lido e estudado pelos que se interessam no bem e prosperidade do Brazil.

A commissão rematará o seu parecer ponderando que a obra do Sr. Horacio Say precisa ser retocada em uma segunda edição, para que possa melhor preencher as vistas do seu autor, cujas louvaveis intenções se compraz de reconhecer.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 14 de Dezembro de 1839.

Bento da Silva Lisboa.

J. D. de Attaide Moncorvo.

JUIZO

SOBRE OS

ANNAES DA PROVINCIA DE S. PEDRO

PUBLICADOS POR

José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo

(2ª edição, impressa em Paris em 1839.)

Difficil e penoso encargo é sem duvida o de examinar e censurar, quando se trata de pessoa munida com titulos correntes, e legalisados para exigir de seus pretendidos censores a mais cabal homenagem de consideração e respeito, dado que esses mesmos não sejam espontaneamente os primeiros a fazer justiça ao varão benemerito da sua patria. Difficil é na verdade a posição de censores taes que, desapprovando podem ver-se recusados por menos competentes na materia sujeita do que o escriptor censurado, ao mesmo passo que approvando nada podem accrescentar ao bem adquirido renome do sabio elogiado. Tal é porém, senhores, a posição em que se acha collocada a commissão de historia por vós incumbida de examinar e censurar a nova edição dos Annaes da provincia do Rio Grande do Sul, excellente producção do nosso illustre presidente o Ill^mo. e Ex^mo. Sr. visconde de S. Leopoldo. A commissão desistiria certamente de tal empreza se a necessidade de obedecervos não fosse superior a todas e quaesquer outras considera-

ções ; e tão sómente no presupposto de cumprir da maneira possivel com o preceito do Instituto, passa desde já a entrar no assumpto.

Começa a nova edição dos Annaes pela dedicatoria a Sua Magestade o Imperador, da qual evidentemente resumbram sentimentos de adhesão ao throno e ás instituições liberaes. Segue-se o Prefacio, onde se indicam os melhoramentos da nova edição, e onde se ponderam as difficuldades da obra. Ahi se enuncia o patriotico desejo de que se estabeleça—*um collegio especial de litteratos escolhidos, incumbido de recolher e transmittir os feitos que constituem a vida das nações*. Apraz-se a commissão em pensar que nesta parte se acham preenchidas as aspirações do nosso illustre presidente pela fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro; e tanto mais se apraz neste pensamento quanto pondera que os representantes da nação, o governo imperial e todos os homens notaveis da nossa patria, assim como alguns de nações estranhas, se nos prestam de optima vontade com todo o seu valioso auxilio.

Na introducção dos *Annaes*, vê-se, que se ainda hoje os limites do imperio do Brazil tivessem de demarcar-se, não por tratados posteriores, mas pelo direito da primeira occupação, a margem septentrional do Rio da Prata faria ainda hoje parte do nosso territorio: e a commissão aproveita a opportunidade, que neste lugar se lhe offerece para notar, que nos *Annaes da provincia do Rio Grande do Sul* não se encontram sómente assignalados os feitos honrosos de nossos passados, ou de nossos contemporaneos naquella provincia, mas que ali se acham tambem consignados os argumentos, e as provas de nosso indubitavel direito ácerca das divisas do imperio pelo lado do sul.

Lêde o capitulo 3º dos *Annaes*, onde se encontra a historia e os artigos capitaes do tratado de 13 de Janeiro de 1750, annullado pelo de 12 de Fevereiro de 1761 ; o capitulo 5º, onde se encontra a historia do tratado de Paris de 10 de Fevereiro de 1763, violado pelo governo Hespanhol ; o capitulo 9º, onde se encontra a historia, e as disposições relativas ao assumpto conforme ao tratado de paz do 1º de outubro de 1777, e ao tratado de amizade, garantia, e commercio de 11 de Março de 1778, em que suscitando-se os tratados anteriores se renova, e revalida no artigo 3º a garantia já *estipulada* no artigo 25 do tratado de limites de 13 de Janeiro de 1750 ; o capitulo 10º, onde se encontra a historia da demarcação, e onde se acham habilmente desenvolvidos os embaraços, e enredos, com que da parte dos Hespanhoes se protelava aquella diligencia, e se torcia o verdadeiro sentido d'alguns dos artigos dos tratados ; o capitulo 14º, onde se encontra, como esses tratados fôram rôtos pela guerra posterior ; e o capitulo 17º, onde se encontra a historia da convenção de 1819, da incorporação de Montevidéo, e de sua separação do imperio, como tambem a historia da Convenção de 27 de Agosto de 1828, ficando certo e claro, que emquanto se não procede ao tratado definitivo de limites ordena a justiça que se

haja por subsistente a linha divisoria designada na sobredita Convenção de 1819, sem que a isso cause impedimento a guerra posterior, nem pareça contradictorio o nobre escriptor dos *Annaes*, quando assim o affirma, posto que á pag. 278, fallando do tratado de limites de 1777, disse « E' principio incontestavel « de direito publico, que pela guerra consideram-se rôtos, e « invalidados os tratados anteriores, tanto que se torna indis- « pensavel fazê-los expressamente reviver no tratado de paz. » Para que se desvaneça todo o escrupulo ácerca da coherencia de principios, a commissão passa a transcrever igualmente o que se acha ponderado á pag. 335:

« Entretanto que não se realisa esse annunciado tratado « definitivo, no qual talvez convenha buscar mais ao sul a na- « tural divisa de uma coxilha, ou espinhaço de terreno elevado, « que cortando a campanha, topa com Daiman, e por elle seguir « até o Salto grande do Uruguay, é de indontrastavel justiça que « subsistam e se respeitem os limites traçados na convenção de « 1819; 1°, porque esta assenta sobre um contracto bilateral, e « synallagmatico, do qual, uma das principaes condições o « Brazil principiou a cumprir immediatamente; e foi empossa- « do em fórma solemne do terreno cedido em compensação; 2°, « tanto esta regulação se reputou estavel, que na creação da « villa de Alegrete por decreto de Outubro de 1831 se lhe assi- « gnou por termo, a oeste a margem esquerda do Uruguay até « a barra do Arapehy; e pelo sul a margem direita d'este « Arapehy até suas primeiras vertentes na coxilha geral de « Santa Anna; todo esse territorio achava-se já habitado por « fazendeiros cidadãos Brazileiros, e a povoação de Belém, « sobre o Uruguay, composta de subditos do Brazil; 3°, « pelo reconhecimento dos proprios adversarios; na con- « formidade da convenção preliminar de 1828, obrigado o « exercito argentino a recolher-se ás fronteiras da provincia « Cisplatina, não se atreveu a reclamar direitos de conquista, « que não se deprehendia, nem inferia de artigo algum do tra- « tado, e sabia que o simples transito de tropas não o produzia; « entendeu pois, e considerou-a *in statu quo ante bellum*, des- « pejou o territorio Brazileiro, e passou para o sul do Arapehy; « 4°, tem sido essa divisoria constantemente defendida; em « Janeiro de 1829, o general conde da Figueira ainda do campo « da batalha de Taquarembó, destacou o tenente-coronel José « Antonio Martins, official de reputação, com quatrocentos « homens para occupar e defender Belém, e adjacencias; a « este mesmo official encarregou o capitão-general João Carlos « de Saldanha para de accordo com o brigadeiro José de Abreu « distribuirem os campos entre o Arapehy e o Guaraim pelos « que tivessem mais serviços, do que resultou ficarem arran- « chados acima de duzentos individuos, que nelles pacifica- « mente se conservaram, até a invasão do exercito argentino. « Em officio de 20 de Junho de 1834 o commandante da fron- « teira de Alegrete participou ao presidente da provincia, que « Fructuoso Rivera partilhava pelos seus apaniguados as pro-

« priedades brazileiras do rincão do Arapehy ; em consequencia « reiteraram-se os anteriores protestos, sempre palliados com « promessas de restituição, e remoção da colonia junto ao « Guaraim. »

O primeiro capitulo dos *Annaes*, principia pela descripção da provincia: e quem lhe quizer conhecer a topographia, o aspecto, o clima, e a composição do terreno deve ler, e estudar tanto a primeira parte d'esse capitulo, como o primeiro periodo do capitulo 13º, onde encontrará a descripção topographica das Sete Missões. Emquanto porém á descripção politica da provincia, tem a commissão de lamentar, que na segunda edição dos Annaes fosse omittida quasi toda a materia do capitulo 16º do segundo tomo da primeira edição, posto que esse capitulo deveria passar por muitas alterações em virtude da nova ordem de cousas.

Terminada a descripção physica, foi o nosso illustre autor naturalmente levado á historia do descobrimento da provincia, e das acções de seus habitantes. Elle nos relata as primeiras explorações do capitão-mór da Laguna Francisco de Brito Peixoto, a expedição do mestre de campo Manoel Dias da Silva, a fundação do primeiro presidio do Rio Grande do Sul pelo brigadeiro José da Silva Paes, a guerra com os Indios das Missões, suscitada e dirigida pelos padres da companhia de Jesus, a invasão de D. Pedro Ceballos com os outros successos da guerra de 1762 e suas consequencias, a tentativa do general Vertiz para apoderar-se da fortaleza do Rio Pardo, os acontecimentos, que se seguiram a essa tentativa, principalmente os gloriosos feitos d'armas dos Portuguezes commandados pelo tenente-general João Henrique de Bohm, a guerra de 1801 com a mui notavel conquista do territorio das Sete Missões, e os mais acontecimentos, que tiveram lugar até o tempo da administração do conde de Rio Pardo D. Diogo de Souza.

« Aqui (diz o nobre visconde á pag. 288) a meta, que me « havia prescripto na primeira edição dos *Annaes*, julguei pre- « maturo o empenho de produzir a historia dos periodos, que « se seguiram, conformando-me com os dictames, e exemplos « de doutos abalisados; comtudo para contentar de algum modo « a curiosidade do publico avido de conhecer os factos recentes, « traçarei em epilogo simples memorias, como se póde *por agora* « exigir de mim. »

Estas ultimas expressões parecem conter uma promessa de publicar para o futuro circumstanciada historia dos factos, de que actualmente se traçam simples memorias: e se assim é, a commissão desde já felicita a litteratura brazileira.

Entretanto no capitulo 16º da nova edição dos *Annaes* acha-se um importante esboço das campanhas de 1811, e 1812, e da occupação de Montevidéo em 1816, assim como dos successos de 1835, a respeito de cujas causas tambem abreviadamente algumas importantes noticias indicou o nosso illustre autor.

Rematam-se os *Annaes* com uma relação das pessoas, que governaram a provincia, e ao vêr entre ellas como primeiro

presidente o Ill^mo e Ex^mo Sr. visconde de S. Leopoldo, a commissão deplora, que o nob. e visconde não escrevesse a historia de sua administração, pois que « os planos de bem commum, e « o desenvovimento d'elles desafiam interesse, e instrucção, « quando são descriptos pelo mesmo genio, que os concebeu, e « executou » como á pag. 205 optimamente se exprimiu o illustre autor a respeito do plano detalhado das disposições militares. O fundador da colonia de S. Leopoldo, da Academia das Bellas-artes, dos cursos juridicos, o ministro signatario do reconhecimento da Independencia do Brazil, ainda uma vez não trilhou a carreira da administração, que não deixasse permanentes vestigios de seu illustrado patriotismo.

Não deduza todavia alguem do que levamos exposto, que os *Annaes do Rio Grande do Sul*, afóra feitos de guerra, questões de limites, e descripções topographicas (o que já seria muito) nada mais contenham de verdadeiramente digno de apreço.

Não: quando por entre o estrepito da guerra a Providencia enviar ao Rio Grande do Sul um chefe tão habil general, como sensato, e destro administrador, os feitos de paz ficarão consignados nas paginas dos *Annaes*, e tão vivamente exarados como as gentilezas d'armas.

« Voltemos ao interior da provincia (diz o illustre escriptor « á pag. 176): por este tempo a José Marcellino succedem no « governo o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da « Camara, deixando saudosa memoria entre povos, que elle « soube reger com um systema creador, com uma integridade e « desinteresse a toda a prova: a natural firmeza de caracter « lhe suscitou intrigas, calumnias, e dissabores, com os mesmos « vice reis do Estado; comtudo os proprios desaffeiçoados jámais puderam escurecer suas excellentes virtudes, sua actividade e zelo pelo bem geral: sem transcurar o militar de tal « sorte vigiava a administração publica, que se lhe deve a « fundação das freguezias de Porto Alegre, Santo Amaro, Santa « Anna, Conceição da Serra, S. Luiz de Mostardas, S. Nicoláu « de Jacuhy, e de Nossa Senhora dos Anjos d'Aldêa: n'esta « ultima empregou especial esmero em civilisar, e educar os « Indios Guaranis, mostrando em breve ensaio do que eram « susceptiveis, avesando os ao trabalho, fomentando a agricultura, e levando-os a tal ponto d'ordem e economia, que conseguiu alliviar a fazenda da despeza de quinze mil cruzados « cada anno a mantença d'elles. »

A conquista de Missões era um negocio muito importante para não ser tomado em toda a consideração. Além da descripção topographica d'aquelle territorio, acham-se nos *Annaes*, muitas noticias da fundação das Missões, e da sua historia até aos tempos actuaes, acompanhadas essas noticias de um recto julgamento sobre a questão muitas vezes discutida da innocencia, ou dos crimes da famosa companhia de Santo Ignacio do Loyola.

A narração de muitos successos relatados nos *Annaes*, é finalmente corroborada por varios documentos justificativos: e

segue-se depois um resumo historico da provincia de Santa Catharina.

Ahi se encontra a designação dos limites da provincia, a sua descripção e abreviada historia, começando pela dos primeiros povoadores. No capitulo 2º do resumo descreve-se miudamente o fatal successo da tomada de Santa Catharina pelos Hespanhoes em 1777, successo, de que já se havia tratado, posto que mui concisamente, á pag. 159 dos *Annaes*. No citado capitulo tambem se acham lembrados os serviços do capitão Cypriano Cardoso de Barros Leme, que atalhou o progresso da conquista, assim como os serviços do coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara «que entrando na administração de um « paiz devorado pela guerra, muito teve a fazer para em curto « periodo restituir, e dar novo alento e impulso á cultura das « terras, restaurar, e pôr em andamento as diversas repartições « publicas, provêr na segurança interna, e externa, e tudo con- « seguiu desempenhar dignamente ».

Conclue com diversas noticias topographicas, e estatisticas: e seguem-se depois do resumo historico alguns documentos comprobatorios de factos ahi referidos.

Os lugares que a commissão transcreven parecem mais que sufficientes para d'elles se formar juizo ácerca do estylo do nosso illustre escriptor. A commissão porém não póde escusar-se de copiar a descripção da cidade de Porto Alegre, que lamenta não ter achado na segunda edição dos *Annaes*, onde era digna de ser conservada.

« Disposta em amphitheatro, sobranceira a um porto « commodo e abrigado, bebe as aguas doces de vasto golfão; « defronte quatro rios caudaes derramam abundancia e fartura; « do lado, que emenda na terra firme, se alonga a vista por « verdejantes plainos, vai subindo por collinas, e por serros, « que por trás se empinam, mosqueados de deleitosas chacaras. »

Sala das sessões, 19 de Dezembro de 1839. — *R. de S. de S. Pontes*. — *G. A. de A. Pantoja*. — *C. J. de Araujo Vianna*.

EXTRACTO

DA RESPOSTA QUE ALEXANDRE DE GUSMÃO, SECRETARIO DO CONSELHO ULTRAMARINO, DEU AO BRIGADEIRO ANTONIO PEDRO DE VASCONCELLOS SOBRE O NEGOCIO DA PRAÇA DA COLONIA.

(Copiado de um manuscripto da bibliotheca do conego Januario da Cunha Barbosa, secretario perpetuo do Instituto)

Chegamos ao ponto principal de toda a questão: e se as circunstancias da demarcação antiga e moderna, fossem como se representava a V. S.ª, muito máo negocio certamente tinha-

mos feito no tratado, que ultimamente se assignou. Diz V. S.ª que os Hespanhoes nos tinham usurpado, ou furtado muito; supponho, que V. S.ª intenta fallar do mar da Asia; porque da America, estou certo, que em todo o grande gyro de confins de nossos dominios, se não poderá mostrar um só palmo de terra occupado pelos Hespanhoes ao Occidente da linha divisoria, ainda suppondo divisada esta linha, como entenderam e pretenderam os nossos commissarios, e eu logo mostrarei. Muito pelo contrario, os Hespanhoes é que sempre nos chamaram usurpadores; e logo verá V. S.ª se tinham razão para assim o presumirem. Para melhor nos entendermos, permitta me V. S.ª que faça um breve resumo de tudo quanto se tem passado a respeito da divisão das conquistas, entre os nossos monarchas e os da Hespanha.

Descobertas por Colombo as primeiras ilhas do Golfo do Mexico no anno de 1492, o papa Alexandre VI, Hespanhol, expediu no seguinte uma bulla para regular uma repartição de conquista entre as duas monarchias, determinando, que 100 leguas ao occidente das Ilhas dos Açores, ou de Cabo Verde, se imaginasse uma linha meredíana de pólo a pólo, e quanto d'esta figurada linha ficasse para o oriente, fosse conquista de Portugal, e para o poente, de Hespanha. Clamou contra esta partilha o nosso rei D. João II; e depois de varias negociações se ajustou entre elles e os reis de Castella e Aragão, um tratado em Tordezillas no anno de 1494, em que se assentou, que a dita linha meredíana se supporia lançada 370 leguas para o poente das Ilhas de Cabo Verde, sem se definir de qual d'ellas se devia principiar a conta; sendo que a mais oriental d'aquellas Ilhas dista mais de 4 gráos meridianos da ultima, que fica ao poente: e juntamente ficou estipulado, que os Hespanhoes não poderiam navegar para a parte do sul da costa de Africa. Depois de passados seis annos descobrimos o Brazil: e no mar da Asia adiantámos as nossas conquistas tão rapidamente, que em menos de vinte annos, depois da primeira viagem da India, já tinhamos penetrado até o archipelago de Maluco, onde descobrimos o importantissimo commercio das especiarias.

Fernando de Magalhães, que naquelle tempo tornou do Oriente, e sem razão aggravado de sua patria, passou ao serviço do imperador Carlos V, propoz a este principe, que tinha por certo ser a terra redonda; ponto até então muito duvidoso; e que sendo assim, devia a dita linha meridiana pacteada em Tordezillas circular pelo outro hemispherio, deixando a conquista de cada uma das coróas 180 gráos meridianos. O que supposto, mostraria, que as Ilhas da especiaria estavam dentro dos 180 gráos de Castella: que se obrigava a descobri-las por novo caminho, sem offensa da prohibição, que no tratado de Tordezillas ficava posta á Hespanha, de navegar para a parte do Cabo da Boa Esperança.

A côrte de Madrid, que já se tinha achado bem em dar ouvidos ás proposições de Colombo, que outros tiveram por chimericas, submministrou a Magalhães tres navios para ir exe-

cutar seu designio. Descobriu o estreito, a que poz o nome do seu appellido ; e navegando pelo mar do sul chegou finalmente ás Ilhas do Archipelago de Maluco, onde o mataram os barbaros. Mas do roteiro que deixou da sua navegação, usando de um notavel engenho, por sustentar o que havia segurado ao imperador, tinha diminuido os espaços de sorte, que fraudou ao mar do sul mais de 40 gráos meridianos, como se vê do mappa, que traz Herrera na sua *Historia das Indias Occidentaes* ; e por esta forma não só o Archipelago, mas ainda até Malaca, comprehendeu nos 180 gráos de Hespanha.

Não foi pequeno o damno, que com uma tal infidelidade causou á sua patria este tal aventureiro, indigno do nome portuguez: porque os Hespanhoes persuadidos d'aquella impostura, pretenderam por forças de armas senhorear-se d'aquellas Ilhas da especiaria, fomentando esta empreza pelas náos, que mandavam ao Mexico pelo mar do sul. Durou alguns annos naquella parte a guerra entre as duas nações, até que o nosso rei D. João III tratou com o imperador, que se atalhasse esta contenda averiguando-se amigavelmente o direito de cada uma das corôas nas conferencias, que para esse fim se fizeram em Saragoça.

Porém nellas os commissarios de Portugal, sem embargo de lhes sobrar a razão e a justiça, se acharam totalmente destituidos de meios para mostra-la: porque os Hespanhoes sustentavam a dimensão do mappa de Magalhães: e como nenhuma outra nação tinha navegado o mar do sul, não havia no tempo que aquellas conferencias se fizeram, modo ou meio de convencê-lo de falso, ignorando-se sobretudo ainda naquelle seculo a observação dos satellites de Jupiter, e outros meios, com que no seguinte se facilitou e a averiguação das longitudes.

Todos os recursos dos nossos commissarios eram os roteiros dos pilotos da India ; e para lhes sahir mais vantajoso o calculo (attendendo sómente ás ilhas da especiaria, e não ao Brazil, de que os Portuguezes d'aquelle tempo faziam pouco caso) contaram as 370 legoas da Ilha do Sal, que é a mais occidental de Cabo Verde. Mas nada bastava para desfazer de todo o erro, que os roteiros dos Hespanhoes do mar Pacifico tinham delineado ; e o mais que os nossos commissarios puderam mostrar, foi que o mappa, ou nossa demarcação, incluia grande parte do mar da China.

Nestes termos convieram aquelles principes por um tratado de escriptura celebrado em Saragoça, no anno de 1523, que el-rei D. João III pagaria ao imperador 350$000 cruzados de ouro do Maluco, ficando por este preço tambem cedidos e vendidos a Portugal os 17 gráos da supposta demarcação de Hespanha, os quaes se declarou acabarem na Ilha das Velhas ou dos Ladrões, hoje chamadas Mariannas. E se estipulou, que por estas ilhas se imaginaria lançado um meridiano, de pólo a pólo, ao poente do qual não poderiam navegar os Hespanhoes, com declaração, que se por erro, ou fortuna do mar passassem esta raia, e ao poente d'ella descobrissem algumas ilhas, ou terras, se entenderia desde logo pertencerem a Portugal.

Alguns annos depois os Hespanhoes do Mexico muito de proposito faltaram ao ajuste, e passando o dito meridiano, se foram estabelecer nas ilhas, que chamaram Filippinas, por acontecer este facto no reinado de Filippe II. Mas a contenda que esta transgressão ia produzindo, atalhou o ingresso que este principe fez na posse da coróa portugueza: e sujeitos ambos os reinos a um só soberano, se foram tambem os Portuguezes alargando pelo rio do Amazonas, e pela outra extremidade do sul do Brazil, sem reflectir se excederiam a linha prescripta pelo tratado de Tordezillas.

Depois de restaurada a coróa de Portugal pelo seu legitimo soberano, e doze annos depois de feita a paz com Hespanha (isto no anno de 1680), mandou o governador do Rio de Janeiro fundar no Rio da Prata uma colonia em parte, que imaginou pertencer ainda á demarcação de Portugal: porém o de Buenos-Ayres, persuadido do contrario, surprehendeu aquelle pequeno estabelecimento, e passou a guarnição á espada. Estando para renovar-se a guerra por causa d'este insulto, mandou o rei Catholico a Portugal o duque de Giovinazio, habil negociador, e que com muita industria atalhou este incendio. Entrou-se com elle em conferencias, e se fez por parte da nossa côrte um papel, que V. S.ª poderá vêr no tom. 2º das Prov. da historia genealog. da casa real, em que pela nossa parte se não fez mais forte allegação, que a que permitte um discurso fundado sómente em razões de congruencia, pretendendo-se que os dous rios da Prata e Paraguay, ou Maranhão fossem os limites dos dous Estados; sem que por modo algum se désse solução á difficuldade, que para isso resultava do tratado de Tordezillas, nem fallar nas muitas terras, que já a esse tempo tinhamos occupado ao norte do rio do Amazonas.

Emfim o partido que se tomou foi o ajustar-se no anno de 1681 o tratado provisional no qual se estipulou, que se fariam conferencias de geographos com faculdade, e arbitrio para sentenciarem a qual das coróas pertencia o territorio, em que fôra fundada a nova colonia; e quando entre si discordassem, resolveria o papa a questão, ficando entretanto ambas conservadas nos seus direitos: a colonia se restituiria provisionalmente aos Portuguezes, e as campanhas da questão se fariam desfructando mutuamente por ambas as nações.

Nada se concluiu pelo arbitrio dos commissarios, que se juntaram em Badajóz; porque sustentando cada um o interesse de sua coróa, como podia esperar-se, sentenciou a favor de seu soberano: e a decisão do papa nunca se conseguiu, e me persuado que jámais se requereu. Não devo porém omittir algumas circumstancias, dignas de reparo, a respeito do que se ventilou naquellas de Saragoça, que vieram á collação, e foram assumpto das que pactearam o tratado provisional. Pretendiam os Hespanhoes, que as 370 leguas do tratado de Tordezillas se principiassem a contar da Ilha do Sal, como os Portuguezes tinham sustentado nas conferencias de Saragoça; e os Portuguezes queriam que agora principiassem da Ilha de Santo Antão, a

mais occidental do Cabo Verde. E a respeito do fim das ditas leguas (ou termo *ad quem*, como se diz nas escolas) muito menos poderiam conformar-se.

Porque os Hespanhoes insistiam, que as 370 leguas acabavam no porto de S. Luiz do Maranhão, e que da parte do sul ia sahir o meridiano ao porto de S. Vicente. Pelo contrario os Portuguezes sustentavam, que os limites das ditas leguas chegavam além do Pará, e comprehendia a bocca do Rio do Amazonas, entendendo, que d'esta sorte ia o meridiano cortar da parte do sul, inda por cima da colonia. E nisto padeciam grande engano: pois correndo a costa austral do Brazil, muito mais ao sudoéste do que então se suppunha, o meridiano lançado pelo Pará, ou pelo cabo do Norte do rio do Amazonas na realidade apenas comprehendia o Rio Grande de S. Pedro pela entrada da parte do sul.

Continuaram as cousas nos termos determinados no tratado provisional até o anno de 1701, em que fazendo o nosso soberano alliança com el-rei catholico Filippe V nos cedeu a Colonia com suas campanhas. Porém não teve effeito este tratado: e declarada a guerra entre ambos no anno de 1704, sitiaram a Colonia e fomos obrigados a abandona-la: mas no de 1715 fazendo-se a paz em Utrecht, cedeu el-rei catholico á coróa portugueza a Colonia com o seu territorio, renunciando todo o direito, que a tudo poderia ter, querendo que por esta causa ficasse abolido o tratado provisional de 1681.

Com esta transacção se teria acabado de todo a controversia, que havia ficado suspensa pelo mesmo tratado provisional, se no de Utrecht se tivessem assignado os limites do territorio que Hespanha entendia ceder nos. Mas o que resultou da falta d'esta declaração, foi que, indo tomar-se posse pela nossa parte, disse o governador de Buenos-Ayres, que por territorio entendia a distancia de tiro de canhão. E quando esperavamos formar um continente continuado de terras do Brazil até a Colonia nos achamos com um presidio remotissimo distante do Brazil, e encravado muito adiante nas terras, de que Hespanha está de posse.

A corte de Madrid adoptou tenazmente aquella intelligencia, sem embargo das vigorosas razões que da nossa parte se ponderaram: e quando nos queixavamos da violencia, em que se nos detinha aquelle territorio, se nos respondia que lhes tinhamos usurpado immensas terras na America Meridional; arguindo, que no caso de ser verdadeira a opinião sustentada pelos nossos commissarios em Badajós, de que a linha divisoria devia passar pela bocca do rio Amazonas, d'ahi se colhia, que sendo o curso d'aquelle rio quasi léste-óéste, não nos podia tocar alguma do que possuimos por ella acima até a Missão de S. Pedro, em que vão mais de 700 leguas. E que do mesmo modo pertenciam á Hespanha todos os lugares que tinhamos occupado no Matto-Grosso, Cuyabá e em parte dos Goyazes, como tambem tudo quanto estavamos possuindo ao norte do rio do Amazonas.

Neste estado pois de controversia se achavam as cousas quando se negociou o tratado, que agora vemos concluido, estando os Hespanhoes de posse do terreno que nos tocava nas margens do Rio da Prata, tendo bloqueada a Colonia, para que não pudessemos gozar de parte alguma do mesmo territorio, chamando-nos finalmente usurpadores da maior parte do que possuiamos no sertão da America.

Agora pese V. S.ª na balança de seu juizo o miseravel estado a que se via reduzido o presidio da Colonia, com todas as vantagens, que lhe queria attribuir, como um paiz immenso que se nos contestava, com copiosas minas de ouro e diamantes, e com os estimaveis fructos de que se carregam as frotas do Pará. Considere tambem se fizemos não negocio em tirar um bom equivalente por aquelle presidio e por um territorio, de que não podiamos provar a retenção, em lugar de outro que os Hespanhoes estavam bem longe de querer entregar e que nunca poderiamos recuperar, sem proceder uma guerra, contingente nos successos, infallivel nas despezas por um territorio emfim, que ainda quando os Hespanhoes no-lo quizessem largar, não deixava o nosso paiz tão redondo e tão coberto, como viemos a conseguir por troco.

Considere V. S.ª se fizemos mão negocio em conseguir com isto que Hespanha reconheça por legitimo o dominio d'esta corôa, em todo aquelle immenso paiz que nos contestava. Considere se fizemos pequeno negocio em tirar das margens orientaes do rio Guaporé as aldeias, que os Hespanhoes tinham ultimamente fundado nellas, por onde os Indios da sua sujeição principiavam já a penetrar o interior do paiz, e a encontrar-se com os nossos mineiros do sertão do Cuyabá: novidade, de que brevemente havia resultar outra contenda peior que a do territorio da Colonia; e já principiavamos a sentir os effeitos d'ella, pretendendo os missionarios hespanhoes impedir-nos a navegação do sobredito rio, por estarem senhores de ambas as suas margens, nos districtos d'aquellas aldeias. Considere mais V. S.ª se fizemos pequeno negocio, além do que fica dito, em que as terras despovoadas se repartissem entre as duas nações, sendo este accrescimo somente um grande augmento do dominio de Portugal.

Bem sabe V. S.ª (deixando o paiz até Corytiba, de que já fizemos memoria) que no sertão d'aquella villa não tinhamos occupado mais que as minas do Paransampanema até a foz do Iguassú, a que nós chamamos Rio Grande do Corytiba. Chegando ao Paraná sabe V. S.ª que não passavamos o Rio Pardo, e depois das cabeceiras d'este, não passavamos dos rios Cuzilim e Taquary: e agora pelo tratado de limites ficamos com 50 ou 60 leguas mais de extensão em todo o paiz, que medeia entre o rio Paraná e Paraguay: pois corre a nova fronteira pelos rios Iguarey e Correntes. Assim tambem o caminho de Cuyabá para o Matto-Grosso era pelo rio Jauru acima; e d'aquelle caminho para o sul nada occupavamos: agora fica a fronteira por uma linha lançada logo da bocca do dito rio Jauru até defronte do rio Sararé.

Na margem austral do rio do Amazonas, quanto occupavamos commumente, não passava da borda do mesmo rio, e dos mais que desaguam nelle, pela parte do sul; agora fica inteiramente a Portugal todo o paiz do rio Guaporé, ou Madeira para cima, ou para o oriente até o mar; e do dito rio do Madeira partimos por um parallelo, que nos ha de deixar de fundo do Amazonas para o sul, mais de 100 leguas; e isto até chegar ao rio Javary que vem a ser até as montanhas dos Andes. E pelo que toca á margem septentrional do rio do Amazonas, supposto largamos até a foz do Japura algum terreno, que desfrutavamos, porque de outro modo não podiamos para ali calcular a fronteira, ganhamos muito mais em a constituir pelo cume dos montes, que medeiam entre os rios do Amazonas e Orinoco, sendo que até agora não passavam as nossas povoações das faldas d'estes montes, e isto sómente pelo Rio Negro acima.

Considere V. S.ª finalmente se fizemos máo negocio em regular 2.000 leguas de fronteira com tal clareza, e por balisas tão certas e indubitaveis que em nenhum tempo mais poderemos ter por esse respeito alteração com os nossos vizinhos; quando até agora apenas estavamos demarcados por uma linha meridiana, que custa muito a determinar em um relogio solar de quatro palmos, quanto mais em tantos centos de leguas; de que resultava uma continua e inevitavel occasião de disputas entre as duas corôas.

A' vista do que tenho exposto, não me posso persuadir, que, por maior que seja o amor que V. Sª. tenha a Colonia, ache que deveriam desprezar-se tão grandes interesses, só pelo inutil pundonor de conservar aquella praça, com desprezo de todo o equivalente, como V. S.ª insinúa no principio de seu papel. Prevejo as réplicas que V. S.ª fará a todo este discurso; e poderá dizer primeiramente que, sendo tão claro o direito que tinhamos ao territorio que nos havia cedido Hespanha junto ao Rio da Prata, deviamos renuncia-lo pela injustiça, que os Castelhanos nos faziam em o reter violentamente. Será a minha resposta, perguntar a V. S.ª si julga nos é conveniente fazermos uma guerra á Hespanha, para recuperarmos aquelle territorio, visto que, por outro meio, era fatuidade esperar a restituição? Pergunto mais, de que modo haviamos sahir do embaraço dos limites daquelle territorio, visto que, por outro meio, digo, visto que o tratado de Utrecht não os determinou para algum dos lados? Pergunto ainda mais, si por não desistir do direito que tinhamos a um territorio pelo qual se nos offerecia um muito racionavel equivalente, deviamos perder a occasião de consolidar por uma vez o dominio de tão vastas, como uteis provincias e de ampliar, por toda a parte, os nossos Estados do Brazil e Maranhão; e se convinha preferir a um ajuste desta qualidade, o ficar permanecendo em um labyrintho de controversias com Hespanha, a respeito dos limites da America?

Poderá mais dizer V. S.ª que a maior parte das terras,

que agora nos ficam além da linha pelo tratado de Tordezillas, já estavam na nossa posse; pelo que, ao menos, nesta parte, nada vimos a adquirir de novo. Respondo que em nossas mesmas terras, que já occupavamos, vimos adquirir muito. Porque a nossa posse, no conceito da côrte de Vienna, era usurpação e infracção daquelle tratado; e por este, que ultimamente se ajustou, fica reconhecido por justo e legitimo o dominio. E parece que todos alcançam quanto esta é superior áquella pela segurança e quietação assim do Estado, como da consciencia.

Poderá tambem V. S.ª dizer que nós cedemos de um porto e territorio vizinho ao mar, e que, o que adquirimos de novo, são sertões inuteis e incultos: respondo que estas contas sempre se devem fazer, lembrando-nos que esse territorio maritimo que cedemos, não está no nosso poder; e que isto, não obstante com essa cessão, viemos assegurar o legitimo de outros portos e territorios maritimos que nos importavam mais do que aquelle; pois, seguramos porto, lagôas e campanhas de Rio de S. Pedro, que, segundo a melhor opinião, ficam de fóra ainda do mesmo meridiano, passado pela bocca do rio do Amazonas, que nós pretendiamos. Tambem seguramos as terras que pelo rio do Amazonas acima occupamos, as quaes igualmente se devem reputar maritimas, visto que todo elle é navegavel, desde o mar, de embarcações grandes. E pelo que toca a serem incultas as terras, que nos accrescem pelo novo tratado (prescindindo da provincia do Uruguay que nada tem de inculta) a experiencia nos tem mostrado o pouco que se devem desprezar os sertões do Brazil; pois que, em semelhantes desertos, é que se tem achado grandes thesouros, que estamos desfructando. Se 30 annos para traz se tivoram desprezado, como inuteis, as terras do Cuyabá, Goyaz e Matto Grosso, por serem uns sertões incultos; veja V. S.ª como se tinham enganado! E daqui infira, quanto é provavel se engane quem fizer pouco caso dos sertões que agora, por este tratado, adquirimos, só porque são incultos e remotos.

Poderá, finalmente, dizer V. S.ª que fizemos á Hespanha uma notavel conveniencia em tirar-lhe (como vulgarmente nos explicamos) um espinho do pé, cedendo-lhe a Colonia, em deixarmos os Hespanhoes inteiramente senhores do Rio da Prata e sua navegação, e em segura-los de que em tempo algum lhes inquietamos a provincia das Minas, que em outro tempo esteve á nossa discrição, por não poder ser soccorrida de Quito, sem infinito trabalho e grande despeza: o que, além disto, segura Hespanha com o nosso ajuste, a legitimidade das Ilhas Filippinas que pertenciam a Portugal pela demarcação do tratado de Tordezillas, por virtude da compra que fez dos 17 gráos el-rei D. João III, e por pacto feito em Saragoça. E que, emfim, a mesma conveniencia que eu pondero para Portugal em ficar livre de disputas para o futuro, em estabelecer raias claras e immutaveis, igualmente a fazem os Hespanhoes e com maior utilidade.

Não controverto, se a Hespanha conseguiu tantas quantas Portugal tira deste tratado, ultimamente ajustado: só pergunto a V. S.ª se poderiamos, em tempo algum, fazer ajuste com Castella, em que toda a conveniencia fosse nossa? Ou se poderiamos esperar que fosse tão inadvertido o ministerio de Madrid, que deixasse de requerer vantagens para si e só consentisse nas nossas? E se nós ficamos por este tratado muito melhor do que estavamos, porque nos ha de pezar de que os Castelhanos tambem em alguma parte se melhorem?

Nem pareça a V. S.ª impossivel poderem as corôas ambas ficar melhor do que estavam. Pois, o mesmo que a uma não fazia conta utilisar, póde a outra; e o que a esta não dava conveniencia, a conferia áquella. A Colonia, que aos Portuguezes causava grandes despezas para se conservar e a navegação do Rio da Prata que apenas facilita a serventia desta praça, são para os Hespanhoes de muito uteis consequencias; e para conservarem, não carecem de fazer a decima parte da despeza que nós faziamos: e a navegação que dá entrada ás provincias de Paraguay e Charcas, importa-lhe muito ficar sem mistura de outra nação. Pelo contrario, aos Hespanhoes não fazia falta na vastissima provincia de Paraguay a porção que fica do Uruguay para o mar: e a nós grande conveniencia faz, por dar competente fundo á lingua de terra na distancia de 200 que ali temos. As Ilhas Filippinas que aos Hespanhoes servem de utilidade, por entreterem o commercio com a China, aos Portuguezes daria pouca ou nenhuma conveniencia: pelo contrario, o rio do Amazonas e suas margens, nos dão um prodigioso commercio, quando aos Hespanhoes não serviriam de cousa alguma, ficando nós senhores da bocca do rio. Eis aqui como ambas as monarchias ficam melhor cedendo mutuamente o que lhes faz menos conta, pelo que mais interessa.

Muito diffuso tenho sido na resposta a este periodo; mas, não podia ser mais breve, comprehendendo o que V. S.ª disse em poucas palavras, uma impugnação injusta de toda a substancia do dito tratado ultimamente feito entre as duas corôas, sobre os referidos limites; e fundando-se V. S.ª em seu discurso em alguma equivocação concebida a respeito do que se tinha determinado nos precedentes.

EXTRACTOS

DE UMA VIAGEM FEITA Á PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO POR MANOEL JOSÉ PIRES DA SILVA PONTES, SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO.

«Fevereiro 25, Fazenda de Baguassú...

Entre as noticias com que fui favorecido pelo Sr. alferes João do Monte da Fonseca, ex-commandante da 2ª divisão do Rio Doce, envolve, na minha opinião, grande importancia para o progresso da nossa riqueza mineral e reconhecimento das nossas antiguidades, o relatorio seguinte:

« Apenas se divulgou a organisação das divisões do Rio Doce, para defender os moradores da nossa fronteira e proteger os novos colonos que quizessem estabelecer-se nos terrenos retomados aos Puris e Botucudos; apresentou-se no meu quartel de Santa Rita do Turvo o guarda-mór Borges, homem idoso e sisudo. Pedindo-me uma palavra em particular, declarou-me que possuia o roteiro de um descoberto na matta occupada pelos Indios ferozes, mas que não tendo meios de reunir em uma bandeira a gente precisa para resistir-lhes, implorava a minha protecção afim de entrar no conhecimento desses logares. Respondendo-lhe eu, que não estava autorisado para distrahir a força do meu commando em interesses particulares, elle imputou a escusa á falta de confiança nas suas palavras; e para que pudesse convencer-me de sua veracidade, tirou de um papel velho, e disse: Este é, senhor, o legado que recebi de meu pai; e leu o trecho seguinte:

— « Sóbe a serra mais alta das cabeceiras do Rio Casca, olha para o nascente e avistarás ao longe outra serra, em que uma torrente de aguas claras imita a fórma de lençoes estendidos; marca bem esse ponto, para o alcançares; e chegando prova o cascalho da Cachoeira, e acharás o que precisas.»—

« Se este pobre homem vinha illudido ou não, ignoro; mas o certo é, que não recebendo de mim a menor ajuda o favor, elle angariou alguns apaniguados, fez varias entradas, e morreu antes de ver cumprido o descobrimento.

« Sete annos depois, aquartelando-me na fazenda do capitão mór João Dias, á margem do Itapemerim, quando em virtude de ordem da junta militar de conquista e civilisação dos Indios fui concluir a estrada, que comecei do quartel da Gloria em direcção á villa da Victoria na capitania do Espirito Sancto e visitei pela terceira vez estas paragens, algum peso teve na minha consideração o roteiro do guarda-mór Borges, á vista do que ouvi ao mesmo capitão-mór, congratulando-se pela communicação de Minas Geraes: «Que nós tambem possuimos ricas minas de ouro, afóra as do Castello (disse o capitão-mór), é para mim cousa certa. Ha aqui um Indio manso por nome João

que entrando muitas vezes no rio Muqui, depois de seis dias volta sempre carregado de pelles dos animaes que mata, e traz folhetas de ouro, que diz tira do poço de uma cachoeira, que no sertão da Camapuá se precipita em pannos que imitam a fórma de camisas lavadas. Não tem os instrumentos de que usam os mineiros, não conhece essa arte, e comtudo apresenta estes productos. E' desgraça nossa que elle se tenha mudado para Minas, acompanhando um cabra sapateiro, que ha pouco fugiu daqui pelas cabeceiras do Itapemerim; mas como o Sr. alferes volta agora ao seu districto, ali póde solicitar o encontro desse Indio e receber d'elle as noticias necessarias.»

«A coincidencia dos dous indicios de cachoeira em fórma de lençoes e camisas lavadas excitou tanta curiosidade no meu espirito, que apenas cheguei á primeira povoação (do Arripiados) inquiri se tinham ali chegado dous homens de Itapemerim; e ouvi, que prendendo se o cabra por suspeito de ser captivo, o Indio metteu-se ao matto de volta para a sua terra. Portanto á vista do nosso desencontro, o partido que me restava era corresponder-me com o capitão-mór, rogan'o-lhe o favor de enviar-me esse Indio; mas a morte interrompeu esse projecto.

«Apezar disso a boa opinião que tinha das minas do rio S. João, e rio Preto, ramos do Camapuá, á vista dos exames por mim feitos, cresceu com os dias, combinadas de espaço as informações que eu recebera antes de outro Indio, com as do coronel João Luciano, as quaes são as seguintes:

«Aonde vais, capitão (dizia o Indio Cho, quando eu na minha viagem para reconhecimento do Muriahé, em 1812, lhe curava uma chaga de mau caracter), aonde vais? Todos os teus parentes, que habitavam a terra, que tu buscas, morreram atravessados pelas nossas flexas! Não insistas nessa empreza temeraria; as forças, que tens (eram mais de cem homens) não podem resistir a Indios tão esforçados! — Suppondo eu que este Indio alludia aos habitantes das fazendas do Campos de Goitacazes, ou da Muribeca, replicava que era impossivel que os seus tivessem acabado com todos os meus parentes. Mas elle sustentou muitas vezes: — Morreram todos! E si queres desenganar-te com os teus olhos, espera que eu sare, ou manda carregar-me por teus soldados, e eu te mostrarei o campo onde apenas verás tres esteios e um pé de larangeira. Emfim se não approvas um destes dous arbitrios, desce ainda um pouco por este rio, e quando chegares á barra do 2º ribeirão, que entra da parte esquerda, e que (por signal) apresenta muitas moitas de caeté, sóbe por elle até as cabeceiras, entra por uma bocaina, desce o monte, e acharás (se não fores perturbado pelos meus parentes) o campo, em que foram as casas, os tres esteios, e a larangeira!

«Agora relatarei o que ouvi ao coronel João Luciano. Percorrera elle com outros aventureiros as vertentes do Muriahé, pouco depois da minha expedição para o reconhecimento deste rio; e fatigado da exploração inutil de pedras preciosas

daquella parte, passára á aldeia da Pedra, no intuito de restaurar-se, e de chegar ainda a Cantagallo, onde tinha negocio. Rodando a conversação com um Barbono, missionario d'essa aldéa, sobre o objecto da sua entrada, e da minha expedição, soube que era tão certa a existencia, não só de pedras preciosas, mas de ouro em grande cópia, que havia ali um Indio, que estava prompto a guiar qualquer bandeira a certa fazenda destruida dentro da matta, onde se acharia um caldeirão de cobre cheio de ouro; concluindo o missionario por insinuar-lhe, que a não querer elle entrar em nova exploração, me convidasse a entender-me com elle, se eu quizesse, á vista do Roteiro que lhe deu; e é do teor seguinte:

« Atraves-ada a serra da Flecheira, e o rio Muriahé (em certa altura), e encontrando-se a barra de um ribeirão, que desce do norte, subir por elle ao alto do morro; e descendo-se pela encosta contraria chegar a outro ribeirão, que corre entre campos nativos. Em um destes campos achar-se-ha no meio das ruinas de uma casa o caldeirão cheio de ouro.»

« *Março* 31. *Fazenda da Flecheira*...

... O Sr. Moraes coroou o relatorio, que me fez, sobre os Indios Puris, seus administrados, com a proxima descoberta do solo de um antigo estabelecimento, nas cabeceiras de um regato que nascendo na serra da Flecheira, com 3 leguas de curso, entra no Pomba á vista d'esta fazenda. Notão-se ainda, diz elle, restos de socalcos, e troncos mortos de arvores fructiferas que foram plantadas a cordel; e nestas immediações acharam-se já uns enormes fechos de arcabuz de fórma nunca aqui vista, e que levados á villa de Campos excitaram grande admiração...»

Está conforme.—*Manoel José Pires da Silva Pontes.*

BIOGRAPHIA

DOS

BRAZILEIROS DISTINCTOS PELAS SCIENCIAS, LETRAS, ARMAS,
E VIRTUDES

D. JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO

Nasceu a 8 de Setembro de 1743, na vila de S. Salvador dos Campos dos Goitacazes, districto do Rio de Janeiro. Feitos os seus primeiros estudos na capital de sua provincia passou-se a Portugal, aonde na universidade de Coimbra tomou grão de licenciado em Canones, e teve depois apresentação de arcediago da sé do Rio de Janeiro em 23 de Setembro de 1784. Confirmado em 31 de Janeiro do anno seguinte, tomou posse da sua cadeira em 2 de Fevereiro do anno immediato por seu procurador o conego João Pinto Rodrigues. Provido no cargo de deputado do Santo Officio da inquisição de Lisboa, tomou posse d'elle a 15 de Setembro de 1785 : e eleito a 21 de Novembro de 1794 para occupar a cadeira episcopal de Pernambuco, vaga por promoção de D. Fr. Diogo de Jesus Jardim ao bispado de Elvas, e confirmado pelo SS. P. Pio VI, sagrou-se a 25 de Janeiro de 1795 na basilica do convento novo de Jesus, cujo acto ministrou o rev. bispo titular do Algarve D. José Maria de Mello, inquisidor geral, com assistencia dos RR. bispos de Angola e de S. Thomé, concorrendo a esse acto a Academia Real das Sciencias, da qual era membro o novo bispo. Recolhido ao bispado, aonde chegou a 25 de Dezembro de 1798, applicou todos os seus cuidados á illustração do clero, conseguindo a fundação de um seminario, sob o titulo de N. Senhora da Graça, aonde se educasse e instruisse a mocidade, para cujo fim estabeleceu aulas de grammatica latina, grego, francez, geographia, rhetorica, historia universal, philosophia, desenho, historia ecclesiastica, theologia dogmatica, moral, e cantochão, dando excellentes estatutos ao mesmo seminario, os quaes se deram á luz publica em 1798.

Como porém faltassem, para tão necessario estabelecimento casa propria e fundos proporcionados, a rogos seus, doou a rainha D. Maria I á mitra de Pernambuco, por alvará de 22 de Março de 1796, o collegio e igreja que foi dos Jesuitas, com todas as suas pertenças. Ao recolhimento de N. Senhora da Gloria, fundado na Boa Vista pelo deão da sé de Olinda, o

Dr. Manoel de Araujo de Carvalho Gondim, e seu irmão o padre Francisco de Araujo Gondim, deu tambem excellentes estatutos, pelos quaes se governasse. A beneficio do corpo capitular da sua sé, e auxiliando a supplica do cabido, obteve o augmento de congruas dessa corporação, que o decreto de 30 de Junho de 1798, e o alvará de 23 de Outubro de 1805 lhe permittiram.

Substituindo o Governo da capitania, por ausencia do governador D. Thomaz José de Mello, conseguiu organisar em regimento completo o pequeno e insignificante corpo de artilheiros, que presidiava a praça. Suas mui acertadas providencias, ou como governador interino, ou como bispo, das quaes resultaram grandes e beneficos fructos ao Brazil, á corôa, e á igreja, foram assaz constantes, e se acham publicadas por elle na sua *Defesa* contra os inimigos, e invejosos intrigantes, que pretenderam obscurecer o seu credito pelo facto da Trasladação do SS. Sacramento da igreja matriz para a que fóra dos jesuitas, cuja defesa corre impressa.

Nomeado a 19 de Março de 1802 para coadjuvar, e succeder no bispado de Miranda e Bragança ao proprietario delle D. Antonio Luiz da Veiga Cabral, por ordem regia se recolheu ao convento de S. Vicente de Fóra, sahindo de Pernambuco a 5 de Julho do mesmo anno, mas repugnando aquelle prelado a desistencia de sua igreja, verificou-se a trasladação da mitra de Pernambuco para a de Elvas, por ser promovido o seu proprietario D. José da Costa Torres ao arcebispado de Braga em 27 de Janeiro de 1806.

O seu merecimento pastoral acha-se eternisado em muitas fundações utilissimas de Pernambuco, conseguindo elle por seus cuidados elevar o seu clero aos conhecimentos proprios do seu estado, de que ainda apparecem fructos. E sua gloria litteraria acha-se eternisada em varias obras de pulso por elle publicadas. Por despacho de 15 de Novembro de 1817 foi trasladado para o bispado de Beja, que renunciou; e foi provido então no importantissimo cargo de inquisidor geral do Santo Officio, e de presidente da junta de melhoramento das ordens regulares, por despacho de 13 de Maio de 1818. Este grande bispo e distincto brasileiro falleceu a 12 de Setembro de 1821, quando principiava no exercicio de deputado das côrtes por parte do Rio de Janeiro. Jaz na casa do capitulo dos padres de S. Domingos.

Eis a lista das obras que elle deu á estampa, e das quaes temos noticia:

1.ª Memoria sobre o preço do assucar. Publicada por ordem da Academia Real das Sciencias em 1791. — Novamente corrigida e accrescentada pelo mesmo autor.

2.ª Allegação juridica, na qual se mostra, que são do padroado da Coroa, e não da ordem militar de Christo, as igrejas, dignidades e beneficios dos bispados do Cabo de Bojador para o sul, em que se comprehendem os bispados de Cabo Verde, S. Thomé, Angola, Brazil, India, até a China. Lisboa, 1804.

3.ª Discurso sobre o estado actual das minas do Brazil. Lisboa, 1804.

4.ª Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da Costa d'Africa. Lisboa, 1808.

5.ª Concordancias das leis de Portugal e das bullas pontificias, das quaes umas permittem a escravidão dos pretos d'Africa, e outras prohibem a escravidão dos Indios do Brazil. Lisboa, 1808.

6.ª Commentario para intelligencia das bullas e documentos, que o R. Dr. Dionizio Miguel Leitão Coutinho, juntou á sua Refutação contra a allegação juridica sobre o padroado das igrejas, e beneficios do Cabo de Bojador para o sul: sobre a jurisdicção dos Exms. bispos ultramarinos; sobre o senhorio, e dominio das conquistas; e sobre a jurisdicção do conselho do ultramar. Lisboa, 1808.

7.ª Informação dada ao ministro de estado dos negocios da fazenda D. Rodrigo de Souza Coutinho. Lisboa, 1808.

8.ª Resposta dada por D. José Joaquim d'Azeredo Coutinho, bispo de Elvas, então bispo de Pernambuco, ás propostas feitas por alguns parochos d'aquella diocese. Lisboa, 1808.

9.ª Defesa de D. José Joaquim de Azeredo Coutinho. Lisboa, 1808.

10. Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias, offerecido ao serenissimo principe da Beira o Senhor D. Pedro, e publicado de ordem da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1816.— 2ª edição corrigida e accrescentada pelo autor.

11, Estatutos do seminario episcopal de N. Senhora da Graça da Cidade de Olinda, etc.

12. Ditos do recolhimento de N. Senhora da Gloria, tambem de Olinda.

13. Cartas escriptas aos generaes Inglezes que mais concorreram para a restauração de Portugal.

14. Exhortações pastoraes do bispo d'Elvas aos seus diocesanos, os quaes recommenda a defesa da religião, do soberano, e da patria.

15. Varias pastoraes sobre differentes objectos.

16. As duas principaes memorias, que se leem no principio do *Investigador* de Setembro de 1815; e outras anonymas, que se publicaram em alguns numeros do mesmo *Investigador Portuguez* em Inglaterra.

J. da C. Barbosa.

MONSENHOR JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO

Nasceu este distincto brazileiro na cidade do Rio de Janeiro, no dia 12 de outubro de 1753; foram seus paes, o coronel Luiz Manoel de Azevedo Carneiro da Cunha, e D. Maria Josepha de Souza Pizarro. Concluidos na patria os seus primeiros estudos, passou-se á universidade de Coimbra, onde recebeu o gráo de bacharel, formado em Canones. Foi apresentado, por decreto de 20 de outubro de 1780, e confirmado a 23 de março do anno seguinte, em um canonicato da antiga sé fluminense, depois de ordenado presbytero, e principiou a exercel-o no dia 25 do dito mez.

Desejoso de instruir-se na historia de seu bispado, applicou-se a colher monumentos antigos que lhes ministrassem algumas noticias, por não haverem escriptos publicos, de cuja fonte se podesse utilisar; e principiando em o anno de 1781 essa gloriosa empresa tão difficil de vencer, conseguio felizmente descobrir, á custa de trabalho indizivel, e da mendigaria, as que lhe ministraram a materia para organisar a sua obra em nove volumes, intitulada — *Memorias historicas do Rio de Janeiro, e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rei do Estado do Brazil*, — cujo primeiro volume se imprimiu em 1820, e o nono em 1822. (Rio de Janeiro. Impressão Regia).

Visitou as igrejas e comarcas do reconcavo do bispado, com portarias de 17 de agosto de 1794, e de 10 de abril de 1799. Ausentando-se de sua corporação no dia 19 de abril de 1801, por faculdade regia teve a seu favor em Lisboa a beneficencia do principe D. João, regente de Portugal, que por despacho de 9 de junho de 1802 o promoveu a uma das conesias da Santa Igreja Patriarchal; e a titulo de remuneração dos serviços militares de seu pai, até o posto de tenente-coronel exclusivamente lhe fez a mercé do habito da ordem de Christo, em que professou. Voltando á patria na mesma monção, que obrigou o regente a trocar a sua residencia, e assento da corte, pela do Rio de Janeiro, acompanhou-o embarcado na náu *Principe Real*, que o transportára. Estabelecido o tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens na nova corte do Brazil, por alvará de 22 de abril de 1808, teve tambem a honra de ser empregado no importante cargo de procurador-geral das tres ordens militares, por decreto da mesma data do sobredito alvará, portaria de 15 de junho e carta de 11 de agosto seguinte; de ser nomeado monsenhor presbytero com o titulo de thesoureiro mór, e depois com o de arcipreste da real capella do Rio de Janeiro, por aviso de 14 de agosto; de ter o titulo do Conselho, em 25 desse mez e anno de 1808; e finalmente de ser condecorado com a nomeação de cavalleiro da ordem da Torre e Espada, por decreto de 21 de dezembro do mesmo anno. Occupou o lugar de deputado da Mesa de Consciencia e Ordens por decreto de 5 de março de 1821; e foi encarregado de lançar os

habitos das ordens de Christo e de Aviz, por immediata resolução de consulta de 28 de maio do mesmo anno.

Opprimido de trabalho, e diminuidas as suas forças pelo avanço da idade, pediu, e teve demissão de serviços da capella, conservando-se-lhe porém todas as suas honras.

Foi então que mais folgadamente se occupou da impressão das suas Memorias, escriptas todas de sua letra, e com a critica escrupulosa, que lhe era propria, na verificação dos factos, confrontação de datas, investigação da verdade. Se nós lhe não podemos dar o nome de historia geral do Brazil, ainda assim esta obra é um excellente thesouro, onde muito cabedal de conhecimentos interessantes encontrará o que se propózer a escrever a nossa historia, mormente no que diz respeito á parte ecclesiastica. O respeito adquirido no bom desempenho dos seus cargos e no justo conceito de Brazileiro amante da patria e dos estudos, chamou sobre elle os votos dos seus patricios, para que os representasse como seu deputado na primeira legislatura do Brazil; e no recinto da camara electiva tambem mereceu os suffragios dos seus collegas legisladores, para occupar a cadeira do presidente por algum tempo, sendo isto um signal bem publico de veneração, tributado a uma velhice carregada de merecimentos.

A deterioração de sua saude mereceu-lhe o decreto de 12 de outubro de 1828, que o aposentou no Supremo Tribunal de Justiça, e já condecorado com a commenda da ordem de Christo; mas 50 annos de nunca interrompido serviço, e 77 de idade, se não bastaram para roubar o merecimento de quem sempre amára a patria, a honra, e o dever, sobejaram sem duvida para arrancar-lhe a vida. Monsehor Pizarro foi um Ecclesiastico respeitavel, um juiz integro, um escriptor severo, que tirou do esquecimento, e da desordem dos nossos archivos, suas *Memorias Historicas*, em que vive o seu nome para a gloria dos Brazileiros. Elle morreu quasi repentinamente, passeando no jardim das plantas da Lagoa de Freitas, no dia 14 de maio do anno de 1830.

J. da C. Barbosa.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

23ª SESSÃO EM 5 DE OUTUBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — O 2º Secretario fez leitura das cartas dos Srs. Antonio Pereira de Araujo Pinto, José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva, Manoel do Nascimento Castro e Silva, Maximiano Augusto Pinto, Floriano Vieira da Costa Delgado Perdigão, e conego José Constantino Gomes de Castro, nas quaes participavam aceitarem a nomeação de membros correspondentes do Instituto.

Fez tambem leitura da seguinte carta, escripta do Chile pelo Sr. Miguel Maria Lisboa: «Desejoso de contribuir com meus fracos esforços para o progresso de uma sociedade tão util como a do Instituto Historico do Brazil, peço licença para offerecer ao dito Instituto o mappa junto, da provincia de S. Paulo. Não sei si elle tem merecimento real, mas lisongeio-me de que não será de todo destituido d'elle, por have-lo obtido em um leilão dos livros do finado Marechal Oliveira Alvares, que possuia a respeito da estatistica do Imperio peças mui curiosas.

« Foram-me promettidas por um amigo de Lima cópias dos relatorios que os vice reis do Perú passavam a seus successores, especialmente dos ineditos, e posteriores á época a que chegam as Decadas de Herrera. Persuado-me de que estes interessantes documentos serão uteis ao Instituto, não só debaixo de um ponto de vista historico, como tambem porque nelles se encontrará porventura alguns esclarecimentos relativos á nossa fronteira d'oéste. Logo que me venham á mão as ditas cópias, terei a honra de remette-las ao Instituto.

« Acabo de ler com muito interesse (continua o nosso socio correspondente) a erudita memoria do Ex.^mo Sr. Visconde de S. Leopoldo, sobre os limites do Brazil; e mui folguei em ver sustentado pelo nobre Visconde um principio, que me pareceu sempre importantissimo, — a nullidade dos limites fixados pelo tratado de S. Ildefonso. Um dos meus maiores empenhos actualmente é colligir todos os documentos, embora alheios á questão, que possam servir para sustentar o nosso direito de posse; e tambem os enviarei ao Instituto, principiando pelo que se encontra no incluso numero do *Araucano*, e que vae marcado á margem.»

Juntamente com a carta enviou o Sr. Lisboa o mappa de que faz menção e o numero 456 do *Araucano*, anno de 1839. O

Instituto ouviu com summo prazer a leitura da supracitada carta, e foi de parecer que o Sr. 1º Secretario respondesse á mesma agradecendo ao Sr. Lisboa a sua remessa; e igualmente deliberou que o mencionado mappa fôsse remettido á commissão de geographia.

Foram offertadas para a bibliotheca do Instituto as seguintes obras: pelo Sr. conego José Constantino, o *Catalogo dos Illmos e Exmos Srs. Bispos do Maranhão*; e a *Minuta Historia-apologetica da conducta do bacharel Manoel Antonio Leitão Bandeira*; dous exemplares: e pelo Sr. conego Januario da Cunha Barbosa, o *Processo dos cidadãos pronunciados na devassa a que mandou proceder José Bonifacio, em 20 de Outubro de 1822*. — Recebidas com especial agrado.

O Sr. 1º Secretario apresentou, da parte do socio honorario o Exmo Sr. Balthazar da Silva Lisboa, a 3ª parte do seu trabalho sobre o ponto tirado por sorte na sessão de 28 de Junho proximo passado. — Recebida com especial agrado, e remettida á commissão de historia.

Fez-se leitura de uma proposta para socio effectivo; e de varias outras para correspondentes.

Foram approvados socios honorarios os seguintes senhores propostos pelo Sr. Conselheiro José Antonio Lisboa: D. Agostinho Guilherme Charam, residente no Perú; D. Manoel Salas, residente no Chile; e D. Agostinho Guilherme Charun, igualmente morador no Chile. Tambem foi approvado socio honorario o Exmo Sr. Marquez de Itanhaem, proposto pelo Sr. conego Cunha Barbosa.

O Sr. desembargador Pontes, como relator da Commissão de historia, fez depois leitura do seguinte parecer acerca da 1ª e 2ª parte da Memoria enviada pelo Exmo Sr. Balthasar, versando sobre o programma sorteado em sessão de 28 de Junho.

«A commissão de historia, tendo examinado a Memoria do socio honorario o Sr. conselheiro Balthasar da Silva Lisboa, entende que a Memoria deve ser enviada á commissão incumbida de redigir a *Revista trimensal de Historia e Geographia*, afim de que seja publicada por extenso neste periodico, ou d'ella se dêm extractos, que contenham as partes mais importantes. A commissão julga todavia de seu dever declarar, que não acha sufficientemente provada a não existencia das academias, de que trata a Memoria do Exmo. Sr. Visconde de S. Leopoldo publicada em o 2º numero da *Revista*, e que o illustre socio honorario affirma que nunca existiram. Emquanto á Academia Brazilica dos Esquecidos, instituida na Bahia pelos annos de 1724, forçoso é dar credito ao testemunho de Rocha Pitta citado na indicada Memoria de S. Ex. o Sr. Visconde de S. Leopoldo, pois que os argumentos deduzidos, de que não era proprio do tempo consentir em instituições de similhante natureza, e muito menos depois de uma revolta, não passou de méras probabilidades, totalmente sem força diante do testemunho positivo e claro de um autor contemporaneo. Nada, além d'isso, poderia recear-se de uma sociedade litteraria, vigiada e dirigida pelo proprio vice-rei, em

seu proprio palacio : o note-se mais que do anno de 1711, em que teve lugar o tumulto, a que se refere o nosso digno socio honorario, ao anno de 1724 em que se diz a installada Academia dos Esquecidos, havia decorrido mais do tempo necessario para destruir qualquer temor de algum desaguisado, proveniente d'esse tumulto. Mais peso teria talvez o argumento de se não encontrar vestigio algum litterario da existencia d'aquella academia, se por ventura este facto não fosse explicado pelo incendio da não *Santa Rosa*, como se notou nos Estatutos da academia dos Renascidos. A Commissão continua igualmente a persuadir-se que a existencia d'esta ultima Academia não é uma fabula. Não só o mui digno autor da Memoria publicada no 2º numero da *Revista* se referiu a documentos com todas as notas de authenticidade, mas tambem acontèce, que das duas cartas regias, ora produzidas no original, se não póde inferir necessariamente que no anno de 1758 já estivesse no Rio de Janeiro o conselheiro José Mascarenhas Pacheco Coelho de Mello, que na mencionada Memoria se dá como director da academia installada aos 6 de Junho de 1759, na cidade da Bahia. As citadas cartas regias são ambas de 18 de Maio de 1758, e ambas dirigidas ao provedor da real fazenda do Rio de Janeiro, declarando-se em uma o ordenado, que devia vencer o sobredito conselheiro, que era mandado a esta provincia (então capitania) incumbido d'alguns negocios do real serviço, e declarando-se em outra das indicadas cartas o ordenado, que devia vencer o intendente do ouro João Tavares de Abreu, quando servisse de escrivão da commissão, para que era nomeado o conselheiro. D'estes documentos pois vê-se, que existiram taes nomeações ; porém não se prova que as diligencias fossem trazidas a effeito, e muitos menos que no anno de 1758 já estivessem no Rio de Janeiro o Dr. José Mascarenhas Pacheco Coelho de Mello. Mas ainda que isto provado fosse, nenhum embaraço encontraria a commissão nas citadas cartas regias para acreditar em uma viagem do conselheiro Mascarenhas á Bahia, a tempo de assistir aos trabalhos da Academia no anno de 1759, pois que d'esses documentos se conhece, que as diligencias encarregadas aos dous commissarios não eram limitadas ao Rio de Janeiro. Na carta regia relativa ao conselheiro lêm-se as seguintes expressões : « Posto que no tempo, em que ahi estiver, haja de sahir d'essa cidade, para quaesquer outros logares, porque em todos, onde fôr, lhe fareis sempre effectivo pagamento do dito ordenado. » Quasi as mesmas palavras se lêm na Carta Regia relativa ao Doutor Abreu.

« A commissão é inhibida de apreciar o argumento deduzido da prisão do conselheiro Mascarenhas, e de sua viagem de volta para Lisboa, por não ter conhecimento das circumstancias d'esse facto ; e tanto mais insiste a commissão na idéa de que as citadas cartas regias não provam que em 1758 já elle estivesse no Rio de Janeiro, quanto é certo que chegou á Bahia em Agosto d'esse mesmo anno de 1758, e ahi foi empregado, como refere o nosso illustre consocio o Sr. Accioli á pag. 220 do 1º tomo das *Memorias Historicas da Bahia*. Accresce finalmente, que das

cartas regias acima citadas, a que diz respeito ao conselheiro Mascarenhas, não tem—Cumpra-se—do executor; o que poderia mui bem provar, que nunca se fez uso della, e que nunca se verificou a diligencia, que fôra encarregada ao sobredito conselheiro no Rio de Janeiro, se por ventura o contrario se não provar com outros factos e documentos, de que a commissão carece por ora.

« A simples denegação do nosso illustre socio honorario pelo que respeita á academia, erigida nesta côrte sob os auspicios do marquez de Lavradio, não é sem duvida bastante para destruir a fé, que se deve ter nos autores citados pelo Sr. visconde de S. Leopoldo; nem o contrario póde concluir-se de ter sido a botanica uma sciencia geralmente desconhecida entre nós por aquelles tempos. Era essa uma das razões por que os poucos iniciados naquella, e em outras sciencias, desejosos de as tornarem conhecidas, procuravam unir os seus esforços nas sociedades litterarias, como em fócos de luz, que dissipassem com duplicada força as trevas da ignorancia, propria de paizes acabrunhados debaixo do jugo do systema colonial. Isto o que parece á commissão, salvo sempre o melhor juizo. »

Este parecer ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

Entrou depois em discussão e foi approvado o parecer da commissão de historia, que tinha ficado sobre a mesa na sessão antecedente.

Ordem do dia. — Entrando-se na discussão da ordem do dia, a qual versava sobre qual seria hoje o melhor systema de colonizar os Indios entranhados em nossos sertões, o Sr. conego Januario dissertou sobre a questão, provando ser a catechese o meio de que se póde obter melhores resultados; tomaram parte activa na discussão os Srs. José Silvestre Rebello, Padre Encarnação, e o Ex^mo. Sr. Presidente, corroborando todos a idéa emittida pelo Sr. conego Cunha Barbosa, mas variando comtudo acerca dos meios pelos quaes se deve fazer a dita catechese.

Achando-se a hora bastantemente adiantada, e não se julgando a materia sufficientemente discutida, ficou adiada para a sessão seguinte.

24ª SESSÃO EM 22 DE OUTUBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — O 2º Secretario fez leitura das cartas dos Srs. Doutor Domingos Marinho de Azevedo Americano, Theophilo Benedicto Ottoni, João Gomes Machado Corumbá, José Cesario de Miranda Ribeiro, bispo de Cuyabá, Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, e Doutor Thomaz José Pinto de Serqueira, participando aceitarem a nomeação de membros correspondentes do Instituto: bem como communicou terem participado verbalmente

aceitar a mesma nomeação os Srs. João José Ferreira da Costa, Manoel Alves Branco, Doutor José Antonio Ferreira da Costa, Antonio José Ferreira da Costa, e João Coelho Bastos.

Foi depois leitura da seguinte carta, escripta de Paris pelo Sr. Eugenio de Monglave, secretario perpetuo do Instituto Historico do França, e dirigida ao secretario do Instituto Historico do Brazil, o Sr. conego Januario da Cunha Barbosa:

« Recebemos vossas duas estimaveis cartas, uma de 10 de Fevereiro, e outra de 15 de Março do corrente anno; a primeira já foi inserida no jornal do nosso Instituto; juntamente com o extracto dos estatutos da vossa sociedade, e a traducção do vosso excellente discurso de inauguração, no qual o fim e a marcha da Historia se achão expostos de uma maneira tão nova, e ao mesmo tempo tão completa. A fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro é uma grande e feliz idéa; e não podieis dar um maior testemunho de vosso patriotismo e zelo pela gloria e prosperidade do Brazil; é um acto que a Historia da sciencia não olvidará commemorar, e que ha de transmittir vosso nome á posteridade, tornando-o charo a todos os que se interessam pelos progressos do espirito humano. Todos os nossos membros tem ouvido com bastante satisfação a noticia d'esse estabelecimento scientifico, e o relatorio circumstanciado impresso no *Bulletin* d'esse Instituto lhe tem dado grande nomeada, tanto em França, como nos paizes estrangeiros. Vê-se por isso que o Brazil começa a sentir toda a sua importancia, e deseja ter parte no grande movimento, que impelle a humanidade a um brilhante futuro, querendo occupar o lugar, que lhe convém, em meio das grandes nações. E de certo pertencia ao unico paiz, que tem na America sua litteratura nacional, principiar a explorar outras partes do immenso campo, que se tem aberto á intelligencia do homem. Começar pela geographia, e pela historia é começar bem, é lançar uma vista sobre o passado, para obter esclarecimentos, que sirvam de illuminar todos os momentos do tempo presente; é unir o estudo das cousas positivas ao estudo d'quellas que lhe dão vidas.

« Muito vos agradecemos o presente da *Memoria* de Sua Ex^a. o visconde do S. Leopoldo; ella é mui interessante, e bem digna delle; não se podia dizer tantas cousas em tão poucas paginas.

« Bastante sentimento nos causou a morte do marechal Cunha Mattos, homem de tão reconhecido merito, e dotado de tão excellentes qualidades; nossa magoa foi partilhada por todos os membros da classe a que elle pertencia; ha tempos que o Brazil não soffre uma perda tão irreparavel. Extrahi no jornal que me enviaste as noticias necessarias para redigir uma biographia do finado marechal, a qual deve ser publicada no nosso *Bulletin*; o nome de um homem tão illustre não deve perecer, e é dever de todos os que se interessam pelas sciencias, tributar-lhe homenagem, e signaes de respeito.

« Paris, 10 de Julho de 1839.

« (Assignado) *Eug. Garay de Monglava.* »

Seguia-se na carta uma longa lista de nomes de socios do Instituto Historico, existentes em França e em outros paizes estrangeiros, enviada afim do Instituto Historico Brazileiro colher entre os individuos nella mencionados aquelles que lhe conviesse para seus membros; bem como outra lista de sociedades installadas em França, e outros paizes, para abrir correspondencia com as que lhe parecesse.

O Instituto ouviu com nimio prazer a leitura d'esta carta, e determinou que o Sr. 1º secretario, encarregado das correspondencias, respondesse á mesma; deixando adiada para a sessão seguinte a decisão que se devia tomar ácerca dos individuos e sociedades mencionadas na sobredita carta.

Fez-se tambem leitura de uma carta do Sr. Doutor Justiniano José da Rocha, na qual expunha os motivos urgentes por que até hoje não tem podido apresentar o parecer, de que se acha encarregado juntamente com o Sr. Doutor Firmino Rodrigues Silva, ácerca da obra *Le Brésil* de Ferdinand Denis, promettendo em breve apresenta-lo. O Instituto ficou inteirado.

Fez-se depois leitura de uma carta do Sr. general J. I. de Abreu e Lima, na qual offertava para a bibliotheca do Instituto uma obra sua tendo o seguinte titulo: *Bosquejo historico, politico e litterario do Brazil*. Igualmente tenho a honra de offerecer ao Instituto um manuscripto (diz o Sr. Lima em sua carta), cujo valor é hoje inestimavel; polo que muito desejaria vê-lo quanto antes publicado, para que se não perdesse a relação de um acontecimento tão extraordinario, e tão notavel em a nossa moderna historia. O documento, de que fallo, é parte original de todas as circumstancias, que deram lugar á infausta revolução da provincia de Pernambuco em o dia 6 de Março de 1817, endereçada ao então secretario d'estado, conde da Barca, pelo capitão-general da mesma provincia Caetano Pinto de Miranda Montenegro (depois marquez da Praia Grande), no momento de chegar a esta côrte, e de ser recolhido preso á fortaleza da Ilha das Cobras. — Este singular documento foi extrahido do gabinete d'el-rei na occasião de sua partida para Portugal, e conservado por um Brazileiro de illustração, que tinha entrada naquelle gabinete; e ainda que se ache rôto na parte, que continha a assignatura do dito capitão-general, a relação é tão exacta, e os factos tão bem esmiuçados, que não é possivel poder-se duvidar da sua authenticidade. E ainda quando podesse haver duvida a esse respeito, existe felizmente o visconde da Praia Grande, filho d'aquelle marquez, que póde reconhecer e attestar a identidade d'esse documento, que tanta honra faz a seu finado pai pela decencia, moderação e verdade, com que narrou factos, que lhe eram tão dolorosos, e que deviam ferí-lo no intimo do seu coração. Em todo caso, pela maneira por que tive a fortuna de haver esse papel, posso affirmar com toda a convicção da minha alma, que elle é authentico, e o mesmo que original fôra feito e assignado pelo ex-governador de Pernambuco. »

Esta offerta foi recebida com especial agrado, e o manuscripto remettido á commissão de historia.

Foram offerecidas para a bibliotheca do Instituto as seguintes obras: pelo Sr. Ignacio Accioli de Cerqueira as suas *Memorias historicas e politicas da Bahia*, 4 vol. e a sua *Corographia do Pará*; pelo Sr. Attaide Moncorvo a *Vida do apostolico padre Antonio Vieira*, reimpressa na Bahia em 1837, 2 vol., e o manuscripto *Plano sobre a civilisação dos Indios do Brazil*, por Domingos Alves Branco Muniz Barreto: pelo Sr. Mariz Sarmento uma collecção do periodico *Correio Official* desde o anno de 1822 até o anno de 1830; pelo Ex^mo. Sr. marquez de Maricá, 12 vol. in fol. da *Collecção de documentos, estatutos e memorias da Academia Real Portugueza*.

O Ex^mo. Sr. Balthasar da Silva Lisboa offereceu uma Memoria com o seguinte titulo: *Apontamentos para a historia ecclesiastica da igreja da Bahia*. Remettida á commissão de historia. Igualmente offereceu uma preciosa collecção de conchas e outros objectos da historia natural do Brazil.

Os Srs. Moncorvo, e Bento da Silva Lisboa offereceram alguns apontamentos sobre a vida do padre Caldas: por deliberação do Instituto foram remettidos á commissão de redacção.

Todas as dadivas acima mencionadas foram recebidas com especial agrado.

Foram depois approvados socios honorarios os Ex^mos. Srs. visconde de Chateaubriand, e barão de Humboldt, propostos pelo Sr. Cunha Barbosa; e general J. I. de Abreu e Lima, Felippe Vandermaelen, e Doutor Meisser, propostos pelo Sr. Dr. Maia.

Fez-se tambem leitura de varias propostas para socios correspondentes.

O Ex^mo. Sr. Aureliano communicou ao Instituto que S. M. I. por declaração de seu Ex^mo. tutor, se tinha dignado franquear uma das salas de seu paço imperial da cidade, para nella ser celebrada a primeira sessão publica anniversaria da fundação do instituto; o que foi ouvido com summo prazer, e deliberou-se que, em consequencia d'isso, a sessão anniversaria ficasse reservada para o dia 3 de Novembro ás cinco horas da tarde; que, se S. M. I. se dignasse honrar o acto com sua augusta presença, fôsse recebido na porta d'entrada do paço por todos os socios que se achassem presentes; o Ex^mo. Sr. Regente fôsse recebido no topo da escada por uma commissão de doze membros; os Ex^mos. Ministros por uma commissão de cinco membros, e todos os Srs. do corpo diplomatico e consular por uma commissão de tres.

Entrou depois em discussão e foi approvado o parecer da commissão de historia, que tinha ficado sobre a mesa na sessão antecedente.

25ª SESSÃO EM 30 DE OUTUBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX^mo. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — Fez-se leitura de duas cartas, uma do Sr. Antonio Corrêa de Lacerda, e outra do Sr. Antonio Pereira Barreto Pedroso, participando ambos aceitarem a nomeação de membros correspondentes.

Fez-se tambem leitura de uma carta do socio correspondente o Sr. R. Schüch, acompanhando a remessa de um mineral achado em abundancia em um dos arrebaldes do Rio de Janeiro, e que, pelos caracteres mineralogicos, é identico (segundo affirma o Sr. R. Schüch em sua carta), ao que appareceu em Andreasberg, na Saxonia, em 1576, e continuou a apparecer até 1617, época, em que desappareceu de todo, depois de ter fornecido 4 até 24 libras de prata pura sobre cem libras de mineral « 24 grãos do mineral que remetto (continúa ainda o nosso socio correspondente) cobriram de pellicula branca de lustro metallico quatro chapinhas do tamanho da inclusa. Este mineral ha de apparecer provavelmente em toda a costa do Brazil, onde existem formações identicas ás do lugar em que foi encontrado: logo que eu obtiver um resultado mais satisfactorio, serei prompto em communical-o ao Instituto. »

Esta carta foi recebida com especial agrado, e o Instituto foi de parecer que a offerta fosse remettida ao socio effectivo e director do museu nacional o R^mo Sr. fr. Custodio.

O Ex.^mo Sr. Presidente declarou que tinha ido em commissão, da parte do Instituto, convidar S. M. I. afim de se dignar honrar com sua augusta presença a celebração do seu primeiro anniversario da fundação do mesmo Instituto, de que é immediato protector; que fôra recebido com toda benevolencia por S. M. I., o qual lhe respondêra, por intermedio de seu Ex^mo tutor, o nosso socio honorario, que, comquanto desejasse summamente assistir a tão interessante acto, não o poderia comtudo verificar por estar chegado exactamente o tempo, em que costuma passar alguns dias em sua fazenda de Santa Cruz, e se achar já tudo disposto para a partida. Foi ouvida com todo o devido respeito e acatamento a honrosa resposta enviada por S. M. I.

O Sr. conego Januario propoz para socio honorario o Ex^mo Sr. conde Ney. Foi approvado.

Igualmente fôrão approvados para a mesma classe os seguintes individuos, mencionados na lista enviada de França pelo Sr. Monglave, e propostos pelo Sr. 1º secretario perpetuo: os Ex^mos Srs. conde Le Peletier d'Aunay, presidente do instituto Historico de França; conde Armand de Allonville, vice-presidente do mesmo Instituto; conde Amédée de Pastoret; duque de Poix; general barão Pelet; conde Molé; Anatole Saulnier; Ferdinand Berthier (surdo mudo); abbade Orsini; principe de la Moskowa; duque de Doudeauville; duque de Montmorency.

Foi tambem approvado que o Instituto abrisse correspondencia com todas as sociedades mencionadas na citada carta ; e então o Ex^mo Sr. Presidente propoz que se ajuntasse a essas a sociedade Geographica de França, e se conferisse igualmente a seu presidente, o Sr. Jomard, o titulo de membro honorario ; o que foi approvado.

O Sr. conego Cunha Barbosa propoz que se concedesse ao Sr. João do Espirito Santo Cabral, actual impressor da— *Revista trimensal* — o titulo de — Impressor do Instituto Historico Geographico Brazileiro.— Foi approvado.

26ª SESSÃO EM 10 DE NOVEMBRO DE 1839

Assembléa Geral anniversaria de Eleição

PRESIDENCIA DO EX.^mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Depois de aberta a sessão, o Ex.^mo Sr. Presidente declarou, que em observancia dos estatutos ia se proceder á eleição dos membros da mesa administrativa do segundo anno social.

Passando-se a fazer a eleição por escrutinio secreto, como determina o artigo 12 dos estatutos, e apurados os votos, sahiram eleitos por maioria absoluta os seguintes senhores:

Presidente.— Visconde de S. Leopoldo (reeleito).

1º Vice-presidente, e director da commissão de historia, desembargador Candido José de Araujo Vianna (reeleito).

2º Vice-presidente, e director da commissão geographica, desembargador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (reeleito).

2º Secretario.—Manoel Ferreira Lagos.

Orador.— Major Pedro de Alcantara Bellegarde (reeleito).

Thesoureiro e director da commissão de fundos e orçamento, José Lino de Moura (reeleito).

Commissão de fundos e orçamento.— Thomé Maria da Fonseca (reeleito).— Alexandre Maria de Mariz Sarmento (reeleito).

Commissão de estatutos e redacção da *Revista*.— Antonio José de Paiva Guedes (reeleito).— Doutor José Marcellino da Rocha Cabral (reeleito).

Commissão de historia.— Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes (reeleito).— Doutor Thomaz José Pinto de Serqueira.

Commissão de geographia.—José Silvestre Rebello (reeleito). — Doutor Lino Antonio Rebello.

Finda a votação, o Ex.^mo Sr. Presidente representou, « que sensivel, e cada vez mais penhorado pelas provas de benevolencia com que o honravam seus consocios, reelegendo-o Presidente, cumpria todavia declarar, que se achava prestes a partir para a provincia de S. Pedro do Sul, e que nem podia deixar em silencio uma circumstancia tão attendivel, do que poderia resultar ficar por muito tempo vaga a cadeira da pre-

sidencia ; e por isso, se parecesse aos socios presentes, ia fazer correr novo escrutinio para eleição de outro Presidente.» Todos os socios recusaram unanimemente a proposta do Exmo Sr. Presidente e insistiram em sua eleição, declarando-lhe que durante sua ausencia a cadeira seria regida pelos vice-presidentes ao que finalmente elle annuiu.

Passou-se depois a fazer leitura do parecer da commissão de fundos ácerca da conta da receita e despeza do Instituto desde sua installação até o fim de Setembro de 1839, apresentada pelo Sr. Thesoureiro. Foi unanimemente approvado, e igualmente que fosse louvado na respectiva acta o Sr. thesoureiro pela exactidão e desvelo com que desempenhou o seu encargo.

Fez-se tambem leitura do parecer da mesma commissão sobre o orçamento do 2º anno social do Instituto. Entrou em discussão, e foi approvado com algumas emendas.

O Sr. conego Cunha Barbosa propoz, que em execução do artigo 11 dos estatutos se passasse o Sr. doutor Serqueira para a classe de membro effectivo, e outrosim que se passasse tambem para a mesma classe o Sr. doutor Felizardo Pinheiro de Campos. Foi approvado.

Foi igualmente approvado que se conferisse a todos os presidentes das associações com quem o Instituto tem de se corresponder o titulo de membros honorarios, e aos seus primeiros secretarios o de membros correspondentes.

O Sr. conego Januario propoz para membros honorarios os Exmos Srs. conde de Cancrino, e Bludoff, ministro da Russia; e o Sr. doutor João Fernandes Tavares propoz para a mesma classe o Rmo Srr D. fr. Francisco de S. Luiz, bispo resignatario de Coimbra. Foram approvados.

Fez-se leitura de duas propostas para socios correspondentes.

O Sr. Diogo Soares da Silva de Bivar propoz que o Instituto abrisse correspondencia com o — Instituto Scientifico e Litterario de Londres ; e o Sr. conselheiro Tavares propoz se abrisse tambem correspondencia com a — Academia Real das Sciencias de Lisboa.— Foi approvado.

A commissão de estatutos passou depois a apresentar uma reforma a alguns artigos dos mesmos ; depois de discutida, artigo por artigo, foi approvada.

Como a reforma dos estatutos marcasse que, além dos outros membros da mesa, devem haver dous secretarios supplentes, cujas funcções sejam supprir as faltas do 2º secretario, foram nomeados para exercerem esses cargos os Srs. doutor Felizardo Pinheiro de Campos, e Manoel de Araujo Porto-Alegre.

27ª SESSÃO EM 16 DE NOVEMBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente.— Cartas dos Ex.mos Srs. conde Ney, e general J. I. de Abreu e Lima, aceitando a nomeação de membros honorarios; e dos Srs. Luiz Moutinho Lima Alvares e Silva (escripta de Piza), doutor Pedro da Silva Rego (escripta do Rio das Contas, Bahia) e Francisco Ezequiel Meira, (da Bahia), participando aceitarem a nomeação de membros correspondentes.

Foi lida tambem uma carta escripta de Barcelona pelo Sr. Wenceslão Antonio Ribeiro, na qual, além de fazer sciente ao Instituto que com satisfação aceitava o titulo de seu membro correspondente, communicava-lhe, que acabava de fazer uma viagem pelas provincias do sul d'aquelle reino, em cujas bibliothecas se acham preciosissimos documentos sobre o descobrimento da America, e estabelecimentos europeu, neste vasto continente, promettendo offerecer ao instituto uma narração d'ella.—Foi ouvida com prazer a leitura d'esta carta.

Fez-se igualmente leitura da seguinte carta escripta ao nosso secretario perpetuo pelo Sr. conselheiro José de Rezende Costa:

« Com a maior sorpreza e tristes recordações foi a minha alma combatida, quando, em sessão do Instituto, foi apresentada pelo benemerito e zeloso socio o Ill.mo Sr. desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes a sentença, pela qual foram julgados os individuos, que primeiro tentaram em Minas Geraes, em 1788, a independencia do Brazil, como um facto historico interessante á sua historia; e exigindo o digno Presidente o Ex.mo Sr. visconde de S. Leopoldo, em consequencia da lembrança e proposta de V. S.ª, que eu, como uma das victimas d'aquella malfadada tentativa, désse sobre ella alguns esclarecimentos; já no occaso da vida; e na idade tão avançada de mais de 74 annos, peza-me não ter força e luzes para descrever estes primeiros e mallogrados brados da independencia, ha 51 annos intentada, e ha 18 proclamada e gloriosamente consummada nos campos do Ypiranga pelo immortal D. Pedro I; achando-se porém descriptos por R. Southey, na sua *Historia do Brazil*, ultimamente publicada em Londres, e extrahidos do processo, que os condemnou, eu o traduzi, e offereço com alguns additamentos e correcções, assim como a informação, que a este respeito pedi e obtive do meu amigo e companheiro de desgraça o conego Manoel Rodrigues da Costa, unicos que existimos. »

Acompanhavam esta carta os papeis nella citados, os quaes, por deliberação do instituto, foram remettidos á commissão de historia.

Fez-se depois leitura de outra carta escripta tambem ao nosso 1º secretario perpetuo pela Ill.ma Sr.ª D. Maria Venancia

de Fontes Pereira de Mello, viuva do nosso fallecido vice-presidente o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, na qual lhe fazia sciente que, tendo chegado ao seu conhecimento os desejos, que muitos dos membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro tem manifestado de possuir no seu archivo algumas obras compostas por seu fallecido esposo; e que querendo ella dar uma prova do seu reconhecimento á mesma sociedade, pelas demonstrações de sentimento, que patentearam seus membros na occasião da inauguração do busto de seu charo esposo, decidiu-se a offerecer para a bibliotheca do Instituto parte de seus escriptos, especialmente os que são relativos ao Brazil, e que por isso lhe pareceram mais interessantes. Igualmente pedia ao Sr. 1° secretario que fizesse sciente da sua parte ao Instituto, que muito penhorada ficaria se por ventura elles fossem julgados dignos da sua estima e publicação; e que não se limitará sómente a isso a sua offerta se ella vir impressa a Corographia Historica da provincia de Minas Geraes, e a Corographia Historica da provincia de Goyaz, com os seus respectivos mappas, que por sua exactidão são bastante interessantes.

Manuscriptos enviados juntamente com a carta: 1° Memoria sobre as navegações dos antigos e modernos, que deram lugar ao descobrimento da terra de Santa Cruz e Brazil; 2° Corographia Historica da provincia de Minas Geraes; 3° Corographia Historica da provincia de Goyaz; 4° Epocas Brazileiras, ou Summario dos acontecimentos mais notaveis do Imperio do Brazil; 5° Memoria Historica ácerca dos mappas geographicos antigos e modernos; 6° Mappa-Itinerario desde o Rio de Janeiro até os confins da provincia de Goyaz, com os do Pará, Maranhão, Piauhy, Matto-Grosso, S. Paulo, Pernambuco, e Minas Geraes; 7° Dissertação ácerca do systema d'escrever a historia antiga e moderna do Imperio do Brazil; 8° Apontamentos sobre a navegação do rio Doce, acompanhados de mappas; 9° Tabolas das latitutes e longitudes d'alguns lugares do Brazil; 10° Diversos quadernos sobre botanica e zoologia, principalmente do Brazil.

O Instituto recebeu com nimia satisfação esta tão preciosa offerta, e deliberou que o Sr. 1° secretario escrevesse á Sr.ª D. Venancia, agradecendo-lhe a sua attenção, e fazendo-lhe sciente ao mesmo tempo, que se daria o devido apreço a tão interessantes producções.

Foi offerecido para a bibliotheca do Instituto: pelo Sr. Dr. Maia, um pequeno manuscripto com o seguinte titulo: Discurso em que se mostra o fim para que foi estabelecida a sociedade Litteraria do Rio de Janeiro, pelo seu presidente Joaquim José de Attaide: pelo Ex^mo Sr. Manoel Antonio Galvão as duas obras seguintes: 1° The Galery of British Portraits, with memoirs; 3 volumes ricamente encadernados, e ornados de um grande numero de gravuras finissimas: 2° Annals of St. Mary Obery, by W. Taylor; um volume com estampas: pelo Sr. major Bellegarde, além do seu *Compendio de Mathe-*

maticas, o *Resumo da historia do Brazil*, por H. L. N. Bellegarde, 1ª e 2ª edição; e o Relatorio da 4ª secção de obras publicas da provincia do Rio de Janeiro, pelo mesmo autor. O Sr. conselheiro José de Rezende Costa offereceu, além de sua Memoria sobre os diamantes e seu descobrimento, o seguinte manuscripto — Noticias e reflexões estatisticas da provincia de Minas Geraes, por Guilherme, barão de Eschwege; e o Sr. Thomé Maria da Fonseca offertou tambem outro manuscripto tendo por titulo — Tratado de amizade entre a republica Franceza e S. M. Fidelissima a rainha de Portugal. Todas estas offertas foram recebidas com especial agrado.

O Sr. conego Cunha Barbosa propoz que, convindo apparecer impressa quanto antes a Memoria do fallecido socio o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, ácerca das navegações dos antigos e modernos, que deram lugar ao descobrimento da terra de Santa Cruz; e não possuindo o instituto meios para poder só por si occorrer á despeza que requer á dita impressão, se fizesse um requerimento ao governo, rogando-lhe haja de contribuir para a dita impressão com a despeza da typographia, obrigando-se o Instituto a fornecer o papel, e um certo numero de exemplares. Foi approvado com a seguinte emenda que, antes de ser publicada, fôsse a referida Memoria enviada ás commissões de historia e geographia, afim de ambas reunidas apresentarem um parecer a respeito de seu merito.

Foi proposto e approvado para socio honorario o Ex.mo Sr. Duque d'Elchingen.

Foi-se leitura de uma proposta para socio correspondente.

Foi approvado, por proposta do Sr. Bivar, que o Instituto abrisse correspondencia com as seguintes sociedades de Londres: sociedade Real dos Antiquarios; sociedade Real de Litteratura; sociedade para a Diffusão de Conhecimentos uteis.

O Sr. desembargador Pontes propoz que se nomeasse uma commissão para dar o seu parecer sobre a obra modernamente publicada em Paris por Horacio Say, com o titulo de *Histoire des rélations commerciales entre la France et le Brésil*. Foi approvado, e o Ex.mo Sr. Presidente nomeou os Srs. José Domingues de Attaide Moncorvo, e Bento da Silva Lisboa.

Propoz igualmente que por conta do Instituto se comprasse a obra *Examen critique de l'histoire de la géographie du Nouveau Continent, par Alexandre Humboldt*, e fosse remettida a uma commissão para dar o seu parecer a respeito. Foi approvado, e o Ex.mo Sr. Presidente nomeou *ad hoc* a commissão de geographia.

O mesmo Sr. desembargador Pontes, como relator da commissão de historia, fez depois leitura de um parecer da mesma commissão, ácerca da obra *Compendio das éras da provincia do Pará*, por Antonio Ladislão Monteiro Baena. Ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

28ª SESSÃO EM 30 DE NOVEMBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente.— Leitura de duas cartas, uma do Sr. desembargador José Paulo Figueroa Nabuco de Araujo, e outra do Sr. Doutor Jules Parigot, participando ambos aceitarem a nomeação de membros correspondentes.

Leitura de outra carta escripta da Bahia pelo socio correspondente o Sr. João Antonio de Sampaio Vianna, na qual offertava as seguintes obras para a bibliotheca do Instituto. 1º Resumo da historia do Sr. D. Pedro de Alcantara, duque de Bragança. 2º Journal of a residence in the sandwich Islands, by C. S, Sttwart. 3º Ensaio sobre a utilidade da importação de Chins para colonisação do Brazil, por J. A. de Sampaio Vianna. 4º Um alphabeto do idioma Siamez, e varios outros manuscriptos asiaticos, contendo algumas cartas escriptas por potentados da Asia aos agentes do governo Inglez em Calcutá, e n'outras possessões britannicas.

Foi tambem offerecido para a bibliotheca do Instituto: pelo Sr. desembargador Pontes, da parte do Sr. Coronel Huet Bacellar Pinto Guedes, as seguintes obras impressas: 1º Memorias historicas do Rio de Janeiro, por Monsenhor Pizarro; 9 vol. 2º Memorias de Litteratura Portugueza, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomos 1º, 2º, 3º, 5º e 7º; 3º Memorias sobre o Brazil, pelo cavalleiro G. de Langsdorff. 4º Cartas economico-politicas sobre agricultura e commercio da Bahia, por João Rodrigues de Brito. 5º Discurso sobre o estado actual das minas do Brazil, por D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. 6º Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias, pelo mesmo autor. 7º Ensaio sobre os melhoramentos de Portugal e do Brazil, por Francisco Soares Franco. 8º Roteiro e mappa da cidade de S. Luiz do Maranhão até a côrte do Rio de Janeiro, por Sebastião Gomes da Silva Belfort. 9º Discurso historico, politico, e economico dos progressos e estado da philosophia natural Portugueza, por Balthasar da Silva Lisboa. 10º Memoria sobre a cultura da urumbéba, e sobre a creação da cochonilha, por fr. José Mariano da Conceição Velloso. E os seguintes manuscriptos: 1º Noticia dos titulos do Estado do Brazil, e de seus limites austraes e septentrionaes. 2º Memoria do descobrimento e fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. 3º Catalogo dos capitães-móres governadores, capitães generaes, e vice-reis, que tem governado o Rio de Janeiro desde sua fundação em 1565 até o presente 1813. 4º Cópia de uma carta do coronel e governador Manoel Soares Coimbra, escripta ao tenente-coronel João Alberto de Miranda Ribeiro no anno de 1793. 5º Carta que escreveu o mestre de campo André Ribeiro Coutinho ao general Gomes Freire d'Andrade, em resposta de uma que lhe escreveu do Rio Grande, dizendo que o povo do Rio de Janeiro se admirava que se não tomasse Montevidéo.

O Sr. Mariz Sarmento offereceu: 1º Reflexions d'un Portugais sur le Mémorial presenté par les PP. Jésuites au pape Clément XIII. 2º Memoria historica sobre a fundação da fabrica de ferro de S. João de Ypanema, por Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro. 3º A Gratidão Pernambucana ao seu bemfeitor o Emo Sr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. 4º O Brazil visto por cima, carta a uma senhora sobre as questões do tempo.

O Sr. conselheiro José de Rezende Costa offereceu uma collecção do *Diario do Governo*, annos 1823, 24, 25, e 26; e o Sr. conselheiro Jules de Wallenstein: *Remarks on the statistics and political institutions of the United-States*, by William Gore Ouseley.

Todas estas offertas foram recebidas com especial agrado.

O Sr. conego Cunha Barbosa propoz para socio honorario do instituto, da parte do Ex.mo Sr. Caetano Maria Lopes Gama, Sua Alteza o principe Eugenio de Saboia, Carignan. Foi approvado.

Igualmente foram approvados para a mesma classe os seguintes Senhores, propostos pelo Sr. Wallensteins: Ouvarow, conselheiro e ministro da instrucção publica na Russia; Sir William Gore Ouseley, encarregado de negocios de S. M. Britannica nesta côrte; baronet Sir Gore Ouseley; Dr. Sir William Ouseley; baronet Sir Arthur de Capel Brooke; Sir Washington Irving; Sir Jared Sparks; e barão Apollonius de Maltitz.

Entrando depois em discussão o parecer da commissão de historia, que tinha ficado sobre a mesa na sessão antecedente, foi approvado, e remettido á commissão de redacção, para ser publicado na *Revista*.

29ª SESSÃO EM 19 DE DEZEMBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. CONEGO J. DA C. BARBOSA

Expediente.—Cartas dos Srs. Theodoro Taunay, bispo eleito do Rio de Janeiro, João do Espirito Santo Cabral, padre José Francisco da Silva Cardoso, e Domiciano da Costa Moreira acceitando a nomeação de membros correspondentes.

Faz-se tambem leitura da seguinte carta, escripta pelo nosso socio effectivo e ministro dos estrangeiros, o Ex.mo Sr. Caetano Maria Lopes Gama ao Sr. secretario perpetuo:

« Remetto a V. S. cópia da carta que o principe de Savoie Cariguan me fez a honra de dirigir em resposta á communicação da nomeação de Sua Alteza Serenissima como membro honorario do Instituto Historico e Geographico do Brazil. V. S.ª verá o modo attencioso, com que esse illustre principe corresponde ao testemunho de respeito, que lhe fôra offerecido, e me permitto crer, que o Instituto guardará com prazer nos seus archivos um documento, que ao mesmo tempo lhe prova a summa esti-

mação que já merece na opinião de pessoas dignas de apreciarem nobres emprezas e lhe promette soccorros para seus uteis trabalhos.»

Cópia. « — Ex.mo Senhor. Recebi co mbastante satisfação a estimavel carta na qual V. Ex. me communica, enviando-me juntamente o diploma, a honra que se dignou fazer-me o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, approvando-me no numero de seus membros honorarios. Não tenho expressões com que possa patentear o prazer que experimento, e atrevo-me a esperar que S. M. o Rei de Sardenha, meu Augusto Soberano, ha de se mostrar tão sensivel como eu a esta nova prova de consideração, e que não é a menos lisonjeira das que tenho recebido neste imperio. Rogo a V. Ex. haja de exprimir, da minha parte, meus sinceros agradecimentos a essa illustre corporação, por intermedio de seu digno secretario perpetuo, assegurando-lhe ao mesmo tempo que muito ditoso me julgarei se puder cooperar de alguma maneira para o nobre fim do Instituto, mandando fazer nas bibliothecas do meu soberano pesquizas sobre a historia e a geographia de um tão interessante paiz, e que tanto mais apreciavel se torna á proporção que melhor se vai conhecendo, e do qual levo lembranças, que sempre serão gratas ao meu coração.

«A bordo da fragata *Regina*. Rio de Janeiro, 8 de Dezembro de 1839.

(Assignado) *Eugène de Savoie Carignan*.»

(Está conforme).—*Lopes Gama*.

Foi ouvida com bastante prazer a leitura desta tão honrosa carta.

Fez-se depois leitura da seguinte carta, escripta de Lisboa ao Sr. 1º secretario pelo Sr. Francisco Adolfo de Varnhagem:

« Tenho muita satisfação de levar ás mãos de V.S.ª para que se digne apresentar ao Instituto de que é digno secretario, o incluso exemplar de um escripto que acabo de publicar ; contando desde já, fiado na benevolencia e illustração de seus membros, que me serão relevadas minhas faltas, e as irregularidades typographicas pelo serviço que procurei prestar-lhe, e desejo e espero continuar.

« Nas *Reflexões Criticas*, tenho por primeiro intuito o restaurar o nome e a obra do principal escriptor antigo do Brazil, insisti talvez demasiadamente em alguns pontos, que se a principio desagradarem ao leitor Brazileiro, espero que isto me será relevado por quem attender que escrevi uma obra critica entre os Portuguezes, aos quaes a extranheza do assumpto fazia reclamar autorisação de quem refutava ou affirmava. Neste escripto não poupei a minima occasião de dar noticias de muitos escriptores dignos de serem conhecidos para constituirem os elementos necessarios á historia e geographia do Brazil. Os ar-

chivos e bibliothecas da Europa, especialmente os de Portugal, contêm tão ricos e preciosos manuscriptos sobre o Imperio, que muito conviria ao Instituto tomar providencias, para possuir por cópia, analogas ás que outr'ora praticou Portugal, votando sommas para conservar o monsenhor Ferreira em Madrid, o visconde de Santarem em Paris, e outros litteratos á Italia e Inglaterra. Sobre este assumpto devia talvez intervir o governo, devendo alimentar o espirito de nacionalidade, deve ter presente que são a primeira base talvez desta, a historia e o conhecimento do paiz natal.

«Folgo de ter tido esta occasião de fazer algum serviço ao paiz em que primeiro vi o sol, e em que recebi os primeiros fundamentos da minha educação litteraria. Brevemente terei tambem concluida a publicação do *Diario de Pero Lopes de Sousa*, que estou acabando de imprimir, e espero que este escripto não será de menos utilidade, não só pela importancia do escripto, como porque em notas discuto o descobrimento da ilha de Fernando, o do Rio de Janeiro, Rio da Prata, S. Vicente, e a importante questão de Americo em 1501. Em outro escripto, para o qual já tenho riquissimos elementos, procurarei para o futuro dar uma extensa Geographia Physica do Brazil, e sobre ella fundar um projecto de divisão e subdivisões territoriaes, local mais conveniente para a capital do Imperio, etc. Esta é obra de tão grande circumstancia, que não sahirá tão cedo.

«Rogo a V. S.ª queira transmittir ao Instituto as provas da minha consideração e respeito.»

Acompanhava esta carta a seguinte obra — Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI, impresso com o titulo de *Noticia do Brazil*, no tomo 3º da Collecção de *Not. Ultr.* — Esta offerta foi recebida com especial agrado, e deliberou o Instituto que o Sr. 1º secretario agradecesse ao Sr. Varnhagen; e outrosim que a citada obra fosse remettida á commissão de historia.

Fez-se tambem a leitura de uma carta assignada pelo Sr. Antonio Alves Pereira Coruja, 1º secretario da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro, a qual, depois de felicitar o Instituto pelo seu progresso e prosperidade, offertava-lhe, além de seus estatutos, as seguintes obras por ella publicadas: — Lara, romance de Lord Byron, traduzida por T. A. Craveiro; Discurso sobre as sociedades scientificas e de beneficencia, que tem sido estabelecidas na America, por Emilio Joaquim da Silva Maia; Legado de um pai a suas filhas; Elementos de Arithmetica, por Bézout; e Elementos de Geometria, pelo marquez de Paranaguá.

A carta e offerta foram recebidas com especial agrado, e o Instituto deliberou que o Sr. 1º secretario agradecesse á Sociedade Litteraria, enviando-lhe tambem uma collecção dos numeros publicados da *Revista trimensal*.

Foram tambem offerecidas para a bibliotheca do Instituto as seguintes obras: pelo Sr. conselheiro Jules de Wallenstein — The writings of George Washington, by Jared Sparks, 12 vol.;

The Library of American Biography, conducted by Jared Sparks. 1 vol.; A collection of the familiar Letters and miscellaneous. papers of Benjamin Franklin ; pelo Sr. Dr. Pinheiro de Campos, a — Revista da Sociedade Philomatica e um pequeno folheto tendo por titulo — Da incompetencia do Concilio Nacional para estabelecer um novo modo de instituição canonica, sem a intervenção do Papa ; — e pelo Sr. conego Cunha Barbosa, o Discurso recitado pelo Sr. Dr. João Antonio de Miranda, presidente da provincia do Ceará, na occasião da abertura da assembléa legislativa no corrente anno de 1839.

O Sr. Conselheiro Rezende Costa offereceu a seguinte collecção de jornaes: *Gazeta do Rio*, de Fevereiro a Dezembro de 1822 ; *Correio do Rio de Janeiro*, de Abril a Outubro de 1822, e de Agosto a Novembro de 1823 ; *Diario Fluminense*, de Janeiro a Novembro de 1827, de Setembro a Outubro de 1828, e de Abril a Dezembro de 1826 ; *Diario do Governo*, de Maio a Dezembro de 1831, e de Janeiro a Dezembro de 1832.

Todas estas offertas foram recebidas com especial agrado.

Fizeram-se varias propostas para socios correspondentes.

O Sr. José Silvestre Rebello fez depois leitura de um parecer da commissão de geographia ácerca do mappa da provincia de S. Paulo, offerecido ao Instituto pelo Sr. Miguel Maria Lisboa — Ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

O Sr. Bento da Silva Lisboa fez depois leitura do parecer de que fôra incumbido, juntamente com o Sr. Attaide Moncorvo, ácerca da obra modernamente publicada em Paris, por Horacio Say, com o titulo — *Histoire des rélations commerciales entre la France et le Brésil.* — Pedindo-se urgencia, entrou este parecer em discussão, foi approvado e remettido á commissão de redacção para ser publicado no 4º numero da *Revista*.

O Sr. Desembargador Pontes, como relator da commissão de historia, passou a fazer a leitura do parecer da mesma commissão sobre os — *Annaes da provincia de S. Pedro*, — publicados pelo Ex.mo Sr. visconde de S. Leopoldo. — Pedindo-se tambem urgencia sobre esto parecer, entrou em discussão, foi approvado e remettido igualmente á commissão de redacção para ser impresso no 4º numero da *Revista*.

O mesmo Sr. desembargador Pontes fez tambem leitura do seguinte parecer:

« A commissão de historia, tendo examinado o documento offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro pelo Sr. General Abreu Lima, e que consiste na original participação official do governador de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, sobre a revolução d'aquella provincia no anno de 1817, entende que, comquanto um tal documento seja na verdade de muito preço, não convém todavia publical-o já pelo compromettimento que a sua publicação poderia levar a pessoas ainda existentes ; e por isso a commissão é de parecer que o sobredito documento seja guardado nos archivos do insti-

tuto até que todos os nomes nesse documento mencionados tenham comparecido perante o tribunal da posteridade.

Ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

Manoel Ferreira Lagos,
2º secretario.

LISTA

DOS MEMBROS DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

DO QUAL É PROTECTOR S. M. I. O SR. D. PEDRO II

SOCIOS HONORARIOS *

Principe Eugenio de Saboia Carignan.
Principe de la Moskowa.—Residente em Paris.
Duque de Poix. Idem.
Duque de Doudeauville. Idem.
Duque de Montmorency. Idem.
Duque d'Elchingen. Idem.
Marquez de Itanhaem.— Tutor de S. M. I.
Conde Le Peletier d'Aunay.— Presidente do Instituto Historico de França.
Conde Armand d'Allonville.— Vice-Presidente do mesmo Instituto.
Conde Amédée de Pastoret.— Residente em Paris.
Conde Molé. Idem.
Conde Ney. Idem.
Conde de Canerine.— Ministro na Russia.
Visconde de Chateaubriand.— Residente em Paris.
Barão de Humboldt.— Residente na Prussia.
Barão Appollonius de Maltitz.—Conselheiro de S. M. o Imperador da Russia.
General Barão Pelot.— Residente em Paris.
General J. I. Abreu e Lima.
D. Fr. Francisco de S. Luiz.— Bispo Resignatario de Coimbra.
Baronet Sir Gore Ouseley.— Membro da Sociedade Real de Londres.
Baronet Sir Arthur de Capel Brooke.— Idem.

---

* *Vide* Revista trimensal Nº 2, pag. 158 e Nº 3, pag. 264.

Ouvarow.— Actual Conselheiro Privado, e Ministro da Instrucção Publica na Russia.
Bloudoff.— Actual Conselheiro Privado, e Ministro da Justiça na Russia.
William Gore Ouseley.— Encarregado de Negocios de S. M. Britannica nesta côrte.
Sir William Ouseley.— Doutor pelas Universidades de Dublin, Oxford, Goettingen, etc.
Washington Irving.— Autor bem conhecido, e membro de varias sociedades scientificas.
Jared Sparks.— Autor da *Vida de Washington, de Franklin* e de varias outras obras.
Abbade Orsini.— Residente em Paris.
Jomard.— Presidente da Sociedade Geographica de França.
Felippe Vandermaelen.— Instituidor do Estabelecimento Geographico de Bruxellas.
Doutor Meisser.— Professor de duas cadeiras de Sciencias Naturaes na Universidade de Bruxellas.
D. Agostinho Guilherme Charem — Ecclesiastico residente no Perú.
D. Manoel Salas.— Residente no Chile.
D. Agostinho Guilherme Charun.—Peruano, morador no Chile.
Anatole Saulmier.—Residente em Paris.
Ferdinand Berthier (Surdo-mudo). Idem.

SOCIOS CORRESPONDENTES *

José de Araujo Ribeiro.— Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil em França.
José Marques Lisboa.— Encarregado de Negocios do Brazil em Londres.
Doutor Marcos Antonio de Araujo.— Encarregado de Negocios, e Consul Geral do Brazil nas Cidades Anseaticas, Hanover e Grão-Ducado de Mackiemburgo, Schwerin e Strelitz, residente em Hamburgo.
Sergio Teixeira de Macedo.—Encarregado de Negocios do Brazil em Roma.
Antonio de Menezes Vasconcellos Drumond.— Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil em Portugal.
Doutor Pedro Rodrigues Fernandes Chaves.— Encarregado de Negocios do Brazil nos Estados Unidos.
Wenceslão Antonio Ribeiro.— Consul Geral do Brazil em Hespanha.
Doutor João Antonio de Miranda.— Presidente da Provincia do Pará.
Bernardo Jacintho da Veiga.— Presidente da Provincia de Minas Geraes.

---

* *Vide* Revista trimensal Nº 3, pagina 234.

Doutor Thomaz Xavier Garcia de Almeida.— Presidente da Provincia da Bahia.
Doutor Paulino José Soares de Souza.— Presidente da Provincia do Rio de Janeiro.
Manoel Felizardo de Souza e Mello.— Presidente da Provincia do Maranhão.
D. Manoel de Assis Mascarenhas.— Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte.
D. José, Bispo de Cuyabá
Doutor Roch Schüch.— Director do Gabinete de Mineralogia de S. M. I.
Jules Parigot.— Doutor em Medicina e em Sciencias Naturaes, e professor de Geologia em Bruxellas.
Firmino Rodrigues Silva.—Doutor em Direito.
Maximiano Antonio da Silva Leite.— Capitão de Fragata da Armada Nacional e Imperial, e Lente de Mathematica na Academia de Marinha.
Antonio Joaquim de Souza.— Lente da Escola Militar.
Joaquim Vicente Torres Homem.— Doutor em Medicina, e Lente de Chimica na Escola de Medicina do Rio de Janeiro.
José de Rezende Costa.— Conselheiro.
José Pedro Dias de Carvalho.— Deputado, residente no Ouro Preto.
José Tiburcio Carneiro de Campos.— Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça.
José Manoel do Rosario.— Pharmaceutico.
Doutor Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro. — Ex-Regente e Senador do Imperio.
Alexandre José do Rosario. — Doutor em Medicina.
João Eleuterio Garcez e Gralha. — Idem.
Joaquim Floriano de Toledo. — Deputado. — S. Paulo.
Doutor Antonio Peregrino Maciel Monteiro. — Director do Curso Juridico de Olinda.
Visconde de Baependy.
Doutor Gonçalo da Silva Porto.—Juiz de Direito no Maranhão.
Doutor José Florindo de Figueiredo Rocha. — Lente da Escola Militar do Rio de Janeiro.
Doutor José Ricardo da Costa Aguiar. — Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.
Ignacio Manoel Alves de Azevedo. — Juiz de Direito e Chefe de Policia na cidade de Nictheroy.
Doutor João Antonio de Sampaio Vianna. — Juiz do Civel da cidade da Bahia.
Conego Manoel Joaquim da Silveira. — Reitor do Seminario de S. José.
Fernando Sebastião Dias da Motta. — Juiz Municipal da cidade de Nictheroy.
Jacintho Pinto Teixeira. — Brigadeiro, residente em Minas Geraes.
Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama. — Ex-Director do Curso Juridico de Olinda.

D. Romualdo, Arcebispo da Bahia.
Miguel Calmon Du Pin e Almeida. — Conselheiro.
Antonio Elzeario de Miranda e Brito. — Marechal de Campo.
Manoel José Pires da Silva Pontes. — Proprietario, residente em Minas.
Antonio Pereira Rebouças. — Advogado, residente na cidade da Bahia.
Silvestre Pinheiro Ferreira. — Residente em Paris.
D. Marcos, Bispo do Maranhão.
Doutor José Antonio Pimenta Bueno. — Juiz de Direito da cidade de Santos.
Doutor José Bernardo de Loyola. — Juiz de Direito no Pará.
Candido Borges Monteiro. — Doutor em Medicina e Lente de Operações na Escola de Medicina do Rio de Janeiro.
José Bernardes de Figueiredo. — Secretario de Legação em Roma.
Doutor Joaquim José Rodrigues Torres. — Deputado.
José Procopio de Castro. — Conselheiro.
Theodoro Taunay. — Chanceller da Legação Franceza.
Francisco da Silva Lopes. — Doutor em Medicina.
Francisco José Ferreira Baptista. — Doutor em Direito.
José da Silva Mafra. — Secretario do Governo de Santa Catharina.
Antonio José Falcão da Frota. — Official de Artilharia de Marinha, residente em Santa Catharina.
Joaquim José Pacheco. — Deputado.
Visconde de Itabayana.
Bernardo Pereira de Vasconcellos. — Senador do Imperio.
Pedro Angelis. — Italiano, residente em Buenos-Ayres, autor das *Memorias Historicas do Rio da Prata*, e de outras obras.
Monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno. — Vigario Capitular do Rio de Janeiro.
Miguel Ferreira Tavares. — Doutor em Medicina.
João do Espirito Santo Cabral. — Impressor do Instituto.
Antonio Ladislão Monteiro Baena. — Sargento-mór d'Artilharia, residente no Pará.
João José da Cunha Bastos Estrella. — Director de um collegio de educação publica na côrte.
Doutor Francisco de Paula Almeida e Albuquerque. — Senador do Imperio.
Doutor José Cesario de Miranda Ribeiro. — Desembargador e deputado.
Venancio José Lisboa. — Doutor em Direito.
João José de Moura Magalhães. — Deputado.
Antonio Navarro de Abreu. — Doutor em Direito e Deputado.

(Continuar-se-ha.)

INDICE

DOS ARTIGOS CONTIDOS NO PRIMEIRO VOLUME

NUMERO 1

Pags.

Breve noticia sobre a creação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. 5

Discurso recitado no acto de estatuir-se o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, pelo secretario perpetuo o conego Januario da Cunha Barbosa. 9

Extracto dos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. 18

Historia dos Indios Cavalleiros, ou da nação Guaycurú, escripta no real presidio de Coimbra por Francisco Rodrigues do Prado.—Trasladada de um manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio correspondente José Manoel do Rosario 21

Extracto das actas das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro nos mezes de Dezembro de 1838, e Janeiro, Fevereiro e Março de 1839 45

Memoria sobre o eclipse do sol de 15 de Março do anno de 1839, feita por Maximiano Antonio da Silva Leite, capitão de fragata da armada nacional e imperial, lente de Mathematica na Academia de Marinha do Rio de Janeiro, e socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro; offerecida ao mesmo Instituto no 1º de Janeiro de 1839 53

Necrologia do marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos. 56

NUMERO 2

Programma Historico: — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro é o representante das idéas de illustração, que em differentes épocas se manifestaram em o nosso continente.— Pelo Visconde de S. Leopoldo 61

Relatorio sobre a Inscripção da Gavia, mandada examinar pelo Instituto.— Por Manoel d'Araujo Porto Alegre e Januario da Cunha Barboza, membros da commissão. . . 77

Juizo sobre a *Historia do Brazil* publicada em Pariz pelo Dr. Francisco Solano Constancio 81

Pags.

Extracto da Viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro, fez o ouvidor, e intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, nos annos de 1774 e 1775. 85

Memoria do descobrimento e fundação da Cidade do Rio de Janeiro, escripta por Antonio Duarte Nunes, tenente de bombeiros do regimento de artilharia d'esta praça, no anno de 1779. 96

Necrologia do socio effectivo o major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde 107

Lembrança do que devem procurar nas provincias os socios do Instituto Historico, para remetterem á sociedade central do Rio de Janeiro 109

Extracto das actas das sessões dos mezes de Abril, Maio e Junho 111

Biographia dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.— José Basilio da Gama 117

Lista dos Membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 120

NUMERO 3

Programma — Se a introdução dos escravos Africanos no Brazil embaraça a civilisação dos nossos indigenas, &c., desenvolvido na sessão de 16 de Fevereiro por Januario da Cunha Barbosa, secretario perpetuo do Instituto. . . . 123

A mesma materia desenvolvida pelo socio effectivo José Silvestre Rebello 129

Informação de Manoel Vieira de Albuquerque Tovar sobre a navegação do Rio Doce, copiada de um manuscripto offerecido ao Intituto pelo socio correspondente o Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo 134

Simples narração da viagem que fez ao Rio Paraná, João Ferreira de Oliveira Bueno, thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo, em 1810, copiada de um manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio correspondente, o Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo 139

Relação Historica de uma occulta e grande povoação antiquissima, sem moradores, que se descobriu no anno de 1753, nos sertões do Brazil; copiada de um manuscripto da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro 151

Noticia sobre os Indios Tupinambás, seus costumes, etc., extractada de um manuscripto da Bibliotheca de S. M. o Imperador 156

Continuação da Memoria publicada no 2º n. sobre o descobrimento e fundação da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, escripta por Antonio Duarte Nunes, etc . . . 178

Biographia dos Brazileiros illustres, etc.— José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú; Memoria escripta por seu filho o Sr. Conselheiro Bento da Silva Lisboa, socio effectivo,

BIBLIOTHECA MUNICIPAL

Pags.

e lida na sessão do Instituto a 24 de Agosto d'este anno, acompanhada de uma Ode do senador e socio honorario o Sr. Marquez de Paranaguá. 185

Extracto das actas das sessões dos mezes de Junho, Julho, Agosto e Setembro. 192

Continuação da lista dos membros do Instituto 205

NUMERO 4

Celebração da primeira sessão publica anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no dia 3 de Novembro de 1839 207

Discurso de abertura recitado pelo presidente 209

Relatorio do secretario perpetuo 212

Elogio historico do fallecido vice-presidente o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, recitado pelo sargento-mór Pedro de Alcantara Bellegarde, orador do Instituto . . 221

Elogio historico do fallecido socio correspondente o major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, recitado pelo sargento-mór Pedro de Alcantra Bellegarde, orador do Instituto 226

Discurso sobre a palavra — Brazil — recitado pelo socio effectivo José Silvestre Rebello. 232

Catalogo dos capitães-móres governadores, capitães-generaes e vice-reis, que tem governado a capitania do Rio de Janeiro desde sua primeira fundação em 1565 até o anno de 1811. 238

Juizo sobre a obra intitulada *Histoire des rélations commerciales entre la France et le Brésil*, par Horace Say. (Publicada em Paris em 1839) 250

Juizo sobre os *Annaes da provincia de S. Pedro*, publicados por José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo (2ª edição). 255

Extracto da resposta que Alexandre Gusmão, secretario do conselho ultramarino, deu ao brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos sobre o negocio da praça da Colonia . . 260

Extractos de uma viagem feita á provincia do Espirito Santo por Manoel José Pires da Silva Pontes, socio correspondente do Instituto 269

Biographia dos Brazileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho 272

— Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo . 275

Extracto das actas das sessões dos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro 277

Continuação da lista dos membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 295

272 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1908